

Naelza de Araújo Wanderley

Versos Viola Sertão

obra completa
de Antônio Américo
de Medeiros



Naelza de Araújo Wanderley

VERSOS, VIOLA, SERTÃO

Obra completa de Antônio Américo de Medeiros



Campina Grande - PB

2021

W245v Wanderley, Naelza de Araújo.

Versos, viola e sertão: obra completa de Antônio Américo de Medeiros [livro eletrônico] / Naelza de Araújo Wanderley. – Campina Grande: Editora UFCG, 2021.

540 p.

(E-book)

ISBN 978-65-86302-51-6

1. Medeiros, Antônio Américo de (1930-2014). 2. Poesia Popular. 3. Literatura de Cordel. I. Título.

CDU 82-91

EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - EDUFCG
editoradaufcg@gmail.com

Prof. Dr. Antônio Fernandes Filho
Reitor

Prof. Dr. Mario Eduardo Rangel Moreira Cavalcanti Mata
Vice-Reitor

Prof. Dr. Patrício Borges Maracajá
Diretor Administrativo da Editora da UFCG

Prof^ª. Naelma W. Lira de Araújo
Revisão

Izaias Nóbrega da Silva
Capa

CONSELHO EDITORIAL

Anubes Pereira de Castro (CFP)
Benedito Antônio Luciano (CEEL)
Erivaldo Moreira Barbosa (CCJS)
Janiro da Costa Rego (CTRN)
Marisa de Oliveira Apolinário (CES)
Marcelo Bezerra Grilo (CCT)
Naelza de Araújo Wanderley (CSTR)
Railene Hérica Carlos Rocha (CCTA)
Rogério Humberto Zeferino (CH)
Valéria Andrade (CDSA)

À minha tia Chiquinha (*In memoriam*), com carinho.

“Escrever é sempre carecer de palavras.”
Geneviève Bollème



Canta o poeta a paisagem
da vida dos passaredos
do sôpro da ventania
nas grimpas dos alvoredos
das matas silenciosas
de tenebrosos segredos.

Antônio Américo de Medeiros

Agradecimentos

A realização deste trabalho deve-se, especialmente, ao desprendimento de muitos que, de diferentes formas, colaboraram. Inicialmente, presto um agradecimento (agora póstumo) à minha Tia, a esposa e musa de Antônio Américo, a qual prontamente atendeu ao meu pedido para compilar e estudar a obra do poeta. Ainda recebi das suas mãos a maior parte dos textos que aqui estão apresentados. Às minhas primas Betânia, Vamberlania e Márcia, filhas do poeta, pois, mesmo após a partida da minha Tia, mantiveram a permissão para a finalização desta obra. Especialmente, agradeço à Lana, que, apesar das muitas atividades que desempenha, sempre encontrou tempo para atender às minhas solicitações de material para a pesquisa. Pelas leituras e revisões, agradeço à minha irmã Naelma Wanderley. Ao meu esposo, pelo apoio em todos os sentidos. A todos, meus sinceros agradecimentos.

Sumário

Algumas palavras iniciais	15
Quem foi Antônio Américo de Medeiros?	17
Antônio Américo: o editor de folhetos	35
As Pelejas de Romano do Teixeira com Inácio da Catingueira ...	41
Antônio Américo: entre poemas e canções	73
Da folha avulsa ao livro: <i>Poesias, violas e repentés</i>	99
<i>Poesias violas e repentés: - Poemas</i>	109
<i>Poesias violas e repentés: Coletânea de sextilhas</i>	155
Da folha avulsa ao livro: <i>Vida, verso e viola</i>	199
Capítulo I – Programas de Rádio	201
Capítulo II – Congressos de violeiros	203
Capítulo III – Achados poéticos	206
Antônio Américo: o poeta de cordel	235
Referências	453
Anexos	459

Algumas palavras iniciais ...

Naelza de A. Wanderley

Hoje, como pesquisadora e leitora de sua poesia, compreendo que foi um privilégio conhecer, de bem perto, o ser humano e o poeta Antônio Américo de Medeiros. Ainda de forma ingênua, pude partilhar com ele a paixão pelos folhetos que, com seu jeito manso de falar, foram-me apresentados, pela primeira vez, por ele mesmo, em sua banca. Muitas daquelas histórias e versos já eram velhos conhecidos, contados e cantados, muitas vezes, nos finais de tarde, no alpendre de casa, onde um velho e querido tio os recitava, pois sabia “de cor” os versos. Conhecê-los materializados através da escrita, em folhetos, principalmente aqueles de capas coloridas, editados pela Luzeiro, só foi possível muitos anos depois, quando, ainda muito jovem, fui ao Mercado de Patos e conheci o local onde o poeta Antônio Américo colocava em exposição os folhetos, para que os leitores pudessem folheá-los e escolherem aquele que mais lhes agradava. Era quase uma rotina para mim, aos sábados, passar nesse local, ficar por um bom tempo olhando os folhetos e ouvindo dele o relato sobre as histórias escolhidas e seus autores.

Ao ver outros leitores curiosos, olhando para os folhetos, e ele, como bom folheteiro e “marqueteiro nato” da poesia popular, atendendo a cada um e dizendo para aqueles que apenas olhavam frases como: “Fique à vontade, pode olhar, pois, só olhar, não paga”, eu ainda não entendia a generosidade desse gesto, que permitia também às pessoas que não tinham o dinheiro suficiente para a compra do folheto, mesmo custando uma quantia tão pequena, a leitura das mesmas histórias que encantavam ao poeta e àqueles que podiam pagar pelo

texto. Dessa forma, o folheto ficava, mas a história saía na memória do leitor, e este, ao mesmo tempo em que dava continuidade àquela história lida através da contação desta para outros ouvintes / leitores, também conquistava novos consumidores do folheto. Mais tarde, também entendi que essa era mais uma das estratégias do poeta, em sua luta pela continuidade da arte de fazer versos, para cantar e contar para o povo histórias que encantaram / encantam gerações de leitores.

O tempo passou, mas ficaram para esta leitora: o estímulo da curiosidade, através das sugestões constantes sobre a leitura de um novo folheto que precisava ser conhecido; as histórias contadas sobre os textos e sobre os seus autores; o encanto pela literatura de cordel e o exemplo de dedicação e luta do homem e do poeta pela permanência dessa literatura única, que continua viva entre nós graças à obra e à luta de homens e poetas como este que lhes apresento.

Quem foi Antônio Américo de Medeiros?

O poeta é pra lutar.

Antônio Américo

Poeta, cantor, violeiro, repentista, folheteiro, editor, cordelista, escritor... Essa é uma resposta deveras incompleta à pergunta aqui lançada. Assim sendo, careceremos de muitas palavras a mais para discorrer, ao longo desse texto, sobre o poeta e sua produção e contar sobre a sua escrita e o seu canto, na tentativa de esmiuçar os fatos / detalhes que se apresentam na busca da resposta a essa questão. Iniciemos, então, a nossa jornada.

Em sua obra, Antônio Américo, com uma poética singular, conduz o leitor à sedução, pela forma como sua poesia passeia livremente pelos caminhos da história, da discreta crítica social e da ficção, utilizando-se da palavra versada na linguagem do povo que a compreende e que, envolvido pelos versos do poeta, adentra caminhos que conduzem ao real e ao fantástico, num retrato vivo daquilo que faz parte da arte de ser nordestino.

Sua poesia revela um olhar (des)interessado, que é lançado por sobre tudo aquilo que está à sua volta, e esta é a matéria viva do seu canto e de sua escrita. Sua poesia, por meio de uma linguagem “lida” pelo povo de várias formas, investiga, recria e transmite uma visão de mundo que é quase coletiva, porque também é parte dessa gente que representa e que canta em seus versos.

Nos dois textos de apresentação do livro *Vida, verso e viola*, encontraremos, inicialmente, as palavras do poeta Oliveira de Panelas definindo o também poeta Antonio Américo como sendo um “Virtuoso Menestrel”. Ao falar sobre o amigo, Oliveira de Panelas vai descrevê-lo como

um importante e resistente bardo da poesia popular que sempre buscou fertilizar com pérolas poéticas improvisadas ou rebuscadas o chão aureolado pelos génios da cantoria.

[...]

Antônio Américo, de dimensões imensas, criativo e versátil, um polivalente na arte de poetar, poetizar e poetificar.

Fundou um reino de ideias para dar convivência harmônica a sua fada mãe—“a poesia”. Dela, extraiu as mais valiosas pepitas do amplo imaginário da cantoria e do repente.

Na sua trajetória exorcizou as dúvidas e os desânimos, usando até suas reservas de forças para dar continuidade de riqueza e substância a essa linda e fascinante arte da cantoria nordestina. Rendeu-se apenas aos encantos dela própria, porque dela se fez um eterno enamorado, com a fidelidade dos amores mais amantes.

Polinizou com sua verve incansável o mundo mágico do cordel; registrou através dos tempos maravilhas da improvisação; divulgou pelas ondas do rádio o feitiço encantador do repente; criou toadas, edificou poemas, glosou motes e imortalizou-se em duelos inesquecíveis realizados em noites mornas de verão da maravilhosa e incomparável gleba sertaneja.

Antônio Américo um cidadão do mundo na arte de versejar. Sua magna responsabilidade de fazê-la a capricho extremo, dá-lhe o galhardão de lídimo representante de sua geração, com o aval de magnitude para a posteridade.

[...]

Assim sendo, o poeta e o cidadão há um só tempo, enfrentaram labirintos, peripécias, desilusões, desencantos, desdêns e discriminação. Mas, com sua habilidade genial, ei-lo vencedor, erguendo o troféu da simplicidade e da vitória e a premiação de ser laureado, reconhecido e homenageado, e com indubitável justiça.¹

São essas as palavras do poeta para nos dizer quem foi o poeta Antônio Américo. A seguir, no segundo texto da referida apresentação, o historiador José Romildo de Sousa, ao falar sobre “A vida e a obra de um poeta combatente”, vai apresentá-lo biograficamente com as seguintes informações:

[...] natural de São José do Sabugi, município do Rio Grande do Norte, tendo nascido em 07 de fevereiro de 1930, filho de Manoel Francisco de Medeiros e Ana América de Medeiros. Criou-se trabalhando na agricultura e foi aluno de uma escola rural particular onde estudou até o terceiro livro primário, como se dizia na época. Aos 15 anos, sentiu a vocação de ser cantador. Comprou a primeira viola em 1945 e começou a cantar na vizinhança com outros colegas amadores, aproveitando-se sempre, dos fins de semana. Até 1954 trabalhava na agricultura e cantava de forma amadora, vindo posteriormente a música como profissão. Viajou sem paradeiro por quase todo o nordeste, onde conheceu e cantou com os

1 Em todos os textos citados, ao longo deste trabalho, foi preservada a escrita de origem.

grandes cantadores daquele tempo, a exemplo de Josué da Cruz, José Alves Sobrinho, Juvenal Evangelista, Ercílio Pinheiro, Lourival Batista, Pinto do Monteiro e Manoel Chudú.

Chegou à cidade de Patos em 1960, onde criou na Rádio Espinharas um programa de violeiros com o jovem cantador José Batista. O programa tinha como título: “Violas e Repentes” e foi ao ar pela primeira vez no dia 03 de novembro daquele mesmo ano, fazendo sucesso por ser o único naquele estilo na região. Segundo Antônio Américo, o programa foi sempre muito prestigiado por afamados cantadores, chegando nele a se apresentar Manoel Francisco, João Severo, Severino Feitosa, João Luiz, João Moaci, Marsal Barros, Biu Donato, entre muitos outros. Seus apresentadores foram os radialistas Luiz Pereira, Luiz Gonzaga Lima de Moraes, Ramalho Silva, José Augusto Longo, Orlando Xavier e, por último, Sousa Irmão.

Ainda em 1960, Antônio Américo casou-se com a jovem Francisca Araújo de Medeiros, que era natural de São José de Espinharas. Ficaram residindo em Patos e do casal nasceram três filhas: Maria Betânia de Medeiros, Vamberlânia Araújo de Medeiros e Márcia Bersane Araújo de Medeiros Torres.

Antônio Américo continuou cantando na Rádio Espinharas e fazendo as cantorias que apareciam na região. Assim, criou as três filhas e formou todas elas.

Na década de 70, começou a escrever poemas, canções e folhetos da literatura de cordéis, aí comprou uma barraca–Santo Antônio, nº 267–no

Mercado Central de Patos onde passou a vender cordéis e confecções. A esposa Francisca Araújo Medeiros o ajudava nesta empreitada.

Em 1988, Antônio Américo parou de cantar ficando apenas com a atividade comercial, depois de cantar por 28 anos no programa “Violas e Repentes” na Rádio Espinharas. Daí pra frente, o grande cantador nortegrandense ficou só escrevendo e vendendo cordéis.

Segundo Antônio Américo, a sua primeira obra como poeta de bancada foi escrita na década de 70, graças a interferência do Dr. Enaldo Torres Fernandes, na época Promotor de Justiça de Patos, que o levou até o Cartório de Fernando Trigueiro e se responsabilizou perante o tabelião para que Américo tivesse acesso aos autos do processo referente ao caso da menina Francisca que foi martirizada no ano de 1923. Deste detalhado estudo, confirma o grande cordelista, surgiu no ano de 1972 A História Completa da Cruz da Menina², que já teve uma tiragem de mais de dez edições.

[...]

No ano de 2005, Antônio Américo encerrou suas atividades comerciais na Barraca Santo Antônio, no Mercado Central de Patos, onde serviu por longos anos de ponto de referência de violeiros, cordelistas e pesquisadores da literatura de cordel.

Ainda de acordo com o historiador, Antônio Américo era “um referencial” na literatura de cordel “em todo o sertão paraibano, notadamente pelo seu espírito de resistência e combatividade em favor da cantoria e do folheto de cordel.”

2 Grifo do autor

Ao falar sobre esse papel de resistência do poeta popular em defesa da literatura de cordel, Francisca Neuma Fachine Borges, no texto “Literatura de cordel viva no Brasil: A resistência heroica dos poetas” (1995), afirma que, “versejando múltiplos temas”, poetas como Antônio Américo de Medeiros continuavam atuando (na época da publicação do texto da referida autora) e, mesmo “a duras penas”, mantendo viva a nossa literatura de cordel.

No prefácio do livro *Poesias, violas e repentistas*, mais uma vez, coube ao historiador José Romildo de Sousa a tarefa de falar sobre o poeta e sua caminhada pelas estradas da poesia sertaneja. Dessa vez, o historiador fez-se também poeta para, em sextilhas, apresentar os versos de Américo:

Recebo com alegria
a incumbência para prefaciar
o livro de Antônio Américo
que nasceu para cantar,
fazer versos de improviso
e no cordel se consagrar.

Fez-se cedo repentista
e dando de garra da viola
saiu pelo nordeste
cantando a toda hora,
foi grande a caminhada
bem maior a sua glória.

Em **Violas e Repentistas**³
por vinte e oito anos tocou
recebeu grandes amigos
e a **Espinharas** alegrou

3 Grifos do autor

o programa teve seu fim,
mas muita saudade deixou.

Como poeta de bancada
grandes folhetos escreveu:
A Cruz da Menina, o primeiro
que a quinta edição já rendeu,
Tem também grande valor
o d'**A Moça que mais sofreu**.

De **Inácio e Romano**
as duas peijas editou
e em **Patos do Major Miguel**
o cordelista mostrou
como é grande a nossa história
cheia de glória e esplendor.

Versou ainda em cordel
Sobre **Silvino e Lampião**;
sobre a **Princesa Safira**
e o **Padre Cícero Romão**.
foi grande a trajetória
deste cantador do sertão.

Este trabalho de **Américo**
já no título traz valores.
Pois é um livro de poesias,
a bem de todos leitores.
Professor dos estudantes,
diretor dos professores.

É rico e o seu conteúdo
cheio de inspiração.
Vai ser muito folheado

e correr de mão em mão
ajudando a muita gente
a ter sua opinião.

A dar valor ao seu dia
e ao dos outros também,
a conhecer feriados
que o ano todo tem
e a gostar de poesia
que sempre faz muito bem.

O poeta pernambucano
Cícero Pedro de Assis
a homenagear **Antônio**
saiu-se muito feliz,
principalmente no verso
em que ele assim diz:

Os trabalhos de **Américo**
Estão chamando atenção
Empata com **Patativa**,
Pedro Bandeira e Canção;
Louro, Pinto e Canhôntinho
Zé Faustino e Mergulhão.

Depois de tantas estrelas,
o melhor mesmo é parar.
E deixar para Américo
sua poesia mostrar.
Neste seu primeiro livro
que me honra apresentar.

Como já referido anteriormente, nos versos do historiador Romildo de Sousa, o poeta pernambucano Cícero Pedro de Assis, Membro da

Academia Brasileira de Literatura de Cordel, rende homenagem ao poeta com os seguintes versos:

Antônio Américo Medeiros
é cordelista modelo.
uma caneta de ouro
igual a de Zé Camêlo
e Zé Duda do Zumbi
nome que merece zêlo

Américo é um seguidor
de Silvino Pirauá
ou João Martins de Ataíde
o trovador do Ingá,
igual a Cordeiro Manso
e Odilon Nunes de Sá.

Américo tem as idéias
do grande Leandro Gomes
o dom de José Pachêco
Cícero Vieira um dos nomes
ou um Firmino Teixeira
que brilhou entre os renomes.

De Manoel D'Almeida Filho
Américo está bem pertinho
no cordel ele é igual
a José Alves Sobrinho
caneta que nunca errou
da poesia o caminho.

Os trabalhos de Américo
estão chamando atenção
empata com Patativa,

Pedro Bandeira e Canção,
Louro, Pinto e Canhotinho,
Zé Faustino e Mergulhão.

Escreve igual a Rodolfo
Paulo Nunes e Diniz.
Eu e Gonçalo Ferreira,
sua caneta é quem diz
nesta Homenagem prestada
Por Cícero Pedro de Assis.⁴

Um dos poetas mais conhecido da literatura de cordel no Nordeste, José Costa Leite, autor de diversos folhetos, apresenta a sua peleja⁵ com o poeta Antônio Américo com os seguintes versos:

Agora caros leitores
Vamos ler uma peleja
De dois poetas famosos
Fãs da lira sertaneja
Esta saiu do jeitinho
Que todo mundo deseja

Antonio Américo Medeiros
É campeão no repente.
No campo da poesia
Tem sido bem competente
Pra ser melhor do que ele
Já se perdeu a semente.

4 Esse poema foi publicado no final do folheto *História da guerra de Juazeiro do Padre Cícero Romão Batista em 1914*, de autoria de Antônio Américo de Medeiros.

5 LEITE, José Costa. *Peleja de Costa Leite com Antônio Américo*. Fortaleza: Editora Tupynanquim, [19--]. (Cf. Anexos)

O poeta e pesquisador José Alves Sobrinho, ao citar Antônio Américo, em seu livro *Cantadores, repentistas e poetas populares*, no capítulo em que distribui os cantadores nordestinos como pertencentes a seis gerações diferentes, “Cantadores de seis gerações”, apresenta o poeta como pertencente à quinta geração. Ao seu lado, estão poetas como o próprio Sobrinho, “o Grande Rogaciano”, “Domingos Martins Fonseca / Um repentista sem fim”, “Azulão”, “Sebastião Feitosa”, “Zé Limeira”, “O grande Inocêncio Gato, / Mestre Raimundo Nonato”, entre muitos outros:

Tem Zé Francisco e Zé Monte,
E também José Maria,
Alberto e José Porfírio
Dotados na poesia,
Cesanildo, Tonho Ferreira,
E os quatro irmãos Bandeira,
Antônio Maracajá,
O Tindara dos Ferreiros,
A. Américo de Medeiros
E Manuel Pirauá

(SOBRINHO, 2003, p. 57)

Juvenal Evaristo Santos (1984), no folheto *Origem da literatura de cordel*, ao falar sobre o início e a trajetória do cordel, em certo momento de seu poema, afirma que o bom cantador ainda existe, mas “é meio salteado”. Entretanto, quando se procura, é possível encontrar “Um ou dois em cada Estado”. É nesse contexto que o poeta cita Antonio Américo de Medeiros como parte deste seleto grupo de bons cantadores, ao lado de nomes como Louro Branco, João Paraibano, Geraldo Amâncio, entre outros.

A antropóloga e professora Julie Cavignac, em seu livro *A literatura de cordel no Nordeste do Brasil: da história escrita ao relato oral*, no segundo anexo, “Poetas de bancada e cantadores”, faz referência ao poeta

Antônio Américo de Medeiros definindo-o como poeta de bancada, cantador e folheteiro. A autora também o identifica, equivocadamente, com a alcunha de Orlando Folheteiro. Uma possível referência a Orlando Ferreira de Brito, esse sim conhecido como Orlando Folheteiro (citado pelo poeta Antônio Américo no folheto *Os mestres da literatura de cordel*), natural da cidade de Santa Luzia, que viveu em Patos – Paraíba, praticamente durante toda a sua vida e trabalhou durante muito tempo com literatura de cordel nas feiras de Patos e da região. Era conhecido por recitar os folhetos nas ruas da cidade, principalmente aquelas próximas ao Mercado Público, onde ocorriam as feiras. Destaquemos aqui que, na cidade de Patos, tornaram-se referência na venda de folhetos apenas o senhor Orlando Ferreira e o poeta Antônio Américo, fato que justifica o referido equívoco.

Essas são algumas das palavras de estudiosos e poetas sobre Antônio Américo de Medeiros que, em suas falas, cada um a seu modo, buscam descrever quem foi o poeta.

Nós sabemos que ele foi um homem simples, de fala mansa e admirado por aqueles que o acompanharam em sua trajetória como ser humano e como poeta. Amigo e admirador de seus companheiros de viola, vibrava com a riqueza dos versos destes, registrava e fazia questão de divulgá-los, conforme podemos observar nos dois livros que publicou com coletâneas de sextilhas. Orgulhava-se de suas parcerias poéticas e rendia verdadeiras homenagens àqueles a quem admirava, enaltecendo o talento. Exemplo disso também são os versos do poema *Homenagem a Odilon*, dedicados ao poeta Odilon Nunes de Sá, um dos nomes mais conhecidos da poesia popular no sertão das Espinharas:

Odilon Nunes de Sá.
Seu nome está nos jornais.
E num túmulo reservado
Estão seus restos mortais.

Na terra, um poeta a menos.
No céu, um poeta a mais.

Odilon, o seu cartaz,
Vai alcançar um milênio
De livros que publicou
Deixou o seu quatriênio.
Patos perdeu um poeta.
Santa Terezinha, um gênio.

Odilon foi grande gênio.
Quem conheceu considera.
E através dos poetas
A sua fama prospera.
Enquanto eu puder versar,
Seu nome tem que brilhar,
Como o sol da primavera.

Meyer (1980, p. 06) vai nos dizer que “há três tipos de poetas populares”, certamente, Antônio Américo tem a sua trajetória vinculada ao grupo de poetas que, “habitando as áreas rurais”, dividiam “o seu tempo entre as atividades agrícolas e a poesia”, uma vez que o poeta criou-se trabalhando na agricultura e estudou apenas até o “terceiro livro primário”. Foi um autodidata, tinha como temas para sua poesia os assuntos que faziam parte de sua realidade e da realidade do povo do sertão, falava a língua de seu público, ouvintes e leitores, editou seus textos “em gráfica alheias” e foi, na maioria das vezes, o vendedor de seus próprios textos, assim como dos textos de outros poetas.

Como quase todos os violeiros de sua época, foi poeta itinerante. Legítimo herdeiro dos jograis medievais, adquiriu a sua primeira viola quando tinha quinze anos e começou a cantar para a vizinhança. Poucos anos depois, viajava como andarilho, com a viola nas costas, cantando e fazendo versos por quase todos os recantos deste nor-

deste. Essa realidade do cantador do sertão é descrita pelo poeta e violeiro Juvenal Evaristo Santos:

Como um herói do sertão
O cantador viajava
Ou de pé ou a cavalo
A profissão enfrentava
Levando a literatura
Da maneira que ele usava.
(SANTOS, 1984, p. 6)

Foi em uma dessas andanças que, assim como em uma história de folheto, ele conheceu a musa de seu fazer poético, que o acompanharia até o seu último dia. Uma filha de fazendeiro que se encantou pelo seu canto e, mesmo contra tudo e contra todos, acompanhou-o em seu caminho e fez o poeta criar pouso na cidade de Patos. Francisca Araújo de Medeiros, ou simplesmente “Chiquinha” como a chamava, foi a musa inspiradora e a sua parceira por mais de cinquenta anos.

Uma vez na cidade de Patos, o poeta, como já dito no texto do historiador José Romildo de Sousa, em 1960, ao lado do cantador José Batista, cria um programa de violeiros, *Violas e repentos*, veiculado na Rádio Espinharas de Patos⁶. Foi um dos primeiros, senão o primeiro, na região, a atuar no rádio com essa atividade. De acordo com Ayalá (1988, p. 31), “O rádio é considerado etapa fundamental na vida profissional do cantador.” Dessa forma, é possível compreender o grande número de cantadores em início de carreira e de renomados cantadores que participaram do programa ao longo dos anos. Foram

6 Sobre a atuação do cantador no rádio, no cordel e nos festivais, o poeta Juvenal Evangelista escreve:
Pra não desaparecer
O cantador do sertão
Precisou ir pra cidade
Com rádio e com gravação
Com folheto e festival
E um pouco em televisão.

vinte e oito anos de atuação no referido programa de rádio até que, em 1988, o poeta parou de cantar e passou a se dedicar apenas à escrita e à publicação de seus textos, assim como às suas atividades como folheteiro e comerciante.

A sua produção escrita surge na década de setenta, quando publica o folheto *A história completa da Cruz da Menina*, com diversas edições posteriores. A partir daí, a produção do poeta se estende à edição de duas pelepas e à escrita de folhetos: *Primeira e Segunda Peleja de Romano da Mãe D'Água com Inácio da Catingueira*; *Patos do Major Miguel*; *Lampião e sua história contada toda em cordel*; *O fracassado ataque de Lampião à cidade de Mossoró*; *A fada do bosque negro e a princesa Safira*; *A moça que mais sofreu na Paraíba do Norte*; *História da guerra de Juazeiro do Padre Cícero Romão Batista em 1914*, *A vida do cangaceiro de nome Antônio Silvino*; *A vida de Lampião: intriga, luta e cangaço*; *Segunda peleja do poeta e repentista Antônio Américo com o poeta José Costa Leite*; *O marco do Sabugi*; *Os mestres da literatura de cordel*. Também foi autor de Poemas e Canções, publicadas em folhas avulsas, e de dois livros: *Poesias, violas e repentos* e *Vida, verso e viola*. Como cordelista, de acordo com Viana (2020), seguiu “a linha dos velhos mestres, escrevendo histórias longas e bem feitas.”

Foi incansável em sua luta para manter viva a tradição dos versos populares, não somente como cantador, mas como poeta de bancada e folheteiro. De acordo com Viana (2020),

Mesmo durante a maior crise da Literatura de Cordel, que aconteceu no período de 1988 a 1998, manteve sua banca de folhetos no Mercado Público de Patos, sempre com um estoque acima de 200 títulos, inclusive obras de autores consagrados como Leandro Gomes de Barros, José Pacheco e José Camelo de Melo Resende.

“Era uma enciclopédia da poesia popular.” Assim foi definido Antônio Américo pelo poeta e pesquisador Marco Haurélio, em 02 de

fevereiro de 2014, em seu *blog*, ao noticiar a morte do poeta fazendo referência a um outro *blog*, o *Acorda Cordel*, mantido pelo poeta Arievaldo Viana, que havia notificado, já há alguns dias, a partida do poeta cordelista e cantador no dia 21 de janeiro.

Em um texto intitulado “Mais um poeta que parte...”, Arievaldo Viana conta da generosidade que fazia parte da personalidade do cantador, ao relatar quando, em sua correspondência com o poeta, recebeu deste “muitas dicas preciosas para um poeta ‘iniciante’ que estava também se lançando como editor de sua própria obra e da obra de outros poetas.” Também destaca que teve “a honra de fazer a capa do único folheto que Américo publicou pela Editora LUZEIRO, sob a orientação do poeta Marco Haurélio...”.

Este foi Antônio Américo de Medeiros, o homem, o poeta que, vinculado à camada social que representava, o seu público do rádio, das cantorias e dos folhetos, era também o porta-voz de suas angústias e inquietações, assim como de suas aspirações. Foi o cantor do sertão, da natureza e do homem sertanejo e, com seu “dom especial”, foi também “capaz de deixar vagar a fantasia e trazê-la de volta, em forma de rimas”. Aspectos comuns ao vínculo estabelecido entre a figura do poeta popular e seu público, conforme destaca Ribeiro (1986, p. 68).

Antônio Américo vai embora em 2014, deixando a saudade para aqueles de sua convivência e o exemplo para aqueles que o admiravam, mas fica o poeta e as suas lições de poesia para aqueles que estão na estrada e que ainda têm muito a trilhar pelos caminhos da difícil arte de ser poeta e cantador repentista, afinal,

Cantador pra cantar bem,
três coisas tem que fazer,
primeiro tocar viola,
segundo gostar de ler,
terceiro, cantar com estilo,
pra o povo compreender.

E assim ele o fez

Antônio Américo: o editor de folhetos

O surgimento de pequenas gráficas em nossa região, em meados do século passado, possivelmente, favoreceu a atividade de impressão de folhetos e atendia a um determinado público leitor que habitava as pequenas cidades e a zona rural. Esse público, identificado com uma literatura que falava sobre o povo e para o povo, contribui decisivamente, não somente com a produção de folhetos, mas também com a reprodução destes e a sua distribuição em diferentes localidades do Nordeste, aonde não chegavam outras fontes de lazer ou de informação. Dessa forma, consolida-se uma espécie de pacto entre o poeta, a figura do editor e os leitores desses folhetos adquiridos nas feiras livres, muitas vezes, diretamente das mãos dos autores.

Esses folhetos, mesmo frutos de uma impressão simples e em papel barato, tinham grande aceitação junto ao público leitor, e o consumo destes pelas pessoas simples do povo permitia a alguns poetas viverem da arte de fazer e de vender versos. Para tanto, muitos deles, além da criação de seus versos, teriam de recorrer à adaptação de práticas editoriais e estratégias comerciais que lhes permitissem compor, imprimir e vender essa produção.

É como parte desse contexto que o poeta Antônio Américo de Medeiros, com uma produção bem modesta, também exerceu o papel de editor junto ao cenário que envolve as atividades de publicação e distribuição da literatura de cordel em nossa região.

Assim como a maioria dos editores da região na época, o poeta / editor também enfrentou problemas como uma tecnologia de impressão improvisada e a questão da autoria dos folhetos, fatos que, provavelmente, foram decisivos para a pouca atividade do poeta nessa área, uma vez que este não era dono de gráfica/editora, dependendo,

portanto, do precário parque gráfico da região e da autorização dos autores para reedição de textos. Cabe lembrar que, na época em que foram reeditadas as pelejas por ele selecionadas, a questão da autoria do texto de cordel já assumia posturas bem delimitadas.

Enquanto editor, sua produção consta de apenas dois folhetos: *A primeira peleja de Romano do Teixeira com Inácio da Catingueira*: Quando Patos ainda era uma pequena Vila, que apresenta como autor o poeta Silvino Pirauá de Lima, e *Segunda peleja de Romano do Teixeira com Inácio da Catingueira*, que apresenta como autor o poeta Leandro Gomes de Barros.

Esses textos foram reproduzidos em pequenas brochuras, que traziam em suas capas de abertura uma xilogravura de J. Borges e, nas capas finais, informações resumidas sobre os poetas protagonistas da peleja; uma estrofe ditada por Inácio da Catingueira, em seu leito de morte, para alguém que a transcreve e uma informação comercial para a aquisição do folheto pelos leitores ou revendedores da região. Assim como os demais folhetos, estes foram confeccionados em papel jornal, a primeira peleja com oito páginas, e a segunda com dezesseis.

A forma como o texto é apresentado ao leitor na capa sugere uma espécie de sequência em torno das pelejas, ou seja, segundo consta nas capas dos folhetos, estaríamos diante de duas pelejas ocorridas entre Romano do Teixeira com Inácio da Catingueira, uma primeira, que teria ocorrido “quando Patos ainda era uma pequena vila”, e uma segunda sem referência temporal. Observemos aqui uma das muitas estratégias de conquista do leitor, um título longo e esclarecedor; a primeira parte expõe a natureza do texto, seguida por uma segunda parte, que consta de um detalhamento acerca dos “personagens” que desenvolverão a “ação” e de uma localização espacial e temporal (esse último dado consta apenas na capa da primeira peleja). O título então

cumprir o seu papel de chamar a atenção dos ouvintes-leitores nas feiras ou nas barracas onde eram vendidos.

Essa forma de apresentação dos títulos também pode ser entendida como uma espécie de estratégia para atrair o leitor, uma vez que a publicação de textos fragmentados, ou seja, em volumes que seguissem uma sequência, já era utilizada pelos romances de cordel também como estratégia que poderia garantir, segundo a aceitação do público, a venda de um maior número de folhetos. Dessa forma, a partir dos títulos, o editor já conta com a fidelidade dos leitores da primeira peleja, uma vez que esta já contou com uma aceitação do texto, já comprovada em edições bem anteriores, tanto aqueles já familiarizados com os versos quanto os novos leitores, que tiveram acesso ao texto pela primeira vez através da reedição. Ratificamos aqui a ideia de que nenhum detalhe do folheto de cordel está lá por acaso.

Um outro recurso utilizado pelo editor, ainda na capa do folheto, é o uso da xilogravura para ilustrar o assunto, prática, na época, bastante utilizada pelos poetas e editores dos folhetos de cordel. Elaborada pelo também poeta e xilogravurista J. Borges, a imagem reforça a temática já anunciada no título, ao apresentar dois personagens em uma postura que sugere as ações que fazem parte do canto de improviso e do acompanhamento musical comum na disputa poética. A xilogravura também ratifica a versão de que o poeta Inácio da Catingueira cantava com o acompanhamento de um pandeiro, enquanto Romano do Teixeira usava como instrumento a viola. Esse fato foi citado pelo Padre Manoel Otaviano, em conferência proferida em 1948, transcrita por Luiz Nunes, no livro *Inácio da Catingueira: o gênio escravo*.

Ainda sobre a parte externa do folheto, é possível observar a contracapa, ou quarta capa, também como ferramenta comercial utilizada pela maioria dos poetas de cordel. De acordo com Mark Curran, no

ensaio “A ‘página editorial’ do poeta”, publicado na *Revista Brasileira de Folclore*, “A contracapa se dirige tanto aos agentes do editor quanto ao freguês. Da estrutura comercial vêem-se a razão de ser da contracapa, os motivos e declarações do poeta-editor que nela aparecem.” (1972, p. 6). O autor também aponta categorias ou temas que serão classificados de acordo com “o propósito editorial do poeta que imprimiu o folheto.”

Entre os dez temas ou categorias apontadas por Curran como parte integrante da contracapa dos folhetos de cordel, podemos observar, no texto editado pelo poeta Antônio Américo, a presença da “propaganda poética do poeta-editor”, com informações básicas sobre o endereço do editor para a aquisição dos folhetos e sobre a possibilidade de envio destes pelo Correio (observemos aqui que este também assume o papel de folheteiro, aquele que também revende o cordel); de alguns “dados biográficos dos poetas”, nesse caso, dos poetas protagonistas das pelepas, e podemos acrescentar ainda um outro tema que não se apresenta entre aqueles citados por Curran e que, a nosso ver, ilustra para o leitor, em um primeiro olhar sobre o texto, a qualidade dos versos que este encontrará no interior do folheto, pois se trata da “última estrofe” ditada pelo poeta Inácio da Catingueira, em seu leito de morte. Os versos, além de ilustrar a beleza da poesia do escravo poeta, também funcionariam como mais uma estratégia de conquista do leitor, uma vez que estes apresentam, ao mesmo tempo, dois apelos fundamentais para atrair a atenção deste leitor: eles materializam as últimas palavras de um grande poeta e estão carregados do tom saudosista e do canto sobre a terra mãe, temáticas bastante recorrentes e eficazes no processo de identificação entre o texto e leitor de cordel.

Assim sendo, é possível observar que a contracapa dos folhetos das pelepas aqui apresentadas reúne as características apontadas sem

que nenhuma predomine sobre as demais, e esses dados se unem ao conjunto da capa principal, que contém título e xilogravura ilustrativa do conteúdo a ser abordado no folheto, de forma que o leitor tenha acesso a informações paratextuais essenciais à sua escolha na hora da compra. Destaque-se ainda que as duas pelepas apresentam quase a mesma estrutura gráfica para capa e contracapa, exibindo apenas pequenas alterações no que se refere ao título e à ordem das informações apresentadas na contracapa. Uma limitação de recursos, uma acomodação por parte do editor ou mais uma estratégia junto ao leitor?

Figura – Capa e contracapa da Primeira peleja



Fonte: Acervo da autora

Figura – Capa e contracapa da Segunda peleja



Fonte: Acervo da autora

Ainda sobre as estratégias junto aos leitores, observemos também a escolha dos textos a serem (re)editados. Entre os variados gêneros textuais conhecidos através do folheto de cordel, o poeta / editor Antônio Américo, não por acaso, escolhe a peleja enquanto produção poética a ser rerepresentada aos leitores. Por que então essa escolha? Sabemos que o poeta de cordel conhecia o seu público, assim como o seu gosto e, pautado nesse conhecimento, na maioria das vezes, definia sua produção. Ao assumir o papel de editor, até por também ser poeta, não agiria de forma diferente. A peleja, o desafio poético, a luta travada entre dois grandes trovadores, encantou desde sempre os amantes da poesia popular do Nordeste. Dessa forma, a aceitação da reedição de uma das mais célebres pelejas já registradas pela literatura de cordel seria uma escolha perfeita para quem iniciava a atividade de editor.

As Pelejas de Romano do Teixeira com Inácio da Catingueira

Primeira peleja de Romano do Teixeira com Inácio da Catingueira: Quando Patos ainda era uma pequena Vila

AUTOR: SILVINO PIRAUÁ LIMA⁷

EDITOR: ANTONIO AMÉRICO

Senhores que aqui estão⁸
me tire de um engano
me aponte com os dedos
quem é Francisco Romano

⁷ Muitas são as narrativas existentes sobre a Peleja de Romano do Teixeira com Inácio da Catingueira, acontecida na cidade de Patos, sertão da Paraíba, no final do século XIX. Esse desafio, ao longo dos anos, foi narrado ao público por diversos cantadores e poetas populares. Entre os poetas populares que recontaram o desafio estão Silvino Pirauá Lima, o “discípulo amado” de Romano, que, segundo Batista (1929, p. 58), “tinha cópia de todas as suas poesias” e Leandro Gomes de Barros. Foram estas as narrativas escolhidas pelo editor Antônio Américo para a rerepresentação dos versos da famosa peleja ao público dos folhetos. Observemos a “credibilidade” que o editor busca atribuir às versões dos textos já a partir da escolha dos narradores desses versos. Referências que falam por si.

⁸ Não é objetivo nosso discutir a “autenticidade” ou não dos textos das pelejas aqui apresentados. Partindo da ideia de que a peleja está entre os gêneros que fazem parte da cantoria de viola e de que esta é um “acontecimento extraordinário, jamais repetido, pela própria especificidade da poesia improvisada” (AYALA, 1988, p. 17). Apresentaremos as pelejas editadas por Antônio Américo, colocando-as lado a lado com as versões indicadas pelo próprio como sendo os textos-fonte que foram reproduzidos, através da indicação de autoria citada nas capas dos folhetos. O texto da “Primeira peleja”, editado por Antônio Américo, apresenta como autor Silvino Pirauá de Lima; consta de 08 páginas; não cita data de publicação; é composto de sextilhas de sete sílabas, exceção feita à segunda estrofe da última página, que é composta por dez versos, e tem um total de 38 estrofes. O esquema de rima das sextilhas é ABCBDB e da décima ABBAACDDC. Cabe esclarecer ainda que foi preservada a escrita das palavras e dos versos, conforme apresentada nos folhetos. Na peleja apresentada por Francisco das Chagas Batista, em seu livro *Cantadores e poetas brasileiros* (1929), como sendo da autoria de Silvino Pirauá, não consta essa primeira estrofe.

pois venho no piso dele
já não sei, a quanto Zano

R. Inácio vinheste a Patos⁹
procurando quem te forre
volte para casa negro
aqui ninguem te socorre
que caindo em minhas unhas
apanha, diserta ou morre

I Seu Romano eu vim a Patos
pela fama do senhô
que me disseram que era
mestre e Rei de cantadô
que dentro de um salão
tem discurso dum doutô

R. Inácio meu pai foi pobre
por isso não estudei
porem as primeiras letras
na escola as decorei
e a falta de dinheiro
meu negro, não me formei

I. Eu bem sei q seu Romano¹⁰
sabe lê, sabe conta

⁹ A segunda estrofe (1^a, na edição de Chagas Batista, por trazer uma estrofe a menos) já apresenta algumas diferenças na transcrição dos versos, embora a estrutura da estrofe permaneça a mesma:

Ignacio, vieste a Patos
Procurando quem te forre,
Volta p'ra traz meu negrinho
Que aqui ninguem te socorre;
E quem cae nas minhas unhas
Apanha, deserta ou morre.

¹⁰ No decorrer do texto, várias outras estrofes também apresentam alterações em seus versos. A estrofe 5 (4), no seu último verso, apresenta a seguinte redação: “No mundo para cantar.”.

e não é como Inácio
que não sabe assoletrá
mas nasci com dote e sina
para muito improvisá

R. Inácio o meu martelo
foi bem feito e bem forjado
tanto ele é bom no aço
como está bem temperado
a forja a onde foi feito
trabalho em aço blindado

I. Seu Romano lhe garanto
que resisto ao seu martelo
ao golpe do seu facão
ao corte do seu cutelo
se não morrer na peleja
lhe vencerei no duelo

R. Inácio quando eu mi zango
tenho a força do zebú
pra gente da sua côr
sou pior que canguçú
rasgo, estraçalho e devoro
mato negro e como crú

I. Seu Romano eu me zangando
devoro sem compaixão
corto mais do que navalha
furo mais do quê ferrão
queimo como fogo embrasa
é de tremer coração

R. Inácio se tu pretendes
contra a mim me fazer guerra

verás eu tirar-te a vida
deixar te inerme na terra
e jogar no seu cadaver
serra por cima de serra

I. Seu Romano eu tenho visto
cantadô grande e sabido
Vem pelejar contra mim
quando se achar perdido
chora pedindo desculpa
dizendo eu vim iludido

R. Inácio as tuas façanhas
eu delas não faço conta
vindo de encontro a mim
dá murro em faca de ponta
eu monto em teu cangote
e no meu ninguém não monta

I. Seu Romano faça a conta¹¹
e veja como eu desmancho
procure se defendê
que toco fogo em seu rancho
daqui até a Mãe Dágua
faço um serviço de gancho

R. Inácio eu estando irado
faço estremecer o sul

11 A estrofe 13 (12) sofre alterações em quase todos os versos:
“Seu” Romano não faz conta
Porem eu hoje desmancho
Tudo o que o senhor fizer:
Toco-lhe fogo no rancho.
Cuide em si que o negro velho
Dá-lhe um serviço de gancho,

solto bomba envenenada
com raios de fogo azul
tenho a força de sansão
e a nobreza de saul

I. Se Inácio se zangar
abala o sol o mar geme
se agita a atmosfera
cai estrela, a terra treme
pega fogo o mundo em roda
nada disso o nêgro teme

R. Hoje aqui há de se ver
relâmpago de caracol
os nevoeiros pararem
e eclipsar-se o sol
secar a água do mar
e pescar baleia de anzol

I. Hoje eu quero mostrá¹²
como o ferreiro trabalha
como se caldeia ferro
como o aço se esbandalha
como se bloqueia pedra
e metralhadora, metralha

R. Inácio veja que tenho¹³
força e inteligência
nunca falta no meu astro
a voz da reminiscência

12 A estrofe 17 (16) , no primeiro e no último verso da sextilha, traz a seguinte redação:
“Hoje aqui tem de se ver” / “Como se estoura a metralha”;

13 Essa estrofe 18 (17) é alterada em seu último verso: “Em cantor de alta sciencia.”

muitas vezes tenho dado
em cantador na ciência

I. Seu Romano eu só garanto
é que ciência não tenho
mas para desenganar-me
cantar contigo hoje venho
abra o olho, e cuide em si
prá não perder seu desenho

R. Meu Deus o que tem Inácio
que no cantar se atrapalha
sustente o ferro na mão
que estou na primeira entalha
teu ferro está se virando
e o meu não mostra falha

I. Meu Deus o q' tem Romano¹⁴
parece que está doente
está temendo a desfeita
como quem teme a serpente
tudo é mêdo de apanhar
perante essa boa gente

R. Inácio eu tenho contado¹⁵
com repentista de tino
no sul com Manoel Carneiro
no Sabugi, Ugolino
como não canto contigo
que és fraco e pequenino

14 A estrofe 21 (20) sofre alterações nos três últimos versos: “Ou o bote da serpente, /Ou está com medo de Ignacio / Ou com vergonha da gente.”.

15 A estrofe 22 (21), no segundo verso: “Com muito homem de tino”.

I. Abra o olho seu Romano¹⁶
cuidado com o moreno
eu tenho verso de sobra
como cobra tem veneno
tenho visto touro grande
apanhá de um pequeno

R. Inácio a tua zoadá¹⁷
só dá certo em catingueira
em Patos estais perdido
nesta batalha primeira
juro com todos 10 dêdos
que tu não vais a Teixeira

I. Meu branco não digo isso¹⁸
que o senhor não me conhece
veja quando o sol sair
como a luz replaniece
mêcha com os quatros canto
vê se Inácio aparece

R. Inácio eu ainda vou¹⁹
lá de Mãe d'água ou Teixeira

16 A estrofe 23 (22) tem alterados todos os seus versos:
“Seu” Romano, abra os olhos
Com esse preto moreno
Tenha medo da botada
Da serpente e do veneno;
Eu já tenho visto grande
Apanhar d'um fraco e pequeno.

17 A estrofe 24 (23) apresenta alterações nos quatro primeiros versos: “Ignacio, a tua fama / E' só lá na Catingueira, /Para o sacco da mãe d'agua, / Tú não sobes a ladeira;”

18 A estrofe 25 (24) tem modificados os dois últimos versos: “Olhe para os quatro lados / Que o negro velho aparece.”.

19 Na estrofe 26 (25), são alterados quase todos os versos, com exceção do verso 3:

levo meu mano Veríssimo
vamos tamar batingueira
dar-te uma em martelo
quero vê tua carreira

I. O senhor diz e não vai²⁰
e se fôr não faz vantage
Veríssimo não qué ir lá
Romano falta a corage
que prá toma batingueira
quem fôr lá perde a viage

R. Inácio se você vê²¹
eu e meu mano em serviço
somos como dois machados
no tronco dum pau maciço
um raio abrasador
outro trovão inteiriço

I. Eu bem sei q'seu Veríssimo²²
é como um rei coroado

Ignacio eu inda me abalo
Lá da serra do Teixeira,
Levo meu mano Verissimo
Vamos dar-te uma carreira.
Dar-te uma surra em martello
E tomar-te Catingueira.

20 Assim como a primeira, a estrofe 27 (26) da edição de Antônio Américo não consta na edição de Chagas Batista, nesta, dando sequência à peleja, consta a seguinte:

Meu branco, eu dou-lhe um conselho.
Se *voimincê* me attende;
Se for para nós brincarmos
Pode ir que não me offende,
Mas p'ra tomar a Catingueira
Não vá não que se arrepende.

21 A estrofe 28 (27) sofre alteração em seu primeiro verso: "Inácio, tú nunca viste".

22 Na estrofe 29 (28), são alterados o terceiro, quarto e quinto versos: "Mas, leve elle á Catingueira / Muito bem apadrinhado, /E verá como é que apanha".

porem indo a batingueira
leve bem apadrinhado
na certeza que apanha
padrinho e afilhado

R. Eu já tenho dado em touro²³
que quando tomba estremece
tenho domado leão
amansa e me obedece
dei em muitos cantores
nunca achei quem me desse

I. Até com touro e leão²⁴
seu Romano já brigou
porem hoje aqui em Patos
eu ei de mostrá quem sou
quero dá no velho mestre
que diz que nunca apanhou

R. Inácio arrufe o pandeiro²⁵
enquanto acendo o cigarro
hoje na vila de Patos
negro fugido eu amarro

23 A estrofe 30 (29) apresenta alterações em seus três últimos versos: "Até que elle me obedece; /Já dei em muitos cantores, / Mas nunca achei quem me desse!".

24 Na estrofe 31 (30), o primeiro, terceiro e o quinto versos sofrem alterações: "Com touros e com leões," "Mas se o povo se acalmar" "Quero dar em "seu" Romano".

25 As estrofes 32 e 33 do texto editado por Antônio Américo não constam na edição publicada por Chagas Batista, nesta, o texto é sequenciado com uma estrofe que, com algumas alterações de versos (1, 4 e 6), corresponde à estrofe 34 do texto editado por Antônio Américo.

Meu Deus, que tem este negro
Que no cantar se maltrata !
Agora, Romano velho
Canta um anno e não se mata;
Quanto mais canta mais sabe
E nó que dá ninguém desata.

prá terminar o serviço
levo prá mesa do carro

I. Meu senhô nunca me deu
seu Romano qué me dá
dá de língua e muito face
mais querê me amarrá
num carro prá me batê
isso eu não vou aceitá

R. Meu Deus o que tem Inácio
que no cantar se maltrata
agora Romano velho
dar nó que ninguém desata
quanto mais canta mais sabe
e ninguém me desacata

I. Seu Romano para o povo²⁶
tem a fama dos anéis
canta com um, e com dois
sete, oito, nove, dez
o nó que dá com as mãos
eu desmancho com os pés

R. Latona, Cibele e Réa
Íris, Vulcano e Netuno

²⁶ A estrofe 35 apresenta alterações em todos os versos:

Eu bem sei que “seu” Romano
Está na fama dos aneis;
Canta um anno, canta dois,
Canta seis, sete, oito e dez;
Mas o nó que der com as mãos
Eu desato com os pés.

Minerva, Diana e Juno
Anfitrite e Androcéia
Venus, Climene, Amaltéia
Plutão, Mercurio e Teseu
Júpiter, Zoilo e Perseu
Apolo, Ceres, Pandora
Inácio desata agora
o nó que Romano deu

I. Seu Romano deste jeito
eu não posso acompanhá-lo
se desse um nó em martelo
ia vê eu desata-lo
mais como foi em ciência
cante só que eu me calo

R. Inácio eu reconheço²⁷
que és bom martelador
agora não podes mais
reconheça meu valor
porque eu em cantoria
não temo nem a doutor.

Fim

Silvino Pirauá de Lima esta peleja foi publicada a primeira vez em 1903 pelo
Autor

²⁷ Esta última estrofe da peleja apresenta alterações nos versos 3 e 4: “Mas, agora que apanhastes. / Dirás que tenho valor;”.As demais estrofes da peleja editada por Antônio Américo apresentam pequenas alterações, apenas no que se refere à escrita de algumas palavras, sem a ocorrência destas no que se refere à estrutura das estrofes apresentadas na edição de Chagas Batista. Cabe destacar ainda que o texto transcrito por Batista (1929, p. 58-66), diferente do texto editado por Antônio Américo, é composto de apenas 35 estrofes.

Segunda peleja de Romano do Teixeira com Inácio da Catingueira ²⁸

AUTOR: LEANDRO GOMES DE BARROS

EDITOR: ANTONIO AMÉRICO DE MEDEIROS

R. Negro me diga o seu nome²⁹

que quero ser sabedor
se é solteiro ou casado
aonde é morador
e se acaso é cativo
diga quem é seu senhor.

I. Eu sou muito conhecido

aqui por esta ribeira
este é um seu criado
Inácio da Catingueira

28 A peleja *Romano e Ignacio da Catingueira* foi assinada por Leandro Gomes de Barros e publicada em 1910, no folheto *O cometa*. É um folheto “sem capa” e, segundo Maranhão (1981, p. 27), os folhetos assim denominados pertencem a um período mais antigo da poesia popular. Ele tem quarenta estrofes, em sextilhas que seguem a tradição rímica ABCBDB e, assim como as demais versões desse desafio, apresenta modificações quando consideramos outros registros da mesma peleja. De acordo com Terra (1983, p.60), todas as pelejas escritas por Leandro foram inventadas, imaginárias. Essa afirmativa sugere a ideia de ficcionalidade defendida por alguns estudiosos acerca do fato de que a célebre peleja não partiu de um desafio “real”, cercado de façanhas poéticas que ecoaram e ecoam na imaginação e na memória do público, até mesmo no que se refere ao seu tempo de execução, pois esta teria durado oito dias ou oito horas, conforme os narradores que “registraram” o desafio. Dessa forma, a ideia de uma “segunda” peleja ocorrida entre os poetas Romano do Teixeira e Inácio da Catingueira, anunciada já no título do folheto editado por Antônio Américo, reforça o caráter imaginário / fictício do texto e, ao mesmo tempo, provoca no leitor da “primeira peleja” o desejo / a curiosidade de conhecer a sequência do renomado desafio que tem como autor ninguém menos que o poeta Leandro Gomes de Barros.

29 Nessa peleja, encontraremos várias alterações na construção do poema, quando consideramos a suposta “fidelidade” do editor ao texto matriz, uma vez que este apresenta uma indicação de autoria. O texto dessa edição tem um total de 78 estrofes, ou seja, quase o dobro do que consta no poema de Leandro Gomes de Barros. Essas alterações já tem início na apresentação da sequência das primeiras quatro estrofes, uma vez que estas não fazem parte da peleja assinada por Leandro, entretanto cabe des-

dentro da vila de Patos
compro, vendo e faço feira.

R. Negro que andas fazendo

aqui nesta freguesia
cadê o teu passaporte
e a tua carta de guia
se vens fugindo eu amarro
negro comigo não chia.

I. Seu Romano eu sou cativo

trabalho pra meu senhô
êle sabe quando saio
e sabe pra onde eu vou
quando me vê num pagode
foi êle quem me mandou.

R. Ouvi bem a tua lôa³⁰

mas, não posso acreditar
que eu também tenho negro
mas, não mando vadiar

tacar que a 4ª estrofe se aproxima sonora e tematicamente da estrofe de número 30 e que ambas são encerradas com o mesmo verso. Destaque-se, ainda, que, no poema de Leandro, as duas primeiras estrofes equivalem às estrofes 14 e 15 do texto da “primeira peleja” editada por Antônio Américo. A peleja narrada por Leandro Gomes de Barros já se inicia com os cantadores em pleno embate poético, diferente do que acontece nessa versão, onde se percebe uma espécie de introdução comum ao gênero, na qual acontece uma espécie de apresentação dos desafiantes para que o combate possa seguir.

30 As estrofes 5 e 6, com algumas modificações, equivalem, respectivamente, às estrofes 31 e 32 do texto de Leandro:

É' que diz todo negro
Ninguém deve acreditar,
Eu também tenho escravo
Mando elle trabalhar,
Quando estou fóra de casa
Elle só quer vadiar.

se eu sair pra divertir
negro sai pra trabalhar.

I. Seu Romano eu sou cativo
trabalho pelo comum
dá descanso a seus escravos
é gosto de cada um
meu senhô tem muito negro
seu Romano só tem um.

R. Inácio da Catingueira
se mete a cantar repente
negro me trate melhor
que aqui tem bôa gente
queira Deus você não saia
da sala de couro quente.

I. Meu branco eu dou um conselho³¹
espero o senhô tomá
se saia deste sentido
se arrede deste pensá

O que o senhor Romano diz
E sempre um facto comum, Escravos de muitos homens
Passam semana em jejum,
Meu senhor tem 20 escravos,
Senhor Romano só tem um.

³¹ Nessa estrofe, é possível percebermos uma aproximação com a estrofe 24 do poema de Leandro Gomes de Barros quanto ao tema abordado e, mais uma vez, coincide o último verso em ambas as versões, ou seja, a redação dos demais versos da estrofe é alterada, mas dois detalhes poéticos são preservados: a coincidência rímica e a permanência do último verso.
Meu branco, se o senhor diz,
Que ainda tem de me açoitár,
Deixe dessa tentação
Cria em Deus, cuide em rezar,
Eu lhe juro adiantado
Um homem só não me dar.

juro com todos dez dêdo
que um home só não me dá

R. Inácio eu perdi a conta
de surras que tenho dado
em cantadores famosos
e nunca fui apertado
hoje você leva uma
do lombo sair queimado.

I. Meu senhô dono da casa³²
eu lhe peço por favô
queira cedê-me licença
para eu mostrá quem sou
pra hoje eu dá neste branco
que diz que nunca apanhou.

R. Coitado de Catingueira³³
onde veio se socar
dentro duma mata escura
onde não pode enxergar
veio por ser inocente
não volta sem apanhar.

I. Coitado de seu Romano
onde ele vem caí
nas unha dum gavião
sendo ele um bem-ti-vi
está se vendo apertado
como peixe no jiqui.

³² Essa estrofe sofre alteração em seus três primeiros versos, quando comparada à estrofe de número 18 do poema de Leandro.

³³ As estrofes 11 e 12, mesmo com pequenas alterações, correspondem à mesma sequência apresentada no texto matriz.

R. Quando pego um cantador
adoece de repente
dar-lhe uma dôr de cabeça
e uma coceira ardente
e um vexame tão grande
que não há cão que aguento.

I. Meu martelo tem azougue
cantadô dêle não sai
dá-lhe frio com tontura
seca a carne, a língua cai
fica ô corpo sem governo
e a alma vai não vai.

R. Inácio tú me conheces³⁴
e sabes bem quem eu sou
hoje vou te prevenir
que na Catingueira eu vou
derrubar o teu castelo
que nunca se derrubou.

I. É mais fácil um boi voá
um cururú ficá belo
aruá jogá cacête
e cobra calçá chinelo
do que havê valentão
que derrube o meu castelo.

R. Tú ainda não corrêste
ignorando a razão
talvez nunca tenha visto

34 As estrofes 15 e 16 equivalem às de número 3 e 4 da versão de Leandro, assim como as seguintes, 17, 18, 19 e 20, equivalem à sequência 7, 8, 9 e 10; 21 e 22, à sequência 13 e 14; 23 e 24, à sequência 21 e 22. Já as estrofes 25 e 26, com pequenas alterações, correspondem à mesma sequência apresentada no texto matriz.

eu chegar touro ao mourão
espantar onça da furna
e aperriar um leão.

I. Se fô pra contá façanha
eu já peguei jacaré
arranquei as duas pernas
e sacudí na maré
peguei baleia de anzol
e tubarão de jereré.

R. Eu não importa com isto
irei sempre a Catingueira
entro em todas as partes
não me fica costaneira
os de lá ficam dizendo
lá se foi nossa ribeira.

I. Quando fô procure um pade
para sua confissão
e deixe a cova cavada
pegue a encomendação
leve a rêde onde há de vir
já prontinho no caixão.

R. Inácio eu sei que és duro
mas é lá na Catingueira
na Mãe D'água aonde eu moro
tu não sobes a ladeira
mais fácil o diabo ir ao céu
que tu ires a Teixeira.

I. Repare para o nascente
quando o dia amanhece

quando o sol vinhé vermeio
um mau está lhe aparece
siná da minha chegada
ai tudo me obedece.

R. Inácio meu pêso é grande
com ele ninguem se ajuda
melhor tomar meu conselho
com isto não se iluda
se eu te pegar em Teixeira
não conheço quem te acuda.

I. Foi hoje que pude crê
como o diabo é tirano
como ilude as criatura
e sabe fazer engano
tanto fez, tanto mexeu
que lançou sempre Romano.

R. Só canto com êste nêgro
por um amigo me pedir
devido eu me rebaixar
não importa de ferir
furo aonde achar mais mole
bato enquanto se bolir.

I. Seu Romano eu lhe aconselho
não cometa tal perigo
peça a Deus que lhe defenda
dos laços do inimigo
antes morrer enforcado
do que pelejar comigo.

R. Negro cante com mais jeito³⁵
veja tua qualidade
eu sou branco, e tu tição
perante a sociedade
aceitei cantar contigo
baixei a dignidade.

I. Esta sua frase agora
me deixou admirado
que para o senhô para ser branco
teu couro é muito tostado
tua côr imita a minha
teu cabelo é agastado.

R. Com negro não canto mais
perante a sociedade
comecei dar cabimento
ele está com liberdade
o melhor é mecalar
que cantar contra a vontade.

I. O senhô me chama negro
pensando que me acabrunha
seu tipo de home branco
só tem os dente e as unha
a sua pele é queimada
seu cabelo é testemunha.

R. Inácio eu estou ciente
que és um negro ativo

35 Essa estrofe e a seguinte (27 e 28) correspondem, respectivamente, às de número 33 e 34 na edição de Leandro Gomes de Barros.

mas não estou satisfeito
devo te ser positivo
que me abate cantar
hoje com um negro que é cativo.

I. Na verdade seu Romano
eu sou negro confiado
Como o senhô quer ser branco
da côr de café torrado
seu avô vei ao Brasil
para ser negociado.

R. Inácio eu vou te pedir
vamos deixar o passado,
esquecer quem foi cativo
que nos dá mais resultado
acabar este assunto
deixar isto para um lado.

I. Isto aí é outra coisa
eu não luto sem motivo
o senhô também esqueça
o povo que é cativo
quem tem defunto ladrão
não fala em roubo de vivo.

R. Inácio eu te garanto
avise pra teu senhor
que irei a Catingueira
entrar lá no teu setor
tomar-te todos os bêcos
sem deixar um corredor.

I. Meu branco eu torno a dizer
pra vê se o senhô atende
se fô para nós divertir
ninguem de lá lhe ofende
mas pra tomá Catingueira
não tente que se arrepende.

R. Se tú és duro amolece
nem que peças com amor
eu vou tomar Catingueira
entupir seu “bebêdor”
deixar morrendo de sêde
seja de qual jeito for.

I. Meu branco eu torno a pedir
tal perigo não comêta
o bebedô de Inácio
é todo na pedra prêta
ponta de aço não fura
nem lavanca, nem marreta.

R. A desgraça do homem rico
é dá liberdade a pobre
sendo eu, a prata fina
me misturar com o cobre
grande castigo merece
quem se abate sendo nobre.

I. Esta agora é engraçada
eu digo com toda fé
com prata se enfeita arreo
faz faca, garfo e cuié

com prata se faz espora
pra negro botar no pé.

R. Agora vou te calar ³⁶
não quero articulação
vamos na geografia
que chama o povo atenção
veja se sabe ou se pode
me dar uma explicação.

I. Seu Romano eu lembro bem
que meu senhô me dizia
que o mundo tem cinco parte
a Ásia, a Oceania,
Europa, América e África,
nos diz a geografia.

R. Assim debes conhecer
cabos e estreitos do mar
golfo, ilha e arquipélago
quem neles pode habitar
negro afine tua memória
que quero te perguntar.

I. Não lhe respondo a pergunta
não conheço academia
só vivo do meu roçado
e da minha cantoria
vá perguntar a um doutô
que saiba geografia.

36 Essa estrofe (41) e as duas que se seguem correspondem, respectivamente, às de número 35, 36 e 37 na edição de Leandro. Aqui se encerram coincidências entre o texto editado por Antônio Américo e o texto de autoria do poeta Leandro Gomes de Barros.

R. Sou Romano da Mãe D'água
mato com pólvora saturna
para vencer eleição
não mêto chapa na urna
salto de cima da pedra
e tomo a boca da furna.

I. Sou negro da Catingueira
desbastadô de catombo
dou três tapa, são três queda
dou três tiro, são três rombo
nêgro bamba, cachoeiro
bêbo mais não dou tombo

R. Inácio você não topa
eu e Verissimo meu mano
de mim vai apanhar mais
do quê burro de cigano
e se cantar com Verissimo
apanha que chora um ano.

I. Seu Romano inda não viu
de Catingueira o arranco
se pensa que dá em mim
eu quero lhe falá franco
abra o olho, limpe a vista
negro também dá em branco.

R. Quem quer ferir inimigo
não faz ponto, nem avisa
quando eu for a Catingueira
neste dia o sol se deslisa
lá dentro do teu chiqueiro
eu quero dar-te uma pisa.

I. Me diga o dia que vai
quem são os seus companheiro
o senhô pode levá
dez ou doze cangaceiro
eu saio de peito a peito
como um valente guerreiro.

R. Não digo dia nem hora
topo da forma que fôr
no momento da chegada
tú hás de ser sabedor
irei tomar teu riacho,
rio, serra e tombador.

I. Veja que eu sou escravo
do senhô Manoel Luiz
tanto corta como risca
como sustenta o que diz
sou vigáro capelão
e sacristão da matriz.

R. Saiba que eu sou Romano
dentadura de elefante
barbatana de baleia
força dum grande gigante
sou ouro que não mareia
pedra fina de brilhante.

I. Inácio da Catinguera
é negro desengonsado
abre cacimba no sêco
em baixo dá no molhado
aperta sem ser troquês,
corta pau sem ser machado.

R. Negro criado vadio
tem por fim se acabar
uns casam com negra fôrra
outros dão para roubar
outros fugam do serviço
com mêdo de trabalhar.

I. Infelizmente não sou
escravo de senhô crú
que trabalha o dia todo
e a noite faz quinguingú
apalpando no escuro
Fussando como tatú.

R. Negro se eu te pegar
na beira de um caminho
no sôco eu faço um agrado
com meu chicote um carinho
se a camisa for nova
fica só o colarinho.

I. Sou abelha de ferrão
sou o besouro cabôco
se eu pegá seu Romano
arrocho que fica rôco
quebro as duas canela
deixo só os dois cotôco

R. Negro você não me venha
que se vinher eu lhe abeco
arrasto até minha forja
puxo o fole e lhe sapeco
deitado em cima da safra
a marrêta teco-teco

I. Romano não se alegre
que a luta não acabôsse
eu derrubo de machado
pra depois picá de foice
valentão pra mim é fuba
mato de queda e de coice.

R. Inácio da Catingueira
madeira do Piancó
derrubo com meu machado
tiro a casca, arranco nó
boto a régua e passo a linha
e desempenho de enxó.

I. Seu Romano Carapina
carrega boa ferrage
sou baraúna velada
dura como pedra em lage
sou lageiro da pedreira
botá seu ferro é bobage.

R. No lugar que eu campeio
tú mesmo não tira gado
faço figura no limpo
faço melhor no feichado
no pôço que tomo pé
tú morres, lá afogado.

I. Eu não temo cantadô
e muito meno vaqueiro
vá em cavalo afamado
que vou em qualquer sendêro
o quê fôr fazer em março
eu faço logo em janeiro.

R. Inácio tú tens cabeça
porém juízo não tem
um gigante para mim
na luta não é ninguém
aperto um dobrão nos dedos
faço virar um vintem.

I. Pegá gigante de mão
e não ficá de mão cheia
dobrá um dobrão nos dedo
e não quebrá uma veia
êsse dobrão é de cêra
e o gigante de areia.

R. Inácio da Catinguera
é como uma folhinha
não quero escutar bobagem
pare a sua ladainha
não quero ouvir seu conselho
quando você ia eu vinha.

I. Seu Romano eu pra cantá
não preciso passaporte
é um dom da natureza
em favô da minha sorte
topá um home letrado
em luta de vida ou morte.

R. Pra gente da sua laia
não puxo por meu quicé
para caça pequenina
eu não armo meu mondé
cantador da sua marca
eu nem pergunto quem é.

I. O senhô nunca me viu
frangi o couro da venta
meu cabelo se arpá
a testa ficá cinzenta
se o colega esquentá
esfrio com água benta.

R. Toro-te a lingua no meio
te troncho o pé do nariz
te toro o beijo de cima
fica como um chafariz
caistes nas minhas unhas,
nunca mais sairás feliz.

I. Seu Romano em minha zunha
o mestre velho bambeia
te toro o beijo de baixo
arranco as duas ureia
toro a metade da língua
fica uma marmota feia.

R. Se você vê que não pode
É melhor que se aquete
enquanto derruba um
eu derroto mais de sete
que pra lutar com você
abasta meu canivete.

I. Cascavé quando me vê
não toca o seu maracá
tiro saranhão sem fogo
tataíra, arapuá
se o branco tiver mandinga
eu desmancho o patuá.

R. Coisa ruim é se cantar
com quem não tem consciência
sem saber nem o que diz
iludindo a assistência
se você faz o que diz
vamos cantar na ciência.

I. Seu Romano bem que sabe
letras pra mim são escura
eu tenho é força no braço
pra pegar pela cintura
no meio de todo povo
a sua queda é segura

R. Inácio eu estou com sono
todo povo quer dormir
você já está exausto
só falta mesmo cair
deixemos pra outro dia
com mais gente pra ouvir.

I. O senhô qué paradeiro
e o povo combinou
eu posso pará também
mais cansado não estou
só não vá sair dizendo
que Catingueira apanhou.

FIM

Diante das versões dos textos das peijas editadas pelo poeta Antônio Américo, é possível observar que as alterações presentes nestas corroboram uma prática bastante comum no caso da escrita ou reescrita de folhetos. No caso das peijas, especialmente a de Romano

do Teixeira e Inácio da Catingueira, esse fato se acentua ainda mais quando consideramos como ocorreu o processo de produção dos versos, do desafio e o registro destes para a posteridade. De acordo com Coutinho Filho, em seu livro *Violas e repentes*, as versões / “recomposições” surgem como “produto de reminiscências de pessoas já falecidas, especialmente de muitos cantadores da época, que acompanharam todo desenrolar da grande justa.” (1972, p. 89) Ainda de acordo com o referido autor, essas versões sofreram uma rápida propagação em todo o nordeste brasileiro.

Dessa forma, mesmo tendo como base para a escrita “um desafio real” (TERRA, 1983, p. 60), é comum o traço imaginário, inventado pelos poetas que reescrevem as pejejas, permanecendo, como ponto comum nas versões existentes, na maioria das vezes, apenas estrofes / versos que se repetem nas principais narrativas sobre esta. Com o processo de recomposição da pejeja, surgem várias versões para esse célebre embate poético. Curran (2011, p. 172), ao comentar as informações existentes sobre o duelo, afirma que o que de fato pode ser afirmado como “verdade são as várias versões ou, pelo menos, alguns fragmentos da versão original transcritos para os folhetos de cordel por Leandro Gomes de Barros, Francisco das Chagas Batista e João Martins de Athayde, mestres cordelistas pioneiros.”

No que se refere à “Primeira pejeja”, observamos que há um processo de recriação mais ameno que na “Segunda pejeja”, ou seja, o texto editado por Antônio Américo está mais próximo daquele que é indicado como fonte da publicação em vários de seus aspectos, conforme já apresentado. No caso da segunda pejeja, esse processo é mais complexo, pois o editor indica como fonte um texto de Leandro Gomes de Barros, do qual somente 23 estrofes das 40 que fazem parte do folheto são “reproduzidas”, algumas com alterações na sequência estabelecida pelo texto matriz e na redação dos versos, ocorrendo variações leves ou profundas. Algumas estrofes são subtraídas e outras são acrescentadas, de forma que o texto sofre uma

ampliação significativa, no que se refere ao número e à ordem das estrofes na pejeja editada por Antonio Américo.

Sobre o texto da “segunda pejeja”, é possível dizer que ele, provavelmente, foi elaborado a partir de partes do poema *Romano e Ignácio da Catingueira*, publicado por Leandro Gomes de Barros, em 1910, da junção de vários outros registros da pejeja, nascidos da pena de estudiosos e poetas, e do acréscimo de estrofes elaboradas pelo poeta / editor, de forma que também ele seguiu o caminho de muitos outros mestres que também registraram a famosa disputa, elaborando a sua própria versão para a pejeja.

Essa afirmativa se deve à observação de alguns momentos do texto em que é possível encontrar detalhes que evidenciam o processo de construção da sequência e da tessitura das estrofes a partir de uma estrutura que recorre, por exemplo, nas seis estrofes iniciais da pejeja, aos versos iniciais de uma versão registrada pelo Padre Manoel Otaviano, coincidindo até mesmo a sequência das estrofes. Também fazem parte da pejeja editada por Antônio Américo várias estrofes da *Pelêja de Romano e Inacio da Catingueira*, do poeta João Martins de Athayde, publicada em 1939. Esta, por vezes, tem sua autoria atribuída a Leandro Gomes de Barros, provavelmente, em virtude da compra dos direitos autorais da obra de Leandro, após a sua morte, por Athayde. Fato é que o texto da pejeja publicado por Athayde, também editor, amplia de tal forma o texto de Leandro que somente nas estrofes finais é possível perceber a coincidência entre estas, no que se refere à semelhança dos versos e à sequência das estrofes que encerram a pejeja. Observemos, então, que o texto editado por Antônio Américo se aproxima do texto de Athayde, tanto no que se refere à transcrição de estrofes, quanto no tocante ao processo de ampliação elaborado para a “segunda pejeja”.

Dessa forma, acreditamos que, a partir da reprodução de alguns fragmentos de versões que reescreveram para a posteridade a célebre

disputa e da ampliação do poema através da composição de versos fictícios para o embate, o poeta / editor Antônio Américo também elabora a sua versão da peleja. É dessa forma que, inspirado pela grandeza dos poetas debatedores, pelo muito que ouviu ou guardou de memória, entra em cena o poeta / editor, a preencher, a seu modo, os espaços existentes, segundo sua imaginação, entre o registro escrito acessível e a memória acerca dos fatos narrados, para que este possa ser levado ao leitor na forma de mais um exemplar da célebre peleja, sem que ninguém duvide da habilidade e da legitimidade dos versos e dos debatedores. Nascem, então, a versão de mais um encontro entre os célebres poetas e mais duas versões para a peleja de Romano do Teixeira e Inácio da Catingueira

Antônio Américo: entre poemas e canções

No Nordeste, a realização de uma cantoria é sinônimo de improviso poético. Entretanto, permeando essa tradição, duas composições poéticas, que não nascem do improviso e sim de uma escrita prévia, são constantemente solicitadas aos poetas pelo público participante desses eventos, são elas os poemas e as canções. Essas composições, denominadas por Ayala (1988, p.16) como “novas formas poéticas” no âmbito da cantoria, assim como os folhetos, eram impressas, na maioria das vezes, em papel jornal, em folhas avulsas, e também eram vendidas pelos revendedores do cordel.

Algumas dessas composições são identificadas como sendo poema ou canção, mas também existem aquelas sem nenhuma referência quanto ao gênero a que pertencem. De acordo com Ayala (1988, p.121), elas não apresentam uma padronização na apresentação gráfica, sendo impressas em “folhas avulsas, de tamanho e formatos variados”, e em papel colorido, assim como os folhetos. Dificilmente, apresentam uma data de publicação ou informação sobre a tipografia ou gráfica responsável pela impressão, constando apenas de título e indicação de autoria. Observemos aqui que, diferente do repente, que era improvisado, esses gêneros da poesia popular eram composições fixas, parte de um repertório guardado na memória do poeta, que poderiam ou não ser da autoria daquele que as interpretava.

As canções, em sua maioria, eram seguidoras das regras da cantoria, mas também podiam apresentar variações quanto aos padrões métricos e à melodia. Esta forma de composição poderia, inclusive, contar com um autor para o poema e outro para a melodia. Até porque se acreditava que a “qualidade” do poeta estava nos versos por ele compostos e não na voz ou na habilidade em tocar a viola. Batista (1982) as define como poemas decorados que apresentavam uma metrificação variada e que não tinham uma fórmula determinada.

Quanto aos temas, essas composições, perpassadas de nostalgia e apelo sentimental, estão fortemente marcadas pelo sentimento amoroso. Este apresenta-se traduzido em versos que falam sobre a fidelidade, as declarações de amor, a saudade, o sonho de uma vida ao lado do ser amado, assim como o amor à figura materna, dentre outros. De acordo com Ayala (1988, p. 124), “O tema amoroso é o que reúne mais títulos.” Slater (1982), ao comentar sobre o cordel e a canção lírica, afirma que, entre as características que identificam a canção, estão aspectos como o lamento lírico em primeira pessoa, no qual pode, inclusive, constar de elementos autobiográficos do poeta / autor; a presença de uma espécie de contrato entre um homem e uma mulher e a referência ao destino como sinônimo de má sorte. Um outro ponto destacado pela autora é que, diferente do folheto de cordel, raramente as canções apresentam referência a um editor ou a uma data de publicação.

Os poemas, mesmo fugindo ao improvisado característico da cantoria, como as canções, também fazem parte do repertório desta. De acordo com Ayala (1988, p. 122), “os poemas são compostos por estrofes que obedecem às características dos gêneros da cantoria (sextilhas, septilhas, décimas etc.), sendo cantados nas toadas próprias desses gêneros.” Ainda de acordo com a autora, não é fácil estabelecer uma distinção entre poemas declamados, poemas cantados e canções, uma vez que os impressos dessas composições, em sua maioria, não especificam a modalidade a que pertence o texto e nem se esta deve ser cantada ou declamada. Ayala (1988, p. 124) afirma ainda que “estas criações apresentam-se no espaço de confluência entre o repente e o folheto” e que, considerando “o conjunto de folhas avulsas vendidas em bancas de folhetos, sua inclusão em discos de cantadores e em cantorias, é grande o número de poemas e canções existentes.”

A divulgação das canções e dos poemas, principalmente das canções, acontecia também através dos programas de rádio dedicados aos grandes poetas e violeiros da região, nos finais de tarde, quando o

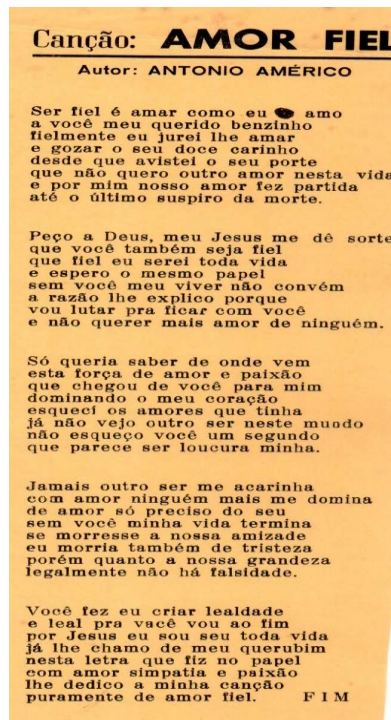
sertanejo, depois de um dia de trabalho, retornava do campo, e o seu descanso tinha início ao som das cantorias, através do canto do(s) cantor(es), acompanhado(s) pelo som da viola. Além do repente e da recitação de poemas, as canções a serem entoadas pelos cantadores eram escolhidas pelo público, na sua maioria rural, e solicitadas ao poeta apresentador do programa ou àquele convidado para interpretá-las. Essas solicitações aconteciam através de cartas que, na maioria das vezes, traziam, entre as páginas escritas, o dinheiro que pagava ao poeta pelo pedido atendido. Os mais diversos temas abordados nas canções eram alvo das solicitações, entre eles, aquelas que cantavam sobre festividades como aniversário de filhos e amigos; sobre alguma narrativa triste acerca de um acontecimento trágico, e até mesmo aquelas que, na voz e nas palavras dos poetas populares, traduziam os sentimentos do ouvinte em fervorosas declarações de amor dedicadas, com “todo amor e carinho”, a um determinado “alguém”, que também era ouvinte do programa.

Nesse cenário, o poeta Antônio Américo de Medeiros foi repentista, participante de cantorias e também foi autor de canções e de poemas, assim como de folhetos de cordel. Como outros poetas populares, ao participar de uma cantoria, também apresentava, com o acompanhamento da viola, nos intervalos do repente, a recitação de poemas ou o canto de canções que lhe eram solicitadas pelo público. Foi divulgador desses gêneros também em seu programa de rádio *Violas e Repentes*, por 28 anos. Vale a pena lembrar que o rádio foi um grande impulsionador do gênero junto ao público. Com composições próprias ou interpretando criações de outros poetas, ele cumpria o “contrato” tácito sempre observado entre público e poeta popular, no qual o receptor, através de suas solicitações, praticamente determina o que espera ouvir nas palavras do poeta. E, para que o leitor / ouvinte tivesse acesso a seus poemas e canções, estes também se encontravam impressos e colocados à venda em sua barraca no Mercado Central da Cidade de Patos – PB, posteriormente, denominado de Centro Comercial Darcílio Wanderley, juntamente com muitos

outros títulos da literatura de cordel, uma vez que o poeta também foi folheteiro.

As canções e os poemas, assim como o registro de alguns versos de improviso, produzidos pelo poeta Antônio Américo, apresentam-se de forma bem diversificada, no que se refere a aspectos como estrutura e temática. Essas composições representam, no contexto da obra deixada pelo poeta, o elo com a tradição popular da cantoria e do repente, assim como dos gêneros poéticos a ela vinculados que não partiam do improviso, mas do registro escrito e da memória do cantador.

Figura – Canção: Amor fiel



Fonte: Acervo da autora

Canção: AMOR FIEL³⁷

AUTOR: ANTONIO AMÉRICO

Ser fiel é amar como eu amo
a você meu querido benzinho
fielmente eu jurei lhe amar
e gozar o seu doce carinho
desde que avistei o seu porte
que não quero outro amor nesta vida
e por mim nosso amor fez partida
até o último suspiro da morte.

Peço a Deus, meu Jesus me dê sorte³⁸
que você também seja fiel
que fiel eu serei toda vida
e espero o mesmo papel
sem você meu viver não convém
a razão lhe explico porque
vou lutar pra ficar com você
e não querer mais amor de ninguém.

37 Sobre essa canção, cabe-nos esclarecer, inicialmente, que os quatro primeiros versos da segunda estrofe desta foram citados em um estudo da professora Candace Slater, *Cordel and Canção in today's Brazil*, no qual ela os vincula ao “cantador” José Bonifácio. Provavelmente, a autora se refere ao poeta repentista pernambucano José Bonifácio, conhecido como Zé Bonifácio. Essa possibilidade se justifica por fatores como a interpretação das canções em rádios e em cantorias da região por outros poetas que não assinavam a autoria das composições cantadas ou recitadas. (Apontamos as interpretações como fonte provável porque, de acordo com relatos, o referido poeta gravou apenas um LP – disco vinil – em parceria com João Bernardo, no início da década de 80 e no mesmo não consta a gravação dessa canção, atividade também comum entre os poetas cantadores.). Além do fato de que a pesquisa que deu origem ao referido estudo foi desenvolvida em Recife, outro fato que podemos citar é que é quase certo o contato do poeta pernambucano com o poeta Antônio Américo e suas composições, uma vez que o primeiro habitava a cidade de Santa Cruz do Capibaribe - PE, estado vizinho à Paraíba, atuando no ramo de confecção, atividade também exercida pela esposa de Antônio Américo, que visitava a referida cidade praticamente todas as semanas.

38 Quanto à estrutura do poema, é possível observar que é composto por cinco estrofes de oito versos eneassílabos, com esquema rímico ABCBDEED, uma espécie de quadrão de temática lírica, em primeira pessoa. O texto sugere o que, segundo Slater (1982), seria uma espécie de contrato subjacente envolvendo um homem e uma mulher de *status* social mais ou menos igual, comprometidos com uma troca emocional. No poema, esse “contrato” se dá a partir da reciprocidade de sentimentos e da lealdade / fidelidade dos amantes um ao outro, e é celebrado sob a égide das bênçãos divinas. Aqui, é a amada que define a realidade do eu lírico, uma vez que dela dependia a sobrevivência deste, que sucumbiria sem a “amizade” do ente amado.

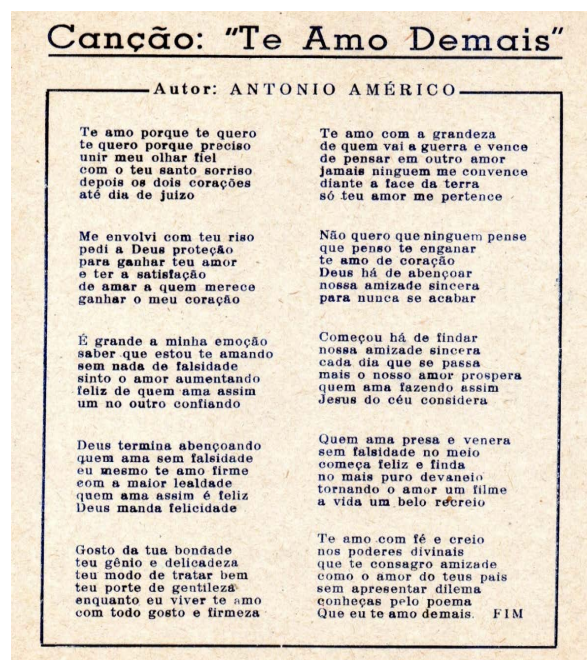
Só queria saber de onde vem
esta força de amor e paixão
que chegou de você para mim
dominando o meu coração
esqueci os amores que tinha
já não vejo outro ser neste mundo
não esqueço você um segundo
que parece ser loucura minha.

Jamais outro ser me acarinha
com amor ninguém mais me domina
de amor só preciso do seu
sem você minha vida termina

se morresse a nossa amizade
eu morria também de tristeza
porém quanto a nossa grandeza
legalmente não há falsidade.

Você fez eu criar lealdade
e leal pra você vou ao fim
por Jesus eu sou seu toda vida
já lhe chamo de meu querubim
nesta letra que fiz no papel
com amor simpatia e paixão
lhe dedico a minha canção
puramente de amor fiel. F I M

Figura – Canção Te amo demais



Fonte: Acervo da autora

Canção: "TE AMO DEMAIS"³⁹

AUTOR: ANTONIO AMÉRICO

Te amo porque te quero
te quero porque preciso
unir meu olhar fiel
com o teu santo sorriso
depois os dois corações
até dia de juízo

Me envolvi com teu riso
pedi a Deus proteção
para ganhar teu amor
e ter a satisfação
de amar a quem merece
ganhar o meu coração

É grande a minha emoção
saber que estou te amando
sem nada de falsidade
sinto o amor aumentando
feliz de quem ama assim
um no outro confiando

Deus termina abençoando
quem ama sem falsidade
eu mesmo te amo firme
com a maior lealdade
quem ama assim é feliz
Deus manda felicidade

Gosto da tua bondade
teu gênio e delicadeza
teu modo de tratar bem
teu porte de gentileza
enquanto eu viver te amo
com todo gosto e firmeza

Te amo com a grandeza
de quem vai a guerra e vence
de pensar em outro amor
jamais ninguém me convence
diante a face da terra
só teu amor me pertence

39 A canção, assim como as demais, traz, em sua impressão, o registro do autor, embora não faça referência à data de publicação e nem à tipografia ou gráfica responsável pela impressão. De temática lírica e centrada na primeira pessoa, a composição é uma eloquente declaração de amor, na qual o eu lírico também conta com a bênção divina para a credibilidade de seus sentimentos diante do ser amado. Estruturalmente, o poema é composto por dez estrofes, sendo nove de seis versos (sextilhas), em heptassílabos, com esquema rímico ABCBDB, uma estrutura mais próxima daquela utilizada pelo folheto, e a última, composta de sete versos (septilha ou sete linhas) também heptassílabos, com esquema rímico ABCB-DDB, em que o segundo, quarto e o sétimo verso rimam entre si e o quinto e o sexto têm uma segunda rima entre si. Observemos ainda que o poeta, no final de cada estrofe e no início da seguinte, utiliza-se do recurso do *leixa-pren* (deixa – prende), comum às sextilhas usadas pelos poetas repentistas.

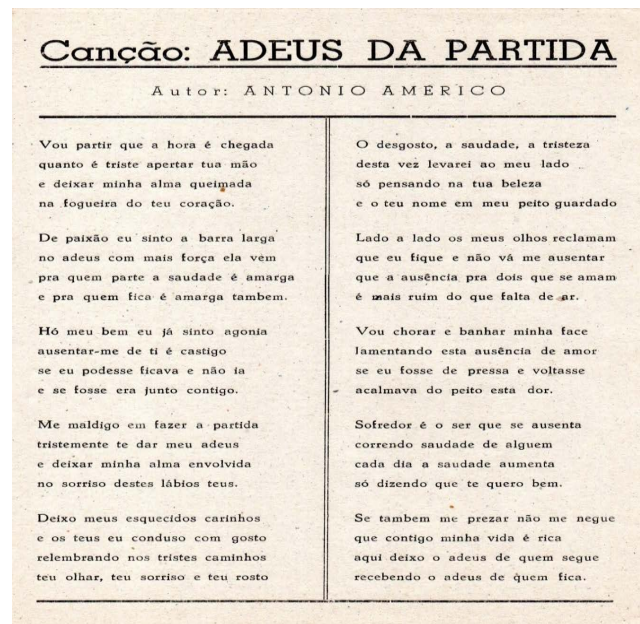
Não quero que ninguém pense
que penso te enganar
te amo de coração
Deus há de abençoar
nossa amizade sincera
para nunca se acabar

Começou há de findar
nossa amizade sincera
cada dia que se passa
mais o nosso amor prospera
quem ama fazendo assim
Jesus do céu considera

Quem ama presa e venera
sem falsidade no meio
começa feliz e finda
no mais puro devaneio
tornando o amor um filme
a vida um belo recreio

Te amo com fé e creio
nos poderes divinais
que te consagro amizade
como o amor do teus pais
sem apresentar dilema
conheças pelo poema
Que eu te amo demais. F I M

Figura – Canção : Adeus da partida



Fonte: Acervo da autora

Canção: ADEUS DA PARTIDA⁴⁰

AUTOR: ANTONIO AMÉRICO

Vou partir que a hora é chegada
quanto é triste apertar tua mão
e deixar minha alma queimada
na fogueira do teu coração.

De paixão eu sinto a barra larga
no adeus com mais força ela vem
pra quem parte a saudade é amarga
e pra quem fica é amarga também.

Hó meu bem eu já sinto agonia
ausentar-me de ti é castigo
se eu pudesse ficava e não ia
e se fosse era junto contigo.

Me maldigo em fazer a partida
tristemente te dar meu adeus
e deixar minha alma envolvida
no sorriso destes lábios teus.

Deixo meus esquecidos carinhos
e os teus eu conduzo com gosto
relembrando nos tristes caminhos
teu olhar, teu sorriso e teu rosto

O desgosto, a saudade, a tristeza
desta vez levarei ao meu lado
só pensando na tua beleza
e o teu nome em meu peito guardado

Lado a lado os meus olhos reclamam
que eu fique e não vá me ausentar
que a ausência pra dois que se amam
é mais ruim que falta de ar.

Vou chorar e banhar minha face
lamentando esta ausência de amor
se eu fosse de pressa e voltasse
acalmava do peito esta dor.

40 Essa canção, também de temática amorosa, é escrita em primeira pessoa e se traduz em um canto de lamento lírico dedicado à saudade e à dor da separação. Aqui, algum acontecimento do mundo exterior força a separação dos amantes e, diante do que está posto, o eu lírico se mostra impotente. Os seus versos cantam um sofrimento intenso como forma de impressionar a amada que fica através da construção de imagens hiperbólicas. A canção é escrita em quadras, modalidade poética considerada pelos repentistas como uma composição simples e, embora tenha sido cultivada inicialmente pelos poetas populares, sendo, mais tarde, substituída pela sextilha, ela ainda é bastante utilizada pelos mesmos. Comumente, é composta por versos de sete sílabas, mas, aqui, o poeta escolheu os versos de nove sílabas e o esquema rímico ABAB.

Sofredor é o ser que se ausenta
correndo saudade de alguém
cada dia a saudade aumenta
só dizendo que te quero bem.

Se também me prezar não me negue
que contigo minha vida é rica
aqui deixo o adeus de quem segue
recebendo o adeus de quem fica.

Figura – Casinha de amor



Fonte: Acervo da autora

CASINHA DE AMOR⁴¹

AUTOR: ANTONIO AMÉRICO

Uma casinha de amor
eu terminei de fazer

está pronta do piso a chave
para lhe oferecer

41 Composição de temática lírica, mas, ao contrário das demais, esta não identifica o gênero a que pertence, ou seja, se canção ou poema. Considerando-se o tema e a estrutura

você recebendo eu fico
todo cheio de prazer

O chão é de simpatia
as paredes de bondade
as telhas de gratidão
o piso de lealdade
as madeiras de carinho
o forro de amizade

As portas dum olhar puro
as tintas dum riso doce
a luz fina da paixão
em toda casa instalou-se
a chave é meu coração
que agora apaixonou-se

De gestos bem amorosos
são todos seus azulejos
o mozaico é transparente
na côr firme dos desejos
e todos móveis comprados
na fabricação dos beijos

Já tem água saneada
a mais doce do paiz
da fonte do coração
de quem ama e é feliz
um banheiro perfumado
que só há dêle em Paris

Cada sala com seus móveis
e cada quarto também
todos atualizados
quem olha se sente bem
se você não tomar conta
nela não entra ninguém

Uma cozinha moderna
com todos materiais
de fazer todas comidas
além das nacionais
tem os livros que ensinam
as internacionais

Sanitários e banheiros
cada qual com duas pias

adotados pelo poeta, vamos incluí-la entre as composições do gênero canção, pois, assim como a canção *Te amo demais*, ela é composta de dez estrofes, sendo nove de seis versos (sextilhas), em heptassílabos, com esquema rímico ABCBDB, e a última é composta de sete versos (septilha ou sete linhas) também heptassílabos, com esquema rímico ABCBDD. O cenário, cuidadosa e imaginariamente construído e oferecido ao ser amado como recanto para a vivência amorosa, sugere uma espécie de *locus amoenus*, de terra de “São Saruê”, que revela ao leitor / ouvinte, em um primeiro momento, uma “casa” cuja parte estrutural estava erguida a partir de paredes de bondade, piso de lealdade, madeiras de carinho, forro de amizade”, entre outros sentimentos considerados nobres. Em um segundo momento, encontramos a descrição do interior desse lugar elaborado a partir de elementos mais ligados ao contexto de um lar, mas, ainda assim, elevados a um plano idealizado, se considerarmos o contexto da época.

o muro cheio de plantas
com cinco lavanderias
bem no centro uma piscina
orgulho dos nossos dias

Tem ar condicionado
no nosso apartamento
bonita biblioteca
de novo conhecimento
o melhor televisor
que existe no momento

Na frente tem um jardim
o mais lindo do setor
meu nome escrito na porta
dizendo eu fui o autor
terminada a construção
receba de coração
minha casinha de amor
»FIM»

Figura – Canção: Mensagem à Mamãe

CANCÃO: Mensagem à Mamãe
Autor: ANTONIO AMÉRICO

Maria mãe de Jesus
rainha de todos seres
a protetora das mães
dona de todos poderes
com o poder da Senhora
quero dedicar agora
uma mensagem sagrada
a minha mamãe querida
vida que me deu a vida
e nunca me negou nada

Mamãe que sofreu por mim
fez tudo e está fazendo
sou feliz porque conheço
que tudo estou lhe devendo
sem nada poder pagar
vou apenas dedicar
este poema inspirado
de um filho conhecedor
mensagem de puro amor
pelo seu dia sagrado

Porque sempre todo ano
perto do dia das mães
vou a rádio dedicar
poemas tôdas manhãs
homenagiando a minha
mamãe querida rainha
além de belas canções
ofereço melodias
a ela todos os dias
de dez a mais gravações

Dia das mães bem cedinho
naquela data feliz
convido a nossa morada
o vigário da matriz
como costume da raça
celebra em ação de graça
uma missa em nossa casa
pra mamãe meu querubim
que o filho que faz assim
Deus ajuda e não se atrasa

Depois do dia das mães
vem o seu aniversário
considero o maior dia
entre todo calendário
como filho eu faço planos
mamãe completando anos
o que devo oferecer
mensagem presente e prece
dia que mamãe merece
tudo de mim receber

Oferto um jarro com flores
um bôlo bem preparado
já tenho pra este dia
um vestido encomendado
um par de sapato lindo
entrego tudo sorrindo
a mamãe do coração
presente, rádio e jornal
com reportagem em geral
até pra televisão

quem tem mãe está feliz
mãe é mais que uma escrava
todo amor de mãe é doce
a um filho nunca agrava
sabe lhe compreender
faz tudo pra defender
quando está fora do trilha
ter mamãe é coisa boa
que é a única pessoa
que morre pelo seu filho

Enquanto mamãe for viva
e eu f r vivo tambem
meu dever é agradar
a quem só me faz o bem
amor de mãe não se paga
mas, filho bom propaga
seu valor toda segundo
aqui termino a mensagem
a mais completa homenagem
que lhe presto neste mundo «FIM»

Fonte: Acervo da autora

Canção: MENSAGEM À MAMÃE⁴²

AUTOR: ANTONIO AMÉRICO

Maria Mãe de Jesus
rainha de todos seres
a protetora das mães
dona de todos poderes
com o poder da Senhora
quero dedicar agora
uma mensagem sagrada
a minha mamãe querida
vida que me deu a vida
e nunca me negou nada

Mamãe que sofreu por mim
fez tudo e está fazendo
sou feliz porque conheço
que tudo estou lhe devendo
sem nada poder pagar
vou apenas dedicar
este poema inspirado
de um filho conhecedor
mensagem de puro amor
pelo seu dia sagrado

Porque sempre todo ano
perto do dia das mães
vou a rádio dedicar

poemas tôdas manhãs
homenagiando a minha
mamãe querida rainha
além de belas canções
ofereço melodias
a ela todos os dias
de dez a mais gravações

Dia das mães bem cedinho
naquela data feliz
convido a nossa morada
o vigário da matriz
como costume da raça
celebra em ação de graça
uma missa em nossa casa
pra mamãe meu querubim
que o filho que faz assim
Deus ajuda e não se atrasa

Depois do dia das mães
vem o seu aniversário
considero o maior dia
entre todo calendário
como filho eu faço planos
mamãe completando anos

42 Esta canção apresenta outro tema frequentemente utilizado por esse gênero, a menção à figura materna. Esta é motivo para a referência à religiosidade, tão comum ao homem do sertão, e para uma elaboração de versos permeados pelo sentimento de gratidão e de exaltação dessa figura, que é o destinatário da “mais completa homenagem” que pode ser elaborada pelo poeta. De acordo com Slater (1982), tematicamente, essas composições estariam próximas das canções de amor. Estruturalmente, é escrita em oito décimas, com versos de sete sílabas e esquema rímico ABCBDEFFFE.

o que devo oferecer
mensagem presente e prece
dia que mamãe merece
tudo de mim receber

Oferto um jarro com flôres
um bôlo bem preparado
já tenho pra este dia
um vestido encomendado
um par de sapato lindo
entrego tudo sorrindo
a mamãe do coração
presente, rádio e jornal
com reportagem em geral
até pra televisão

quem tem mãe está feliz
mãe é mais que uma escrava
todo amor de mãe é doce

a um filho nunca agrava
sabe lhe compreender
faz tudo pra defender
quando está fora do trilho
ter mamãe é coisa bôa
que é a única pessoa
que morre pelo seu filho

Enquanto mamãe for viva
e eu for vivo também
meu dever é agradar
a quem só me faz o bem
amor de mãe não se paga
mas, filho bom propaga
seu valor todo segundo
aqui termino a mensagem
a mais completa homenagem
que lhe presto neste mundo
«FIM»

VAQUEIRO FELIZ⁴³

AUTOR: ANTÔNIO AMÉRICO

Aboiei para um vaqueiro
que vinha da exposição
de Juazeiro do Norte
do padre Cícero Romão
comandando os animais
no lugar de seu patrão

Seis carretas carregadas
com mais de cem animais
bons e selecionados
de raças especiais
da fazenda Bela Vista
do Dr. Paulo Moraes

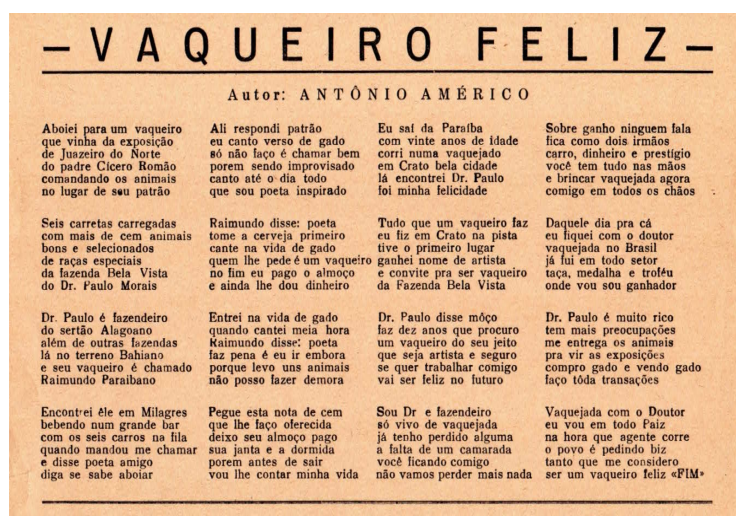
Dr. Paulo é fazendeiro
do sertão Alagoano
além de outras fazendas

lá no terreno Bahiano
e seu vaqueiro é chamado
Raimundo Paraibano

Encontrei êle em Milagres
bebendo num grande bar
com os seis carros na fila
quando mandou me chamar
e disse poeta amigo
diga se sabe aboiar

Ali respondi patrão
eu canto verso de gado
só não faço é chamar bem
porem sendo improvisado
canto até o dia todo
que sou poeta inspirado

Figura – Vaqueiro feliz



Fonte: Acervo da autora

43 A composição poética *Vaqueiro feliz*, apesar de não apresentar nenhuma indicação de classificação quanto ao gênero a que pertence, aqui será entendida como uma canção e, assim como muitas outras pertencentes ao nosso cancionário popular, tem como temas o vaqueiro e a vaquejada. Citaremos como comuns a esse tipo de canção os seguintes aspectos: a figura do vaqueiro necessariamente não precisa ser alguém real, sendo, em sua maioria, fruto da imaginação do poeta; os fatos são apresentados na forma de uma narrativa sequenciada por um narrador que exalta o poeta que sabe improvisar e o vaqueiro, numa espécie de encontro perfeito entre esses dois personagens da cultura nordestina. Aqui, diferente de outras composições do mesmo gênero dedicadas a essa temática, não é a figura do vaqueiro que narra os fatos, mas o poeta que reproduz até mesmo a fala do vaqueiro. Em suas palavras, está a celebração dos prazeres da vida de ser vaqueiro: a poesia de improviso, o aboiar, e a vaquejada. Na referência à figura do patrão, dono da fazenda onde exerce a atividade de vaqueiro, como um parceiro, está a ideia de que aquele que prova seu valor consegue o seu lugar no mundo e a felicidade em ser vaqueiro. Estruturalmente, a canção é composta por dezesseis estrofes de seis versos (sextilhas) de sete sílabas e esquema rímico ABCBDB.

Raimundo disse: poeta
tome a cerveja primeiro
cante na vida de gado
quem lhe pede é um vaqueiro
no fim eu pago o almoço
e ainda lhe dou dinheiro

Entrei na vida de gado
quando cantei meia hora
Raimundo disse: poeta
faz pena é eu ir embora
porque levo uns animais
não posso fazer demora

Pegue esta nota de cem
que lhe faço oferecida
deixo seu almoço pago
sua janta e a dormida
porem antes de sair
vou lhe contar minha vida

Eu saí da Paraíba
com vinte anos de idade
corri numa vaquejada
em Crato bela cidade
lá encontrei Dr. Paulo
foi minha felicidade

Tudo que um vaqueiro faz
eu fiz em Crato na pista
tive o primeiro lugar

ganhei nome de artista
e convite pra ser vaqueiro
da Fazenda Bela Vista

Dr. Paulo disse môço
faz dez anos que procuro
um vaqueiro do seu jeito
que seja artista e seguro
se quer trabalhar comigo
vai ser feliz no futuro

Sou Dr e fazendeiro
só vivo de vaquejada
já tenho perdido alguma
a falta de um camarada
você ficando comigo
não vamos perder mais nada

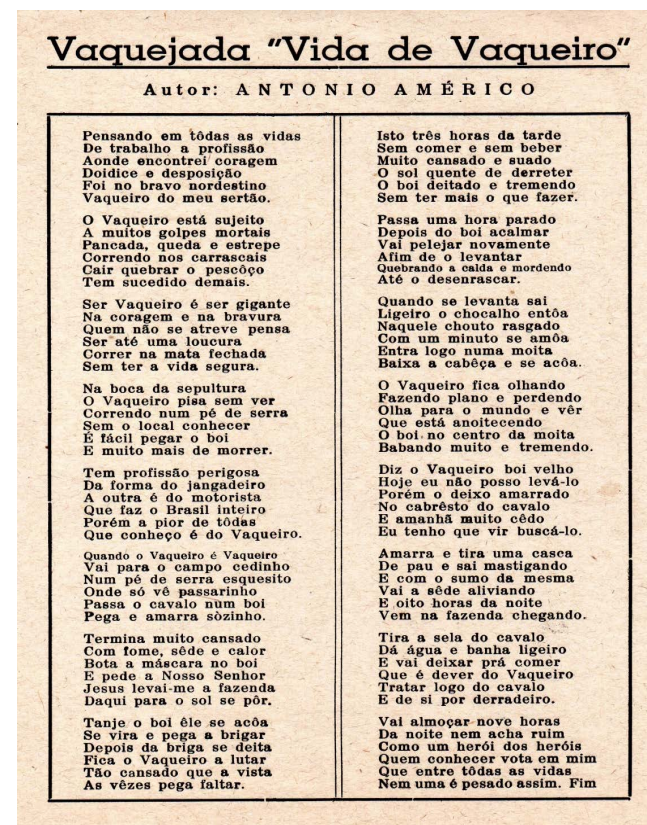
Sobre ganho ninguem fala
fica como dois irmãos
carro, dinheiro e prestígio
você tem tudo nas mãos
e brincar vaquejada agora
comigo em todos os chãos

Daquele dia pra cá
eu fiquei com o doutor
vaquejada no Brasil
já fui em todo setor
taça, medalha e troféu
onde vou sou ganhador

Dr. Paulo é muito rico
tem mais preocupações
me entrega os animais
pra vir as exposições
compro gado e vendo gado
faço tôda transações

Vaquejada com o Doutor
eu vou em todo Paiz
na hora que agente corre
o povo é pedindo biz
tanto que me considero
ser um vaqueiro feliz «FIM»

Figura – Vaquejada “Vida de vaqueiro”



Fonte: Acervo da autora

VAQUEJADA “VIDA DE VAQUEIRO”⁴⁴

AUTOR: ANTONIO AMÉRICO

Pensando em tôdas as vidas De trabalho a profissão Aonde encontrei coragem Doidice e desposição Foi no bravo nordestino Vaqueiro do meu sertão.	Sem o local conhecer É fácil pegar o boi E muito mais de morrer. Tem profissão perigosa Da forma do jangadeiro A outra é do motorista Que faz o Brasil inteiro Porém a pior de tôdas Que conheço é do Vaqueiro.
O Vaqueiro está sujeito A muitos golpes mortais Pancada, queda e estrepe Correndo nos carrascals Cair quebrar o pescôço Tem secedido demais.	Quando o Vaqueiro é Vaqueiro Vai para o campo cedinho Num pé de serra esquesito Onde só se vê passarinho Passa o cavalo num boi Pega e amarra sozinho.
Ser Vaqueiro é ser gigante Na coragem e na bravura Quem não se atreve pensa Ser até uma loucura Correr na mata fechada Sem ter a vida segura.	Termina muito cansado Com fome, sêde e calor Bota a máscara no boi E pede a Nosso Senhor Jesus levai-me a fazenda Daqui para o sol se pôr.
Na boca da sepultura O Vaqueiro pisa sem ver Correndo num pé de serra	

⁴⁴ Da mesma forma, também aqui consideraremos também a composição poética *Vaquejada “Vida de vaqueiro”* como pertencente ao gênero canção. Toda a canção é um canto de exaltação à figura do vaqueiro do sertão, sua luta diária, os perigos e as adversidades enfrentadas, o seu cansaço, a sua fé. A canção é composta por dezesseis estrofes de seis versos (sextilhas) de sete sílabas e esquema rímico ABCBDB.

Tanje o boi êle se acôa
Se vira e pega a brigar
Depois da briga se deita
Fica o Vaqueiro a lutar
Tão cansado que a vista
As vêzes pega a faltar.

Isto três horas da tarde
Sem comer e sem beber
Muito cansado e suado
O sol quente de derreter
O boi deitado e tremendo
Sem ter mais o que fazer.

Passa uma hora parado
Depois do boi acalmar
Vai pelear novamente
Afim de o levantar
Quebrando a calda e mordendo
Até o desenrascar.

Quando se levanta sai
Ligeiro o chocalho entôa
Naquele chouto rasgado
Com um minuto se amôa
Entra logo numa moita
Baixa a cabeça e se acôa.

O Vaqueiro fica olhando
Fazendo plano e perdendo
Olha para o mundo e vê

Que está anoitecendo
O boi no centro da moita
Babando muito e tremendo.

Diz o Vaqueiro boi velho
Hoje eu não posso levá-lo
Porém o deixo amarrado
No cabrêsto do cavalo
E amanhã muito cêdo
Eu tenho que vir buscá-lo.

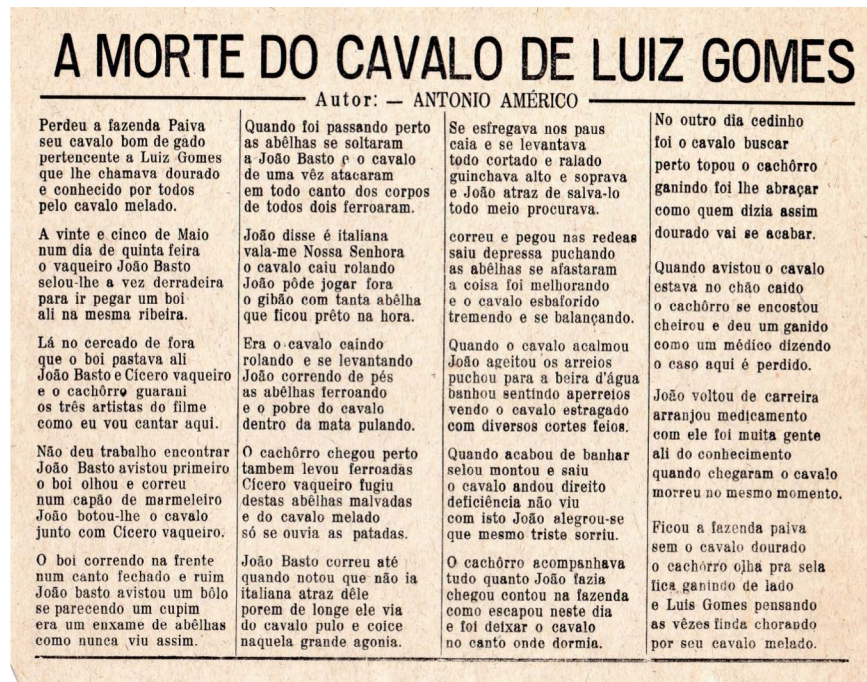
Amarra e tira uma casca
De pau e sai mastigando
E com o sumo da mesma
Vai a sêde aliviando
E oito horas da noite
Vem na fazenda chegando.

Tira a cela do cavalo
Dá água e banha ligeiro
E vai deixar prá comer
Que é dever do Vaqueiro
Tratar logo do cavalo
E de si por derradeiro.

Vai almoçar nove horas
Da noite nem acha ruim
Como um herói dos heróis
Quem conhecer vota em mim
Que entre tôdas as vidas
Nem uma é pesado assim.

FIM

Figura – A morte do cavalo de Luiz Gomes



Fonte: Acervo da autora

A MORTE DO CAVALO DE LUIZ GOMES⁴⁵

AUTOR: ANTONIO AMÉRICO

Perdeu a fazenda Paiva seu cavalo bom de gado pertencente a Luiz Gomes que lhe chamava dourado e conhecido por todos pelo cavalo melado.

45 Em *A morte do cavalo de Luiz Gomes*, encontraremos uma temática comum ao gênero canção. A narrativa poética evoca a figura do vaqueiro para contar sobre o fim de um “cavalo bom de gado” da fazenda Paiva. Essa temática, também comum aos folhetos de cordel, aproxima-se do que Diégues Júnior (2012) chama de “estórias de animais”, ligadas aos temas tradicionais do romanceiro. Destaquemos que, entre as histórias mais tradicionais do Nordeste brasileiro, estão aquelas que têm como protagonistas um vaqueiro e seu valoroso cavalo. De acordo com Diégues Júnior (2012, p. 81), não raramente, esses animais são mais

A vinte e cinco de Maio num dia de quinta feira o vaqueiro João Basto selou-lhe a vez derradeira para ir pegar um boi ali na mesma ribeira.

Lá no cercado de fora que o boi pastava ali João Basto e Cícero vaqueiro e o cachorro guarani os três artistas do filme como eu vou cantar aqui.

Não deu trabalho encontrar João Basto avistou primeiro o boi olhou e correu

num capão de marmeleiro João botou-lhe o cavalo junto com Cícero vaqueiro.

O boi correndo na frente num canto fechado e ruim João Basto avistou um bôlo se parecendo um cupim era um enxame de abêlhas como nunca viu assim.

Quando foi passando perto as abêlhas se soltaram a João Basto e o cavalo de uma vêz atacaram em todo canto dos corpos de todos dois ferroaram.

prestigiados que “outros homens”. Ainda de acordo com o referido autor, há uma “inevitável consagração ao boi ou ao cavalo”, traduzida nos folhetos populares. Geralmente, essas narrativas nos contam sobre perigosas perseguições a um boi no tabuleiro do sertão, onde o vaqueiro destemido e o seu cavalo provam o seu valor na captura do animal em fuga. Nessa composição do poeta Antônio Américo, o ouvinte / leitor acompanha descritivamente a sequência dos acontecimentos que culminam com a morte do valoroso animal, já anunciada no título. Aqui, o foco não é a perseguição a um boi valente no meio da caatinga e sim sobre a luta do animal e do vaqueiro para escapar das agruras da natureza da qual eles também são parte. Encerrada a luta, o cavalo, mesmo ferido, cumpre, pela última vez, com o seu dever, regressa à fazenda com o seu companheiro, que, mais uma vez, sobrevive ao meio como parte de seu ofício. A última estrofe encerra quase um lamento, no qual até mesmo o cachorro sente a ausência do cavalo, assim como o dono da fazenda, que “finda chorando” ao pensar em seu “cavalo melado”. Observemos aqui que a tristeza do vaqueiro pela perda de seu companheiro é esquecida pelo narrador, afinal ele não era o “dono” do animal, mais um detalhe da vida prática das fazendas do sertão. A canção é composta por dezenove estrofes, sendo dezoito de seis versos (sextilhas) heptassílabos, com esquema rímico ABCBDB, e a última é composta de sete versos (septilha) também heptassílabos, com esquema rímico ABCBDB.

João disse é italiana
vala-me Nossa Senhora
o cavalo caiu rolando
João pôde jogar fora
o gibão com tanta abêlha
que ficou prêto na hora.

Era o cavalo caindo
rolando e se levantando
João correndo de pés
as abêlhas ferroando
e o pobre do cavalo
dentro da mata pulando.

O cachôrrro chegou perto
tambem levou ferroadas
Cícero vaqueiro fugiu
destas abêlhas malvadas
e do cavalo melado
só se ouvia as patadas.

João Basto correu até
quando notou que não ia
italiana atrás dêle
porem de longe ele via
do cavalo pulo e coice
naquela grande agonia.

Se esfregava nos paus
caía e se levantava
todo cortado e ralado
guinchava alto e soprava
e João atraz de salva-lo
todo meio procurava.

correu e pegou nas redeas
saiu depressa puchando
as abêlhas se afastaram
a coisa foi melhorando
e o cavalo esbaforido
tremendo e se balançando.

Quando o cavalo acalmou
João ageitou os arreios
puchou para a beira d'água
banhou sentindo aperreios
vendo o cavalo estragado
com diversos cortes feios.

Quando acabou de banhar
selou montou e saiu
o cavalo andou direito
deficiência não viu
com isto João alegrou-se
que mesmo triste sorriu.

O cachôrrro acompanhava
tudo quanto João fazia
chegou contou na fazenda
como escapou neste dia
e foi deixar o cavalo
no canto onde dormia.

No outro dia cedinho
foi o cavalo buscar
perto topou o cachôrrro
ganindo foi lhe abraçar
como quem dizia assim
dourado vai se acabar.

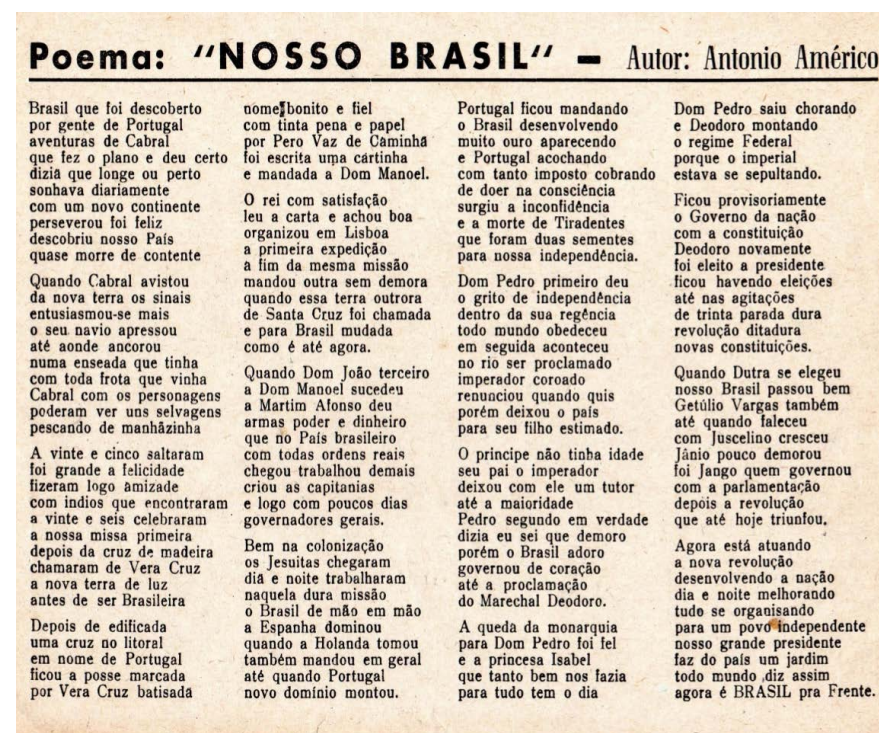
Quando avistou o cavalo
estava no chão caído
o cachôrrro se encostou
cheirou e deu um ganido
como um médico dizendo
o caso aqui é perdido.

João voltou de carreira
arranjou medicamento
com ele foi muita gente
ali do conhecimento

quando chegaram o cavalo
morreu no mesmo momento.

Ficou a fazenda paiva
sem o cavalo dourado
o cachôrrro olha pra sela
fica ganindo de lado
e Luiz Gomes pensando
as vêzes finda chorando
por seu cavalo melado.

Figura – Poema: “Nosso Brasil”



Fonte: Acervo da autora

Poema: “NOSSO BRASIL”⁴⁶

AUTOR: ANTONIO AMÉRICO

Brasil que foi descoberto
por gente de Portugal
aventuras de Cabral
que fez o plano e deu certo
dizia que longe ou perto
sonhava diariamente
com um novo continente
perseverou foi feliz
descobriu nosso País
quase morre de contente

Quando Cabral avistou
da nova terra os sinais
entusiasmou-se mais
o seu navio apressou
até aonde ancorou
numa enseada que tinha
com toda frota que vinha
Cabral com os personagens
poderam ver uns selvagens
pescando de manhãzinha

A vinte e cinco saltaram
foi grande a felicidade
fizeram logo amizade

com índios que encontraram
a vinte e seis celebraram
a nossa missa primeira
depois da cruz de madeira
chamaram de Vera Cruz
a nova terra de luz
antes de ser Brasileira

Depois de edificada
uma cruz no litoral
em nome de Portugal
ficou a posse marcada
por Vera Cruz batisada
nome bonito e fiel
com tinta pena e papel
por Pero Vaz de Caminha
foi escrita uma cartinha
e mandada a Dom Manoel.

O rei com satisfação
leu a carta e achou boa
organizou em Lisboa
a primeira expedição
a fim da mesma missão
mandou outra sem demora

46 O poema *Nosso Brasil* apresenta, na sequência das estrofes, uma narrativa resumida e quase “romantizada” dos principais momentos da história de nosso país, desde o descobrimento, narrado nas estrofes iniciais, até a ditadura que antecedeu o processo de redemocratização do país, em meados da década de oitenta. Identificada como pertencente ao gênero poema, a composição é estruturada em catorze décimas de sete sílabas e esquema rímico ABBCDDEED.

quando essa terra outrora
de Santa Cruz foi chamada
e para Brasil mudada
como é até agora.

Quando Dom João terceiro
a Dom Manoel sucedeu
a Martim Afonso deu
armas poder e dinheiro
que no País brasileiro
com todas ordens reais
chegou trabalhou demais
criou as capitânias
e logo com poucos dias
governadores gerais.

Bem na colonização
os Jesuítas chegaram
dia e noite trabalharam
naquela dura missão
o Brasil de mão em mão
a Espanha dominou
quando a Holanda tomou
também mandou em geral
até quando Portugal
novo domínio montou.

Portugal ficou mandando
o Brasil desenvolvendo
muito ouro aparecendo
e Portugal acochando
com tanto imposto cobrando
de doer na consciência
surgiu a inconfidência

e a morte de Tiradentes
que foram duas sementes
para nossa independência.

Dom Pedro primeiro deu
o grito de independência
dentro da sua regência
todo mundo obedeceu
em seguida aconteceu
no rio ser proclamado
imperador coroado
renunciou quando quis
porém deixou o país
para seu filho estimado.

O príncipe não tinha idade
seu pai o imperador
deixou com ele um tutor
até a maioridade
Pedro segundo em verdade
dizia eu sei que demoro
porém o Brasil adoro
governou de coração
até a proclamação
do Marechal Deodoro.

A queda da monarquia
para Dom Pedro foi fel
e a princesa Isabel
que tanto bem nos fazia
para tudo tem o dia
Dom Pedro saiu chorando
e Deodoro montando
o regime Federal

porque o imperial
estava se sepultando.

Ficou provisoriamente
o Governo da nação
com a constituição
Deodoro novamente
foi eleito a presidente
ficou havendo eleições
até nas agitações
de trinta parada dura
revolução ditadura
novas constituições.

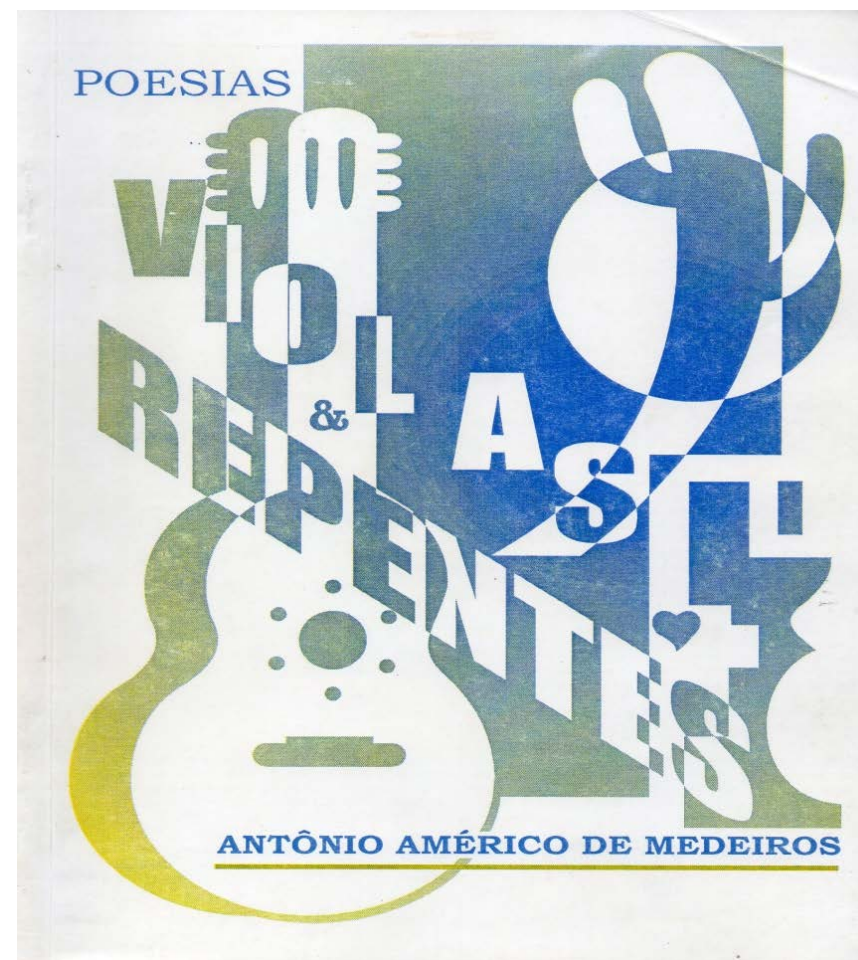
Quando Dutra se elegeu
nosso Brasil passou bem
Getúlio Vargas também
até quando faleceu

com Juscelino cresceu
Jânio pouco demorou
foi Jango quem governou
com a parlamentação
depois a revolução
que até hoje triunfou.

A gora está atuando
a nova revolução
desenvolvendo a nação
dia e noite melhorando
tudo se organizando
para um povo independente
nosso grande presidente
faz do país um jardim
todo mundo diz assim
agora é BRASIL pra Frente.

Da folha avulsa ao livro: *Poesias, violas e repentis*

Figura – Capa do livro *Poesias, violas e repentis*



Fonte: Acervo da autora

O livro *Poesias, violas e repentis*, de Antônio Américo, foi impresso em uma gráfica da região, no final da década de noventa. Foi o seu pri-

meiro livro publicado. A impressão deste foi um presente das filhas para o pai poeta. O texto é composto, inicialmente, por uma breve biografia do autor, seguida de uma dedicatória poética à família e aos leitores:

O meu livro é dedicado,
a minha esposa querida,
e as três filhas que tenho
grandeza da minha vida,
para quem gosta de ler,
pesquisar e entender,
encontra a forma completa,
de poesia e cultura,
crescendo a literatura,
vendo o valor do poeta.

O prefácio, também escrito em versos, foi assinado pelo historiador José Romildo de Sousa. O texto consta de doze estrofes (sextilhas) que contam sobre a vida do poeta e sobre suas composições.

A primeira parte do livro é composta por vinte e seis poemas que versam, principalmente, sobre as datas comemorativas do ano, constando, entre estes, um poema dedicado à memória do Presidente Tancredo Neves. A segunda parte do livro traz o folheto de cordel *Patos do Major Miguel*,⁴⁷ e a terceira parte consta de uma coletânea de sextilhas, cantadas de improviso e recolhidas pelo poeta, em sua maioria, através de gravações de cantorias.

Os poemas que compõem a primeira parte estão estruturados com versos heptassílabos, variando a estrutura das estrofes em décimas

47 Este folheto será apresentado em outro capítulo, junto aos demais folhetos escritos pelo poeta.

e oitavas e diversificando também o número de estrofes e o esquema rímico.

O primeiro poema do livro, “Dia de ano”, assim como os poemas “Carnaval”, “Mês de Maio”, “Dia dos Finados”, “O Dia dos bandeirantes” e “Bandeira Nacional”⁴⁸, é composto por oito estrofes em décimas, com versos de sete sílabas (heptassílabos) e com rimas dispostas conforme o esquema rímico ABABCCDEED. Tematicamente, os poemas contam sobre, além do significado das datas cantadas pelo poeta, o sentimento religioso comum ao sertanejo que se prepara para mais um ano; os excessos cometidos pelos foliões durante o carnaval, com uma postura diferenciada daqueles que cantam as belezas dessa festa pagã, enquanto manifestação popular; a referência às comemorações que o mês de maio abriga, desde a dedicação à figura religiosa de Maria e às novenas marianas, à aparição de Fátima, ao Dia das Mães, dia da Cavalaria, da Fraternidade, da Santíssima Trindade, do Trabalhador rural, entre outras datas desse mês. O poeta encerra seu canto falando sobre as belezas da natureza sertaneja comuns ao mês de maio, quando “As chuvas de pingo em pingo / afinam pelas manhãs”. No poema sobre o Dia de Finados, encontraremos um descrição dos rituais religiosos comuns a essa data em nossa região. Em “O Dia dos bandeirantes”, está a exaltação à figura do bandeirante e suas expedições desbravadoras no princípio de nossa história e, em “Bandeira Nacional”, além de breve descrição acerca desse símbolo nacional, também encontraremos a ideia de exaltação à Bandeira como símbolo de grandeza da “terra brasileira”.

“Saudosa memória do Presidente Tancredo Neves” é um poema composto por vinte e três estrofes e, quanto à sua estruturação, foi elaborado com versos redondilhos maiores (heptassílabos), organizado em décimas, valendo-se do esquema de rimas ABCBDDEFFE. Em número de estrofes, é o poema mais extenso entre os demais.

48 Esse poema é apresentado no sumário do livro com o título “Dia da Bandeira”.

Tematicamente, o poema conta a trajetória do político Tancredo Neves, desde o início de sua vida política como vereador a sua eleição para a Presidência da República, e sua morte antes da posse como Presidente eleito.

“Quaresma”, assim como o poema “Dia do Estudante”, foi construído em oito estrofes de oito versos (oitava), todos em heptassílabos e empregou o esquema de rimas ABBCDEEC. Tematicamente, os poemas versam, respectivamente, sobre os rituais religiosos presentes na tradição do período de quaresma em nosso sertão, ensinados de geração para geração, e sobre a figura do estudante no Brasil, enquanto símbolo de luta, força e futuro, pois, de acordo com os versos do poeta, da “classe estudantil” nasceriam os “grandes doutores”, assim como os “políticos brilhantes”.

“Dia de Índio” é um poema composto por doze estrofes de dez versos (décima), com versos heptassílabos e esquema de rimas também em ABCBDDEFFE. Já no início do poema, apresenta-se o tom de denúncia e indignação direcionado aos constantes ataques sofridos pelos índios no mundo, quando o poeta dedica as quatro primeiras estrofes para falar sobre o massacre de quarenta Quichés na Embaixada de Espanha, na Guatemala, no início da década de oitenta, e, no Brasil, quando o poeta faz referência ao gradativo desaparecimento das tribos brasileiras em várias regiões de nosso país e encerra o poema com um pedido de ajuda aos representantes do povo, direcionado aos “pobres índios”, “inocentes”, “iludidos”, “sofridos” e “em resmida quantia”.

“Tiradentes” é um composto por dez estrofes em décimas, com versos de sete sílabas (heptassílabos) e com rimas dispostas conforme o esquema rímico ABABCCDEED.

“Descobrimento do Brasil”, assim como o poema “Dia do professor”, é composto por oito estrofes de dez versos (décima), com versos heptassílabos e esquema de rimas também em ABCBDDEFFE.

“Dia do Trabalho”, assim como o poema “Dia da Pátria”, é composto por dez estrofes de dez versos (décima), com versos heptassílabos e esquema de rimas também em ABCBDDEFFE.

“Dia das Mães”, assim como o poema “Dia da Criança”, é composto por nove estrofes de dez versos (décima), com versos heptassílabos e esquema de rimas também em ABCBDDEFFE.

“Abolição dos Escravos” é um poema composto por vinte estrofes, elaborado com versos heptassílabos, organizado em décimas, valendo-se do esquema de rimas ABCBDDEFFE.

“Mês de Junho” foi construído em dez estrofes de oito versos heptassílabos, apresentando o sistema rímico ABBCDDC, forma que utiliza comumente a parcela ou carretilha, quando esta é composta por oito pés.

“José de Anchieta” foi elaborado em dezoito estrofes de oito versos heptassílabos, apresentando o sistema rímico ABCBDEED.

“Dia dos Namorados”, assim como o poema “Dia dos Pais”, é composto por oito estrofes de dez versos (décima), com versos heptassílabos e esquema de rimas também em ABCBDDEFFE.

“Foclore”, assim como o poema “Natal”, é composto por nove estrofes de dez versos (décima), com versos heptassílabos e esquema de rimas também em ABABCCDEED.

“Dia do soldado” é composto por treze estrofes de dez versos (décima), com versos heptassílabos e esquema de rimas também em ABCBDDEFFE.

“Dia da República” é composto por catorze estrofes de dez versos (décima), com versos heptassílabos e esquema de rimas também em ABCBDDEFFE.

A terceira parte do livro, conforme dito anteriormente, é composta por sextilhas⁴⁹ cantadas de improviso ao som da viola e registradas pelo poeta enquanto parte de uma produção construída ao longo de mais de quatro décadas como repentista. Nas sextilhas a seguir, é possível observarmos, não somente o seguimento da tradição poética comum ao gênero, mas também o confronto, a habilidade poética e a força do desafio de viola e violeiros e a exibição de um repertório de conhecimentos “adaptados” à realidade e à linguagem de quem escuta, conhecimento este construído de muitas formas e através de muitas fontes, inclusive aquele guardado apenas na memória para ser transformado em canto, em poesia para o povo que assiste embevecido ao duelo de mentes e violas. De acordo com Ayala (1988, p. 151), “A perspicácia dos cantadores, sua capacidade de observar detalhes e sua rapidez de pensamento possibilitam-lhes, ainda, captar instantes, incidentes e, na sua boca, tudo vira poesia.”

Enquanto gênero, o repente tem o improviso como uma de suas principais características. As sextilhas aqui apresentadas, recolhidas de cantorias vivenciadas pelo poeta Antônio Américo, foram motivadas pela sugestão de deixas⁵⁰, conforme tradição da cantoria de repente.

49 São sessenta e nove sextilhas dentre as quais as de número onze, vinte e oito e vinte nove, na sequência estabelecida no livro, não constam no documento manuscrito disponível no arquivo do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular.

50 Na sextilha, esse recurso poético consiste na determinação da rima da última palavra, do último verso deixado pelo cantador para que o seu companheiro repita essa rima no primeiro verso de sua estrofe, logo a seguir. A obrigação de começar a sextilha rimando com

Sobrinho (2003) atribui o surgimento da deixa ao poeta Silvino Pirauá Lima. Elas somam um total de sessenta e nove sextilhas, entre as quais apenas duas não são de sua autoria, uma vez que elas aparecem no texto como resposta de outros poetas, José Alves Sobrinho (sextilha de número quarenta e seis no manuscrito) e Josué da Cruz (sextilha de número cinquenta e quatro no manuscrito), aos versos do poeta Antonio Américo.

Ainda sobre as sextilhas, cabe-nos esclarecer que essa terceira parte do livro *Poesias, violas e repentistas*, em quase sua totalidade e com pequenas alterações, faz parte do acervo digital para leitura da cordelteca do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular. O material aqui referido trata-se de um arquivo composto de setenta e duas páginas, ainda na forma de manuscrito⁵¹, que, ao final, traz uma carta do poeta a um amigo que divulgaria o “documentário de versos só de improviso, ao som da viola, com mais 50 repentistas,⁵²” composto de

o último verso deixado pelo parceiro também é conhecida como “pegar na deixa”. Segundo Melo (1998), a deixa determina o improviso, evitando, assim, o uso de textos decorados por parte dos cantadores.

51 Esse arquivo, cedido pelo Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, consta nos anexos.

52 Na realidade, no documento, apenas são citados quarenta e seis repentistas que fizeram parceria com o poeta Antônio Américo, mas lembremos que, na apresentação da décima (poema de número 64, no manuscrito), o poeta afirma que, no evento narrado, fez parte de uma bancada com outros oito poetas, sem identificá-los. Dessa forma, esse fato ratifica a informação que consta na carta. Os poetas identificados por Antônio Américo, no texto do manuscrito, são:

Manoel Fabrício, nome de guerra Asa Branca, natural Fagundes – PB;

Francisco Fabrício de Oliveira, nome de guerra Chico Pedra, natural de Jardim de Piranhas – RN;

Severino Capote, nome de guerra Capotinho, natural de Campina Grande – PB;

Inocêncio Gato, natural de Pau dos Ferros – RN;

Sérgio Alexandre, natural de Pau dos Ferros – RN;

Manoel Calixto, natural de Augusto Severo – RN;

Juvenal Evangelista, natural de Picuí – PB;

Justo Alves de Amorim, natural de Serra Talhada – PE;

Ercílio Pinheiro, natural de Alexandria – RN;

Antônio Mota, natural de Catolé do Rocha – PB;

respostas “puramente de improviso” do poeta às deixas de seus companheiros de cantoria. Na carta, o poeta autoriza ao seu interlocutor “divulgar, distribuir e até publicar em livros, revistas e livretos” as

Josué Alves da Cruz, natural de Serraria – PB;
Júlio Veríssimo, nome de guerra “Patativa”, era natural de Patos – PB;
Estrelinha, natural de Queimadas – PB;
Jorge Viana, nome de guerra “José Batista”, natural de Patos – PB;
José Alves Sobrinho, natural de Picuí – PB;
José Mota Pinheiro, natural de Boa Viagem – CE;
Apolônio Belo, natural de Viçosa – AL;
Manoel Ferreirinha, natural de Queimadas – PB;
Manoel Chudú Sobrinho, natural de Pilar – PB;
Canhôzinho, natural de Taperoá – PB;
João da Silveira, natural de Guarabira – PB;
José Soares do Nascimento, natural de Caruaru – PE;
Alcides Tenório, natural de Afogados de Ingazeira – PE;
Clodomiro Paes, natural de São José do Egito – PE;
Vicente Grangeiro, natural de Mata Grande – AL;
Francisco Evaristo, é natural de Uiraúna – PB;
Sebastião José do Nascimento, natural de Pilar – PB;
Antônio Moreno, natural de Taperoá – PB;
Agostinho Lopes dos Santos, natural de São José do Egito – PE;
Severino Borges da Silva, natural de Timbaúba – PE;
Exedito Sobrinho, natural do Ceará;
Severino Alves, nome de guerra “Severino Severo”, natural de Santa Terezinha – PB;
Manoel Dionísio Filho, natural de Santa Terezinha – PB;
José Barbosa, natural de Santa Luzia – PB;
João Severo de Lima, natural de Patos – PB;
Manoel Basílio de Lima, natural de Patos – PB;
Santino Luiz, natural de Santa Luzia – PB;
Raimundo Arruda Batista, nome de guerra “Arrudinha Batista”, natural de Teixeira – PB;
Fenelon Dantas, natural de São Mamede – PB;
Sebastião Basílio de Lima, natural de Patos – PB;
Geraldo Amâncio Pereira, natural de Cedro – CE;
Pedro Bandeira, natural de São José de Piranhas – PB;
Sebastião Dias, natural de Ouro Branco – RN;
Manoel Francisco Neto, natural de Livramento – PB;
Severino Feitosa, natural de Santa Terezinha – PE;
Biu Donato, natural de Queimadas – PB.

sextilhas enviadas, entretanto solicita uma única coisa: a atribuição de sua autoria aos versos enviados.

Poeticamente, esse documentário é composto por sessenta e sete sextilhas⁵³ e uma décima⁵⁴. A sextilha de número setenta não consta entre as que foram publicadas no livro *Poesias, violas e repentistas*.⁵⁵

Tematicamente, as sextilhas estão voltadas para diversos assuntos comuns ao dia a dia do homem simples do sertão e seguem quase que uma tradição entre os cantadores em seus desafios ao som

53 No documento, duas sextilhas se repetem, conforme veremos a seguir.

54 No texto do manuscrito, a estrofe de número sessenta e quatro não é uma sextilha como as demais estrofes apresentadas. É uma décima e esta corresponde à sexta estrofe do poema *Nosso Brasil*. Aqui, o poeta esclarece que o tema para a estrofe, “governadores gerais”, foi dado por um jornalista, quando ele estava “glosando em Cajazeiras – PB, numa bancada com oito poetas.” (Esclarecemos, aqui, a palavra glosar e seus derivados, constantemente usada pelo poeta, como referência à composições poéticas elaboradas a partir do desenvolvimento de um tema proposto pelo mote.) O poeta conta ainda que, “quando glosaram cinco poetas neste tema” ele foi o sexto a cantar e que, após a sua apresentação, “todos os repentistas aplaudiram e disseram neste tema ninguém glosa mais, Américo já disse tudo”. Consta também a informação de que o verso foi copiado “da fita de um gravador.” Cabe-nos esclarecer também que, tanto no livro quanto no manuscrito, as sextilhas são apresentadas ao leitor e comentadas pelo próprio poeta Antônio Américo.

55 O cantador Juvenal Evangelista, cantando com Antônio Américo, na Rádio Iracema, de Iguatu – CE, deixou a deixa

Quem canta com Juvenal
Precisa fé e coragem

Antonio Américo respondeu com esta linda sextilha que depois foi copiada da fita de um gravador de um rapaz que gravava o número de Juvenal e Américo no programa da Iracema.

Canta o poeta a paisagem
da vida dos passaredos
do sôpro da ventania
nas grimpas dos alvorêdos
das matas silenciosas
de tenebrosos segredos.

da viola. Entre eles, podemos citar a morte, o sertão e sua natureza exuberante, o sentimento e o orgulho de pertencer ao sertão, a seca, a religião e o sentimento de religiosidade do sertanejo, a saudade e o amor, a figura do vaqueiro, a sabedoria humana, enfim, a vida e seus acontecimentos diários. De acordo com Ayala (1988, p. 150), “O repentista deve saber inserir-se na tradição: mantém as normas poéticas – métrica, rima, oração, gêneros, toadas – desenvolve uma temática em parte consagrada – natureza nordestina – mas a criação deve ser individual.” A autora afirma ainda que “A novidade do improviso depende da capacidade do poeta, que reelabora, que repensa o que já é dado. É nisto que consiste seu engenho e arte.”

Destacamos ainda que outro tema bastante comum nas sextilhas do livro é a própria poesia, o poeta e o fazer poético. Centradas em uma abordagem metalinguística estão as estrofes que, a partir da deixa, discorrem sobre a poesia e o poeta repentista, o louvor à figura do poeta, o acontecimento do desafio acirrado entre os cantadores, afinal de acordo com o poeta Ivanildo Vila Nova, “Toda cantoria é disputa. A disputa é a própria cantoria. Sempre a finalidade é cantar mais que o outro.” (AYALA, 1988, p. 148). Nessa disputa, estão presentes artifícios poéticos como o uso de trocadilhos, assim como o confronto marcado pela ridicularização entre os oponentes, presentes na poesia popular desde as cantigas medievais. As sextilhas ainda apresentam ao leitor dos versos aspectos comuns ao fazer poesia no interior do sertão como o fato de o poeta ser pago pelo povo ao término de uma apresentação, aspecto que ratifica, entre outras coisas, o cenário de dificuldades enfrentadas pelo poeta popular para se apresentar para o seu público pelos recantos do sertão.

Poesias violas e repentistas: - Poemas

Dia de ano.

Dia de ano se sabe,
é primeiro de janeiro,
é nesta data que cabe,
do ano o dia primeiro
um ano que terminou,
e outro que começou,
com uma nova esperança,
todo mundo se alimenta,
a outra jornada enfrenta,
com fé, e perseverança.

A festa do fim do ano
esta já foi celebrada,
nova era novo plano,
outra nova caminhada,
e muita gente pensando,
quem trabalha planejando,
quem negocia também,
pensando o que vai fazer,
para poder obter,
o que, melhor lhe “convém”

O que devemos fazer,
dia de ano cedinho,
é a Deus agradecer
orando bem direitinho,
por tudo que alcançou,
no ano que terminou,
tudo bem, tudo direito,

peça a Jesus novamente,
um novo ano excelente
de paz, amor e respeito.

Dia um, primeiro dia,
Janeiro, primeiro mês
do ano que inicia,
todo mundo, espera vez,
pensando em dias melhores
porque passou os piores,
no ano que terminou-se,
talvez por fazer bobagem,
pra uma nova viagem,
com fé em Deus preparou-se.

Escreva a nova era,
dia de ano bem cedo,
havendo fé se prospera,
não faça nada, com medo,
diga Deus vou trabalhar,
este ano sem parar,
porque preciso vencer,
lute muito e persevere,
com fé em Deus e espere,
o que vai acontecer.

Devemos se confessar,
véspera de ano, também,
e no dia, comungar

com fé, no Deus de Belém,
contrito de coração,
receber a comunhão,
se sentindo, consciente,
que cristo, é nosso juiz,
para puder, ser feliz,
daquele dia, pra frente.

É primeiro de janeiro,
dia mundial da paz,
data que o brasileiro,
sempre, um novo plano faz,
tendo fé na providência,
exame de consciência.
Faz e deixa a parte errada,

pensar mais e pecar menos,
e preparar os terrenos,
para a nova caminhada.

Procure se dominar,
Tenha cuidado, nos vícios,
pra não, se degenerar,
e cair, em sacrifícios,
porque todo viciado,
depois de inveterado,
perde a saúde e o plano,
já deu pra se entender,
o que devemos fazer,
no próximo, dia de ano.

Saudosa Memória do Presidente Tancredo Neves.

Como saudosa memória,
Do presidente Tancredo,
Filho de São João del-Rei
E se formou, muito cedo,
pra doutor advogado.
Foi bacharel respeitado,
promotor de ideias finas,
foi vereador legal,
deputado estadual,
pelo estado de Minas.

Deputado federal,
e ministro da justiça,
do grande Getúlio Vargas,
que trabalhou sem cobiça,
só houve uma coisa estranha,

foi perder uma campanha,
pra governo, do estado.
Magalhães Pinto, venceu,
Tancredo Neves perdeu,
dessa vez, foi derrotado.

Saiu primeiro ministro,
no tempo, do parlamento,
do governo, João Goulart,
agiu todo movimento,
chegando a revolução,
ele era na gestão,
deputado federal.
Foi eleito, e reeleito,
Nunca mais, perdeu um pleito
ali, com seu pessoal.

Deputado federal,
quatro vezes, no setor,
aí em setenta e oito,
foi eleito senador,
e fundador do P.P.
pelo P.M.D.B.
Foi governo do estado,
Numa campanha decente,
partiu para presidente,
e foi eleito folgado.

Na eleição indireta,
Tancredo se elegeu,
vencendo Paulo Maluf,
que gastou muito e perdeu,
o Brasil, ficou contente,
com o novo, presidente,
que prometia mudança,
pela campanha que fez,
até mesmo o camponês,
tinha nele, confiança.

Depois de eleito foi
uma excursão planejada
em países estrangeiros,
seguiu a sua jornada,
foi a Itália primeiro,
como chefe brasileiro,
o Papa lhe recebeu,
tudo certo em alto plano,
no Parlamento Romano,
palestrou e entendeu.

Lá recebeu a visita,
do Presidente Francês,

depois, foi a Portugal,
o governo Português,
lhe prestou uma homenagem
e prosseguiu a viagem.
Desta vez, foi a Espanha,
o Rei lhe agraciou
para o futuro acertou
negócio na terra estranha.

Levantou vôo da Espanha
para os Estados Unidos,
os dias que passou lá,
foram bons e merecidos,
muitos projetos deixou.
Fez plano e negociou,
Dentro da sua rotina,
pra isso tinha bagagem,
para o final da viagem
só faltava a Argentina.

Chegando na Argentina,
houve festa e alegria,
Alfonsim, o recebeu,
dentro da diplomacia,
no campo das relações
nasceram compreensões,
entre os dois presidentes,
deixando tudo acertado,
para um futuro esperado,
os dois, sorriam contentes.

Partindo da Argentina,
para a terra brasileira,
foi recebido com festa,
tudo em paz, boa maneira

e para um trabalho sério,
escolher seu ministério,
tudo bem, ele escolheu,
entre os que lhe ajudaram,
que satisfeitos, ficaram,
na escolha que se deu.

A sua posse marcada
pra data 15 de três,
do ano de oitenta e cinco,
o povo esperava a vez,
dia quatorze de noite,
o tempo deu um açoite,
qualquer coisa apareceu.
Pra deixar tudo mudado,
Tancredo, foi operado,
De manhã , o rádio deu.

Operado não podia,
mais tarde, se aposar
porém os grandes juristas,
começaram examinar,
nossa constituição,
viram que a solução,
era o vice assumir,
no cumprimento da lei,
cabia a José Sarney,
ali substituir.

Pela nossa carta magna
da forma que a lei rezava,
pelo poder do congresso,
assim Sarney se empossava.
Por lei e regulamento,

até chegar o momento,
do Presidente assumir,
que todo mundo esperava,
que Tancredo melhorava,
para tudo certo agir.

José Sarney assumiu
começou a despachar,
dentro da nova república,
pensando de melhorar
qualquer coisa, logo cedo,
para entregar a Tancredo,
com seu trabalho prestado,
nos dias que governasse,
queria mostrar a classe,
de um político habilitado.

Assim Sarney, começou,
despachando normalmente,
rádio, T.V. e jornal,
dizendo que o Presidente,
estava passando bem,
e com seis dias, lá vem
a segunda operação.
Nos deixou desanimado,
sem melhorar foi levado,
pra São Paulo de avião.

Chegando no hospital.
Instituto do Coração,
se operou em São Paulo,
por ter melhor condição.
Fez terceira cirurgia
Doutor Pinotti, dizia,

que ele estava normal
e dessa vez melhorava,
ninguém não acreditava,
o lamento, era geral.

Dia primeiro de Abril,
foi a quarta operação,
dia quatro foi a quinta.
Chorava toda nação,
começaram, colocar,
aparelhos, no lugar,
que funcionava errado,
dia nove, novamente,
Sexta vez que o Presidente,
tornou a ser operado.

Dai pra frente o Brasil,
fez uma corrente forte.
Católicos e evangélicos,
pra Deus, o livrar da morte,
pai de santo e umbandista,
todos estes numa pista,
pedindo a Deus pra mandar
saúde ao Presidente,
e ficar bom novamente,
para o Brasil governar.

Dia onze de Abril,
Foi a última cirurgia.
Se operou sete vezes,
até que chegou o dia.
A vinte e um faleceu,
sua morte aconteceu
na data do feriado

da morte de Tiradentes,
dois mineiros conscientes,
filhos de um só estado.

Foi de São Paulo a Brasília,
O seu corpo transportado.
No palácio do governo,
pelas filas visitado,
depois em outro avião,
tomou nova direção,
para a capital Mineira.
Velado no salão nobre,
visita de rico e pobre,
chegou de toda maneira.

Houve até um incidente.
Com o acôcho do povo,
morreram cinco pessoas,
organizaram de novo,
todo mundo visitou,
e novamente voou,
em um possante avião,
pra sua terra natal,
velado na Catedral
da cidade de São João.

Dona Risoleta disse,
é para se prorrogar,
só se sepulta Tancredo,
quando o povo visitar,
até a última pessoa,
desta sua terra boa,
a quem tanto ele amou.
Terminadas as visitas,

em honrarias benditas,
Tancredo se sepultou.

Às onze horas da noite,
foi o seu sepultamento,
lá em São João Del-Rei,
berço do seu nascimento.

Carnaval.

carnaval são três dias
de farra e de mela-mela,
de entrudo e de folias,
onde ninguém não se zela.
Três dias de bebedeira,
do Domingo a Terça-feira,
quem brinca tem essa vez,
no fim dar ódio e ranzinza,
na Quarta-feira de cinza,
vendo a bobagem que fez.

Uma representação
de Momo, para enganar,
como um rei de Tradição,
se vê no clube chegar.
Um homem fantasiado
vem como um rei coroado,
dando apoio aquela gente,
saúda com pantomima,
aí o povo se anima,
o carnaval vai a frente

Um estadista mineiro
e o maior brasileiro.
No seu tempo, sem segredo,
O nome foi pra História,
com a saudosa memória
Do Presidente Tancredo.

O povo se manifesta,
depois que momo aparece,
aí pega fogo a festa,
com isto a folia cresce,
tanto bebe, como pula,
o povo crescendo a gula,
bebe e come o que achar,
pulando manifestado,
como quem está dopado,
quer ver a tanga voar.

Ali não existe medo,
e nem tem mulher nervosa.
Pra homem não há segredo,
Toda moça é corajosa.
Bebe, salta e dialoga,
não deixa de haver droga
nas mão da rapaziada.
Depois de tudo endoidar,
O negócio é debandar
nas horas da madrugada.

Homem não volta pra casa,
vai dormir numa pensão.
Tem mulher que bate a asa,
pega logo um gavião,
no fogo do carnaval,
muda logo o ideal,
diz eu vou me desquitar.
Com este passa os três dias,
no fim de todas folias,
ele manda ela voltar.

Deles que trabalha um ano
para gastar em três dias,
porque errar é humano,
gasta e perde as energias,
no fim inventa uma briga,
leva um tiro na barriga,
vai parar no hospital,
e se acaso escapar,
ele passa a meditar,
foi saldo do carnaval.

Quaresma.

Quaresma, quarenta dias
de respeito e de jejum,
sendo em homenagem a um,
que por nós morreu na cruz,
da Quarta-feira de cinzas
ao Domingo pascal,
época que o pessoal
tem mais respeito a Jesus.

Recife em todo Nordeste,
Tira em primeiro lugar.
Salvador passa no teste,
porém não pode abafar,
é o carnaval do Rio,
que este, é um desafio
em foliões e dinheiro.
Desfile, arte e escola,
o Rio tem sido a mola
do carnaval brasileiro.

Em São Paulo também tem
um carnaval dos maiores,
e os jornais contam bem
sobre as honras das menores,
é grande a destruição,
dando a prostituição,
o seu aumento anual.
Guerra contra a virgindade,
não contei nem a metade
do que há no carnaval.

Durante os quarenta dias,
Quarta e Sexta, abstinência.
Faço em minha residência,
como vovó ensinava.
Carne ninguém não comia,
honrando ao “Deus de Belém”
e na Sexta-feira também
todo mundo jejuava.

Procure se afastar
do excesso que fazia.
Não beba, como bebia,
baixe a gula no comer.
Deixe tudo na metade,
procure se dominar.
Se é de ir farrear,
Pegue uma bíblia e vá ler.

Veja que Cristo sofreu
por todos os pecadores.
Passou por todas as dores
e nós, nos quarenta dias,
da quaresma precisamos,
orar e conhecer isto,
sentir o que sofreu Cristo
em todas as agonias.

Dia do Índio.

Temos o dia do Índio
dezenove de abril,
porém eu quero falar
é no índio do Brasil.
Dia do Índio se fala

Cristo além de ser preso,
carregou a sua cruz.
Pense o que sofreu Jesus,
aumente o conhecimento.
Quaresma é pra refletir
quanto é ruim o pecado.
Fez Cristo crucificado,
passar por tanto tormento.

A quaresma é anual,
da cinza, a ressurreição,
celebra o povo cristão
esta tarefa sagrada.
Ao sofrimento de Cristo
durante a semana santa
a nossa fé se levanta
a igreja é visitada.

A ceia da despedida
é feita na Quinta-feira.
A refeição derradeira
já na véspera da paixão.
Na Sexta se entrega ao pai
pra cumprir as profecias,
quaresma, quarenta dias,
finda na ressurreição.

dos índios da Guatemala
que foram sacrificados
como Joana e Vicente,
lutando por sua gente,
foram todos torturados.

Vicente morreu queimado,
na embaixada da Espanha,
junto com outros indígenas,
porque faziam campanha,
por terra pra trabalharem
e pra não mais propagarem,
foram queimados na praça.
Joana foi sequestrada,
numa selva torturada,
morta na maior desgraça.

O seu filho Patrocínio,
foi sequestrado também,
queimados com seus colegas
na vista de mais de cem,
índios que pediam terra,
pra trabalharem sem guerra.
Viram seus irmãos queimados,
na fogueira se ardendo
e os poderosos dizendo,
morram aí, desgraçados.

Isto foi na Guatemala,
porém eu mudo o roteiro,
para falar um pouquinho
é no Índio brasileiro.
Sendo o Brasil descoberto,
Abreu Lima informou certo,
haver cem milhões de índios.
Hoje se pergunta a nação,
aonde é que estão,
nossos irmãos ameríndios
“Cadê” os Tupinambás
e os fortes Tabajaras,

a grande raça Tupi,
Tapuias e outras raras,
os valentes Caetés,
também os Aimorés,
Carijós e Botocudos,
Que nada multiplicaram
e como se acabaram,
isto sim, precisa estudos.

Os nossos Tupiniquins
e a tribo dos Cariris,
os Potiguaras guerreiros,
os Pegas e Panatis,
Caraíbas, Goitacazes,
se a gente fizer as bases,
daqueles tempos distantes,
olhando bem direitinho,
de Índios resta um pouquinho,
maior parte dos Xavantes.

Fica a pergunta no ar,
como, desapareceram,
porque não multiplicaram
e sem produzir morreram,
em lugar de preservados.
Foram logo escravizados,
pelos primeiros colonos.
Como se chega de fora
e escraviza na hora,
os que da terra são donos.

O branco multiplicou,
produziu, cresceu a raça.
Até o negro, também,
saiu daquela desgraça,

chamada de cativo.
Só o índio brasileiro,
tratou de diminuir,
em ponto de se acabar
se a Funai não lutar,
vê o resto se sumir.

Eu que não conheço nada,
faço uma comparação,
dos índios do meu país
com as caças do sertão.
Já houve tantas aldeias
e as nossas matas cheias
de caças antigamente.
O índio, o tempo levou,
a caça, o homem matou,
poeta canta o que sente.

Já existiu cem milhões
de índios neste país,
mais tarde baixou pra dez,
Gean, no seu livro diz,
de dez baixou para um.
Longe do tempo comum,
No IBGE, de quarenta, “1940”

Tiradentes.

Tiradentes, a alcunha
Do mártir da independência.
o Brasil é testemunha
da sua grande prudência,

baixou pra sessenta mil,
dizem que hoje o Brasil,
talvez não tenha cinqüenta.

Resta cinqüenta mil
Xavantes e mais alguns,
porém a Funai promete,
lutar a favor de uns
que foram domesticados
e estes já preparados,
vão controlando os irmãos
onde há tribo selvagem,
oferecendo vantagem,
pra todos serem cristãos.

Deus queira que a Funai
e os nossos presidentes,
ajudem aos pobres índios,
que considero inocentes,
no passado iludidos
e no presente sofridos
em resumida quantia.
De acordo, o que já li,
Fiz tudo que entendi
Para o índio no seu dia.

lutar pela liberdade,
a bem da felicidade
da sua terra natal,
porque sentia um desgosto,

vê se pagar tanto imposto
às cortes de Portugal.

José Alves Miciel
da Europa era chegado,
lendo no mesmo papel,
vê o país libertado.
No Rio, viu Tiradentes,
todos dois idéias quentes,
uma luta planejaram,
Tiradentes se empolgou,
do Rio a Minas rumou
com os planos que traçaram.

Chegando lá se uniu
a Tomás Antônio Gonzaga,
Cláudio Manoel pressentiu,
ocupou mais uma vaga.
Assim muitos se uniram,
pra uma luta partiram,
chamada conspiração.
E eles, inconfidentes,
o chefe era Tiradentes,
pensando em libertação.

Entrou um judas também,
chamado Joaquim Silvério.
Dizendo fazer o bem,
fez foi baixar o critério.
Deu parte do movimento.
O Visconde, no momento,
a derrama suspendeu,
sendo preso Tiradentes,

chefe dos inconfidentes,
a conspiração morreu.

E naquele mesmo dia,
prenderam outros também.
Cairam na enxovia,
não escapando ninguém,
somente Joaquim Silvério,
se amparou no império,
sua fraqueza provou,
quando foi a Barbacena,
denunciou sem ter pena,
o que sabia, contou.

Os outros se acovardaram,
se fazendo arrependidos,
dizendo assim, que erraram,
quando se viram perdidos.
Só Tiradentes dizia,
morrerei sem covardia,
pela nossa independência.
Serei firme até morrer,
isto fazia crescer,
contra ele, a resistência.

Ainda tirou três anos,
na cadeia maltratado,
porém não mudava os planos,
quando era interrogado.
Dizia cedo ou mais tarde,
este bando de covarde,
um dia cai sem vitória.
Triunfa os independentes,

morro, mas deixo as sementes
para os anais da História.

Já vinha preso há três anos,
não mudava o ideal.
Por poderes lusitanos
teve a sentença final,
para morrer enforcado
e depois esquartejado
e a cabeça levada,
posta num poste, em ação,
pra dar exemplo à nação
quanto a lei era pesada.

Foi tirado da prisão,
a vinte e um de abril,
para a triste execução,
seguiu sereno e viril.

Barbas longas e crescidas,
as esperanças perdidas,
para o que mais pretendia,
e pela lei do regime,
leram a sentença do crime,
pra saber porque morria.

Depois da sentença lida,
ele a vista levantou.
No último instante de vida,
para a multidão gritou
Liberdade... Liberdade...
Pra vossa felicidade,
morre um dos inconfidentes,
ali, foi sacrificado,
só quem morreu enforcado,
de todos foi Tiradentes.

Descobrimento do Brasil.

Brasil que foi descoberto,
por gente de Portugal,
porém a glória ficou
pra Pedro Álvares Cabral,
porque foi o Almirante,
grande chefe e comandante
da frota de Dom Manoel.
Mandou na viagem certa,
desta vez foi descoberta,
a nossa terra fiel.

Dom Manoel organizou,
uma frota na altura,
dizendo ser para a Índia,
a bem de uma aventura
para monopolizar,
isto é, negociar,
Portugal, com os Hindus.
Com esta, Cabral partiu,
e desta vez descobriu
a terra de Vera Cruz.

No dia nove de março,
no ano mil e quinhentos,
a grande esquadra partiu
com todos os documentos.
Selados por Dom Manoel,
tendo por chefe fiel
o comandante Cabral.
Logo na outra semana,
deixou a costa africana
chegou a Monte Pascal.

Vendo do Monte Pascal,
os sinais de terra perto,
pensando ser uma ilha
ou um terreno deserto.
Se fosse valia ouro,
procurou ancoradouro,
pensando num bom futuro.
Devagarinho chegaram
e todos desembarcaram
no lugar Porto Seguro.

A vinte seis celebraram,
a nossa missa primeira,
Em nome de Portugal,
foi posta a cruz de madeira,
depois de edificada,
uma carta bem narrada
numa folha de papel,
que Pero Vaz anotou.
Cabral, lacrando mandou
a carta pra Dom Manoel.

Cabral ditou pra Caminha,
a carta, e ele escreveu.
Toda História da viagem,
certa como aconteceu,
que ele com sua gente
descobriu um continente,
habitado por selvagem.
Por Vera Cruz batizou,
fechando a carta mandou
e seguiu sua viagem.

Em nome de Portugal,
ficou a posse marcada.
Ele partiu para a Índia,
sua viagem desejada.
Assim que Dom Manoel leu
a carta que recebeu,
teve uma satisfação,
no tratado Tordesilhas,
mostrava as novas trilhas
da posse a sua nação.

Como a posse era em nome
da corte de Dom Manoel,
grande Rei de Portugal,
ele estava em seu papel.
Escolher entre a nação,
a primeira expedição,
tudo num bom andamento.
Na Bahia ela chegou,
foi assim que começou
o nosso descobrimento.

Mês de Maio.

Maio tem trinta e um dias,
lindas comemorações.
É o mês das alegrias,
novenas e orações.
Os antigos trovadores
chamavam de mês das flores,
nosso quinto mês do ano,
e o que mais vale a pena,
cada noite uma novena
no santo mês mariano.

Não é só nove novenas,
são rezadas trinta e uma,
nas santas noites serenas.
O povo se acostuma,
há novenas e leilões,
famílias de tradições,
cada qual reza em seu lar,
em uma linda mesinha
ou então na capelinha
que existe em seu lugar.

As chuvas de pingo em pingo
afinam pelas manhãs
e no segundo Domingo
de Maio, é dia das mães.
Dia treze abolição,
também a aparição
da virgem em Portugal,
em Fátima, o santo lugar
que Lúcia soube informar
a cena fenomenal.

Dia da cavalaria,
em maio é comemorado,
também a infantaria,
tem seu dia registrado
e as comemorações
tem sua festa em ações,
no dia cinco do mês.
Em maio a flor tem mais cheiro,
o dia do enfermeiro
também goza a sua vez.

Dia da fraternidade,
em maio se comemora.
E a santíssima trindade
no mês de Nossa Senhora
tem o seu dia de bem,
a indústria também tem,
seu dia com força e fé.
Da Cruz Vermelha e vitória
em maio tem na História
até dia do café.

O trabalhador rural,
em maio tem o seu dia.
O mês que o matagal,
tem sua manhã mais fria,
época que a Jitirana
deixa completa a savana
toda coberta de flores.
A floresta bem verdinha,
abelhas na manhãzinha
colhe o mel, sente os odores.

Misturados com abelhas,
tem zangões e colibris.
As asas como centelhas,
deixando o campo feliz,
baixam todos no vergel
cada qual sugando o mel
das flores na manhã fria.
A relva mostra a beleza
do pomar da natureza
no santo mês de Maria.

Dia do Trabalho.

Dia do trabalhador
anualmente lembrado.
Cada primeiro de maio,
tem seu aumento esperado,
quando o nosso presidente
num estudo competente
assina o nosso salário,
que é uma causa justa,
a indústria reajusta
o ganho do operário.

Já aumentou várias vezes,
porém não dá condição,
a quem vive do trabalho
por causa da inflação,
que esta corre na frente
do ganho da nossa gente,
que quando tem um aumento,
depois de um grande estudo
a inflação come tudo
fica o mesmo sofrimento.

Logo ao primeiro do mês
tem a festa do trabalho.
Embora que ao camponês,
sempre o seu direito é falho.
É mês que o operário
tem aumento no salário
nem que diga, eu não me saio,
porém todo aumento presta,
no fim se termina em festa
cada ano o mês de maio.

Quando o salário era xis,
uma compra era duzentos
Se o salário dobrar,
a mesma vai pra quinhentos.
Quem assina, cresce o nome,
quem trabalha passa fome;
é isso que acontece
no seio da nossa raça,
que cada ano que passa,
o operário empobrece.

Não vou culpar os ministros,
nem o nosso presidente.
A culpa é da inflação,
que esta corre na frente,
do ganho de quem trabalha,
a carestia não falha,
cada mês a aumentar.
O nosso custo de vida
quem trabalha se liquida
tem que mais pobre ficar.

Todo homem que trabalha
sente na pele esta dor.
O operário da fábrica,
servente e estivador,
o bóia-fria do eito,
sofre deste mesmo jeito.
Como sofre o salineiro
quem vive de parceria,
trabalha de noite a dia
e nunca sobra dinheiro.

O pobre comerciante
é vítima no seu setor,
vendo o patrão enriquecer,
e ele como um motor,
trabalha até abater.
Pouco sobra do comer
porque o que ganha é nada.
Comerciante enriquecendo
e quem trabalha pensando
na vida sacrificada.

Quem tange a agricultura
devia ser premiado.
Este paga é juro caro,
para tratar do roçado,
com fome, sem fé e magro,
ainda paga um proagro,
sofre demais este povo.
E para se falar franco,
no fim quando paga o banco,
fica com fome de novo.

Assim quem é do pesado
e tem a mão calejada,
há o dia do trabalho,
desde da época passada
para a comemoração.
No rádio e televisão,
na igreja e nos jornais,
é manchete no diário,
porém para o operário
cada vez piora mais.

Nunca vi agricultor
na agricultura enriquecer,
nem operário da fábrica
o seu transporte comprar.
Vive é comprando fiado,
tudo pouco e limitado,
a fome lhe visitando,
deve mais do que recebe,
assim é que se percebe,
como o pobre está passando.

Quem trabalha pouco ganha
é o que sei informar,
feliz de quem se aposenta
quando a idade chegar.
Vive assim o operário,
invés de um bom salário,
só recebe um quebra galho.
Já vem da antiguidade,
é esta a realidade,
para o dia do trabalho.

Dia das Mães.

Dia das mães é o dia
da maior festa do mundo,
porque o amor de mãe
é primeiro sem segundo,
somente o amor de Deus,
que não desampara os seus
é maior e dominante.
Porque Jesus é eterno,
porém o amor materno
é puro, doce e tocante.

Neste dia, o filho sente
por sua mãe estimada,
procura lhe visitar,
vai até sua morada.
Ela abençoa contente,
recebe dele um presente
cheia de riso e prazer,
vai guardar a oferenda,
dizendo Deus lhe defenda
de um mal lhe aparecer.

Porque sempre todo ano,
perto do dia das mães
vou a rádio dedicar
poemas todas manhãs,
homenageando a minha,
mamãe, querida rainha.
Além de belas canções
ofereço melodias
a ela todos os dias
de dez a mais gravações.

Dia das mães, bem cedinho
na grande data feliz,
convido a nossa morada
o vigário da matriz,
como costume da raça,
celebra em ação de graça
uma missa em nossa casa
para mamãe, meu querubim,
que o filho que faz assim,
Deus ajuda e não se atrasa.

Lá nos maiores teatros,
televisões e jornais,
rádio, cinema e igreja,
promovem seus festivais
no dia da grande data,
que cada filho retrata
a mãe no seu coração,
de manhã, no matinal,
à tarde, no vespéral,
depois na televisão.

As mães recebem também,
missas em ações de graças,
de Roma o papa abençoa
as mães de todas as raças.
Dia do maior amor,
que até o salvador
contempla de lá do céu,
o que está se passando
vê cada filho entregando
a sua mãe um troféu.

E nas grandes capitais,
nos auditórios e grêmios,
se reúnem muitas mães
a fim de ganharem prêmios.
E a do número maior
de filhos, ganha o melhor
presente, e é abraçada,
a novinha é outra oferta,
a mais idosa na certa
é muito bem premiada.

Escolhe a gorda e a magra,
a mais velha e a mais nova
e a que teve mais filhos
são as que passam na prova.
E ganham ricos presentes,

até choram de contentes
com os troféus recebidos,
esquecem os sofrimentos
nos aplausos calorentos
beijando os filhos queridos.

Quem tem a sua mãe morta,
reze pra ela no dia,
e quem tiver a mãe viva
vá a sua moradia.
No dia das genitoras,
todas elas sofredoras,
para os filhos bons e fãs
acho que dei o recado
termino emocionado
poema dia das mães.

Abolição dos Escravos.

Abolição é falando,
o que foi escravatura,
negro roubado na África,
sofrendo grande tortura,
de tormento e de agravo,
vendido aqui como escravo
neste Brasil de Cabral.
Comprados por brasileiros
aos navios negreiros,
como se compra animal.

Quem roubava era pirata,
quer dizer ladrão do mar,
quem comprava era negreiro,

negro pra negociar
de Recife a Salvador.
Cada porto era um clamor,
Quando um navio chegava
com os negros engaiolados
e outros acorrentados
assim, o tráfico aumentava.

E no Rio de Janeiro
o tráfico grande era lá,
da mesma forma, em Santos,
também em Paranaguá.
Havendo porto e cidade
em qualquer localidade,

chegava a pirataria
com negros para vender,
assim tinha que crescer
a escravidão dia a dia.

Neste tempo, não havia
mão de obra de operário,
nem no trabalho do campo
existia maquinário.
Litoral, mata e sertões,
eram de ricos barões,
capitães e coronéis,
todos patentes compradas,
escravaturas montadas
com capatazes cruéis.

Assim cada fazendeiro,
se tornava um capitão
ou um rico coronel,
chefe daquele torrão,
tangendo a agricultura
com produção e fatura.
Dois, três engenhos moendo
com os negros trabalhando,
chegando escravo e comprando
e depressa enriquecendo.

Na cultura do café,
da cana e do algodão,
começava um fazendeiro,
mais tarde era um capitão.
Com o suor dos escravos
que os capatazes bravos
davam tarefas marcadas

que cada escravo sofria
pra tirar uma por dia
debaixo das chicotadas.

Trabalhava negro e negra,
enriquecendo os senhores,
nas ordens dos capatazes,
sofrendo todos rigores,
sem gozarem feriados
nem dias santificados,
naquele viver tirano.
A negra era traquejada
para ser engravidada
e produzir todo ano.

Quando crescia o reinado
do grande “Pedro Segundo”
ele conheceu o erro
do tal cativo imundo,
por ser ele um rei humano
vendo o trato desumano
que cada escravo sofria,
sentiu na alma os abalos,
disse eu hei de libertá-los
nem que perca a monarquia.

Era um rei estudioso,
traçou assim quatro mapas,
disse para libertar
precisa de quatro etapas.
É difícil as condições,
tenho ministros barões,
fazendeiros, coronéis,
se falar em libertar

é mesmo que assanhar
os piores cascavéis.

Lei Eusébio de Queiroz
foi a primeira em seus planos.
Esta proibia as compras
de escravos africanos,
buliu com ricos negreiros,
piratas e fazendeiros,
xingavam em praça pública
para muita gente ouvir
este rei há de cair
e se montar a república.

Dom Pedro esperou até
passar esta reação.
Preparou a ventre livre
coberto de emoção,
porém pra se descartar
disse eu vou viajar.
Chamou a filha e deixou
ela assumindo a regência
e disse na minha ausência
assine a lei que ficou.

Dom Pedro foi a Europa
deixou tudo preparado.
Visconde do Rio Branco,
por Dom Pedro orientado,
levou ao parlamento
o projeto em movimento,
teve sua aprovação
e a princesa Isabel
com pena, tinta e papel,
assinou com sua mão.

A ventre-livre deixou
o filho escravo liberto,
quem nascesse estava livre,
cada senhor ficou certo.
Mordida com esta lei,
com a princesa e o rei
ficou toda burguesia.
Dom Pedro de lá de fora
pedia a nossa senhora
vida para a monarquia.

Quando esfriou um pouquinho,
Dom Pedro voltou de novo,
porém ao chegar no Rio,
viu a mudança do povo,
isto é, do povo rico,
Dom Pedro disse não fico
Com medo de reação.
Vamos a terceira luta
e na quarta se executa
o fim da libertação.

Entrou na terceira etapa,
preparando a nova equipe.
Como chefe, um seu amigo,
o Barão de Cotegipe,
projeto de altos planos,
com sessenta e cinco anos
cativo com esta idade,
por ser sexagenário,
publicaram no diário
de todos a liberdade.

Marcou para quarta etapa
do final da escravidão,

um movimento mais forte,
já querendo abolição.
Dom Pedro fez o estudo,
quando planejaram tudo,
ele disse estou doente
falando assim para o povo,
vou a Europa de novo
deixo Isabel por regente.

Dona Isabel já gozava
uma grande simpatia,
além de tudo a herdeira
pra seguir a Dinastia,
atraiu neste domínio
um José do Patrocínio,
Rui Barbosa e Luiz Gama.
Castro Alves, sem ter medo,
ao lado de João Alfredo,
tocaram a frente o programa.

Joaquim Nabuco também
era abolicionista
e apareceram muitos
a fim da grande conquista,
que era a abolição,
moralizando a nação

que já se envergonhava,
em ver os outros países,
gozando dias felizes,
só o Brasil não gozava.

No dia treze de maio,
quando o projeto passou,
em dezoito e oitenta e oito, “1888”
Dona Isabel assinou,
a lei áurea que deixava,
o que o povo esperava,
no meu país brasileiro,
a liberdade nascia
e todo povo dizia
acabou-se o cativo.

Dom Pedro disse está bem,
vou perder a monarquia
e Isabel também vai
perder nossa dinastia,
porque o capitalismo,
foi e é o grande abismo
pra qualquer uma nação.
Foi o que aconteceu
para quem conhece e leu
a luta da abolição.

Mês de Junho.

Junho é o sexto mês
do nosso ano civil,
se registra no Brasil
o mês de mais diversão,

de festa e de tradição,
onde o povo é testemunho,
no lugar de chamar junho
se chama o mês de São João.

É junho o mês consagrado
ao sagrado coração.
De Jesus pai da nação,
mês de festa e alegria
e da grande simpatia
do dia dos namorados
de onde nasce os noivados,
dia doze é o seu dia.

Dia treze é Santo Antônio
nesta data festejado,
porque quem é namorado
se vale dele ligeiro.
Promete reza e dinheiro
e sempre é atendido,
Santo Antônio é conhecido
por santo casamenteiro.

Em junho se comemora
dia do Meio ambiente
e do santo padre vidente
nosso José Anchieta.
Focado pelo um planeta,
querido por toda massa,
dia dez, dia da raça,
mistura de branca e preta.

Dia do correio aéreo
em junho é comemorado
o do químico registrado,
data dezoito do mês.
Imigrante japonês
tem seu dia nesta lista,
também a telefonista
tem seu dia e sua vez.

Em junho tem três fogueiras,
Santo Antônio e São João,
com folclore e tradição,
a outra, é de Pedro e Paulo.
Paulo que antes foi Saulo,
Simão que mudou pra Pedro,
do céu chaveiro e paredro,
o que eu sei “desenjaulo”.

Em junho se canta a música
São João do carneirinho,
tudo é amor e carinho
na festa de João Batista.
Sanfoneiro e repentista
na noite de vinte e três,
cada um tem sua vez
no papel de folclorista.

São João dá grande festa,
São Pedro quer abafar,
porque em cada lugar,
há um São Pedro da roça
é uma tradição nossa
um casamento matuto,
casando João Canuto
com Ana da Perna Grossa.

Finda a noite de São Pedro,
Grande festa em todo mapa,
São Pedro primeiro papa,
São João foi precursor.
Quem batizou o Senhor
com a água do Jordão,
foi o mesmo São João
o primo do salvador.

Assim falei sobre junho,
Desde da primeira etapa,
No fim o dia do papa
E do pescador também.

José de Anchieta.

Nosso José de Anchieta
em Tenerife nasceu,
Uma Ilha das Canárias,
ali foi o berço seu,
estudou em Portugal,
Coimbra o melhor lugar
pra quem podia estudar
era o ponto especial.

Naquela Universidade,
isento de boemia,
não pensava ser doutor
escolheu a companhia
de Jesus, foi estudar
para ser um jesuíta,
nela encontrou sua dita,
embora noutro lugar.

Naquela Universidade
a saúde lhe faltou.
Teve que mudar de clima,
sua ordem o liberou,
ele vir para o Brasil
com outros da companhia,
desembarcou na Bahia
ainda quase infantil.

Para quem conhece bem,
findo o poema rimado
um trabalho consagrado
com tudo que junho tem.

Com seus dezenove anos,
chegou ao nosso país.
O clima lhe deu conforto,
gostou e ficou feliz
e na catequização,
entrou a primeira vez
ensinando Português
ao povo do nosso chão.

O primeiro professor
dos nativos da Bahia,
em Português e Latim
ao mesmo tempo aprendia
a nossa língua Tupi,
com toda calma e amor.
Mais tarde foi professor
Desta mesma língua ali.

O Padre Manoel da Nóbrega
o mandou a São Vicente,
depois a Piratininga,
disse vá ligeiramente.
Lá fizeram uma palhoça,
depois Vila de São Paulo.
Anchieta foi um saulo
A bem desta terra nossa.

Deixou em Piratininga,
o colégio no planalto.
Lá começou dando aulas
com o seu ensino alto.
Catequizava, ensinava,
o Latim, o Português,
onde o índio tinha vez
e colono melhorava.

Fundou a povoação
com cento e trinta pessoas,
ele com os jesuítas
e suas ideias boas,
atraíram muita gente,
das selvas pra Santo André,
com trabalho, ensino e fé,
foi vila ligeiramente.

Até aí Anchieta,
inda não era ordenado,
com os jesuítas velhos
estudava com cuidado,
tendo como professor
Manoel da Nóbrega, o regente,
dele e de sua gente,
o chefe, superior.

Voltou com trinta e dois anos
pra seu estudo findar.
Do Rio para a Bahia,
terminou de se ordenar,
um padre conceituado,
foi José de Anchieta

com sua batina preta,
em tudo era inspirado.

Daí pra frente Anchieta
desbravou o litoral,
de Olinda até São Paulo,
conheceu tudo em geral.
O índio lhe obedecia,
a fera não lhe pegava,
colono lhe respeitava
degredado lhe temia.

Foi chefe provincial,
dez anos e trabalhou,
a bem do índio e do pobre,
sua luta não parou,
sabia catequizar,
ensinar tudo direito,
a fé, a lei, o respeito
ler escrever e contar.

Foi catequista e poeta,
gramático e escritor.
Fez teatros nas aldeias
dando instrução no setor,
para nascer a cultura
era alegre e inquieto,
ensinou, criou projeto,
sua missão era pura.

Profetizou sua morte,
o ano, o mês e o dia,
até a hora marcada

da data que falecia.
Causou até um espanto
quando isto aconteceu,
marcou a hora e morreu,
foi considerado santo.

No ano mil e quinhentos
e trinta e quatro nasceu,
e naquele mesmo século
em noventa e sete morreu, “1597”
sessenta e três de idade,
foi toda sua existência,
trabalho, fé, competência,
luta e realidade.

E dos sessenta e três anos
se conta quarenta e quatro
de trabalho no Brasil.
Missão de mestre e teatro
em Tenerife nasceu,
chegou ao nosso Brasil

com uma forma viril,
aqui amou e viveu.

Gostava tanto dos índios
que já perto de morrer
procurou uma aldeia
e foi na mesma viver.
Com os Índios seu esporte,
disse ninguém me proíba,
assim foi pra Reritiba
ficou lá até a morte.

Faleceu em Reritiba,
se sepultou em Vitória.
Por apóstolo do Brasil
O nome foi pra História,
hoje beatificado,
por João Paulo Segundo,
Anchieta para o mundo
tem seu nome consagrado.

Dia dos namorados.

O dia dos namorados
na data doze de junho,
cheio de amor e carinho,
o tema dar testemunho.
Amor vem da simpatia,
nasce no primeiro dia
que um do outro se agrada,
começa com um sorriso,

o olhar dando um aviso
ou dele ou da namorada.

Depois de simpatizar,
simpatizando ele e ela,
ela pega gostar dele,
ele pega gostar dela,
assim vão se namorando

e o amor aumentando.
Sendo amor por simpatia
é doce bom e gostoso,
também é muito custoso
aparecer covardia.

Coisa boa é namorar,
todos dois querendo bem,
é como diz o ditado
amor vai e amor vem,
ele adora e ela ama,
ele olha e ela chama,
ele chega e ela abraça,
depois que abraça 'bêja"
aí começa a peleja
que o beijo prende e laça.

Todo namoro inicia
dum sorriso ou dum abraço,
não há amor sem namoro
para não haver fracasso
namora o primeiro dia,
fazendo que não queria,
tanto ele, como ela,
porém ela está querendo
ele por dentro, dizendo,
meu coração já é dela.

A moça ganha um presente
no dia dos namorados,
compra outro e dá a ele,
no fim termina trocados,
ele comprou um e deu,

dela, o dele recebeu.
Todos dois deram presentes,
e naquele resto de dia
por ser data de alegria
há trocas de beijos quentes.

Pra quem namora é o dia
mais feliz da nossa vida.
O dia dos namorados,
data alegre e merecida
para quem gosta de amar,
chega o dia de noivar,
pra isto foi reservado,
a data ficou marcada
para a moça namorada
e o rapaz namorado.

É neste dia que nasce
o sonho de um casal,
porque sem haver namoro,
não há amor conjugal,
tem que namorar primeiro,
que é dever do solteiro
pra depois puder noivar.
Quem noiva, fica mais perto
de conhecer se dar certo
um com o outro casar.

Namoro, amor, casamento,
quase todo mundo quer,
nem toda moça que casa
sabe ser boa mulher,
nem todo rapaz também

será esposo de bem,
porque depois de casado,
não dando certo não presta,

é melhor ficar na festa
do dia dos namorados.

Dia dos Pais.

O primeiro pai do mundo
foi o nosso pai Adão
e por pai da descendência
o nosso pai Abraão.
Isaque, Jacó, José,
cada um foi pai de fé.
Salomão amou demais
de ser pai tinha este gosto
e para o mês de agosto
deixou o dia dos pais.

Cada segundo Domingo
de agosto é festejado,
o grande dia dos pais
nesta data propagado
por rádio e televisão,
jornais de toda nação
endeusando os pais com fé.
Neste tema eu sou ativo,
São José pai adotivo
De Jesus de Nazaré.

Ser pai é saber criar
Como São José criou.
Jesus filho de Maria
como pai ele salvou,
de Herodes não matar

o menino no lugar,
aonde havia nascido,
o velho forte e perito,
foi de Belém ao Egito
salvando ao filho querido.

Cada pai tem o dever
criar bem e educar,
cada filho com carinho,
também saber perdoar.
Sem barulho e sem questão
de todo seu coração,
amar seu filho querido,
no exemplo que ficou,
como São José criou
o Messias prometido.

O homem pra ser bom pai
precisa ser bom esposo,
se não for bom pra esposa
o filho fica nervoso.
Para ser um pai querido
terá que ser bom marido,
pra ser querido dos filhos
haver amor em geral
em todo seu pessoal
tudo certo, nos seus trilhaos.

Quando chega o mês de Agosto
o bom pai fica contente,
sabe que de cada filho
vai receber um presente.
O filho tem o prazer
de com gosto oferecer,
seu presente em boa trilha.
O pai emocionado
recebe maravilhado,
presente de filho e filha.

O pai é o responsável
por todos filhos que tem,
desde da hora que nasce,
o bom pai se sente bem,
dentro da realidade

a responsabilidade
de ser pai ter aumentado,
pra zelar, esposa e filhos
livrando dos impecilhos
e não fazer nada errado.

Viva o pai brasileiro
e todos os pais do mundo.
De Adão até agora,
no seu dia tão profundo,
eu mando esta mensagem,
a cada pai, com vantagem,
meu lindo poema vai,
com todas credenciais,
parabéns a todos pais
no grande dia do pai.

Dia do Estudante.

O dia do estudante
é a onze de agosto,
o estudante disposto
se chama de esforçado.
Existe o inteligente,
e o que não dá valor,
estuda como um favor,
do pai, fazendo um mandado.

O estudante é aquele,
que estuda com amor,
ao estudo dá valor
e muito gosto aos pais,

ainda que seja rude
batalha até se formar,
passou no vestibular.
O resto pra frente faz.

Estudante negligente
que estuda sem ter gosto,
o seu pai sente desgosto,
sua mãe se traumatiza.
Ele é desinteressado,
o pai gasta, ele não passa,
fica brincando na praça,
não estuda o que precisa.

Sendo estudante bom,
deixa o pai satisfeito
e vai estudar direito
ou um grau superior,
de médico ou engenheiro.
Ele é quem escolhe a regra,
qual o pai que não se alegra,
vendo seu filho doutor.

Estudante na política,
pensa em liberdade e pão,
a bem de sua nação,
diz a verdade aos doutores.
Desagrada os poderosos
que acham ser uma ofensa,
em lugar de darem crença
chamam de agitadores.

O estudante vê tudo,
quem fala a verdade peca.
Rui Barbosa e Frei Caneca,
também sofreram pressões.

Folclore.

Folclore tem o seu dia,
a vinte e dois de Agosto,
sua estrela e poesia
e seu trabalho é composto,
com coisas de tradições,
lendas, costumes, canções,
que ninguém pode esquecer.

O estudante não teme,
governo que está errado,
quando erra é apontado,
nem que vá para as prisões.

O estudante é a força
dentro de uma nação
porque não teme pressão
venha de onde vier,
eles saem em passeata,
tudo na garra e na raça,
faz ato público na praça
e dê depois no que der.

É da classe estudantil
que saem os grandes doutores,
bacharéis e promotores
e os políticos brilhantes,
os médicos e engenheiros
e todas as formaturas,
letras e literaturas,
vem tudo dos estudantes.

Marcaram épocas passadas
que deverão ser lembradas
para o folclore viver.

São as canções populares,
As crenças e as mesinhas,
Que nossos familiares,

Adotaram nessas linhas.
De todo nosso Nordeste,
se chamar cabra da peste
e cantar mulher rendeira,
cirandinha, xote e moda,
dançando coco de roda
no terreiro a noite inteira.

O coco do Piauí
e o xote da mulatinha,
o doce de Buriti,
o cântico da ladainha.
A velha fazenda renda,
vaqueijada na fazenda,
encontro com caipora,
caçada misteriosa,
vinho do porto e gasosa,
mostrei o Folclore agora.

O cantador na viola,
cantando sua sextilha,
a petecada de bola,
um São João na quadrilha,
a festa das pastorinhas
e as casas de farinhas,
quando se puxava a mão,
no seu tempo primitivo
é este o Folclore vivo,
cultura desta nação.

O Folclore é registrado
na festa de São João.
Dia de “Reis” no reisado,
São Cosme e São Damião,

São Benedito e “Santana”
São Pedro, festa bacana,
São Roque e Santa Luzia,
São Gonçalo e Santo Antônio,
São José, o patrimônio,
Quando o Folclore nascia.

Folclore também cresceu
com a festa do Rosário,
sobre São Bartolomeu
é o maior comentário.
Festa de São Sebastião,
nunca perde a tradição,
onde ele é padroeiro.
A lapinha de natal,
quer ver Folclore legal,
é a festa do Piquizeiro.

A crença de oxalá,
batuque feito a zabumba,
o Xangô, Iemanjá,
o despacho e a macumba,
o candomblé e umbanda,
é centro de propaganda,
os trabalhos de terreiros.
Pretas velhas rezadeiras,
foram as crenças primeiras
para muitos brasileiros.

Folclore é uma palavra,
que vem da origem inglesa,
o poeta tem de lavra,
por trabalhar, nesta empresa,
um canta uma gemedeira,

outro folheto na feira,
trabalho do romanceiro,
do cordel que se arquiva,
Folclore cultura viva
do Nordeste brasileiro.

Tem lenda que me inspira,
Como o saci-pererê.

Dia do soldado.

Viva o dia do soldado,
vinte e cinco de agosto,
glória de um militar,
que foi honrado e disposto,
o afamado Caxias,
que em seus famosos dias
tornou-se forte guerreiro.
Ganhou medalhas do trono
e o título de patrono
do exército brasileiro.

Nasceu em Porto da Estrela,
capitania do Rio,
nosso famoso Caxias,
que tornou-se um desafio
na vida de militar.
Foi uma mão exemplar,
nunca lutou pra perder,
por nossa pátria querida,
deu tudo de sua vida
para o Brasil defender.

Urutaú curupira.
Mãe-d'água e cateretê.
Chegança e acarajé.
Com a lenda de sumé.
O melhor pude informar,
Leia o poema e decore,
Porque este é o folclore,
Que devemos preservar.

Começou sua bravura
na guerra da independência,
contra o General Madeira,
Caxias fez resistência,
No litoral da Bahia,
brigando de dia a dia,
fez a tropa portuguesa
deixar nosso litoral,
partindo pra Portugal
com a maior ligeireza.

Caxias lutou também
na guerra da Cisplatina,
contra um poder uruguaio
e toda força Argentina,
nesta ele triunfou,
entrou na guerra e ganhou.
Chegou outra agitação,
contra Dom Pedro Primeiro,
lá no Rio de Janeiro,
forma de revolução.

Dom Pedro abdicou,
findou-se a revolução.
Chega a Guerra dos Farrapos,
Caxias de prontidão,
defendeu em boa trilha,
triunfou na Farroupilha,
no Maranhão foi lutar,
ganhou a da Balaiada,
depois da guerra ganhada,
foi Barão, o militar.

Lutou contra um movimento
do partido liberal,
que criou-se em Sorocaba,
ele deu ponto final,
voltou a Minas Gerais,
lutou, ganhou, fez a paz
de uma rebelião.
Os Farrapos novamente
criaram nova corrente,
voltando a guerra em ação.

Ao Rio Grande do Sul
por Dom Pedro foi chamado,
tomou conta da província,
como um presidente honrado,
lutou até acabar
a guerra e pacificar.
Depois de grandes batalhas,
os Farrapos derrotados,
o Rei com os resultados
o deu, bonitas medalhas.

Com esta grande vitória
se elegeu ao senado
do Rio Grande do Sul,
Caxias todo folgado,
Rebentaram duas guerras
De duas vizinhas terras,
Uruguai e Argentina.
Contra o país brasileiro,
Caxias como guerreiro,
voltou a velha rotina.

Com Rosas da Argentina
e Oribe do Uruguai,
os dois contra o Brasil,
de novo Caxias vai.
Dom Pedro disse Caxias
o dou todas garantias,
defenda a pátria de novo.
Oribe se entregou,
sozinho Rosas ficou,
mas perdeu pra nosso povo.

Caxias junto a Urquiza,
fizeram Rosas perder,
voltando a paz para todos,
o Rei sentia o prazer,
chegou outra grande guerra,
contra o Brasil nossa terra,
a guerra do Paraguai.
Francisco Solano Lopes,
subiu aos altos topos,
onde o Brasil quase cai.

Caxias volta de novo,
ao comando da guerra,
porém com Solano Lopes,
ele viu a nossa terra,
dentro de grande perigo,
vendo que o inimigo,
em tudo, era perigoso.
Honrando suas medalhas,
depois de grandes batalhas,
terminou vitorioso.

No fim desta grande guerra,
ele doente e cansado,
deixou a mesma depois,
de ver quase o resultado.
Solano Lopes vencido,

Dia da Pátria.

O nosso dia da pátria
é a sete de setembro,
o sonho de Tiradentes,
que da luta foi um membro,
queria a independência,
mas encontrou resistência.
Morreu pela liberdade,
deste país brasileiro,
depois Dom Pedro Primeiro
fez do povão a vontade.

Quando o Brasil pertencia
as cortes de Portugal,

Caxias muito abatido,
voltou ao Rio de Janeiro.
Da guerra ouvindo o batuque,
ganhou o título de Duque
e defensor brasileiro.

É esta a biografia
do soldado brasileiro,
que começou sua luta,
junto com “Pedro Primeiro”.
Findou com “Pedro Segundo”,
com um trabalho profundo,
quando ocupava o senado,
disse pra todos jornais,
não fui, nem quero ser mais,
do que um fiel soldado.

debaixo deste domínio,
sofria seu pessoal
Portugal criando fama,
inventou até derrama,
obrigando a se pagar,
imposto a peso de ouro,
da gente tirando o couro
pra Portugal enricar.

Surgiram alguns patriotas
pensando em independência.
O Brasil como colônia
vivia de emergência,

debaixo de um cativoiro,
sede no Rio de Janeiro,
piorando cada ano.
Nosso povo empobrecendo
e cada ano crescendo
o tesouro lusitano.

A luta de Tiradentes
era para libertar,
o Brasil de Portugal,
porém não pôde alcançar,
o que tinha planejado,
porque morreu enforcado,
puro, forte e consciente.
Pelo plano que propôs,
com trinta anos depois,
foi a pátria independente.

Morreu ficou pelo mártir,
da nossa independência,
deixou um caminho aberto,
para a nova descendência.
Outros novos patriotas,
revoltados com as cotas,
que Portugal nos cobrava,
todo ano de imposto,
isto crescia o desgosto,
todo mundo reclamava.

Assim se organizou,
outra corrente em estudo,
tendo José Bonifácio,
como cabeça de tudo,
sendo Dom Pedro o regente,

já amigo desta gente,
que há muitos anos sofria.
Sendo bem orientado,
resolveu ficar ao lado,
de quem tanto lhe pedia.

Ouvindo o povo do Rio,
foi para Minas Gerais,
onde Dom Pedro passava,
ia deixando os sinais,
que queria independência,
todo povo com prudência,
mostrava os lados carentes,
de liberdade e mudança,
aquela velha esperança,
do saudoso Tiradentes.

De Minas, foi a São Paulo,
em defesa da nação,
olhar se o Porto de Santos,
tinha mesmo condição,
de ser uma fortaleza.
A bem da nossa defesa,
à tarde, quando voltava,
com os seus caravaneiros,
encontraram dois carteiros,
coisa, que não esperava.

E entregaram três cartas,
no meio daquela estrada,
assim que Dom Pedro leu,
puxou pela sua espada,
e bradou num eco forte,
ou independência ou morte.

Fica o Brasil desligado,
das cortes de Portugal,
morro por meu pessoal,
como um patriota honrado.

Na tarde do dia sete,
de setembro aconteceu,
nas margens do Ipiranga,

a liberdade nasceu.
Todo povo estava atento,
pra vê o desligamento,
do Brasil, de Portugal.
Nova esperança nascia,
viva o Brasil, e o dia,
da pátria nacional.

Dia da Criança.

Viva o dia da criança,
que é doze de outubro,
e o dia das Américas,
na mesma data “descubro”
o dia da padroeira,
desta terra brasileira,
a senhora Aparecida.
Também é dia do mar,
porém eu quero falar,
é na criança sofrida.

“Inda” é dia do Agrônomo,
porém eu deixo de lado,
para falar na criança,
no seu dia tão falado.
Todo mundo quer fazer,
uma festinha e dizer,
viva nossa criançada,
na escola aonde estuda,
só não aparece ajuda,
pra criança abandonada.

A filha do pobrezinho,
vive triste no mucambo,
periferia ou favela,
de roupa usa um molambo
e o pobre garotinho,
de pé no chão, coitadinho,
com fome sem condições.
Sem nunca ir a escola,
termina na corriola,
dos trombadinhas, ladrões.

A rica tem o conforto,
a pobre, tem o tormento,
a rica tem regalia,
a pobre falta alimento.
A rica, ganha brinquedo,
a pobre, chupando o dedo,
a rica é filha de nobre
e sempre, mora nas ruas,
mostrei a vida das duas,
da filha rica e da pobre.

Se o Brasil entendesse,
esta mensagem rimada,
talvez começasse a ver,
a criança abandonada.
Sem formações, nem carinhos,
coitada, tem dois caminhos,
pedir esmola, ou roubar,
se pedir é censurada,
se roubar é torturada,
como pode, se criar.

Tanto marginal mirim,
na nossa atualidade,
as culpas, cai nos parentes,
também na sociedade,
vendo meninas perdidas,
mocinhas prostituídas,
nos grupos dos marginais.
Na miséria, sem prazeres,
a culpa está nos poderes
e a outra parte, nos pais.

Tanto dinheiro sobrando,
gasto sem necessidade,
na política brasileira,
desde da antiguidade.
Começou na monarquia,

passou pra democracia,
nesta república plantada,
ditadura que passou,
porém, pouca gente olhou,
a criança abandonada.

As estradas foram feitas,
educação melhorou,
a medicina cresceu,
saúde, se organizou,
o esporte está de cima,
quem se aposenta, se anima.
Há uma coisa esquecida,
a marginalização,
das crianças, da nação,
precisa ser combatida.

Porque a criança rica,
já se sabe, tem de tudo,
a média, nunca lhe falta,
calçado, roupa e estudo.
A pobre, está escapando,
com os seus pais trabalhando,
havendo perseverança,
somente a abandonada,
precisa de ser lembrada,
no seu dia de criança.

Dia do professor.

Dia quinze de outubro,
é dia, do professor,
mestre, da educação,

a quem trato, com amor.
O pouco que aprendi,
nos velhos livros que li,

devo, a quem me ensinou.
Por conhecer, seus valores,
a todos os professores,
parabenizando estou.

O professor sendo bom,
é considerado um pai,
faz tudo por sua classe,
quando uma prova cai,
difícil de entender,
ele pra favorecer,
prorroga pra outro dia,
e manda a turma estudar,
pra ninguém se aperriar,
e ir de mente sadia.

O primeiro professor,
deste país, brasileiro,
foi, José de Anchieta,
nosso mestre pioneiro,
pra ensinar, teve dote,
mesmo, sendo sacerdote,
ensinava com prazer.
O português, o latim,
um catequista sem fim,
professor, até morrer.

Hoje o Brasil, está cheio,
de bons lecionadores,
temos boas professoras,
como temos professores.
O nosso ensino, subiu,
cresceu, se evoluiu,
vai bem, a educação,

em todos níveis terrestres,
trabalhos dos grandes mestres,
com os órgãos, da nação.

Brasília, tem um ministro,
da educação, da gente,
cada estado um secretário,
controlando o ambiente,
nas prefeituras também,
em cada uma contém,
um secretário atuando.
Com recursos, nos setores,
pagando aos professores,
que vivem nos ensinando.

Coisa triste é política,
dentro da educação.
Pouco vale, ser cursado,
o que vale, é pistolão,
quem tem curso, está parado,
quem não tem é empregado,
basta político querer,
é isto, o que mais estraga,
quem não sabe, ocupa a vaga,
é professor sem saber.

Os professores cursados,
que tem suas formaturas,
sendo da oposição,
encontram barreiras duras,
se não se acomodar,
com quem vive a governar,
tudo que pede é negado.
Formatura não garante,

qualquer poder, atuante,
manobra, com um formado.

Para o professor primário,
preparei essa mensagem.
Finalmente para todos,
faço a minha homenagem,

desde a universidade,
colégio e faculdade,
ensino superior,
de onde vem os doutores,
parabéns aos professores,
no dia do professor.

Dia dos finados.

Na data dois de novembro,
dia dos fiéis, defuntos,
em recordar eu me lembro,
que são demais os conjuntos,
de parentes, visitando,
as sepulturas rezando,
ornamentando os jazigos,
como uma obrigação,
um dia de devoção,
para os seus entes amigos.

Sempre em cada cemitério,
três missas são celebradas,
num ato tristonho e sério,
com muitas velas queimadas
e outras se acendendo,
como quem estão dizendo,
aqui, há entes queridos,
destes, que estão chorando,
com sentimento mostrando,
semblantes entristecidos.

A mãe reza para o filho,
que ali está sepultado,
a filha no mesmo trilho,
para seu pai estimado,
reza e acende velas,
as fotografias belas,
para os túmulos são levadas,
cópias, fiéis positivas,
lembranças de quando vivas,
nas fotos entronizadas.

Grinaldas, ramos e flores,
feitas artificiais,
capelas de várias cores,
já com flores naturais,
posta em cima das covas,
como um exemplo de provas,
de saudade e sentimentos.
Para os que estão sepultados,
todo dia de finados,
se vê, estes movimentos.

De todos dias do ano
é o mais movimentado,
feriado em todo plano,
sem outro encontro marcado,
a não ser no campo santo.
Não há ato, noutra canto,
até as missas do dia,
sempre são nos cemitérios,
sufrágios e atos sérios,
sem nada de alegria.

Cada cova plantadinha,
verdinha como uma horta,
catacumba, bem alvinha,
de receber gente morta.
São limpas, para este dia,
não é nada de alegria,
e sim um dever cristão,
onde ninguém perde hora,
passa o dia triste e ora,
pelos que, ali estão.

O Dia dos bandeirantes.

O dia dos bandeirantes,
é quatorze de novembro,
são heroísmos brilhantes,
que no presente relembro.
Um bandeirante enfrentar,
as matas e dominar,
tribos, serpentes e feras,

Cada cova, nome e cruz
e rodeada de flores,
em cada vela uma luz,
de prova, aos pecadores,
mostrando que todos vão,
para este mesmo chão,
de sepultar corpo humano.
Se seu irmão, foi primeiro,
você vai por derradeiro,
neste, ou em qualquer ano.

Começa de madrugada,
e vai às onze da noite,
vela acesa e apagada,
quando o vento dá açoite,
rezando terço e rosário,
o povo passa diário,
por almas dos sepultados,
Cada um dá assistência,
com amor e indulgência,
todo dia de finados.

com pequena expedição,
talvez fosse uma ilusão,
ou as loucuras das eras.

Era pensando em riqueza,
enfrentar tal aventura,
que triunfar na empresa.

Era caso pra loucura,
penetrar de selva a dentro,
sabendo que lá no centro,
topava tribos selvagens,
cheias de índios guerreiros,
e, estes aventureiros,
levariam desvantagens.

Os maiores bandeirantes,
foram da terra paulista,
que saíram triunfantes,
naquela dura conquista,
escravizando selvagens,
a fim de tirar vantagens,
como Raposo Tavares,
que na luta triunfou,
muitas terras, desbravou,
aldeou muitos lugares.

Enfrentar chuvas e frios,
febre, bexiga, sezão,
geada a beira dos rios,
terreno, sem condições,
dum bandeirante passar.
Rios largos, como um mar,
Como o Prata e o Madeira,
e o grande Rio Amazonas,
conheceu aquelas Zonas,
na viagem derradeira.

Manoel Preto também,
outro bandeirante forte,
morreu já perto de cem,
fez da bandeira um esporte.

Como fez um Fernão Dias,
nas matas grandes e frias,
subindo serras e fraldas,
para descobrir tesouro,
atrás de prata e de ouro,
diamante e esmeraldas,

Nunca existiu outra gente,
forte como o bandeirante,
além de tudo valente,
com bravura de gigante.
Levar a vida no mato,
da forma de Borba Gato,
e Bartolomeu Bueno,
do jeito de Anhaguera,
que nunca temeu a fera,
nem índio no seu terreno.

Ainda merece estudo,
pesquisado e cuidadoso,
quem foi Antônio Bicudo
e o Matias Cardoso,
bandeirantes preparados,
garimpeiros vinculados,
às grandes minas de ouro.
Antônio Prado e Garcia,
sertanista de valia,
nas minas, ganhou tesouro.

Para ter um ideal,
os bandeirantes saíam,
depois se acabava o sal,
insofocáveis comiam,
um ano, dois, até mais,

a busca dos minerais,
trabalhos estravagantes.
Na raça e na aventura,

nunca houve, outra bravura,
igual a dos bandeirantes.

Dia da República.

Nosso dia da república,
festejado com respeito,
todo quinze de novembro,
ganha do povo, o conceito,
quando é comemorado,
com o exército formado.
Honra da democracia,
garantindo cada ano,
o poder republicano,
tomado da monarquia.

No final da monarquia,
houve desentendimentos,
ministros com militares,
havendo alguns movimentos,
ministros velhos do rei,
por questão política ou lei,
mexeram com militares.
Falta de conselho e planos,
com isto, os republicanos,
ficaram mais populares.

Visconde de Ouro Preto,
João, Alfredo, e outros mais,
buliram com Deodoro,
um dos grandes marechais,
foi mesmo, que assanhar,

o cão para cutucar,
com vara curta, de perto.
O marechal ofendido,
disse ministro bandido,
a sua conta, eu acerto.

Quando chegou aos ouvidos,
dos que pregavam república,
este desentendimento,
comentado em praça pública.
Assim os republicanos,
se armaram de mil planos,
ao redor do marechal,
dando a popularidade,
pra ser, a autoridade,
chefe, daquele ideal.

Os grandes republicanos,
chamados conspiradores,
foram Benjamin Constante,
Rui Barbosa, um dos valores,
Botelho de Magalhães.
Quintino, era um dos fãs,
junto de, Silva Jardim,
Campo Sales, e Prudente,
queriam, ver, mais na frente,
a monarquia, ter fim.

Floriano agiu demais,
fortificando a corrente,
na casa de Deodoro,
viviavam diariamente,
ele, com os conjurados,
com boatos inventados,
fuxico crítica e enredo,
mostravam ao marechal,
notícia paga, em jornal,
todos os dias bem cedo.

Diziam que o exército,
la ficar reduzido,
atendendo a Ouro Preto,
que tinha feito o pedido,
ao poder imperial,
na guarda nacional,
uma parte ia ficar,
duas para outras zonas,
e era no Amazonas,
pra Ouro Preto mandar.

Deodoro ia ser preso,
ao lado de Benjamim,
e depois prendiam mais,
que o plano, era dar fim,
a propaganda imoral,
contra a imperial,
feita pelos conjurados,
chamada republicana,
antes do fim da semana,
seriam trancafiados.

Este boato político,
fez Deodoro engrossar,
com um movimento armado,
partiu para derrubar,
o poder do ministério,
o ato foi duro e sério,
Ouro Preto foi detido,
saíram em praça pública,
dizendo, viva a república,
e o exército querido.

Demitiram os ministros,
do poder imperial,
para um golpe militar,
era este o ideal,
tendo a frente Floriano,
de Deodoro, era mano.
Forte, disposto e honrado,
sem precisar de brigar,
soube tudo organizar,
sem ter sangue derramado.

Na tarde do dia quinze,
de novembro foi montado,
o regime federal,
por muita gente esperado,
Em dezoito e oitenta e nove, “1889”
que até hoje se promove,
a república que adoro,
e naquele mesmo dia,
coube a primeira chefia,
ao marechal Deodoro.

E os primeiros despachos,
que Deodoro, assinou,
a saída de Dom Pedro,
do Brasil, se registrou,
por gosto, ou constrangimento,
assinou o banimento,
da família, imperial.
O rei quando recebeu,
ao continente, europeu,
partiu, com seu pessoal.

Chegando em Portugal,
dona Teresa Cristina,
com a dor da deposição,
teve morte repentina.
Com a morte da imperatriz,

Dom Pedro foi a Paris,
para procurar exílio,
chorando como criança,
o presidente da França,
lhe deu apoio e auxílio.

O Brasil continuou,
no governo provisório,
do marechal Deodoro,
forte, disposto e notório.
Houve a constituição,
e ele na eleição,
o presidente primeiro,
aplaudido em praça pública,
viva o dia da república,
no meu país brasileiro.

Bandeira Nacional.

Bandeira Brasil-império,
foi chamado antigamente,
depois num ato mais sério,
mudou oficialmente,
por ordem do marechal,
bandeira nacional,
da república brasileira.
Deodoro quem mudou,
um nome que segurou,
até hoje nossa bandeira.

E foi idealizada,
por nosso Teixeira Mendes,
e por Décio desenhada,
disse a ele, tu entendes,
foi quem idealizou
e desenhando eu estou,
para ficar conhecida,
bandeira republicana,
sem nada, de lusitana,
em nossa pátria querida.

A parte verde mostrando,
as matas como se diz,
o amarelo indicando,
o ouro do meu país,
as riquezas minerais,
aquele losango traz,
perto da esfera azul,
a cor do céu mostra bem,
e constelações também,
como o cruzeiro, do Sul.

Na faixa branca se vê,
ordem e progresso escrito,
para se compreender
que o trabalho é bonito.
Além das constelações,
estrelas nas posições,
do círculo azul, tão legal,
cada estrela, é um estado,
e a outra, do outro lado,
o Distrito Federal.

O auriverde pendão,
tremula para mostrar,
sírio e escorpião,
somente para imitar,
o céu do Rio de Janeiro,
o escudo de um guerreiro,
também se vê no seu pano.
Símbolo de nação guerreira,
não há pátria, sem bandeira,
de civil ou soberano.

Na casa do presidente,
a bandeira é hasteada,
deve ser diariamente,
em honra da pátria amada,
se usa nos ministérios,
no senado com critérios,
na câmara dos deputados,
no supremo tribunal,
é um dever federal,
dos velhos antepassados.

Deve estar nos tribunais,
chamados, superiores,
palácios estaduais,
honrando os governadores,
onde houver expediente,
uma bandeira presente,
em todas repartições,
até mesmo em prefeituras,
tremulando nas alturas,
com seus bonitos pendões.

A bandeira é a grandeza,
da pátria nacional,
seu mastro mostra a beleza,
da sua terra natal,
no pano, a mata e o ouro,
país de grande tesouro,
é a terra brasileira,
que inveja, ao mundo inteiro,
viva o país brasileiro,
com sua linda bandeira.

Natal.

O Natal significa,
o nascimento de Cristo,
data pura, santa e rica,
para quem entende disto,
começa do advento,
preparação, ornamento,
até a data marcada,
vinte e quatro, é o embalo,
para a missa do galo,
zero hora celebrada.

Cada igreja uma lapinha,
mostrando a humanidade,
uma linda criancinha,
formando a santa trindade,
José, Maria e Jesus.
Hoje a lapinha tem luz,
porém lá, era um foguinho,
que São José, conservava,
e assim iluminava,
Maria e o seu filhinho.

Para falar a verdade,
lá era uma estrebaria.
O Natal da cristandade,
que se celebra, hoje em dia,
não tem sentido, o papel,
que vejo um papai noel,
mostrando afago e riqueza.
Grande diferença tem,

do presépio de Belém,
ambiente de pobreza.

Era um menino deitado,
em uns paninhos no chão,
e São José conformado,
fazendo a arrumação,
de Maria e o menino,
santo rebento, divino,
naquela gruta nascido.
Nada de conforto havia,
e dos natais de hoje em dia,
não tem nada parecido.

Apenas de madrugada,
alguns pastores chegaram,
foram tomando chegada,
e de perto observaram,
que aquela pobrezinha,
deu a luz a criancinha,
ali naquele lugar,
cercada de animais,
admirados, demais,
foram na rua avisar.

Correram até Belém,
avisaram na cidade,
a notícia correu bem,
como uma novidade,
algum mistério existia,

que naquele mesmo dia,
depois do acontecido,
Herodes foi sabedor,
que nascera, o salvador,
o Messias prometido.

Não vou seguir na História,
porque o tema é Natal,
data que vive em memória,
neste globo universal.
Só não é comemorada,
da forma que foi passada,
porque vejo diferente,
fugindo a santa doutrina,
hoje a festa natalina,
é um comércio pra frente.

Todo comércio em geral,
faz as suas promoções,

durante o mês de Natal,
a fim de ganhar milhões.
A igreja é esquecida,
a missa pouco assistida,
na noite do nascimento,
na vigília falta gente,
é pouco, o povo presente,
para o santo sacramento.

Natal é pra se mudar,
esta vida do pecado.
A Deus se encomendar,
pedir pra ser perdoado,
fazer sua confissão,
contrito, de coração,
todo dezembro, anual,
pense em Cristo e mude o Dom,
faça o que Deus acha bom,
seja feliz no Natal.

Poesias violas e repentis: Coletânea de sextilhas

Coletânea de sextilhas⁵⁶ colhidas puramente de improviso, que foram cantadas ao som da viola, pelo poeta e cantador Antônio Américo de Medeiros, em mais de quatro décadas que ele cantou de profissão ao som da viola.

O cantador Manoel Fabrício, nome de guerra Asa Branca, natural de “Fagundes - PB. Cantando com Antônio Américo em 1946, deixou a deixa:

Quem canta as aves comigo,
aumenta o conhecimento

Antônio Américo, respondeu de improviso:

A garça todo momento
é completa de beleza,
alva limpa, e vaidosa,
exibindo a boniteza,
pescando a beira dos lagos,
com seu porte de princesa⁵⁷

O cantador Francisco Fabrício de Oliveira, nome de guerra Chico Pedra, natural de Jardim de Piranhas-RN, radicado em Mossoró, cantando com Antônio Américo, em 1948, deixou a deixa:

⁵⁶ Nessa terceira parte do livro *Poesias violas e repentis*, Antônio Américo apresenta e comenta uma coletânea de sextilhas que foram por ele recolhidas, conforme apresentado anteriormente.

⁵⁷ O texto do manuscrito apresenta pouca alteração, apenas não cita a data, que, segundo consta no livro, foi o ano de 1946. A introdução de apresentação da resposta à deixa encontra-se modificada: “Américo se inspirou e respondeu”. Esta sextilha corresponde à de número sessenta e oito, na sequência estabelecida no referido manuscrito.

Até Lampião temeu,
A morte de foice armada.

Antônio Américo deu a resposta com este gracejo:

A morte é tão descarada,
que mata uma donzela,
alva, decente e risonha,
nobre, educada e bela,
e deixa uma negra falsa,
arengueira, que só cadela.⁵⁸

O cantador Severino Capote, nome de guerra Capotinho, natural de Campina Grande–PB, cantando com Antônio Américo em 1952, no município de São João do Sabugi, deixou a deixa:

Até um urubu rei,
hoje a tarde eu vi aqui.

Antônio Américo deu a resposta:

Urubu é um gari,
a limpeza é sua mira,
só come se achar morto,
nem ofende, e nem conspira,
fecha o luto quando é novo,
morre de velho e não tira.⁵⁹

58 O texto do manuscrito apresenta pouca alteração, ele não cita a data, que, segundo consta no livro, foi o ano de 1948, e esclarece que o canto dos poetas era “assunto de morte”. A introdução de apresentação da resposta à deixa encontra-se mais resumida: “Antonio Américo respondeu”. Esta sextilha corresponde à de número sessenta, na sequência estabelecida no referido manuscrito.

59 No documento manuscrito, o poeta informa que o cantador Severino Capote tinha como nome de guerra “Capotinho” não na apresentação da sextilha, conforme consta no

O cantador Inocência Gato, natural de Pau dos Ferros–RN, cantando com Antônio Américo, deixou a deixa:

O sertão do meu passado,
está muito diferente.

Antônio Américo, respondeu de improviso:

O sertão antigamente,
tinha peba e verdadeiro,
hoje está tudo acabado,
até o tejo é vasqueiro,
camaleão, peça a Deus,
seu couro não dar dinheiro.⁶⁰

O cantador Sérgio Alexandre, natural de Pau dos Ferros–RN, cantando com Antônio Américo em Icozinho–CE, deixou a deixa:

Jeová o pai dos pais,
e autor da criação.

Antônio Américo, deu-lhe a resposta assim:

Jeová formou Adão,
de um barrinho amassado,
de uma costela dele,

texto do livro, mas na introdução de apresentação da resposta à deixa de seu parceiro: “Américo respondeu para Capotinho, que era seu nome de guerra, e disse”. No início do quarto verso, a palavra “não” substitui o “nem” que inicia o verso no texto publicado. Esta sextilha corresponde à de número sessenta e seis, na sequência estabelecida no referido manuscrito.

60 Esta sextilha corresponde à primeira apresentada no Manuscrito disponível no acervo digital da cordelteca do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular. Intitulado na ficha técnica inicial *O sertão do meu passado, está muito diferente*, o arquivo apresenta como conteúdo do documento um total de setenta estrofes de “sextilhas de cantoria”.

fez Eva, o seu anjo amado,
dessa união dele, e dela,
houve, o primeiro pecado.⁶¹

O cantador Manoel Calixto, natural de Augusto Severo–RN, radicado em Mossoró–RN, cantando com Antônio Américo na Rádio Tapuio de Mossoró, em 1957, deixou a deixa:

Para quem entende bem,
poeta sonha acordado.

Antônio Américo respondeu bonito:

O repentista inspirado,
sonha com a poesia,
na vida de um pobrezinho,
doente, na enfermaria,
por mãe conhecendo a noite,
por pai, conhecendo o dia.⁶²

Manoel Calixto, de outra vez cantando com Antônio Américo, também na Rádio Tapuio de Mossoró, deixou a deixa:

O cantador que não cria,
vive do mundo isolado.

61 Diferente do manuscrito, aqui, o poeta acrescenta como informação a localização de realização da cantoria: Icozinho – CE, e altera o texto de introdução da resposta, que, no documento, apresenta a seguinte redação: “Antonio Américo respondeu de improviso.” Cabe esclarecer que esta sextilha corresponde à de número dois, no referido manuscrito.

62 Aqui, o poeta acrescenta que a sextilha foi improvisada enquanto cantava com o colega na Rádio Tapuio de Mossoró – RN, em 1957, e também altera o texto de introdução da resposta, que, no documento, apresenta a seguinte redação: “Antonio Américo respondeu de improviso.” Acrescentemos que esta sextilha corresponde à de número três, no manuscrito.

Antônio Américo respondeu:

Eu vejo em verso criado,
o globo terrestre inteiro,
a partir do velho mundo,
ao meu país brasileiro,
sempre a justiça da terra,
toda vida, foi dinheiro.⁶³

O cantador Juvenal Evangelista e cordelista também é natural de Picuí–PB, cantando com Antônio Américo, em 1955, em São Bento, deixou a deixa:

Você tem que respeitar-me,
porque sou um campeão.

Antônio Américo, respondeu no duro:

Dos filhos da profissão,
deu Dimas, um personagem,
Pinto velho, nosso mestre,
e Josué, na coragem,
Canção, para escrever bem
e você na pabolagem.⁶⁴

63 No texto do manuscrito, o poeta informa que a sextilha foi improvisada enquanto cantava com o colega também na Rádio Tapuio de Mossoró, em 1958, e também altera o texto de introdução da resposta, que, no documento, apresenta a seguinte redação: “Antonio Américo se inspirou e respondeu:”. Acrescentemos, ainda, que esta sextilha corresponde à de número quatro, no manuscrito.

64 O texto do manuscrito apresenta como alteração a informação de que o poeta Juvenal Evangelista era radicado no Pará e, na introdução de apresentação da resposta à deixa, também ocorre uma pequena alteração: “Américo respondeu bonito”. Esta sextilha corresponde à de número trinta e cinco, no referido manuscrito.

O mesmo, Juvenal Evangelista dos Santos, cantando com Antônio Américo em 1955, deixou a deixa na cantoria. Tinha vários violeiros assistindo. Veja a deixa de Juvenal:

Saudade tem tanta coisa,
Que ninguém canta a metade.

Antônio Américo respondeu:

Esta palavra saudade,
só existe em Português,
criada por Dom Duarte,
eu sei do ano e do mês,
tudo isto, são lições,
que vão servir pra vocês.⁶⁵

Juvenal Evangelista dos Santos, cantando com Antônio Américo, em 1956, deixou a deixa:

O vaqueiro é um herói,
quando morre é esquecido.

Veja a resposta de Antônio Américo:

O vaqueiro destemido,
não vê, o que vai fazendo,
quem marca o canto é o boi,
também não vai escolhendo,

⁶⁵ O texto do manuscrito apresenta como alteração a informação de que o encontro entre os poetas aconteceu diante de uma turma de redeiros, na cidade de São Bento. Na introdução de apresentação da resposta à deixa, também ocorre uma pequena alteração: “Américo manifestou-se e respondeu na vista de outros cantadores repentistas que estavam na cantoria, veja bem”. Esta sextilha corresponde à de número trinta e seis, no referido manuscrito.

onde ninguém passa a pé,
um vaqueiro, passa correndo.⁶⁶

O cantador Pedro Rouxinol, natural de Itaporanga–PB, cantando com Antônio Américo, na cidade de Uirauna–PB, deixou a deixa:

Meu nome de cantador,
sempre cresce e não definha.

Antonio Américo se inspirou e respondeu:

Dos choros de Pixinguinha,
para o ébrio de Vicente,
vou colocar, minha ideia,
a palavra e o repente,
diante dos bons artistas,
eu também estou presente.

O cantador Justo Alves de Amorim, natural de Serra Talhada – PE, radicado em Mossoró, cantando com Antônio Américo, no Vale do Jaguaribe, Ceará, em 1956, deixou a deixa:

O vale do Jaguaribe
se parece o Pantanal.

Antônio Américo, respondeu bonito, veja:

É belo o carnaubal,
da terra jaguaribana,

⁶⁶ O texto do manuscrito apresenta como alteração a informação de que o encontro entre os poetas aconteceu no programa *Violas e repentes*, da Rádio Espinharas de Patos, e que o assunto era “de vaqueiro”. Na introdução de apresentação da resposta à deixa, também ocorre uma pequena alteração: “Américo deu a resposta bonita”. Esta sextilha corresponde à de número trinta e sete, no referido manuscrito.

com os lindos cataventos,
sete dias da semana,
aguando os laranjais,
capim-elefante e cana.⁶⁷

Justo Alves de Amorim, cantando com Antônio Américo na Rádio Tapuio de Mossoró, deixou a deixa:

A sabedoria humana,
tem muita coisa guardada.

Antônio Américo, respondeu. Veja a resposta:

Morre uma abelha afogada,
quando boiando aparece,
se tira e cobre de cinza,
igual a força de prece,
bate as asas e sai voando,
quem nunca viu desconhece.⁶⁸

O grande cantador que foi Ercílio Pinheiro, natural de Alexandria-RN, radicado em Taboleiro-CE. Era o maior cantador do Rio Grande do Norte, até quando faleceu em 1958. Cantando com Antônio Américo em 1957 deixou a deixa:

Diz a lenda que o macaco,
já foi gente no passado.

⁶⁷ O texto do manuscrito não faz referência à data, 1956, e nem ao fato de que o cantador Justo Amorim era radicado em Mossoró. A introdução de apresentação da resposta à deixa também se encontra um pouco diferente: “Américo respondeu na hora”. Esta sextilha corresponde à de número trinta e três, no referido manuscrito.

⁶⁸ Aqui, o texto do manuscrito apresenta mudança apenas em uma palavra do quarto verso: “força” (no manuscrito) e “forca” (no livro, um provável erro de digitação), e na introdução de apresentação da resposta à deixa: “Veja a resposta de Américo na hora”. Esta sextilha corresponde à de número trinta e quatro, no referido manuscrito.

Antônio Américo respondeu:

O homem pra ser formado,
passa anos no estudo,
o macaco em cativeiro,
em um ano aprende tudo,
não fala, mas pôr aceno,
conversa em forma de mudo.⁶⁹

O cantador Antônio Mota, natural de Catolé do Rocha-PB, radicado em São Bento-PB, cantando com Antônio Américo num povoado de nome Santo Antônio, na casa de um professor, chamado Antônio, deixou a deixa:

Aqui tem tudo de bom,
no nosso festim campônio.

Antônio Américo, respondeu bonito:

Aqui tem mais de um Antônio,
cada qual, com seu valor,
Santo Antônio padroeiro,
desta terra e defensor,
dois Antônio cantadores,
um Antônio professor.⁷⁰

⁶⁹ O texto do manuscrito não faz referência à data do encontro entre os poetas, 1957. Apresenta ainda algumas alterações na redação, entretanto não há acréscimos às informações repassadas. O terceiro e o quarto versos da sextilha apresentam alterações no texto: “um macaco em cativeiro / em um mês aprende tudo”. A introdução de apresentação da resposta à deixa também se encontra um pouco diferente: “Américo respondeu a Ercílio”. Esta sextilha corresponde à de número cinquenta e um, na sequência estabelecida no referido manuscrito.

⁷⁰ O texto do manuscrito, aqui, acrescenta apenas que o encontro dos poetas foi em uma “festa de renovação de Santo Antonio” e que “o dono da casa era um professor que também se chamava Antonio, aí Mota deixou a deixa”. A introdução de apresentação da respos-

O grande cantador Josué Alves da Cruz, natural de Serraria–PB, radicado em Campina Grande–PB, cantando com Antônio Américo, em 1956 em São João do Sabugi–RN, Josué sentindo o peso da idade, reclamou, deixando a deixa, assim:

Cantador termina pobre,
chorando o seu desegano.

Antônio Américo, que conhecia a História dos cantadores, respondeu:

O Josué de Romano,
repentista e seu xará,
foi cantar no Amazonas,
no Acre e no Paraná,
chegou comprou terra e gado,
com o que ganhou pôr lá.⁷¹

Com esta sextilha de Antônio Américo, o famoso Josué da Cruz deu-lhe esta resposta. Veja o verso de Josué:

Você diz que o meu xará,
com cantiga enriqueceu,
fazenda de gado dele,
cantador não conheceu,

ta à deixa também apresenta uma pequena alteração: “Américo respondeu na hora”. Esta sextilha corresponde à de número quarenta e dois, na sequência estabelecida no referido manuscrito.

71 O texto do manuscrito não faz referência à localidade do encontro entre os poetas, São João do Sabugi – RN, e acrescenta que o poeta “já velho e cansado sem quase nada de saldo da profissão deixou a deixa”. A introdução de apresentação da resposta à deixa também se encontra um pouco diferente: “Américo respondeu para Josué falando em outro Josué, veja”. Esta sextilha corresponde à de número cinquenta e três, na sequência estabelecida no referido manuscrito.

sei que da tuberculose,
muito cedo faleceu.⁷²

Este verso prova quem foi Josué da Cruz.

O cantador Júlio Veríssimo, nome de guerra, Patativa, era natural de Patos–PB. Foi fundador do programa Retalho do Sertão, da Rádio Borborema de Campina Grande. Em 1958 cantando com Antônio Américo, na Rádio Rural de Natal, deixou a deixa:

Quer ver o que é sofrer,
Receba uma ingratidão.

Antônio Américo, respondeu para Patativa:

A maior contradição,
é amar, sem ser amado,
é querer, quem não lhe quer,
é prezar, sem ser prezado,
o fim de quem ama assim,
é morrer abandonado.⁷³

72 A apresentação da resposta à sextilha anterior, de número cinquenta e três no manuscrito, apresenta alterações na redação: “Josué Alves da Cruz que foi um cantador renomado e um dos maiores do seu tempo deu a resposta sobre o outro Josué de Romano veja...”. Após a sextilha, Américo acrescenta o seguinte comentário: “resposta de quem sabia. Josué da Cruz foi um dos grandes. Eu digo porque cantei com ele, assina Antonio Américo.” Esta sextilha corresponde à de número cinquenta e quatro, na sequência estabelecida no referido manuscrito.

73 O texto do manuscrito informa que o cantador Júlio Veríssimo “foi radicado em Campina Grande quando cantava na Rádio Borborema”, que “foi para Natal cantar com Chico Traíra, na Rádio Rural” e, em um dos “programas da Rural”, surgiu a deixa dessa sextilha. O texto não cita o ano do programa que, segundo consta no livro, foi 1958. A introdução de apresentação da resposta à deixa também se encontra um pouco diferente: “Américo dentro do assunto disse”. Esta sextilha corresponde à de número cinquenta e cinco, na sequência estabelecida no referido manuscrito.

O cantador Estrelinha, natural de Queimadas–PB, radicado em Campina Grande, cantando com Antônio Américo, em 1959 em Serra Redonda–PB, deixou a deixa:

Vamos decantar o mundo,
do passado ao futuro.

Antônio Américo respondeu bonito:

Deus fez o mundo seguro,
já vi, que trabalho caro,
água, terra e firmamento,
noite escura e dia claro,
e nenhuma dessas peças,
nunca precisou reparo.⁷⁴

O cantador Jorge Viana, nome de guerra José Batista, natural de Patos–PB, fundador do programa, Violas e Repentes, de parceria com Antônio Américo. Em 1960, em um dos programas da Rádio Espinharas, deixou a deixa para Antônio, assim:

O cantador que não sonha,
nunca descobre roteiros.

Antônio Américo respondeu:

Antônio Américo Medeiros,
tudo quanto vê, anota,
a ticaca, branca e preta,
vive da mata pra grota,

74 O texto do manuscrito não faz referência à data, 1959, e nem à localidade do encontro entre os poetas, Serra Redonda – PB. A introdução de apresentação da resposta à deixa também se apresenta um pouco diferente: “Américo se inspirou e respondeu”. Esta sextilha corresponde à de número vinte e nove, na sequência estabelecida no referido manuscrito.

leva sol, chuva e sereno
e a sua cor não desbota.⁷⁵

O cantador José Alves Sobrinho, natural de Picuí–PB, radicado em Campina Grande. Considerado por muitos que foi um dos maiores cantadores do seu tempo, cantando com Antônio Américo em Recife, em 1958, deixou a deixa:

Quem batalha com José,
está com um leão de frente.

Antônio Américo, deu a resposta assim:

Nada vale ser valente,
qualquer um ser se liquida,
o leão é rei das selvas,
fera valente e temida,
basta uma cobra o morder,
pra ele tombar sem vida.⁷⁶

O famoso José Alves Sobrinho, cantando com Antônio Américo em João Pessoa, deixou a deixa:

75 O texto do manuscrito não apresenta alteração quando comparado ao texto do livro. A introdução de apresentação da resposta à deixa também se encontra um pouco diferente: “Américo respondeu bonito”. Esta sextilha corresponde à de número cinquenta, na sequência estabelecida no referido manuscrito.

76 O texto do manuscrito acrescenta algumas informações ao texto do livro. Vejamos: o poeta afirma categoricamente que José Alves Sobrinho “foi um dos maiores cantadores de todos os tempos até 1959 quando deixou de cantar por motivo de ter desafiado a voz.” No referido texto, não consta a data do encontro entre os poetas, 1958. Aqui, consta apenas que o fato de que a deixa surgiu enquanto cantavam “uma vez em Recife”. A introdução de apresentação da resposta à deixa, também apresenta uma pequena alteração: “Américo se inspirou e respondeu”. Esta sextilha corresponde à de número quarenta e três, na sequência estabelecida no referido manuscrito.

Se você é sertanejo,
dê uma demonstração.

Antonio Américo, que criou-se no sertão, respondeu:

Quando alguém fala em sertão,
me chega saudade um mês,
das noites de farinhadas,
um dia, dois, até seis,
da brincadeira de anel,
e do casamento francês.⁷⁷

Em 1962, José Alves Sobrinho, já havia deixado de cantar de profissão, porém como tinha grande amizade com Antônio Américo, ainda veio fazer três cantorias, que Américo arranjou. Uma em Malta, outra em Pombal e a última em Condado. Na Última em Condado, deixou a deixa:

Não sei como me separe,
de viola e cantoria.

Antônio Américo respondeu:

Quem cultiva a poesia,
tendo consciência adora,
porque é a luz da vida,
que pra mim trouxe melhora,
é meu lar de distração,
minha roça e minha flora.⁷⁸

⁷⁷ O texto do manuscrito esclarece que essa sextilha foi elaborada em outro encontro, ou seja “de outra vez cantando”, dessa vez em João Pessoa. A introdução de apresentação da resposta à deixa, também apresenta uma pequena alteração: “Américo que era filho do sertão respondeu para o grande cantador”. Esta sextilha corresponde à de número quarenta e quatro, na sequência estabelecida no referido manuscrito.

⁷⁸ “O cantador José Alves Sobrinho, na última viagem que fez no sertão como cantador, veio tirar 4 cantorias com Antonio Américo uma em Patos, outra em Pombal, outra em

José Alves Sobrinho, que era aquele cantador talentoso e sentimental, respondeu para Antônio Américo, que tinha deixado a deixa, na rima de flora. Veja a resposta de José Alves:

Já contemplei uma aurora,
que você não contemplou,
pequenos dias felizes,
o seu criado passou,
tudo quanto eu merecia,
com pouco tempo chegou.⁷⁹

Com esta sextilha de José Alves Sobrinho, Antônio Américo parou a viola. Tinha um senhor de nome Raimundo Cordeiro, gravando a cantoria, ai Antônio Américo copiou da fita estas duas sextilhas. Cantoria organizada por Zuquinha da Farmácia, em Condado -PB, em 1962.

O cantador José Mota Pinheiro, natural de Boa Viagem—CE, radicado em Fortaleza, cantando um desafio com Antônio Américo em Fortaleza em 1959, deixou a deixa:

Cantador do Rio Grande,
é cavalo da minha sela.

Veja a resposta de Antônio Américo:

Malta e a última em Condado – PB sentindo o fracasso da voz deixou a deixa”. É com esse texto que a sextilha de número quarenta e cinco, da sequência estabelecida no manuscrito, é apresentada pelo poeta Antônio Américo. Observemos que o número de cantorias está diferente do que é apresentado no texto do livro, possivelmente, um daqueles fenômenos que sempre encontramos no registro dos acontecimentos voltados para a cultura popular, fortemente ligada à oralidade e à memória daqueles que abraçam a tarefa de colocá-la em palavras escritas. A introdução de apresentação da resposta à deixa também apresenta uma pequena alteração: “Américo respondeu ao grande José Alves Sobrinho assim”.

⁷⁹ Aqui há poucas alterações no texto quando comparado ao manuscrito. Esta sextilha corresponde à de número quarenta e seis, no referido manuscrito.

Você hoje se dismantela,
quando vier me selar,
eu tomo a sela e lhe selo
e depois que terminar,
você vai ficar de quatro,
para eu poder me montar.⁸⁰

O cantador Apolônio Belo, natural de Viçosa–AL, cantando em Recife com Antônio Américo, em 1959, deixou a deixa:

Vamos cantar o sertão,
com tudo quanto ele cria.

Antônio Américo, que era do sertão, respondeu:

O tétutéu é um vigia,
ativamente cismado,
que qualquer hora da noite,
onde está é acordado,
e numa árvore também,
ninguém nunca viu trepado.⁸¹

O cantador Manoel Ferreirinha, natural de Queimadas–PB, cantando com Antônio Américo, no ano de 1955, na irrigação do Açude de Condado–PB, deixou a deixa:

80 O texto do manuscrito informa que a deixa surgiu “cantando um desafio de sextilha”, mas não cita a data que, segundo consta no livro, foi o ano de 1959. A introdução de apresentação da resposta à deixa se encontra diferente: “Américo deu a volta por cima e respondeu arrazando”. Esta sextilha corresponde à de número cinquenta e oito, na sequência estabelecida no referido manuscrito.

81 O texto do manuscrito apresenta as seguintes alterações: não cita a data que, segundo consta no livro, foi o ano de 1959, e o quarto verso foi modificado para “só se encontra ele acordado”. A introdução de apresentação da resposta à deixa também foi modificada: “Américo lembrou o sertão e respondeu”. Esta sextilha corresponde à de número sessenta e um, na sequência estabelecida no referido manuscrito.

Até os pássaros daqui,
são fãns desta região.

Antônio Américo respondeu com esta grande sextilha. Coisa de quem sabe:

O Pica-pau do sertão,
de beliscar vive rico,
furando madeira dura,
como aroeira e angico,
morre de velho e nunca,
precisa calçar seu bico.⁸²

O cantador Severino Pinto, conhecido em todo Brasil, pôr Pinto do Monteiro, era natural de Monteiro–PB, um dos mais afamados cantador de todos os tempos. Cantando com Antônio Américo e José Batista na cidade de Patos, em 1960, deixou esta deixa para Antônio Américo, no assunto da viagem de Pinto ao Amazonas:

Já passei anos no Norte,
conheci diversas zonas.

Veja a resposta de Antônio Américo:

É rico o Amazonas,
de borracha, e de cacau,
lá tem, Uirapuru,
aqui tem o bacurau,
gritando todas as tardes,
no galho seco de um pau.

82 O texto do manuscrito não apresenta alteração quando comparado ao texto do livro. Apenas a introdução de apresentação da resposta à deixa se apresenta mais resumida: “Américo respondeu”. Esta sextilha corresponde à de número sessenta e cinco, na sequência estabelecida no referido manuscrito.

O cantador que foi Manoel Chudú Sobrinho, natural de Pilar–PB, radicado em Carpina–PE. Cantando com Antônio Américo, em João Pessoa, no ano de 1959, deixou a deixa:

Quando o homem se termina,
deixa tudo em abandono.

Antônio Américo, respondeu ao grande Manoel Chudú:

Nossa vida é como um trono,
pelo tempo limitada,
quando ninguém não espera,
a morte dá a foiçada,
morre o homem a alma sobe,
fica a matéria gelada.

O querido cantador que foi Manoel Chudú, cantando com Antônio Américo, na Rádio Espinharas, no Programa Violas e Repentes deixou a deixa.

Se sabe a vida dos santos,
diga agora em cantoria.

Vamos ver o que Antônio Américo disse:

Jesus filho de Maria,
Maria, filha de Ana,
Ana, filha de Ananias,
o avô da soberana,
e bisavô de Jesus,
salvador da raça humana.⁸³

83 No documento manuscrito, o poeta afirma considerar o cantador Manoel Chudú “um gênio”. Acrescenta ainda que seu companheiro era natural de Pilar–PB e que, diferente do que está posto no livro, o encontro aconteceu na cidade de João Pessoa. Na introdução de apresentação da resposta à deixa de seu parceiro, o texto também aparece com outra

O cantador Canhôtinho, natural de Taperoá–PB, radicado em Campina Grande, cantando com Antônio Américo em 1958 deixou a deixa:

O Beija-flor para mim,
tem um mistério de amor.

Antônio Américo, respondeu para Canhôtinho, assim:

Sabemos que o beija-flor,
é muito capacitoso,
voa contra a gravidade,
e colhe um mel saboroso,
como que seja, um dos donos,
do jardim, do poderoso.⁸⁴

Em 1960, Canhôtinho cantava com Antônio Américo, no bar da Cruz, em João Pessoa, quando chegou na cantoria o grande repentista Lourival Batista. Canhôtinho no seu verso de saudação a Lourival deixou a deixa:

Lourival além de amigo,
é meu grande repentista.

Antônio Américo, respondeu para Canhôtinho e Lourival:

Quando Lourival Batista,
com trinta e seis de idade,
cantava o mundo dos versos,

redação: “Américo fez bonito dizendo assim na resposta”. Esta sextilha corresponde à de número dezessete, na sequência estabelecida no referido manuscrito.

84 No manuscrito, o acréscimo feito pelo poeta informa apenas que o encontro com o cantador aconteceu em João Pessoa. A introdução de apresentação da resposta à deixa também foi alterada: “Américo se inspirou com o beija-flor e respondeu na hora”. Esta sextilha corresponde à de número dezoito, na sequência estabelecida no referido manuscrito.

com aquela facilidade,
em todo canto que ia,
cantar, era novidade.⁸⁵

O nobre cantador João da Silveira, natural de Guarabira–PB, cantando com Antônio Américo na Rádio Tabajara de João Pessoa, em 1960, deixou a deixa, no assunto do mês de Maio:

É Maio o mês de Maria,
que inspira aos trovadores.

Antônio Américo, respondeu para Silveira assim:

É Maio o mês das flores,
em meu querido sertão,
a campina se parece,
o jardim da criação,
as abelhas tem ciúme,
das flores que cai no chão.⁸⁶

O cantador José Soares do Nascimento, natural de Caruaru–PE, cantando com Antônio Américo, em Limoeiro–PE, deixou a deixa:

Se eu mexer no que li,
você cai logo em fracasso.

85 O texto do manuscrito informa apenas que o encontro com o cantador aconteceu em João Pessoa não especificando o local, como acontece no livro. A introdução de apresentação da resposta à deixa também se encontra resumida: “Antonio Américo respondeu”. Esta sextilha corresponde à de número dezanove, na sequência estabelecida no referido manuscrito.

86 O texto do manuscrito não faz referência à data, 1960, e nem ao assunto, como acontece no livro. O primeiro verso da deixa sofre uma pequena modificação: “Maio é o mês de Maria”, e a introdução de apresentação da resposta à deixa também se encontra um pouco mais resumida: “Américo respondeu inspirado”. Esta sextilha corresponde à de número vinte, na sequência estabelecida no referido manuscrito.

Antônio Américo que ainda era cantador novo, respondeu ao velho mestre que foi José Soares de Caruaru:

Cada repente que faço,
tem traço de um episódio,
daqueles dias passados,
de Valdivino e Custódio,
época que o tempo da ira,
passou pôr cima do ódio.⁸⁷

*Esta sextilha
foi copiada
da fita de um gravador
nesta cantoria de
Américo e José
Soares do Nascimento*

O cantador Alcides Tenório, natural de Afogados de Ingazeira -PE, cantando com Antônio Américo em Recife, em 1959, deixou a deixa:

Cantador do Rio Grande,
não pode ser folclorista.

Antônio Américo deu-lhe a resposta se referindo ao grande cantador do Rio Grande do Norte que foi Ercílio Pinheiro. Veja o que disse Antônio Américo:

Apenas sou repentista,
do solo riograndense,

87 O texto do manuscrito apresenta como alteração o fato de que o poeta considera José Soares do Nascimento um “grande e nobre cantador”, e a introdução de apresentação da resposta à deixa, que também apresenta alteração: “Américo ainda era um cantador novo, porém não se intimidou com o velho mestre e respondeu”. Esta sextilha corresponde à de número quarenta, na sequência estabelecida no referido manuscrito.

lá da terra, de Ercílio,
que só o nome inda vence,
cantador do Pajeú,
sergipano e cearense.⁸⁸

O cantador Clodomiro Paes, natural de São José do Egito–PE, cantando com Antônio Américo na Rádio Arapuã, de João Pessoa, por motivo de Américo ser filho da cidade de São João do Sabugi–RN, Clodomiro deixou a deixa:

Minha terra é São José,
e a sua é São João.

Antônio Américo se inspirou com o sertão e respondeu:

Sertão meu velho sertão,
que fui nascido e criado,
tomando banho em açude,
e correndo atrás de gado,
comendo queijo e coalhada,
melancia e milho assado.⁸⁹

O cantador Vicente Grangeiro, natural de Mata Grande–AL, radicado em Fortaleza, cantando em 1958 em João Pessoa, no bairro da Torre,

88 O texto do manuscrito não faz referência à data, 1959, e nem ao fato de que o encontro entre os cantadores aconteceu em Recife. O documento acrescenta ainda que o poeta Alcides Tenório estava “sempre querendo” desafiar o seu companheiro de cantoria Antônio Américo. A introdução de apresentação da resposta à deixa também se encontra um pouco diferente: “Américo deu a resposta se referindo a Ercílio Pinheiro, o maior cantador do Rio Grande do Norte no seu tempo, respondeu”. Esta sextilha corresponde à de número quarenta e um, na sequência estabelecida no referido manuscrito.

89 O texto do manuscrito apresenta pouca alteração quando comparado ao texto do livro. Na introdução de apresentação da resposta à deixa também estão expressas pouca alterações: “Américo lembrou o sertão e respondeu”. Esta sextilha corresponde à de número cinquenta e nove, na sequência estabelecida no referido manuscrito.

com Antônio Américo, quando chegou um senhor conhecido por Alcântara . No elogio Grangeiro deixou a deixa:

Para pagar a nós dois,
Alcântara, já vem chegando.

Antônio Américo, improvisou o que viu no momento:

Alcântara está nos pagando,
por não gostar de massada,
peço que não tire trôco,
que troco, não vale nada,
cantador é como padre,
vive de soma doada.⁹⁰

O cantador Francisco Evaristo é natural de Uiraúna–PB, radicado em João Pessoa, em 1960, deixou a deixa para Antônio Américo Praia de Tambaú. Veja:

A praia atrai o turista,
e o povo interiorano.

Antônio Américo respondeu bonito:

Quem chega no oceano,
e fica de Atalaia,
olhando o gigante verde,
com seu roupão de cambráia,

90 O texto do manuscrito não faz referência à data, 1958, e apresenta pequenas modificações na redação do texto, mas sem alteração nas informações. A introdução de apresentação da resposta à deixa também se encontra um pouco mais resumida: “Américo completou o elogio”. Esta sextilha corresponde à de número vinte e seis, na sequência estabelecida no referido manuscrito.

e a água, batendo a chapa,
do sol, na beira da praia.⁹¹

O cantador Sebastião José do Nascimento, natural de Pilar–PB, radicado em João Pessoa, cantando com Antônio Américo na Rádio Arapuã de João Pessoa, em 1960, deixou a deixa:

Se conhece a nossa vida,
vamos cantar em repente.

Antônio Américo deu esta resposta:

A vida da nossa gente,
conheço, desde a partida,
todo dia, nasce e morre,
já é coisa conhecida,
a dinamite da morte,
quebrando as pedras da vida.⁹²

O cantador Antônio Moreno, natural de Taperoá–PB, cantando com Antônio Américo na Fazenda Ipueira dos Torres, Município de Malta, deixou a deixa. Esta cantoria foi em 1961.

É Junho o mês de balões,
dos fogos e das rouqueiras.

91 Aqui, o texto do manuscrito também não faz referência à data, 1960, e, assim como na sextilha anterior, apresenta pequenas modificações na redação do texto, mas sem alteração nas informações. A introdução de apresentação da resposta à deixa também se encontra um pouco mais resumida: “Américo respondeu bonito”. Esta sextilha corresponde à de número vinte e sete, na sequência estabelecida no referido manuscrito.

92 O texto do manuscrito não faz referência à data, 1960, e acrescenta que o poeta, além de cantador, era também cordelista. A introdução de apresentação da resposta à deixa também se encontra um pouco diferente: “Américo respondeu na hora”. Esta sextilha corresponde à de número vinte e oito, na sequência estabelecida no referido manuscrito.

Antônio Américo, deu a bonita resposta:

É Junho o mês das fogueiras,
de São Pedro e São João,
São João, precursor de Cristo,
do deserto ao Jordão,
São Pedro é o pescador,
que se chamava Simão.⁹³

O cantador Agostinho Lopes dos Santos, cantando com Antônio Américo, em Recife, em 1961, deixou a deixa:

Viola tem cinco letras,
e cada qual me controla

Veja a resposta, de Antônio Américo:

Cinco letras tem viola,
o V é de vibração,
o I indica instrumento,
Ó, origem do baião,
o L louros, triunfos,
o A, autorização.⁹⁴

93 Aqui, não estão presentes os dados sobre o local do encontro entre os poetas, Fazenda Ipueira dos Torres, município de Malta, e a data, 1961, apresentados no texto do livro. A introdução de apresentação da resposta à deixa foi alterada para: “Antonio Américo se inspirou das fogueiras e disse cantando”. Esta sextilha corresponde à de número sessenta e três, na sequência estabelecida no referido manuscrito.

94 No documento manuscrito, o poeta informa que seu companheiro era natural de São José do Egito–PE, radicado em Caruaru, e que, diferente do que está posto no livro, o encontro aconteceu na cidade de João Pessoa. Na introdução de apresentação da resposta à deixa de seu parceiro, o texto também aparece com outra redação: “Américo respondeu valendo”. O último verso da deixa também foi alterado, a palavra “consola”, no manuscrito, é substituída, no livro, por “controla”. Esta sextilha corresponde à de número treze, na sequência estabelecida no referido manuscrito.

O cantador Agostinho Lopes dos Santos, era natural de São José do Egito–PE, radicado em Caruaru–PE. Cantando em João Pessoa, deixou a deixa:

O cantador é um pássaro,
que todos os dias canta.

Antônio Américo respondeu, inspirado:

Quem me dera a vida santa,
que possui a araponga,
além de cantar bonito,
tem mais uma vida longa,
come e vive na floresta,
sem precisar pagar conga.⁹⁵

O cantador e cordelista Severino Borges da Silva, natural de Timbaúba–PE, cantando com Antônio Américo em Itambé–PE, deixou a deixa:

Cinco garrafas de vinho,
seis litros de aguardente.

Antônio Américo respondeu cantando de um a seis:

Um poeta inteligente,
dois, anúncios de jornais,
três, locutores falando,
quatro, intelectuais,

⁹⁵ No documento, o poeta apenas informa que o encontro com o cantador Agostinho Lopes aconteceu na cidade de Recife, diferente do que está posto no texto aqui transcrito. Se considerarmos os dois documentos, é possível que, na preparação do material para a publicação do livro, os textos que antecedem as sextilhas treze e catorze, do manuscrito, tenham sido trocados ou revistos pelo poeta Antônio Américo. A introdução de apresentação da resposta à deixa de seu parceiro também aparece com outra redação: “Américo respondeu”. Esta sextilha corresponde à de número catorze, na sequência estabelecida no referido manuscrito.

cinco, quadras de lirismo,
seis, versos sentimentais.⁹⁶

Esta sextilha foi copiada da fita de um gravador, que gravava a cantoria.

O cantador Expedito Sobrinho, natural do Ceará, radicado em Cajazeiras, cantando com Antônio Américo, deixou a deixa:

Quem não confia em Jesus,
é fraco que só Tomé.

Antônio Américo respondeu:

Coisa difícil é a fé,
pra quem sabe analisar,
Jesus andou sobre as águas,
sem o seu pé afundar,
eu nunca andei, e nem ando,
porque minha fé não dar.⁹⁷

O cantador Severino Alves, nome de guerra, Severino Severo, natural de Santa Terezinha–PB, radicado em Patos–PB, cantando com Antônio Américo, na cidade de Coremas–PB, em 1963, deixou a deixa:

Américo tirou cadeia,
no estado do Ceará.

⁹⁶ O texto do manuscrito apenas acrescenta, na introdução de apresentação da resposta à deixa, que a sextilha foi recolhida de um gravador que gravava a cantoria. Esta sextilha corresponde à de número vinte e quatro, na sequência estabelecida no referido manuscrito.

⁹⁷ Aqui, o texto do manuscrito informa que o encontro entre os poetas aconteceu na cidade de Caruaru. O primeiro verso da deixa sofre alterações: “Quem não tem fé em Jesus”. Na introdução de apresentação da resposta à deixa de seu parceiro, o poeta acrescenta: “Américo respondeu inspirado”. Esta sextilha corresponde à de número trinta e um, na sequência estabelecida no referido manuscrito.

Antônio Américo deu a resposta no duro:

Ao povo eu digo já,
qual a sua profissão,
vive de vender maconha,
a tarado e a ladrão,
aprendeu quando fez parte,
duma gangue em Maranhão.⁹⁸

O cantador Manoel Dionísio Filho, natural de Santa Terezinha -PB, nome de guerra Canelinha, radicado em Parelhas-RN e depois que parou de cantar foi morar em Minas Gerais. Cantando com Antônio Américo, em 1966, em Parelhas, deixou a deixa:

Amor palavra inspirada,
na canção do trovador.

Antônio Américo respondeu de improviso:

Quatro letras tem amor,
o A, indica amizade,
o M, moral ardente,
o Ó, oprime vaidade,
o R, ramos da vida,
da árvore da humanidade.⁹⁹

98 No documento manuscrito, o poeta informa apenas que o cantador Severino Alves era natural de Patos- PB e que o encontro dos poetas aconteceu em Coremas, em um “desafio em sextilhas”, sem referência à data, como ocorre no livro. Na introdução de apresentação da resposta à deixa de seu parceiro, o texto também aparece com outra redação: “Américo respondeu no duro”. Esta sextilha corresponde à de número vinte e cinco e à de número sessenta e nove (elas aparecem repetidas no documento e com uma pequena alteração no texto de introdução da resposta na estrofe sessenta e nove: “Américo respondeu no duro, veja o repente”), na sequência estabelecida no referido manuscrito.

99 Aqui, os acréscimos estão na referência ao local de nascimento do cantador, uma vez que, no manuscrito, consta que ele era “natural de Patos e radicado em Minas Gerais”.

O cantador José Barbosa, natural de Santa Luzia-PB, radicado em Recife. Cantando em Santa Luzia, quando elogiava um marchante de boi, de nome João Henrique, deixou a deixa para Antônio Américo, assim:

Confiando em João Henrique,
bem cedo eu comprei fiado.

Antônio Américo respondeu:

João Henrique, matou gado,
vendeu carne, osso e couro,
mocotó, filé, miúdo,
com isto, arranjou o ouro,
não faz questão, repartir,
com nós dois o seu tesouro.¹⁰⁰

O cantador João Severo de Lima, natural de Patos-PB, cantando com Antônio Américo, em uma festa dedicada aos ex-combatentes da Segunda Guerra Mundial, deixou a deixa para Antônio Américo assim:

Em uma homenagem justa,
para os ex-combatentes.

Veja a resposta de Antônio Américo. Coisa para quem sabe mesmo:

Observemos que os dados sofrem uma mudança significativa nas informações acerca do cantador, quando comparados os textos. Também são acrescentados dados sobre o local do encontro entre os poetas, Parelhas, e a data, 1966. A introdução de apresentação da resposta à deixa também foi alterada: “Antonio Américo se inspirou e rompeu”. Esta sextilha corresponde à de número oito, na sequência estabelecida no referido manuscrito.

100No documento manuscrito, o poeta informa que o cantador José Barbosa era natural de Santa Luzia do Sabugi- PB e acrescenta que seu companheiro tinha como nome de guerra “Perua Prêta”. Na introdução de apresentação da resposta à deixa de seu parceiro, o texto também aparece com outra redação: “Américo completou o elogio assim”. Esta sextilha corresponde à de número vinte e um, na sequência estabelecida no referido manuscrito.

Estes que estão presentes,
são pessoas conhecidas,
heróis da Segunda guerra,
com outras nações unidas,
derrotaram a Alemanha,
arriscando as suas vidas.¹⁰¹

O cantador João Severo de Lima, cantando com Antônio Américo na noite folclórica da Festa Universitária de Patos, no Patos Tênis Clube, em 1969, deixou a deixa:

Cantar é um dom divino,
que todo mundo não tem.

Antônio Américo disse o que é cantar bem:

Cantador pra cantar bem,
três coisas, tem que fazer,
primeiro tocar viola,
segundo gostar de ler,
terceiro, cantar com estilo,
pra o povo, compreender.¹⁰²

O cantador João Severo de Lima, cantando com Antônio Américo no programa Violas e Repentes da Rádio Espinharas de Patos, em 1970, deixou a deixa:

101 O texto do manuscrito acrescenta apenas que a festa em que aconteceu o encontro dos poetas foi em Patos. A introdução de apresentação da resposta à deixa também apresenta uma pequena alteração: “Américo inspirou-se e respondeu”. Esta sextilha corresponde à de número quarenta e sete, na sequência estabelecida no referido manuscrito.

102 O texto do manuscrito não faz referência à data, 1969, e nem ao local de realização da cantoria, “Patos Tênis Clube”. A introdução de apresentação da resposta à deixa também se encontra um pouco diferente: “Américo respondeu”. Esta sextilha corresponde à de número trinta e três, na sequência estabelecida no referido manuscrito.

A natureza é tão bela,
que nela, só há beleza.

Antônio Américo respondeu:

A palavra natureza,
de oito letras composta,
por ser bonita e poética,
sempre o repentista gosta,
cantador, não falar nela,
eu faço até uma aposta.¹⁰³

O cantador e cordelista Manoel Basílio de Lima, natural de Patos, radicado em Belo Jardim-PE, cantando com Antônio Américo em Cajazeirinhas-PB, deixou a deixa:

Aqui tem moça roendo,
que só rato em batateira.

Antônio Américo respondeu:

A moça com roedeira,
chora, teima e se intriga,
fica desorientada,
come pouco e perde amiga,
pilhereia e fica fina,
e por qualquer coisa briga.¹⁰⁴

103 O texto do manuscrito não apresenta alteração quando comparado ao texto do livro. A introdução de apresentação da resposta à deixa também se encontra um pouco diferente: “Américo respondeu na hora”. Esta sextilha corresponde à de número quarenta e nove, na sequência estabelecida no referido manuscrito.

104 O texto do manuscrito informa que a deixa dessa sextilha surgiu em uma cantoria pé de parede, mas não cita o local que, segundo consta no livro, foi a cidade de Cajazeirinhas-PB. A introdução de apresentação da resposta à deixa também se encontra um pouco diferente:

O cantador Santino Luiz, natural de Santa Luzia–PB, cantando com Antônio Américo, deixou a deixa:

Toda questão de amor,
tem uma finalidade.

Antônio Américo respondeu:

Por causa de amizade,
o crente desobedece,
o pai, despreza seus filhos,
a esposa desconhece,
rapaz, erra sem querer,
moça pensada, endoidece.¹⁰⁵

O cantador Raimundo Arruda Batista, nome de guerra, Arrudinha Batista, natural de Teixeira–PB, cantando com Antônio Américo, deixou a deixa:

Na caminhada do tempo,
quem não tem cuidado vira.

Antônio Américo respondeu:

Nosso tempo dá e tira,
por tudo que já compôs,
basta vê, quem foi Garrincha,

“Américo respondeu bonito”. Esta sextilha corresponde à de número cinquenta e seis, na sequência estabelecida no referido manuscrito.

105 O texto do manuscrito apresenta pouca alteração quando comparado ao texto do livro. Apenas esclarece que o cantador Santino Luiz era radicado em Campina Grande e que o canto dos poetas era “assunto de amor”. A introdução de apresentação da resposta à deixa se encontra mais resumida: “Américo respondeu”. Esta sextilha corresponde à de número cinquenta e sete, na sequência estabelecida no referido manuscrito.

até em sessenta e dois,
o tempo fez dele um gênio,
para liquidar depois.¹⁰⁶

O cantador Felon Dantas, natural de São Mamede–PB, cantando com Antônio Américo, deixou a deixa:

A natureza é tão grande,
que a quem não sabe, ensina.

Antônio Américo respondeu:

A natureza é divina,
desde o tempo de Deus pai,
que nos animais felídeos,
uma coisa que não cai,
a gata sai de três cores,
porém o gato, não sai.¹⁰⁷

O cantador Felon Dantas, cantando com Antônio Américo, no programa *Violas e Repentes da Rádio Espinharas de Patos–PB*, deixou a deixa:

O cantador inspirado,
descobre tudo cantando.

106 O texto do manuscrito não apresenta alteração quando comparado ao texto do livro. A introdução de apresentação da resposta à deixa se encontra um pouco diferente: “Américo respondeu com uma das maiores sextilhas que ele fez de improviso em toda sua vida”. Esta sextilha corresponde à de número cinquenta e dois, na sequência estabelecida no referido manuscrito.

107 No manuscrito, o poeta informa apenas que o encontro com o cantador Felon Dantas aconteceu no programa, *Violas e repentes* da Rádio espinharas de Patos. A introdução de apresentação da resposta à deixa também foi alterada: “Américo respondeu bonito”. Esta sextilha corresponde à de número dezesseis, na sequência estabelecida no referido manuscrito.

Antônio Américo respondeu:

Como quem está sonhando,
vejo com meu ideal,
um potó, tão pequenino,
com o mijo, fazer mal,
levar um homem, tão grande,
a cama do hospital.¹⁰⁸

O cantador Sebastião Basílio de Lima, natural de Patos–PB, radicado em Campina Grande, cantando com Antônio Américo, em Patos, deixou a deixa:

São os prazeres banais,
do tempo da mocidade.

Antônio Américo respondeu:

Os boêmios da cidade,
defloram as inocentes,
só Jesus conhece as dores,
destes pais impacientes,
sabendo que as filhas foram,
vítimas de negras serpentes.¹⁰⁹

108 No manuscrito, o poeta informa apenas que seu companheiro era natural de São Mamede – PB e radicado em São Paulo. Na introdução de apresentação da resposta à deixa de seu parceiro, o texto aparece com outra redação: “Américo respondeu inspirado”. Esta sextilha corresponde à de número quinze, na sequência estabelecida no referido manuscrito.

109 O texto do manuscrito apresenta como alteração apenas a informação sobre o assunto dos versos: “Falando de boemia”. Na introdução de apresentação da resposta à deixa, também ocorre uma pequena alteração: “Américo respondeu no lado do sentimento da vida banal, disse”. Esta sextilha corresponde à de número trinta e nove, na sequência estabelecida no referido manuscrito.

O cantador Geraldo Amâncio Pereira, natural de Cedro–CE, cantando com Antônio Américo, deixou a deixa, criticando a toada:

Esta toada é do tempo,
de Romano do Teixeira.

Antônio Américo, lhe deu esta grande resposta:

A toada é de primeira,
se Romano gostou dela,
Pirauá, Zé Duda e Pinto,
todos três cantaram nela,
só você vem me dizer,
que a toada, não é bela.¹¹⁰

O cantador Pedro Bandeira, natural de São José de Piranhas -PB, radicado em Juazeiro do Norte–CE, cantando com Antônio Américo, em 1968, na Rádio Progresso de Juazeiro, deixou a deixa:

Quem canta sertão comigo,
tem que ir, abrindo estrada.

Antônio Américo respondeu bonito:

Sertão terra acidentada,
onde tem mandacarú,
jandaíra e tataira,
mosquito, enxui, enxú,
jati, tubiba e rajada,

110 O texto do manuscrito acrescenta que o poeta Geraldo Amâncio era “um respeitado cantador” e que era radicado em Fortaleza. Na introdução de apresentação da resposta à deixa de seu parceiro, o poeta acrescenta: “Américo se sentindo criticado respondeu dando a resposta”. Esta sextilha corresponde à de número trinta e dois, na sequência estabelecida no referido manuscrito.

sanharão e capuxú.¹¹¹

O cantador Sebastião Dias, natural de Ouro Branco–RN, radicado em Tabira–PE, cantando com Antônio Américo, na casa de um senhor conhecido por Pedro Chico, deixou a deixa:

Nós vamos fazer a festa,
melhor de todo sertão

Veja a resposta de Antônio Américo:

Eu vim com Sebastião,
cantar para Pedro Chico,
que Pedro, quer dizer pedra,
e Chico, quer dizer tico,
eu troco o T, pelo R,
para deixar, Pedro rico.¹¹²

O cantador Manoel Francisco Neto, natural de Livramento–PB, radicado em Patos, onde fez parceria com Antônio Américo, no programa *Violas e Repentes da Rádio Espinharas de Patos* de 1964 até 1970. Cantando com Antônio Américo deixou a deixa:

A natureza também,
castiga a humanidade.

111 Aqui, o texto do manuscrito também não faz referência à data, 1968, e, assim como em algumas sextilhas anteriores, apresenta pequenas modificações na redação do texto, mas sem alteração nas informações. A introdução de apresentação da resposta à deixa também apresenta diferença: “Veja a grande resposta do Américo”. Esta sextilha corresponde à de número trinta, na sequência estabelecida no referido manuscrito.

112 O texto do manuscrito não apresenta alteração quando comparado ao texto do livro. A introdução de apresentação da resposta à deixa também se encontra um pouco diferente: “Américo deu a resposta assim”. Esta sextilha corresponde à de número sessenta e dois, na sequência estabelecida no referido manuscrito.

Antônio Américo respondeu:

Da força da tempestade,
perigosos furacões,
revolta dos oceanos,
terremotos e vulcões,
se encontra a natureza,
sepultando as multidões.¹¹³

Manoel Francisco, cantando com Antônio Américo, em 1970, em Juazeirinho–PB, deixou a deixa:

Quando há seca no sertão,
deixa a pobreza arrasada.

Antônio Américo deu a resposta assim:

Nasci na seca malvada,
do triste ano de trinta,
trinta e um e trinta e dois,
foram secos, não desminta,
trinta e três, escasso e fraco,
no livro das secas pinta.¹¹⁴

113 Diferente do manuscrito, aqui o poeta esclarece que o cantador Manoel Francisco Neto, radicado em Patos, foi seu parceiro no programa *Violas e repentes*, da Rádio Espinharas de Patos, de 1964 até 1970, e altera o texto de introdução da resposta, que, no documento, apresenta a seguinte redação: “Américo completou o castigo. Veja”. Esclarecemos, ainda, que esta sextilha corresponde à de número nove, na sequência estabelecida no referido manuscrito.

114 Aqui, os acréscimos estão na referência à data, 1970, uma vez que, no manuscrito, o poeta apenas informa que estava cantando com “cantador Manoel Francisco”; na referência ao local, Juazeirinho – PB, e na introdução de apresentação da resposta à deixa de seu parceiro: “Antonio Américo sentiu na pele e respondeu”. Esta sextilha corresponde à de número onze, na sequência estabelecida no referido manuscrito.

O cantador Manoel Francisco Neto, cantando com Antônio Américo em Santa Luzia do Sabugi–PB, quando chegaram dois pradistas na cantoria, Quintino e Nego Aprígio. Antônio Américo que conhecia a História dos prados, entrou no assunto, aí Manoel Francisco, deixou a deixa:

Parece que meu colega,
já foi piolho de Prado.

Antônio Américo, que conhecia tudo, disse:

O Saia Velha afamado,
de Junco do Seridó,
foi correr com Avião,
apanhou de fazer dó.
Dessa vez perdeu a fama,
que tinha no mocotó.¹¹⁵

Manoel Francisco, cantando com Antônio Américo, deixou a deixa:

Sextilha vale dinheiro,
se for de um bom cantador.

Antônio Américo respondeu:

115 Aqui há poucos acréscimos ao documento manuscrito, apenas uma mudança no texto, que também informa que, diante da chegada de dois pradistas na cantoria, o poeta “Américo começou a falar nas grandes corridas, nos bons cavalos, nos pradistas”. A introdução de apresentação da resposta à deixa também foi alterada: “Américo falou em outra grande corrida do passado e respondeu”. Esta sextilha corresponde à de número dez e se repete no texto com o número sessenta e sete, na sequência estabelecida no referido manuscrito. No texto que se repete, nos comentários do poeta, ele esclarece que o cantador Manoel Francisco Neto era natural de Livramento – PB, radicado em Patos e que, supostamente, após os versos cantados, os “pradistas pagaram bem e aplaudiram”; também informa que a referida corrida “tinha acontecido em 1937, a mais de trinta anos atrás”.

Cada verso, é uma flor,
cada flor, é um estado,
cada estado, um terreno,
cada terreno, um tratado,
cada tratado, um artigo,
cada artigo, um atestado.¹¹⁶

O cantador Severino Feitosa, natural de Santa Terezinha–PE, que fez parceria no programa *Violas e Repentes* da Rádio Espinharas de Patos, com Antônio Américo, por vários anos, um dia deixou a deixa:

Fale sobre Joana Darc
se já leu e tem lembrança.

Antônio Américo, contou a História assim:

Joana Darc, foi da França,
a defensora enviada,
depois pela mesma França,
foi vendida e condenada,
e nas mão dos inimigos,
terminou, sendo queimada.¹¹⁷

116 No documento manuscrito, o poeta informa que seu companheiro era natural de Livramento – PB, radicado em Patos, e que o encontro aconteceu no programa *Violas e repentes*, da Rádio Espinharas de Patos e, na introdução de apresentação da resposta à deixa de seu parceiro, Antônio Américo informa que “respondeu de improviso” e acrescenta que a sextilha foi “copiada do gravador da rádio”. Esta sextilha corresponde à de número doze, na sequência estabelecida no referido manuscrito.

117 Diferente do manuscrito, aqui o poeta esclarece que Severino Feitosa foi seu parceiro no programa *Violas e repentes*, da Rádio Espinharas de Patos, por vários anos, e altera o texto de introdução da resposta, que, no documento, apresenta a seguinte redação: “Américo respondeu na hora”. Esclarecemos ainda que esta sextilha corresponde à de número cinco, na sequência estabelecida no referido manuscrito.

Severino Feitosa, cantando com Antônio Américo em 1972, no programa *Violas e Repentes*, da Rádio Espinharas de Patos, deixou a deixa:

Quem nunca andou no sertão,
não conhece a natureza.

Antônio Américo, respondeu bonito:

Tudo que é de beleza,
a gente vê no sertão,
uma oiticica rasteira,
imitando um casarão,
o vento empurrando o ramo,
e o ramo, varrendo o chão.¹¹⁸

O cantador Severino Feitosa, cantando com Antônio Américo, na casa de José do Peixe, na Vila Cavalcanti, em Patos–PB. Quando chegou o cantador Felon Dantas, na cantoria, Feitosa deixou a deixa:

Chegou outro repentista,
jardineiro destas plantas.

Antônio Américo que conhecia Felon, respondeu:

Chegou Felon Dantas,
um repentista de raça,
porém pra carregar moça,
é ele, e carro de praça,

118 Aqui há poucos acréscimos ao documento manuscrito, apenas a referência à data, 1972, e o nome do programa, *Violas e repentes*. A introdução de apresentação da resposta à deixa também foi alterada: “Antonio Américo respondeu”. Esta sextilha corresponde à de número seis, na sequência estabelecida no referido manuscrito.

o carro, cobra dinheiro,
ele, carrega de graça.¹¹⁹

O cantador Severino Feitosa, cantando com Antônio Américo, no dia 21 de abril de 1973, no programa *Violas e Repentes* da Rádio Espinharas de Patos, deixou a deixa:

A ideia de Tiradentes,
depois foi vitoriosa.

Antônio Américo, que não perdia tempo, disse:

No Largo da Lampadosa,
tendo Jesus por juiz,
enforcaram Tiradentes,
que se julgava feliz,
morrer pela liberdade,
que precisava o país.¹²⁰

O cantador Biu Donato, cantando com Antônio Américo, no programa *Violas e Repentes* da Rádio Espinharas de Patos, deixou a deixa na semana da morte do presidente Tancredo Neves. Veja a deixa de Biu:

119 No texto do manuscrito, encontraremos as seguintes alterações na apresentação dessa sextilha: a informação de que o cantador Severino Feitosa era natural de Santa Terezinha – PE e que o encontro entre os poetas aconteceu em uma “cantoria de pé de parede”, em Patos. Após o texto da sextilha, o poeta ainda informa que Severino Feitosa havia se mudado para Campina Grande e que era radicado na Rainha da Borborema. Na introdução de apresentação da resposta à deixa, também ocorre uma pequena alteração: “Américo completou com esta sextilha”. Esta sextilha corresponde à de número trinta e oito, na sequência estabelecida no referido manuscrito.

120 Aqui, os acréscimos estão na referência à data, uma vez que, no manuscrito, o poeta apenas informa que o encontro se deu “no dia do feriado de Tiradentes”, e na introdução de apresentação da resposta à deixa: “Antonio Américo respondeu dentro da História”. Esta sextilha corresponde à de número sete, na sequência estabelecida no referido manuscrito.

Com a morte de Tancredo,
nosso Brasil, enlutou-se.

Antônio Américo, inspirou-se e respondeu:

Getúlio suicidou-se,
ninguém, não sabe as razões,
Castelo Branco morreu,
de acidente, há versões,
duro, é dizer que Tancredo,
morreu das operações.¹²¹

Biu Donato natural de Queimadas–PB, cantando com Antônio Américo, na Rádio Espinharas, deixou a deixa:

Recordar só tem vantagem,
se for coisa de valia.

Antônio Américo, respondeu:

Lembro do primeiro dia,
que a cantar comecei,
e o primeiro dinheiro,
que na viola, ganhei,
foi bom, que só a poupança,
no tempo, de Zé Sarney.¹²²

121 Aqui, o texto do manuscrito apresenta as seguintes informações: que o cantor Biu Donato era natural de Queimadas–PB e que o encontro entre os poetas aconteceu “na semana da morte do presidente Tancredo Neves, no programa *Violas e repentis* da Rádio Espinharas de Patos”. Na introdução de apresentação da resposta à deixa de seu parceiro, o poeta acrescenta: “Américo mexeu com 3 presidentes para dar a resposta bonita”. Esta sextilha corresponde a de número vinte e dois, na sequência estabelecida no referido manuscrito.

122 No documento manuscrito, o poeta afirma que, diferente do que está posto no livro, o encontro aconteceu na Rádio Itatiunga, na cidade de Patos–PB. Na introdução de apre-

**Um livro de Poesia
A bem de todos leitores,
Professor dos estudantes,
Diretor dos professores.**

sentação da resposta à deixa de seu parceiro, o texto também aparece com outra redação: “Américo respondeu bonito”. Esta sextilha corresponde à de número vinte e três, na sequência estabelecida no referido manuscrito. Os versos dessa sextilha são totalmente alterados, quando comparados os textos, livro e manuscrito, exceção feita aos dois últimos versos, observemos:

Ainda recordo o dia.
Feliz que eu me casei,
aquela lua de mel,
que tantas noite gozei,
foi bom que só a poupança,
no tempo de Zé Sarney.

Da folha avulsa ao livro: *Vida, verso e viola*

Figura – Capa do livro *Vida, verso e viola*



Fonte: Acervo da autora

O livro *Vida, versos e viola: andanças poéticas*, de Antônio Américo, faz parte da “Coleção literatura de cordel”, editada pela Fundação Ernani

Sátyro, em 2009. Foi o seu segundo livro publicado. Diferente do anterior, *Poesias, violas e repentés*, este traz como produção poética de Antônio Américo apenas algumas sextilhas e um apêndice com a reprodução do folheto *História completa da Cruz da Menina* (Este folheto será apresentado em outro capítulo, junto aos demais folhetos escritos pelo poeta.). O livro é composto, principalmente, por dois textos de apresentação sobre Antonio Américo, o primeiro escrito pelo poeta popular Olivera de Panelas, “Virtuoso menestrel”, e o segundo, escrito pelo historiador patoense José Romildo de Sousa, “O cordel e Antônio Américo”, e três capítulos que são dedicados a aspectos históricos sobre a participação de cantadores em “Programas de rádio”, sobre os “Congressos de violeiros” e sobre “Achados poéticos” registrados e comentados pelo poeta Antônio Américo. O livro traz ainda um “Registro fotográfico” sobre a trajetória do poeta participando de seu programa de rádio, na Rádio Espinharas de Patos, de congresso de violeiros em Campina Grande, na qualidade de jurado, de exposições e venda de cordel e de apresentações com outros violeiros em cantorias da região, bem como uma parte dedicada ao registro das principais “Publicações de Antônio Américo”, na qual consta a imagem das capas dos seguintes textos de autoria ou editados pelo poeta: *A primeira peleja de Romano do Teixeira com Inácio da Catingueira*; *A segunda peleja de Romano do Teixeira com Inácio da Catingueira*; *A vida de Lampião: intriga, luta e cangaço*; *A vida do cangaceiro de nome Antonio Silvino*; *O fracassado ataque de Lampião à cidade de Mossoró*; *Lampião: a sua história contada toda em cordel*; *A moça que mais sofreu na Paraíba do Norte*; *A fada do bosque negro e a princesa Safira*; *História da guerra do Juazeiro do Padre Cícero Romão, em 1914*; *Os mestres da literatura de cordel*; *Patos do Major Miguel*; *Poesias, violas e repentés*. O segundo apêndice do livro traz apenas textos informativos referentes à Fundação Ernani Sátiro e à “Resolução que criou a Coleção Literatura de Cordel”.

Capítulo I – Programas de Rádio¹²³

A primeira dupla de cantadores que cantou em rádio foi Josué da Cruz e Agostinho Lopes, em 1934, na Rádio Clube de Pernambuco, arranjaram um programa no embalo das Festas de São João, com o título: “Um São João de Repentes no Clube do Pernambuco”, passando este São João o programa durou pouco, terminou logo. Porém abriu o caminho para outros programas em rádio.

José Alves Sobrinho fundou outro programa na Rádio Cariri de Campina grande, com o poeta João Siqueira de Amorim, depois José Alves Sobrinho, fundou um novo programa na Rádio Caturité de Campina Grande, neste programa que durou um ano, de 1949 até 1950. Levados por José Alves cantaram com José sobrinho, muitos cantadores sendo ele o chefe. Lourival Bandeira, Pedro Amorim, Estrelinha, Serrador, Canhotinho, Josué da Cruz, João Silveira, Severino Pinto e muitos outros violeiros.

Depois José Alves Sobrinho cria outro programa de violeiros junto a Agostinho Lopes dos Santos, que este durou de 1950 até 1956, tendo Agostinho se afastado do programa da Rádio Clube, José Alves Sobrinho continuou com Otacílio Batista, depois Otacílio sai para fundar um programa com Ercílio Pinheiro na Rádio Tapuio de Mossoró. Dimas Batista fica com José Alves Sobrinho no Clube de Pernambuco, este programa era de 11:30h até as 12:00h. Terminou em 1956 como o maior programa de violeiros da época com José Alves Sobrinho e Dimas Batista.

123 Esse capítulo, conforme dito anteriormente, faz um breve apanhado histórico acerca da participação de cantadores em programas de rádio da região e, posteriormente, acerca do surgimento dos primeiros programas dedicados exclusivamente aos violeiros e à poesia destes, não somente no Nordeste, mas também em cidades como Rio de Janeiro, Rádio Tupi, e Brasília, na Rádio Nacional.

A partir daí nasceram programas de violeiros por quase todas as cidades que tinham rádios. Na Tabajara com os irmãos Batista, Dimas e Otacílio; Caruaru com Aristo José dos Santos e José Vicente; a Rádio Borborema de Campina Grande com Patativa e a poetisa Otilia Soares, logo depois Otilia deixou e Patativa continuou com José Gonçalves; na Rádio Caturité, com os irmãos Soares, Enésio e Manoel Soares; em Patos, na Rádio Espinharas com José Batista e Antonio Américo, que foi dono do programa Violas e Repentes por 28 anos, de 1960 até 1988, no comando de Antonio Américo; na Rádio Difusora de Cajazeiras, Gerson Carlos e José Vicente; na Rádio Rural de Caicó, Chico Motta e Cícero do Nascimento; Currais Novos, José Antonio e José Medeiros; na Rádio Rural de Natal, Manoel Morais e Raimundo Mourão; na Rádio Difusora de Mossoró com Eliseu Ventania e João Liberalino; na Rural de Mossoró, Justo Amorim e Manoel Calisto; na Rádio Tapuio, Ercílio Pinheiro e Chico Pedra; na Rádio de Limoeiro do Norte, Ceará, Antonio Nunes de França e Juvenal Evangelista; em Fortaleza na Verdes Mares, Domingos da Fonseca e João Siqueira de Amorim; na Assunção de Fortaleza, João Adriano e Raimundo Adriano; na Iracema, Vicente Granjeiro e João Firmino; na Rádio Educadora do Crato, Pedro Bandeira e João Alexandre; na Progresso de Juazeiro-CE, Pedro Bandeira e Geraldo Amâncio Pereira.

Assim nasceram os primeiros programas de violeiros em rádio, e não foi só no Nordeste. Na Rádio Tupi do Rio, um radialista conhecido por Almirante criou um grande programa de violeiros “Onde está o poeta”, com competições e prêmios para o vencedor, cantava a dupla, o prêmio grande ficava para o vencedor e um prêmio de consolação para o que perdia.

Isto fez muitos cantadores do Nordeste irem para o Rio atrás deste programa, tem deles que ficaram morando lá, como: Francisco Carolina, Natanael de Lima, Palmeirinha e tantos outros. Fora os que iam, passavam meses e voltavam, como: Lourival Bandeira, Amaro Bernardino, Estrelinha, Agostinho Lopes, José Menezes, Manoel Fer-

reirinha, Manoel Messias, Fogo Serrado, Voador das Alagoas, Alexandre Pereira, Azulão e outros.

Foi um grande avanço para os cantadores na década de 50 para a de 1960, que desbravaram o Rio e ficou bom para cantoria. Lourival Bandeira e José Pequeno fundaram um Programa de violeiros na Rádio Nacional de Brasília-DF e finalmente se encheu de programas de violas em quase todas as rádios do Brasil.

Capítulo II – Congressos de violeiros¹²⁴

Também começam os Congressos de Violeiros, com os violeiros da época, Rogaciano Leite fez um em Recife, no Teatro Santa Izabel, foi casa cheia; em Fortaleza, Domingos Fonseca e João Siqueira de Amorim, fizeram um Congresso de Violeiros, este com comissão julgadora. O 1º Lugar no Congresso de Fortaleza ficou com Otacílio Batista e o Cego Aderaldo, julgamento do 1º ao décimo lugar.

124 Como acréscimo às informações apresentadas pelo poeta Antônio Américo neste capítulo sobre o início dos Congressos de violeiros no Brasil, destacamos que, em depoimento à pesquisadora Edilene Matos, para a *Revue Plural Pluriel*, em 2012, o poeta José Alves Sobrinho afirma que:

Antes do rádio chamar o cantador para o rádio, já tinha congresso de cantadores. O primeiro congresso de cantadores foi realizado no Teatro José de Alencar, pela iniciativa do poeta Rogaciano Leite, ex-cantador, em 1946. Foram titulares do primeiro lugar o cego Aderaldo, que não poderia deixar de ser, já que era cearense, e Otacílio Batista. O segundo lugar coube a Domingo Martins Fonseca e Dimas Batista. O terceiro lugar coube a Benjamin Mangabeira, outro cego cearense cantador, e Vicente Grangeiro.

O segundo congresso de cantadores foi realizado na Paraíba, na cidade de Itaperoá, por iniciativa do escritor,

Em 1959, os irmãos “Batistas”, foram ao Rio de Janeiro fazendo uma excursão, lá Dimas arranhou um patrocínio para fazer um congresso completo no Rio de Janeiro, três noites, duas eliminatórias, seis duplas. Na 1ª noite, classificava três e voava 3, 6 duplas. Na 2ª noite, classificava três e voava três, as seis classificadas. Na última noite, julgados do 10 ao 60 lugar, um congresso luxuoso, passagens de avião, ida e volta, hotel cinco estrelas, sem abuso para o preço do cache que

padre Manoel Otaviano, professor Pedro Bezerra e o ex-cantador, poeta popular, Antonino de Sousa Coelho, artisticamente conhecido Antonino Guerreiro, isso em setembro de 1948.

Mas entre o congresso de 46, em Fortaleza, e o congresso de 48, em Itaperoá, houve um movimento, não congresso, mas um movimento de apresentação dos cantadores no Teatro Santa Isabel, no Recife, por Ariano Suassuna, no qual tomaram parte os três irmãos Batista: Lourival, Otacílio e Dimas. Isso foi em 46, já depois do congresso de Fortaleza. Ariano teve a ideia de mostrar ao povo pernambucano o cantador no teatro. E foi feliz, agradeceu. Bem, esse não foi congresso, não houve competição. Foi a apresentação de três irmãos cantadores com mais a participação de Agostinho Lopes e Manoel Nogueira, mas não houve caráter de competição.

Depois veio o congresso de 49 realizado no Recife pelo Rogaciano Leite, o mesmo que havia organizado o de Fortaleza, em 46. Realizou o congresso de cantadores no Teatro Santa Isabel, no Recife, em 49. Não posso precisar o mês agora, porque passou. Desses cantadores tomaram parte os irmãos Batista, Lourival, Otacílio e Dimas, cego Aderaldo, Domingos Fonseca, Agostinho Lopes dos Santos, Manoel Nogueira Lopes e João de Natália, Francisco de Sousa conhecido vulgarmente como João de Natália. Cantador e cabo da polícia de Pernambuco. Depois desse congresso houve uma divergência de Rogaciano como os irmãos Batista por questões de pagamento e separaram-se os cantadores.

Ainda sobre esse assunto, destacamos que o Jornal *A tarde*, de 01 de julho de 1955, p. 02, noticia a realização, por Rodolfo Coelho Cavalcante, do Primeiro Congresso Nacional dos Poetas Violeiros e de Cordel.

era de C\$ 300,00 cruzeiros para cada violeiro, 24 cantadores, cada um ganhou trezentos cruzeiros. Embora que quando Dimas estava convidando os cantadores, 4 violeiros acharam o cache baixo e não quiseram ir: Pinto de Monteiro, João Silveira, Manoel Chudu e Lourival Bandeira.

Pinto de Monteiro disse até uma piada que saiu no jornal *A União da PB*. “Dimas pensa que eu sou menino besta, que nunca viajou de avião e nunca se hospedou de hotel 5 estrelas. Eu já viajei de avião e me hospedei em hotel 5 estrelas”. Assim mesmo Dimas levou grandes nomes como: José Alves Sobrinho, Vicente Grangeiro, José Porfírio, José Pequeno, Apolônio Belo, Jô Patriota, José Gonçalves, Cícero Bernardo, Arrumadinho Batista, Palmeirinha e tantas Outras.

As 6 duplas classificadas da última noite:

1º lugar, Dimas Batista e Otacílio Batista;

2º lugar, José Gonçalves e Cícero Bernardo;

3º lugar, Apolônio Belo e Jô Patriota;

4º lugar, João Severo de Patos e Vicente Grangeiro;

5º lugar, José Porfírio e Alberto Porfírio do Ceará;

6º lugar, Palmeirinha da Paraíba e José Pequeno.

Passagens de avião, ida e volta, hotel cinco estrelas o cache apenas 600,00 cruzeiros, que Pinto e outros acharam pouco foi todo congresso patrocinado pelo *O Jornal do Brasil*, do Rio de Janeiro.

Capítulo III – Achados poéticos¹²⁵

Os irmãos Batista: Lourival e Dimas, realizando uma cantoria em Serra Negra do Norte-RN, quando entrou no salão da cantoria o Dr. Edmundo, advogado, ofereceram uma cadeira, ele não quis, mandaram Lourival chamar ele pelo nome, quando Lourival disse duas linhas da sextilha, ele disse “não gosto disto”, foi se retirando, aí Lourival fez este gracejo nas quatro linhas que faltavam para findar o elogio. Veja o verso que terminou com muitas palmas da plateia, aplaudindo o Lourival.

Eu agora vou chamar,
Nobre Dr. Edmundo,
Mas foi o ente mais feio,
Que tive de ver no mundo,
O fundo parece a cara,
E a cara parece o fundo.

Com o aplauso do povo o Dr. Edmundo deu três passos para o lado dos cantadores como quem queria atacar Lourival, a palma ainda roncava com o verso que Louro fez com Dr. Edmundo. A esta altura, Dimas fazia a sua sextilha se desculpando dizendo que Louro tinha dito apenas um gracejo de brincadeira. Lourival respondeu com esta sextilha cara a cara.

125 Neste capítulo, o poeta Antônio Américo apresenta e comenta quarenta e duas sextilhas elaboradas por outros cantadores repentistas, juntamente com alguns dados biográficos e poéticos, e oito sextilhas de sua autoria, um total de cinquenta. Aqui, algumas sextilhas se repetem, quando consideradas aquelas publicadas em seu primeiro livro. Em algumas delas, são citadas as deixas que deram origem aos versos que se seguem e, entre as sextilhas comentadas entusiasticamente pelo poeta, bem dentro do estilo presente no livro *Poesias, violas e repentistas*, ele cita apenas uma décima heptassilábica, com rimas em ABBAACCDDC.

Eu não disse brincadeira
Elogiei na cantiga
Com Lourival é assim
Eu só ligo quem me liga
Se for pra cantar, se canta
Se for pra brigar, se briga.

Com o aplauso do povo doutor Edmundo disse “o homem canta mesmo”, mandou deixar dez mil reis na bandeja e ficou sendo amigo de Lourival. Esta cantoria foi em 1938, em Serra Negra do Norte.

Em 1969, eu fui ouvido em uma entrevista em João Pessoa por Orlando Tejo, quando declamei esse dois versos de Lourival, disse que não considerava Lourival um cantador como os demais, eu considero o Louro como o Pajeú, uma máquina de fabricar repente.

Otacílio Batista, cantando com José Alves Sobrinho na Rádio Clube de Pernambuco, em Recife, em 1953, Mourão Trocado. Veja o verso do mourão.

Otacílio:

Dou fé pelo auxílio
Troco o auxílio na fé.

Zé Alves:

Dou José em Otacílio
Ou Otacílio em José.

Otacílio:

Eu só não faço esta troca
Porque levo uma taboca
Que já sei você quem é.

O cantador José Aires de Mendonça, natural de Serra Branca-PB, muito improvisador e consciente, a voz feia e fraca, cantando com Otacílio Batista que tinha voz bonita.

Otacílio:

O seu verso sai bonito
A voz não ajuda em nada.

José Aires:

Está certo camarada
Jesus não me concedeu
Uma voz forte e bonita
Porém conhece que deu
Minha voz longe da sua
Com o seu verso é do meu.

O cantador Lourival Bandeira Lima, natural de Viçosa-AL, nome de guerra, Lourival Bandeira, chegou aqui na região dos cantadores, Pernambuco, Paraíba e Ceara na década de 1940. Cantou com quase todos os cantadores daquela época, quando chegou em São José de Piranhas, nos confins da Paraíba, se encontrou com Manuel Galdino Bandeira, o mais afamado cantador da região, marcaram uma viagem e fizeram ganhando muito dinheiro, na primeira cantoria em São José de Piranhas nas duas primeiras sextilhas. Houve esta troca de versos de dois gigantes.

Manoel Galdino:

Senhor Lourival Bandeira
Sustente as armas na mão
Como é que um homem sem armas
Vem enfrentar um leão
Eu sou a fera indomável
Que se criou no sertão.

Lourival Bandeira:

Você pode ser Leão
E dominar seu degredo
Eu sou o bicho das feras
Dando um grito num rochedo
Os elefantes se assombram
E os Leões correm com medo.

Versos de Pinto do Monteiro e Lourival Batista, cantando em João Pessoa na década de 1930, quando chegou na cantoria o ministro José Américo de Almeida, junto ao filho, José Américo Filho, colocaram duas cadeiras para o pai e filho, neste assunto o verso de Pinto e Lourival sabia que José Américo dois anos atrás tinha sido vítima do desastre da queda de um avião e tinha ficado bom, com este assunto terminou seu verso.

Pinto:

Uma paga do ministro
Pra Louro e pra Pinto sai
Zé Américo vai caindo
O filho segura o pai
Pode cair da cadeira
Mas da política não cai.

Lourival:

De toda forma se cai
Esta figura altaneira
Que queda pra Zé Américo
De toda forma é maneira
Não morreu de um avião
Quanto mais de uma cadeira.

Pinto do Monteiro quando extraiu os dentes para chapa, Lourival Batista criticou, veja:

Pinto agora esta banguelo
A voz fraca e diferente.

Você só me fala em dente
Isto não me adianta
Pra cantar precisa é peito
Bonita voz e garganta
Que o sabiá não tem dente
E é quem mais bonito canta.

O general Cordeiro de Faria, depois que se reformou veio morar em Fortaleza, aí foi nomeado a secretário de segurança do Ceará, no seu aniversário convidou dois cantadores para comemorar este feliz dia com cantoria em sua residência. O famoso Cego Aderaldo e Lourival Bandeira fizeram este verso, pedindo a cana, veja que coragem:

Nobre general Cordeiro
De uma forte chefatura
Para Lourival Bandeira
Peça uma cachaça pura
Que onde tem cantador
Não existe lei segura.

Aí veio a cachaça para o poeta.

Em uma cantoria de 4 violeiros, os 3 irmãos Batistas: Lourival, Dimas e Otacílio, o outro Ercílio Pinheiro, Norte Riograndense. Houve uma troca de versos de Lourival com Ercílio Pinheiro. Veja Lourival:

Você Otacílio e Dimas
De cantadores são três

Quando vem cantar comigo
Passam escrevendo um mês
Por isso eu não tenho medo
Da cantiga de vocês.

A resposta de Ercílio para Lourival.

Você só tem rapidez
Tirando disto mais nada
Falta estilo e cultura
E uma voz educada
O nome de Lourival
Foi feito só de zoadá.

O repentista Otacílio Batista cantava em programa de Rádio na cidade de Mossoró, na Rádio Tapuio, em 1955, com o grande cantador Ercílio, cantador Norte Riograndense, quando Otacílio deixou esta deixa para Ercílio.

Eu sou improvisador, você quer ser sem poder

Ercílio Respondeu:

Otacílio só quer ser
Um grande improvisador
Tirando o eco pra fora
Nada tem de cantador
Se ronco for documento
Jumento tinha valor.

O cantador e poeta José Alves Sobrinho, nasceu no dia 25-06-1921, em Picuí-PB, além de bom cantador foi quem cantou melhor e mais bonito nos programas de violeiros das Rádios, e foi pioneiro dos primeiros programas da Rádio Nordeste, em 1949. Viajando com José Aires de Mendonça em uma cantoria na cidade de Currais Novos,

no município tinha nesta época, a maior e mais rica mina de xelita do Rio Grande do Norte, pertencente ao Dr. Tomás Salustino, que Chegou na cantoria, no elogio dos cantadores, José Aires deixou a deixa para Zé Alves Sobrinho.

Cantar pra o homem mais rico do torrão Potiguarino

Zé Alves respondeu, veja:

Doutor Tomás Salustino
Homem rico, bom e nobre
Pra pagar o Zé Sobrinho
Eu peço que desdobre
A fama é de um homem rico
A paga de um homem pobre.

O Dr. Deixou 5 cruzeiros.

No aniversário de um pai e um filho, Canhotinho deixou a deixa para José Alves.

Dando início a cantoria dois aniversariantes

José Alves Sobrinho respondeu:

São dois natalicantes
De idades diferentes
O pai entre os homens velhos
O filho entre os inocentes
O pai pintando os cabelos
E o filho mudando os dentes.

José Alves Sobrinho, aos 40 anos desafinou a voz que era conhecida pela voz mais bonita entre todos os cantadores, aí ficou mais feia, ele

ficou desgostoso ate que deixou de cantar¹²⁶, ainda cantando com a voz desmantelada com Expedito Sobrinho, que deixou a deixa para Zé Sobrinho.

A sua voz já caiu mais de setenta por cento

Veja com que Zé Alves se comparou no seu verso.

Eu estou como um jumento
Que ando de beijo mole
A boca não tem um dente
A barriga como um fole
Destes que solta o capim
Da mesma forma que engole.

Nesta mesma época em 1962, José Alves cantava na cidade de Condado-PB, cantoria organizada por Zuquinha da Farmácia, cantoria comigo que deixei a deixa, dizendo que a coisa estava boa, veja:

A profissão para mim está boa até agora

Veja o que disse Zé Alves, como se sentia culpado de alguma coisa.

Já contemplei uma aurora¹²⁷
Que você não contemplou

126 Sobre esse fato, o próprio José Sobrinho, em depoimento á pesquisadora Edilene Matos, na *Revue Plural Pluriel*, comenta: “Eu tive um retrocesso nas cordas vocais, não sei por qual origem. Eu fiquei com a voz feia; não enrouqueci, mas perdi a melodia. Isso já foi mais ou menos em 60, 62. [...] Mas, para não me divorciar daquilo que mais amei, que eu mais queria fazer, que era cantar, eu comecei a pesquisar.”

127 Essa sextilha também faz parte do livro *Poesias violas e repentis*. Nela o poeta apresenta uma deixa diferente daquela apresentada anteriormente, “rima de flora”, embora a cantoria citada seja a mesma realizada na cidade de Condado – PB, em 1962.

Pequenos dias felizes
O seu criado passou
Porém o que merecia
Com pouco tempo chegou.

Josué Alves da Cruz, era natural de Serraria-PB, até o final de 1950, morava em Campina Grande, mantendo um reinado por quase 40 anos, depois falo mais do famoso Josué da Cruz.

Sebastião José do Nascimento era natural de Pilar-PB, quando começou na década de 1930, era conhecido por Sebastião Cesário, depois veio morar em João Pessoa, aí segurou o nome de Sebastião José, teve a sorte de arranjar um emprego público. Foi Funcionário Público até quando se aposentou, porém nunca deixou de cantar, cantava nos finais de semana, dias de folgas, feriados e férias, aproveitava tudo. Em uma cantoria em Natal, em 1945, com Josué que cortou o verso de Sebastião, veja o que disse Josué:

A rima de mais com faz
Tem erro pra quem conhece
Que a palavra demais
Se escreve com I e S
E faz tem um Z no fim
Aonde o erro aparece.

Veja Sebastião:

Comigo você não cresce
Criando erro inventado
Que S com aparece
Na escrita está errado
É o mesmo de mais com faz
Deixe de ser descarado.

Sebastião José deu uma resposta que Pinto do Monteiro dava uma desta, Josué começou a cantar em 1925 aos 21 de idade dotado de coisas boas, para o cantador completo cantava muito, cantava bem, era simpático. Fazia da voz o que queria, ganhava dinheiro mais que todo mundo, tanto fazia esta com um cantador bom como com um fraco, ou sozinho, onde afinava a viola para cantar se enchia de gente e o povão é quem queria pagar caro, porque era a Josué da Cruz, era boêmio jogava baralho nas feiras bebia e pagava para todo o mundo, era fã das “boates”. Valente, só tinha esta filosofia errada, dizia—eu gasto tudo que ganho porque confio em mim que vou e torno a ganhar -assim nunca fez uma independência, morreu pobre.

Enquanto Estrelinha, que era contemporâneo dele, morando em Campina Grande, também era o cantador rico daquela época, talvez não tenha ganhado 30 por cento de dinheiro que Josué ganhou, tinha uma conta gorda no Banco do Brasil, vivia de emprestar dinheiro a juro e brincava com dinheiro, porque sabia administrar o dinheiro o cantador Estrelinha, coisa que o famoso Josué da Cruz nunca soube.

Aderaldo Ferreira de Araújo, cantador de renome, nome de guerra, Cego Aderaldo do Crato ou do Quixadá, por ter nascido no Crato e morando muitos anos em Quixadá, nasceu em 1882 e faleceu em Recife em 1967, aos 85 anos era diferente dos outros cantadores porque seu instrumento para cantar era uma rabeca, enquanto os cantadores usavam uma viola, afinava igual com a viola do colega, ritmava o baião e cantava bem, tinha a voz boa, falava bem, um bom vocabulário, aprendia tudo de ouvido, mandava um professor ler, ele escutava e aprendia.

Cantou com os maiores cantadores do seu tempo, João Siqueira de Amorim, Benjamim Mangabeira “cego também”, José Porfírio, José Salgado, José Mergulhão de Sousa, Lourival Bandeira, Manoel Leopoldino de Mendonça Serrador, José Pretinho do Crato, Inocên-

cio Gato, Manoel Calixto, Domingos da Fonseca, Rogaciano Leite, Souzinha, Neco Martins, José Felix da Cunha, Fausto Correia Lima e muitos outros.

Tinha tanto talento e nome que no primeiro Festival de Violeiros de Fortaleza, tirou o 1º lugar duplado com Otacílio Batista, não teve quem chegasse perto, o Cego Aderaldo, foi quem garantiu o primeiro, Otacílio Batista dizia a todo mundo, “Aderaldo foi quem ganhou”. Os cantadores sabidos e os feras, todos perderam para o Cego Aderaldo e Otacílio Batista neste Festival de Violeiros de Fortaleza em 1948, em um julgamento correto. Aderaldo tinha tanto nome que Ademar de Barros, quando era governador de São Paulo, mandou chamar o cego Aderaldo para cantar para ele em São Paulo.

Ademar de Barros pagou bem a Aderaldo e deu mais um cinema ambulante puxado a bateria para Aderaldo ganhar dinheiro mais fácil. Em 1955, eu e Juvenal Evangelista, assistimos a uma noite de cinema e cantoria, depois do cinema com a caravana do Cego Aderaldo, que dizia que éramos filhos dele, três rapazes viajando todos a cavalo.

Agora vamos ler as duas estrofes do trava-língua¹²⁸ da Paca, que Aderaldo embatucou o parceiro José Pretinho do Tucum, que saiu vaiado do salão e o povo gritando “apanhou José Pretinho”, desta cantoria foi que surgiu a famosa peleja do Cego Aderaldo com José Pretinho do Tucum em 1923. Vamos ler o trava-língua da Paca:

Aderaldo:

Amigo José Pretinho
Eu não sei o que será

128 O trava-língua é uma modalidade que pode ser apresentada, na poesia popular, em sextilhas, como é o caso, ou em decassílabos. Pautado em versos e ritmos truncados, é considerado pelos cantadores como prática bastante difícil na poesia de improviso.

De você depois da luta
Que vencido já está
Que a paca o cara compra
Paca cara pagará.

Zé Pretinho:

Agora cego me ouça
Cantarei a Paca já
Tema assim é um borrego
No bico de um carcará
Quem a paca, cara compra
Paca cara, pagará.

Quando Zé Pretinho do Tucum disse esta palavra feia de cagará, foi aberto na vaia, todo mundo gritava “Zé Pretinho apanhou de Aderaldo”. Uma vez chegou a cantar para Virgulino Ferreira, o Lampião no Estado do Ceará.

O cantador José Virgulino de Sousa, natural de Bezerros PE, nasceu no dia 20-11-1908, faleceu em Juazeiro do Norte-CE, em 08-07-1939, aos 31 anos, era conhecido por “Mergulhão de Sousa” cantador renomado e respeitado por todos os colegas do seu tempo, só cantou 14 anos, de 1923 até 1937, quando adoeceu do vírus da tuberculose, doença que na década de trinta não havia cura por não ter chegado ainda os antibióticos no Brasil, que cura o vírus da tuberculose desde 1945. Quando os americanos no final da segunda guerra mundial vieram comemorar a vitória dos aliados final da guerra da Alemanha. Aí trouxeram o primeiro antibiótico para curar os soldados acometidos da tuberculose, isto aconteceu em Natal-RN. Sabe qual era este primeiro antibiótico que curou dezenas de Soldados brasileiros? Penicilina, com novas associações dos antibióticos, hoje em dia não morre mais ninguém de tuberculose como Mergulhão de Sousa morreu.

Durante os 14 anos que fez profissão da cantoria, cantou com os maiores cantadores daquela época, se não saía com a vitória, também não perdia para ninguém, foi a história que ficou. Veja bem, cantou com José Soares do Nascimento de Caruaru, Pinto de Monteiro, Antonio Marinho, nas zonas do Brejo da Paraíba, cantou com João Melquíades Ferreira, José Bernardino, Luiz Gomes de Albuquerque, Josué da Cruz, em Patos com Cesário José Pontes, no Alto Sertão da Paraíba com Manoel Galdino Bandeira, no Ceará, cantou com Benjamim Mangabeira, José Pretinho do Crato, João Siqueira de Amorim, Cego Aderaldo, José Felix, Inocência Gato, e tantos outros.

Em 1937, adoeceu da tuberculose, deixou de cantar. Dois nobres cantadores de Campina Grande, Josué da Cruz e Ascendino Alves bolaram uma cantoria filantrópica em benefício do colega Mergulhão de Sousa, em 1939. Faltando poucos meses para a sua morte todo rendimento desta cantoria foi para Mergulhão, um amigo de Mergulhão que tinha um automóvel novo levou Mergulhão do Juazeiro para Campina Grande para assistira cantoria pessoalmente, ele além de muito doente, bem magrinho meia noite, cantoria boa, muito dinheiro, Mergulhão disse a Josué “eu quero como despedida um baião com Ascendino e outro com você”.

Cantando com Ascendino que deixou a deixa:

Faz pena um poeta bom se acabar na mocidade

Mergulhão respondeu:

Trinta e um anos de idade
Tenho eu são poucas eras
Pelo meu estado físico
Bem vejo que consideras
Que eu não chegue a completar
32 primaveras.

José da Cruz deixou esta deixa:

Quem lhe ouviu no passado fica triste ouvindo agora

Mergulhão respondeu:

Quem viu Mergulhão outrora
Vendo hoje não conhece
Cada repente que faço
É uma dor que aparece
Cada palavra que digo
É uma lágrima que desce.

O cantador João Viana, natural de Esperança-PB, seu nome de Guerra era João Benedito de Esperança, foi um mestre na cantoria e quem cantou mais bonito até 1930 em toda Paraíba. Rei da voz assim dizia quem o conheceu, depois de velhinho, não podia mais fazer as cantorias, sem força, cansado, a voz fraca, porém no dia de feira de Esperança, ele sozinho afinava a Viola e começava a cantar bem devagarinho aí um senhor que gostava de cantoria ia passando, parou e perguntou a outro, “quem é este velhinho?” Quando João Benedito deixou esta deixa:

Por não termais com quem cante me obrigo a cantar sozinho.

Aí o Nego velho raspou a Viola e respondeu:

Cidadão este velhinho
Se chama João Benedito
Já fui gordo como uma bola
Estou magro como um palito
Cantando assim como feio
Fui quem cantei mais bonito.

O cantador Josué da Cruz, na década de 40, com seus quarenta anos, cantando com o velho Manoel Raimundo de Barros, já quase com 80 anos, cansado e faltando o talento de quando tinha a idade de Josué, 40 anos. Josué da Cruz deixou a deixa:

Onde eu canto é casa cheia em qualquer localidade

Manoel Raimundo respondeu:

Eu também na mocidade
Tive amigo e tive afago
Já cantei em salão cheio
Hoje canto em salão vago
Igual a garça viúva
Pousando de lago em lago.

O famoso cantador Zé Duda do Zumbi, que no seu tempo não perdia para ninguém, porem ouviu esta resposta do também famoso Pinto de Monteiro, sabia ler menos que Zé Duda, mas com esta repostas, Pinto está provando que não perdia para ninguém cantando, podia até empatar, como prova agora. Zé Duda cantou a sextilha:

Quando vagar a noticia
Que José Duda morreu
Pernambuco há de dizer
A semente se perdeu
A Paraíba não bota
Outro Duda como eu.

Severino Pinto de Monteiro, fenômeno entre todos os cantadores de todos os tempos, respondeu para o mestre Zé Duda, como o chamavam. Veja Pinto:

Este pensamento seu
Trouxe engano desta vez
Porque tem a mesma força
Aquele Deus que a Fez
O Deus que fez um Zé Duda
Pode fazer dois ou três.

O cantador Josué Alves da Cruz, natural de Serraria-PB, como cantador famoso no seu tempo, residia em Campina Grande-PB em 1954 aos 50 anos de idade, provando que já sentia problema com a pinga, fez esta sextilha cantando com canhotinho, veja o que disse, culpando a bebida ainda a meia idade:

Já fui Josué da Cruz
Mas minha cruz já pendeu
Aquele lembrança viva
De mim desapareceu
O resto do meu juízo
A aguardente comeu.

O famoso cantador José Galdino da Silva Duda, conhecido no seu tempo por “Zé Duda do Zumbi”, natural de Cabaceiras-PB, logo cedo mudou-se para o Zumbi em Recife, onde criou-se, estudou e começou a cantar, aos 63 anos, em 1929, cantando com Severino Milanês, fez esta sextilha, em 1929, veja:

Fui Zé Duda do Zumbi
Hoje resta o bi somente
Zé Duda e Zum Terminaram
Com voz toada e repente
Quem liquidou isto tudo
Foi a maldita aguardente.

O cantador Heleno Pinto, natural de Monteiro-PB, o mais afamado repentista que já se ouviu falar.

Pinto cantando com o irmão Heleno Pinto deixou a deixa para Heleno criticando por Heleno não gostar de viajar, só cantava ali perto de Monteiro, veja a deixa de Pinto:

Não conhece nem Campina terra de caturité

Heleno que só tinha 30 anos de idade deu a resposta.

Eu sei que Campina é
Da Paraíba a estrela
Eu já passei 30 anos
Sem precisar conhecê-la
Ainda me atrevo a passar
Mais outros 30 sem vê-la.

De outra vez, Pinto cantando um desafio com Heleno, deixou a deixa em sextilha:

Você tem chifre comprido que só boi do Piauí

Heleno respondeu:

Me chama chifrudo aqui
Porém chifrudo eu não sou
Chifrudo é o meu irmão
Que ainda ontem levou
Uma carta pra mulher
Que o macho dela mandou.

Silvino Pirauá de Lima, cantador e poeta popular, pioneiro dos primeiros folhetos publicados da literatura de cordel em 1898 e logo no

mesmo ano, seguido por Leandro Gomes de Barros na publicação dos folhetos de cordel, começou tudo em Recife-PE, descendente de família branca, já Romano do Teixeira, era natural de Mãe d'Água, distrito de Teixeira-PB, descendente da família Caluête, raça mestiça, quer dizer misturado, branco com negro, na época o linguajar do povo chamava um homem mestiço de cabra, e pajem, era criado que servia aos patrões. Silvino Pirauá, logo novo foi trabalhar para Romano, no serviço da lavoura, porém o que ele queria era aprender tocar viola e cantar, foi o que aconteceu, aprendeu com o velho mestre tocar viola e cantar bem, daí para frente, foi o parceiro de Romano até 1891.

Quando Romano faleceu, era a dupla mais famosa da época, Romano e Pirauá depois da morte de Romano, Josué, filho de Romano, já cantava, ai duplou com Pirauá, cantando muito bem, quase como o pai.

Vamos ler uma troca de versos, duas sextilhas de Josué com Pirauá, em Taperoá, em 1896.

Josué:

Com Josué de Romano
O Pirauá não se sai
Se eu disser a verdade
Ele de vergonha cai
Que até há poucos anos
Era pajem do meu pai.

Pirauá:

De trabalhar a seu pai
Isto aí eu admito
Era o rei dos cantadores
Cantava muito e bonito

Porém era um cabra velho
Filho de cabra é cabrito.

O poeta e cantador João Severo de Lima, natural de Patos-PB, cantando em São José do Egito-PE, com Joaquim Vitorino, pai de Diniz Vitorino, João Severo tinha comprado um uniforme de Tropical Azul escuro, aí Joaquim Vitorino para elogiar João Severo deixou essa deixa:

Agora encontrei Severo metido no Tropical

João Severo respondeu com este gracejo:

Eu fiz um grande mal
Quando comprei este bruto
Que quando chego na feira
De vez enquanto um matuto
Pergunta João Severo
De quem é que está de luto

João Severo cantava em Patos, em uma cantoria campal em frente ao bar com o repentista Francisco Evaristo, quando chegou um vaqueiro montado em um cavalo bonito, aí Francisco Evaristo perguntou quem era. Veja a deixa de Evaristo:

Diga quem é este moço, deste cavalo bonito

João Severo que conhecia Expedito Maracajá que também pertencia a família Parente, respondeu tudo para Evaristo e quem não sabia em uma só sextilha. Veja:

Este ali é Expedito
Parente Maracajá
Fazendeiro no Barreto
Perto de Maracujá

Pra lá de Santa Tereza
E de Catingueira pra cá.

João Severo cantava comigo, boi velho admirando as coisas da natureza e do dia em 1972, eu deixei a deixa:

Admiro dum ovo branco tirar um pinto pretinho

João Severo respondeu desta maneira:

Eu admiro um velhinho
Agora se aposentar
Comprar corredor de boi
Meia noite levantar
O pensamento pra Deus
E com a mocidade sonhar.

Manoel Dionísio Filho, o famoso “Canelinha” em 1942, chegou a época do sorteio da classe de 1922 para ir para o exército, não ia classe toda, era só os sorteados, neste tempo só se falava na segunda Guerra Mundial: a Guerra da Alemanha, a força Nazista para acabar o mundo ou escravizar uma banda do mundo. Ficar tudo debaixo do poder da Alemanha, quem fosse para o exército já sabia que ia para guerra, como de fato foram muitos brasileiros, que morreram por lá e outros voltaram, que são os ex-combatentes.

Canelinha neste assunto fez a seguinte glosa de renome Internacional. Veja a Glosa:

Não me leve para a guerra¹²⁹
Não me faça esta surpresa

129 Essa é a única estrofe apresentada no livro que não é uma sextilha. É uma estrofe de dez versos heptassílabos, elaborada pelo poeta Canelinha, considerado um “gênio” por Antônio Américo.

Que eu não tenho natureza
De vê meu sangue na terra
Me leve pra aquela serra
Pra viver com os macacos
Lá por dentro dos buracos
Embora eu morra de fome
Depois escreva meu nome
No livro dos homens fracos

Eu cantei e viajei com Canelinha, disse ainda para o poeta Jomaci Dantas que Canelinha foi gênio e campeão em 3 especialidades: cantar, glosar e tocar viola.

O cantador, poeta e glosador, Manoel Dionísio Filho, nome de Guerra “Canelinha”, natural de Santa Terezinha-PB, quando nasceu em 1922, Santa Terezinha era Distrito de Patos, em 1940 ele cantando no município de Santa Terezinha quando chegou um vaqueiro, ele começou a elogiar, aí caiu uma caranguejeira na sala, ele registrou, uma mulher pegou uma alpargata para matar a caranguejeira. Canelinha defendeu. Veja o verso:

Vou louvar este vaqueiro
De gibão perneira e luva missa
Caiu uma caranguejeira
Veio em “traje” de viúva
Dona não mate a bichinha
Que ela adivinha chuva.

De outra vez Canelinha cantava com Bem-te-vi Neto, que também era filho de Santa Gertrudes, distrito de Patos, terra do cantador Manoel Galdino Bandeira. O assunto de Bem-te-vi e Canelinha era moleza, pouca sorte e viola flechada. Bem-te-vi deixou a deixa. Veja:

Até hoje não tenho sorte, tenho vida flechada

Canelinha respondeu:

Até pra uma caçada
Eu tenho flecha também
Se caço, caça não acho
Se espero pássaro não vem
E quando vem, só se senta
No pau mais alto que tem.

O cantador Cesário José Pontes, natural de Patos-PB, era cego, cegou aos 7 anos, nasceu em 1875, começou a cantarem 1895 e faleceu em 1947, cantando em Recife, em 1907, no mercado São José, quando os guardas civis, receberam ordens para prender os cegos que cantavam ao redor do mercado São José, dessa vez o cego Cesário foi preso, aí um advogado foi na cadeia e justificou que Cesário não era cego pedinte que pedia esmola, era um cantador famoso, considerado artista e disse a Cesário “pode ir cantar amanhã, que ninguém lhe prende mais. Com 2 dias depois, Cesário estava cantando quando o guia disse: “pare um pouquinho que vai passando um cortejo”, aí Cesário disse, “pergunte quem foi que morreu”, aí disseram: “um guarda civil”, aí Cesário vingou-se da prisão que havia sofrido há dois dias, soltou este verso:

Morreu um guarda civil
Passou o povo com ele
Com certeza seus parentes
Vão chorando a morte dele
Se for dos que prende cego
Eu estou livre daquele.

O cego Cesário para quem não sabe, era cunhado de Pedro Caetano, o homem mais rico de Patos, até a década de 1940, ninguém tinha mais dinheiro que seu Pedro Caetano o pai de Dona Elvina Caetano. O Cego Cesário cantava com o jovem Canelinha em 1941, quando Canelinha deixou essa deixa:

Eu cantava com Cesário, a gente canta até missa

Cesário respondeu bonito:

Canelinha uma missa
Cantava por mim e tu
É uma casa de farinha
Feito de tijolo cru
Que o forno é o altar
E a hóstia é beiju

Agostinho Lopes, cantando com Cesário em Patos, em 1944, elogiando um mestre de cavalo que ensinava cavalo esquipar, deixou a deixa para Cesário assim:

Temos dinheiro na certa do mestre Joaquim Biléu

Cesário respondeu bonito:

Eu admiro Biléu
Como ensina sem saber
Ele ensinando um cavalo
Esquipar tem o que ver
E ele nunca esquipou
Vai morrer sem aprender

O Cego Aderaldo, em 1928, estava hospedado na casa de um fazendeiro amigo no Estado do Ceará, 10 horas do dia quando viram a casa

estava cercada por cangaceiros. Era Lampião que disse, “quero falar com o dono da casa, que saiu e disse estou as suas ordens”. Capitão Lampião vendo uma rede armada no alpendre, perguntou quem está deitado nesta rede tão folgada, o fazendeiro disse, é o cego Aderaldo, cantador, Lampião disse, quero conhecê-lo e ouvi-lo cantar, falou com competência com Aderaldo que se expressou igual, afinou a rabeca e cantou para o capitão Virgulino Ferreira, tinha um decoreba presente que decorou a primeira sextilha que Aderaldo cantou para o capitão Virgulino. Veja o que disse Aderaldo:

É esta a primeira vez
Que canto pra Lampião
A maior autoridade
Que cruza todo sertão
Fazendo medo a tenente
Alferes e Capitão

Lampião gostou tanto que gratificou o Cego Aderaldo com uma nota de cem mil réis e um punhal de luxo cabo de chifre, prata e ouro, folha de 10 polegadas, esta marca de punhal só comprava no Brasil do século XIX ao começo do século XX, os barões e os coronéis, isto em 1928. Aderaldo foi gratificado por Lampião.

O cego Aderaldo em 1940, cantando com o cantador, poeta e doutor, Rogaciano Leite, em Fortaleza, deixou a deixa num desafio em sextilha. Veja a deixa de Rogaciano:

Aderaldo diz que chifre nem atrasa e nem arrasa.

Aderaldo que era um gênio, respondeu assim:

Você ontem em sua casa
Quando bateu no portão
Um negro pulou do quarto

Saiu na porta do oitão
Passou-lhe um chifre tão grande
Que a ponta arrastou no chão.

Esta pesquisa foi feita em 1948 quando Aderaldo ainda era vivo.

O cantador Severino Mendonça da Silva, nome de guerra Bem-te-vi, natural de Patos-PB, radicado em Baturité-CE, cantando comigo em 1957 em Macau-RN. Deixou essa deixa:

Cantando a vida de Hitler nunca temi repentista.

Eu respondi:

Hitler um monstro Nazista
Firmado no plano seu
Queria ganhar o mundo
Lutou muito mas perdeu
Além de perder a guerra
No fim desapareceu.

O cantador Lourival Batista, cantando comigo na cidade de Taperoá-PB, em 1970, deixou a deixa:

Meu nome de repentista em todo tempo é lembrado

Eu respondi:

O seu nome é respeitado
Por tudo que já compôs
Porém com Antonio Américo
O julgamento é depois
Pra você ficar sabendo
Que não existe um sem dois.

O cantador Manoel Dionísio Pereira, nome de guerra Canelinha, natural de Santa Terezinha-PB cantando comigo em 1966, em Carnaúba dos Dantas-RN. O famoso Canelinha, deixou a deixa:

Quem canta com Canelinha, tem que baixar o rojão

Eu respondi:

Entrou comigo em questão
A certeza é que não ganha
Com Américo a luta é dura
Tem que perder na campanha
Ou canto muito ou deserta
Ou perde o nome ou apanha.

O famoso cantador Chagas Moisés, cantando comigo em 1955, na cidade de Sousa-PB, deixou a deixa:

No verso do meu colega, tudo que eu procuro tem

Eu respondi dando o valor que o valoroso Chagas Moisés merecia:

O seu verso é como o trem
Que serve a toda ribeira
Trem de carga e passageiro
Passando a semana inteira
Os pobres vão de segunda
Quem pode vai de primeira.

O cantador Francisco Evaristo, natural de Uiraúna-PB, cantando comigo na praia de Tambaú-PB, em 1960, deixou a deixa:

Quem não canta a natureza, não desenvolve a cultura

Eu respondi:

O segredo da natureza
É trabalhoso entender
Eu vou perguntar agora
A quem souber responder
Por que pássaro bebe água
Sem ter por onde verter

O cantador Raimundo Arruda Batista, nome de guerra “Arrudinha Batista”, cantando comigo em 1968, em Teixeira, deixou a deixa bonito:

Na caminhada do tempo, quem não tem cuidado vira

Eu respondi:

Nosso tempo dar e tira¹³⁰
Por tudo que já compôs
Basta vê quem foi Garrincha
Até em sessenta e dois
O tempo fez dele um gênio
Para liquidar depois.

Geraldo Amâncio Pereira, fazendo uma cantoria em 1968 comigo, promovida pelo o fazendeiro Tota Bezerra, na casa de um tio de Geraldo Amâncio, no município de Cedro-CE. Uma certa hora, eu iniciei um baião em uma toada antiga, ai Geraldo criticou, veja a deixa:

Esta toada é do tempo de Romano do Teixeira

¹³⁰ Essa sextilha também faz parte do livro *Poesias violas e repentis*. Ela corresponde a sextilha de número 53 na ordem apresentada no livro.

Eu dei uma resposta bonita, veja:

A toada é de primeira¹³¹
Se Romano gostou dela
Pirauá, Zé Duda e Pinto
Todos três cantaram nela
Só você vem me dizer
Que a toada não é bela.

Juvenal Evangelista cantando comigo em 1955, na cidade de São Bento dos Redeiros, em uma cantoria muito boa, em gente e dinheiro e muitos violeiros também assistindo um assunto de saudade, Juvenal deixou a deixa:

Saudade tem tanta coisa, que ninguém canta a metade

Veja o que respondi:

Esta palavra saudade¹³²
Só existe em português
Criada por Dom Duarte
Eu sei do ano e do mês
Tudo isto são lições
Que vão servir pra vocês.

¹³¹ Essa sextilha faz parte do livro *Poesias violas e repentis*. Ela corresponde à sextilha de número 57, na ordem apresentada no livro.

¹³² Essa sextilha também faz parte do livro *Poesias violas e repentis*. Ela corresponde à sextilha de número 09, na ordem apresentada no livro.

Antônio Américo: o poeta de cordel

O “cordel – literatura” ou a “poesia pura / Dos poetas do sertão”¹³³ é uma forma peculiar de escrita literária que, no Brasil, especialmente na região Nordeste, surge no final do século XIX, cria raízes e se perpetua até os dias atuais. Aqui, homens simples, legítimos representantes do povo, elaboram suas composições de modo que “A vida nordestina parece ser o palco e a fonte dos folhetos”¹³⁴ que contam as suas histórias.

De acordo com Abreu (2006, p. 118), “Os poetas populares nordestinos escrevem como se estivessem contando uma história em voz alta.”. Isto porque essa literatura popular, mesmo escrita em versos, mantém fortes vínculos com a oralidade. A presença da rima, da métrica, da oração, do ritmo estabelecido para o poema são alguns dos recursos utilizados pelo poeta que, além de refletirem as marcas dessa oralidade, também facilitam para leitor / ouvinte da narrativa em versos a memorização da história contada. Para o poeta Manuel de Almeida Filho¹³⁵, “o bom folheto é o de qualquer classe quando bem rimado, bem metrificado, bem orado.”

Na escrita do folheto, o poeta, que conhece o seu público, sabe que a forma é fundamental para que uma boa história seja elaborada,

133 CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. *Origem da literatura de cordel e a sua expressão de cultura nas letras de nosso país*. 1984.

134 (ABREU, 2006, p. 119).

135 Entrevista concedida a ALMEIDA, Mauro William Barbosa de. *Folhetos (A Literatura de Cordel no Nordeste Brasileiro)*, Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1979, citada por Abreu (1997a).

para que esta seja entendida pelo leitor ao ponto de guardá-la em sua memória, fator que evidencia a preocupação de quem escreve com o aspecto mnemônico comum a essa composição poética.

Assim como nas demais composições do gênero cordel, as narrativas também seguem estruturas temáticas e formais semiestruturadas, sem que isso se torne algo que impeça ou dificulte o ato criativo do poeta. A habilidade do poeta está em criar sempre algo “novo”, mesmo seguindo uma espécie de modelo já determinado pela tradição. O “novo” não está na ruptura das “fórmulas”, mas na forma utilizada pelo poeta para manuseá-las a seu favor na elaboração de suas histórias, que devem sempre encantar e informar o público com enredos “desembaraçados”.

É como seguidor dessa tradição que o poeta Antônio Américo de Me-deiros compõe seus folhetos de conteúdo histórico, *Patos do Major Miguel*; histórico – religioso, *A história completa da Cruz da Menina* e *História da Guerra de Juazeiro do Padre Cícero Romão Batista em 1914*; escrevendo também um marco, *O marco do Sabugi*; um folheto de abordagem metalinguística que versa sobre *Os mestres da literatura de cordel*; uma peleja, *Segunda peleja do poeta e repentista Antônio Américo com o poeta José Costa Leite*; dois romances de cordel, *A Fada do Bosque Negro* e *a Princesa Safira* e *A Moça que mais sofreu na Paraíba do Norte*; e, assim como muitos cordelistas, cantou o cangaço e os grandes cangaceiros do sertão nordestino em folhetos como *A Vida do Cangaceiro de Nome Antônio Silvino*; *A Vida de Lampião: Intriga, Luta e Cangaço*; *O Fracassado ataque de Lampião à cidade de Mossoró* e *Lampião e sua História contada toda em Cordel*.

Figura – Capa do folheto



Fonte: Acervo da autora

Folheto composto de 24 estrofes de dez versos setissilábicos, com esquema rímico ABCBDDEFFE, que conta a história da cidade de Patos, na Paraíba, desde a sua fundação, final do século XVIII, até final do século XX, destacando os principais personagens que fizeram e

fazem parte da história política, da religião e até mesmo das “figuras folclóricas” dessa cidade sertaneja que, graças ao nome de um seus primeiros grandes chefes políticos, o Major Miguel (Miguel Sátyro), ficou conhecida também como “Patos do Major Miguel”.

Assim como as capas das pelejas que o poeta editou, *A primeira peleja de Romano do Teixeira com Inácio da Catingueira*: Quando Patos ainda era uma pequena Vila e a *Segunda peleja de Romano do Teixeira com Inácio da Catingueira*, esse texto foi reproduzido em uma pequena brochura, que também trazia em sua capa de abertura uma xilogravura de J Borges, este que inicia suas atividades na década de 60 e se torna um dos mais conhecidos xilógrafos do país.

A estrutura poética escolhida pelo poeta para escrever esse folheto coincide com outros poemas escritos pelo autor dedicados ao canto de datas comemorativas, a personagens políticas como Tancredo Neves, à figura da mãe, como na canção “Mensagem à mamãe”. A repetição da décima com essa estrutura pode representar apenas uma escolha comum, uma vez que esta é bastante utilizada pelos poetas de bancada desde a sua criação, ou pode revelar ao leitor uma preferência do autor por essa forma de canto. Cabe lembrar que poetas como Leandro Gomes de Barros também escolheram a décima para compor poemas dedicados ao canto sobre grandes feitos de grandes personagens, como em *A batalha de Oliveiros com Ferrabraz*, apesar de ser a sextilha a estrofe mais usada para a composição de poemas mais extensos.

Cordel Patos do Major Miguel

Patos de Major Miguel,
deve a sua fundação,
aos bravos sertanistas,
que desbravaram o sertão,
chegando a terra vizinha,

a fazenda da Farinha,
primeiramente fundada.
A outra, foi Pedra Branca,
e a terceira, mais franca,
por Patos, foi batizada.

Pedra Branca, “Itatiunga”,
Farinha e Fazenda Patos,
foram as três, primitivas,
com os seus dados exatos.
A Patos foi escolhida,
para nela, ser nascida,
a bela povoação.
A Pedra Branca, sem guerras,
sessenta mil réis, de terras,
fez a mesma doação.

Foi em mil e setecentos,
e setenta e dois o ano,
dono da Fazenda Patos,
tudo certo, sem engano,
era o nobre capitão,
Paulo Mendes, bom cristão.
Pedra Branca, pertencia,
a João Gomes de Melo,
um do outro, paralelo,
a povoação, nascia.

Sessenta mil réis de terras,
cada um documentou,
doando ao patrimônio,
que ao todo ficou,
com cento e vinte mil réis,
registrado nos papéis,

onde todo mundo lia,
rezava desta maneira,
a terra é da padroeira,
Nossa Senhora da Guia.

Onde hoje é a igreja,
chamada da Conceição,
foi a primeira capela,
marcando a povoação,
já depois de construída,
foi chamada de Ermida,
pôr todos da freguesia.
Em oitenta e oito, criada, “1788”
a paróquia registrada,
Nossa Senhora da Guia.

Paulo Mendes Figueiredo,
e João Gomes de Melo,
com parentes e herdeiros,
como quem faz um castelo.
As famílias reunidas,
muitas casas construídas,
fizeram na arrancada,
da igreja, pra lagoa,
dos Patos, a terra boa,
cada rua projetada.

Já haviam seis famílias,
ocupando a região,
começando da Farinha,
até a povoação.
Era a família Oliveira,
a Antunes, na Ribeira,
a Melo, e a Figueiredo,
a Barreto, e a Farias,

e de outras freguesias,
chegou gente, logo cedo.

Os índios da região,
já viviam afastados,
os Pegas e Panatis,
coitadinhos espancados,
nas lutas há poucos anos,
com os brancos veteranos,
perderam suas ribeiras.
Por causa destes problemas,
ficaram com os Coremas,
fora de suas fronteiras.

E assim continuou,
a luta do pessoal,
ficando a povoação,
pra freguesia Pombal.
Mais tarde se libertou,
e como vila ficou,
em dezoito e trinta e três, “1833”
e assim Patos crescia,
Nossa Senhora da Guia,
ao seu povo, dava vez.

Em dezoito e oitenta e nove, “1889”
quando a república montou,
o regime federal,
Major Miguel, começou,
a ser o chefe de Patos,
político de nobres atos,
foi coronel de virtude.
Ninguém de Patos desminta,
deixou a política em trinta, “1930”
por lhe faltar a saúde.

Em novecentos e três, “1903”
Patos passou a cidade,
Major Miguel, sendo dela,
a maior autoridade,
chegou a ser deputado,
na assembleia inspirado,
com projetos e pedidos.
Prefeitos e delegados,
ou faziam seus mandados,
ou seriam demitidos.

Deixou a política em trinta, “1930”
os filhos continuaram,
Doutor Clóvis e Ernani,
muitas eleições ganharam.
Depois Clóvis, se afastou,
Doutor Ernani ficou,
sendo eleito e reeleito,
Deputado Federal,
seu colégio eleitoral,
nunca lhe negou um pleito.

Um filho de Doutor Clóvis,
neto de Major Miguel,
é o Doutor Múcio Sátiro,
seguiu o mesmo papel,
como forte liderança,
honrando a família avança,
na política patoense,
várias vezes deputado,
sendo eleito folgado,
com os votos que lhe pertence.

Sobre os que fizeram Patos,
vamos falar nos prefeitos,
porque todos trabalharam,
e são dignos de respeitos,
Constantino Dantas Góis,
foi esta a primeira voz,
chamada municipal,
e o segundo comando,
deram para Sizenando,
prefeito de ideal.

Sebastião Ferreira Nóbrega,
foi o terceiro prefeito,
José Peregrino Filho,
foi o quarto com respeito,
que governou quinze anos,
o quinto cheio de planos,
foi Firmino Aires Leite,
o sexto eu digo também,
Manoel Torres, lembro bem, “Manoel Torres Canuto”
quem não sabia aproveite.

O outro numa mudança,
foi o Aldegício Olinto,
depois dele Clóvis Sátiro,
capacitoso e distinto,
e para o povo entender,
vou agora esclarecer,
a toda sociedade.
Por pesquisar cinco meses,
foi prefeito quatro vezes,
Doutor Clóvis da cidade,

O professor Pedro Torres,
Governou nossa cidade,
E Manoel Severiano,
Bivar grande autoridade,
Manoel Quinídio Sobral,
Foi um prefeito legal,
Oscar Torres pela lei,
Passou pra Milton Vieira,
Um prefeito de primeira,
Foi Darcilio Wanderley.

Ai foi Dr. Nabor,
Bivar Olinto de novo,
Doutor Otávio também,
foi prefeito deste povo.
Para ficar em memória,
como um marco na História,
que lembra, do pobre ao nobre,
houve, um prefeito brilhante,
que foi, José Cavalcante,
fez a politica do pobre.

Passou pra Doutor Olavo,
amigo do pessoal,
depois de Olavo, foi,
nosso saudoso, Aderbal,
depois Edmilson Motta,
Rivaldo com boa nota,
criando novos roteiros,
lutou com força e mister,
elegeu sua mulher,
Geralda Freire Medeiros.

Doutora Geralda era,
Deputada estadual,
quando ganhou pra prefeita,
dominava o pessoal,
na outra campanha forte,
chamada de vida ou morte,
Doutor Ivânio ganhou,
de Dinaldo, desta vez,
depois , em noventa e seis, “1996”
Doutor Dinaldo tomou.

Deputado no passado,
Um Leôncio Wanderley,
E coronel Miguel Sátiro,
Pedro Firmino eu lembrei,
Ernani e Padre Vieira,
Rui Gouveia e Zéu Palmeira,
O Doutor José Gaioso
Múcio e padre Levi,
Maurício Leite aqui,
Trabalhou e foi bondoso,

Doutor Francisco Soares,
e o Doutor José Tota,
O Doutor Napoleão
e o nosso Edivaldo Motta,
começou estadual,
passou para federal,
na câmara, foi forte voz,
como, o povo esperava,
da forma, como atuava,
Otacilio de Queiroz.

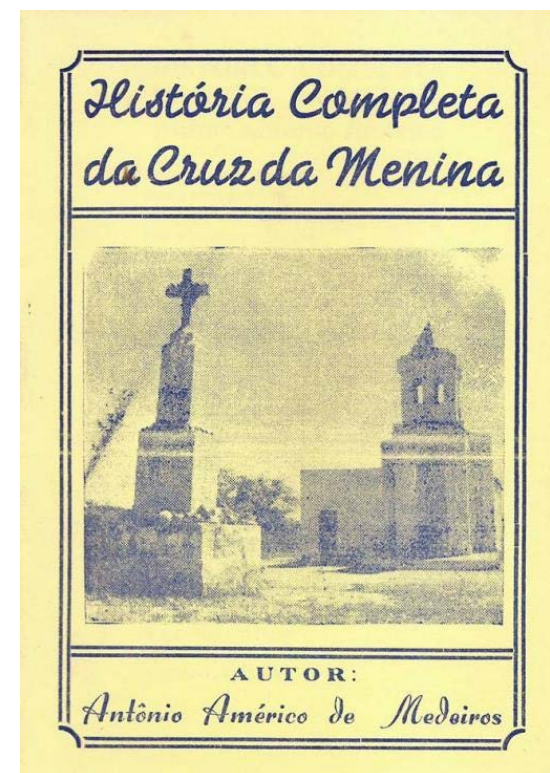
Foi deputada dinâmica,
a grande Francisca Motta,
e também vice-prefeita,
tirou dez em cada nota.
Carlos Candeia, lembrei,
Gilvan Freire, é bom na lei,
Ivânio, político humano,
Dona Elvina, tão bondosa,
Seu Severino Lustosa,
E o Doutor Basílio Serrano.

Lembro Zezinho Pintor,
e o nosso padre Assis,
o professor Oliveira,
Miguel Motta, foi feliz.
Durval e Doutor Messias,
José Gomes, nos seus dias,
fez o que hoje continua,
para as tradições históricas,
duas figuras folclóricas,
Manduri e Tranca-Rua.

A Genival da Coroa,
e seu Ardman Cavalcante,
a cidade também deve,
um bom trabalho importante,
do nosso Dom Expedito,
a Dom Gerardo acredito,
no santo ensino, fiel,
da fé, um grande problema,
aqui termino o poema,
Patos de Major Miguel.

FIM.

Figura – Capa do folheto



Fonte: Acervo da autora

O Cordel *História completa da Cruz da Menina* é composto por 235 estrofes, em sextilhas de sete sílabas e esquema rímico ABCBDB e duas setilhas – acróstico – também heptassílabas, com esquema rímico ABCBDDB. No que se refere ao número de páginas, 48, pode ser classificado como um romance. Quanto à classificação temática, recorreremos, aqui, àquela estabelecida por Manuel Diégues Júnior, em seu livro *Ciclos temáticos na literatura de cordel*. Dessa forma, a narrativa poética faz parte do grupo de romances de temática tradicional, vinculada à vertente de conteúdo histórico / religioso / místico, uma vez que o folheto conta a história de como nasceu o fenômeno religioso

que envolve “A cruz da Menina”, uma romaria que acontece na cidade de Patos e que atrai fiéis de todos os lugares do país.

A menina / santa, “filha de retirantes e conhecida apenas por Francisca”, segundo o pesquisador Damião Lucena, em seu livro *Patos de todos os tempos*: a capital do sertão da Paraíba, chega à cidade, na companhia de seus pais adotivos, nos anos vinte, do século passado. Francisca teria sido dada ao casal “em uma das maiores secas da história, como única forma encontrada por seus pais para livrá-la da fome que assolava as famílias nômades” (LUCENA, 2015, p. 565). Ainda de acordo com o referido autor, a menina era uma espécie de criada, responsável pelas tarefas domésticas, vivendo como prisioneira do casal e sofrendo maus-tratos constantes, que culminam no assassinato da menina por Domila, esposa de Absalão. O corpo é ocultado em um sítio próximo e descoberto por um morador da região já em avançado estágio de decomposição. Reconhecido pela população como sendo da menina Francisca, o corpo é enterrado, e o casal, após três julgamentos, é inocentado do crime, causando revolta na população local. Foi erguida uma cruz no local onde o corpo foi encontrado e tiveram início as orações e os milagres da Menina Francisca. Em 1929, foi erguida, em sua homenagem, uma capela, que até hoje recebe os romeiros. É esse o conteúdo histórico que serve como tema aos versos do folheto escrito pelo poeta Antônio Américo.

O título do folheto, “História completa da Cruz da Menina”, já chama a atenção do leitor para a “veracidade” da história contada pelo poeta, afinal, trata-se da história “completa”. Esse recurso, fruto da tradição narrativa do cordel, busca repassar para o leitor credibilidade e a ideia de que aquela versão da história contém todos os fatos que fazem parte da história e não apenas algumas passagens. Ratificando essa ideia, o poeta, ao final do poema, na estrofe 234, ainda afirma: “Da santa Cruz da Menina/ eis a história rimada / feita com todos os dados/ não está faltando nada”. Seguindo a ideia de completude dos fatos narrados, ainda podemos citar a ilustração da capa do folhe-

to, com uma fotografia da Cruz e da Capela também como recurso utilizado pelo poeta.

Já nas primeiras estrofes, o poeta apresenta o tema da narrativa: a romaria da Cruz da Menina. Esta é fruto da fé e do misticismo que envolve as promessas e as curas milagrosas que deram origem “à Santa Cruz da Menina”.

Somente na página cinco do folheto, na estrofe 23, é que o poeta começa a contar a história da chegada de Francisca à cidade de Patos, no ano de “vinte e três”, em companhia de Domila e Absalão. A menina é apresentada ao leitor como afilhada do casal e vítima constante de maus-tratos infringidos pela madrinha e testemunhados pela vizinhança. Responsável pelas tarefas domésticas, Francisca, em um descuido, esquece uma das janelas da casa aberta, e o fato desencadeia a fúria de Domila, que mata a criança com uma trave. Ajudada pelo marido, joga fora o corpo e finge uma fuga para Francisca. Dois dias depois, o corpo da menina é encontrado, “em grande putrefação”, em um “serrotinho / coberto de urubus”, “entre duas pedras”. Trazido para a cidade, reconhecido pela população como sendo da menina Francisca, o corpo é enterrado, e tem início o processo contra o casal pelo assassinato. Após três julgamentos, que duraram anos, o casal é inocentado e vai embora da cidade, temendo a revolta da população. Logo após a mudança do casal, “fizeram uma cruz bem feita / com inspiração divina / puseram em frente ao serrote / que foi achada a menina”, batizada “por Cruz da Menina / e até hoje é chamada.”. Fruto de uma “graça alcançada”, em 1929, foi erguida uma capela onde a menina foi encontrada e “ali pela fé do povo / tornou-se canonizada / ficou por Santa Francisca / por todo mundo chamada.”.

Os fatos narrados poeticamente apresentam grande proximidade com a narrativa histórica, como é possível observar. Entretanto, aspectos como a linguagem e a postura assumida pelo poeta narrador podem ser identificados como instrumentos utilizados para a con-

quista do leitor. As referências aos espaços e aos acontecimentos, assim como às personagens que fizeram parte dessa história, como testemunhas vivas dos fatos narrados, são detalhes que aproximam ainda mais poeta e leitores.

Como parte do povo, o poeta tem o dever de relatar fielmente os fatos e os sentimentos deste. A indignação da população local, assim como o desejo de justiça através da punição legal para o casal, justiça dos homens, é apresentada nos versos da narrativa, entretanto ela não chega. Enquanto isso, como parte dessa situação antagônica, apresenta-se na narrativa um aspecto que Xidieh (1993, p.84) vai chamar de “moral rústica”. Como parte da “expectativa coletiva” quanto à justiça, no caso do folheto, Absalão recebe como castigo / punição da Providência para o seu delito o fato de ser vítima de um acidente com seu automóvel ao voltar de uma festa na cidade de Malta. O carro vira no exato local onde ele tinha deixado o motorista esperando por ele quando foi jogar fora o corpo da menina, e ele acaba quebrando um dos braços. A ausência de punição para o casal, com o passar do tempo, aumentava ainda mais o sentimento de injustiça no coração de “cada pessoa”. É quando, em um casarão onde não morava ninguém, próximo à Cruz da Menina, quem passava por perto ouvia os gritos de uma criança apanhando, fato que “assombrou muita gente” e culminou na reabertura do processo. Ainda nesse momento do texto, em que o poeta sugere que até mesmo os mortos gritaram por justiça, ele ainda afirma que os fatos ocorridos na casa mal-assombrada “não é lenda é coisa exata.”

O folheto se encerra com um acróstico, no qual, assim como fez o mestre Leandro, o poeta altera o número de versos da estrofe para assinar o poema. Neste, mais uma vez, o poeta ratifica ser “A história verdadeira”, que ele não se cansava de contar. Ela é “toda certa e pesquisada”. Aqui, o poeta também reafirma o seu compromisso e a sua felicidade em informar o povo sobre um “fato verídico e santo”, afinal “O poeta é pra lutar.”

Cordel História completa da Cruz da Menina

Perto a cidade de Patos
existe uma romaria
chamada Cruz da Menina
que vem gente todo dia
conhecer, pagar promessa
de fora e da freguesia.

É a maior romaria
do sertão Paraibano
entre curas e milagres
dão mais de mil todo ano
gente até de outra crença
sem ser católico romano.

Até um americano
lá dos Estados Unidos
desenganado dos médicos
com os dois pés encolhidos
paralítico para sempre
dito por médicos sabidos.

Todo dia ele pedia
a Jesus pra melhorar
em uma noite sonhou
que existia um lugar
chamado Cruz da Menina
o canto de lhe curar.

No sonho uma voz dizia .
é na terra brasileira
onde existe uma capela

faça um voto a padroeira
pedindo a Santa Francisca
sua cura verdadeira.

Tenha fé faça promessa
pra se restabelecer
depois de bom você manda
uma imitação fazer
dos dois pés quando doente
você vivia a sofrer.

Procure na Paraíba
a cidade chamada Patos
pertinho a Cruz da Menina
com milagres e retratos
chegue lá deixe os dois pés
com fé em todos os atos.

Naquilo o americano
foi do sono despertando
viu passar uma menina
saiu na porta voando
e disse até o Brasil
lá eu fico te esperando.

O americano disse
sempre sonho é ilusão
este foi realidade
vi a Santa na visão
fez o voto e a promessa
contrito de coração

Disse se Santa Francisca
fizer eu andar direito
mando fazer os dois pés
vou ao Brasil satisfeito
deixar na Cruz da Menina
com toda ordem e respeito.

Em cem dias ficou bom
com cinco meses chegou
ali na Cruz da Menina
sua promessa pagou
deixou os dois pés que trouxe
e toda história contou.

Dona Odilia a zeladora
conserva os dois pés guardados
lá no quarto dos milagres
com mais de mil encostados
milagres que pelo povo
das promessas são deixados.

De promessas paga assim
Dona Odilia mostra a gente
perna, pé, cabeça e braço
de aleijo e acidente
quem fica bom traz a fôrma
de quando era doente.

De pedra, gesso e madeira
tem todas imitações
dos doentes quando estavam
naquelas situações
e muitas curas daquelas
foram por revelações.

Muitas pessoas sonharam
com a menina ensinando
que fizesse uma promessa
depois fôsse procurando
onde era a Cruz da Menina
para pagar visitando.

No ano de vinte e quatro
a primeira revelação
começou com um senhor
doente do coração
em sonho viu a menina
e a cruz no alto sertão.

Ele morava no brejo
mas tinha se receitado
na capital João pessoa
onde foi desenganado
voltou pra morrer em casa
com a família de lado.

Sonhou com uma menina
que morreu martirizada
perto a cidade de Patos
foi num serrote encontrada
em frente ao serrote a cruz
olhando para a estrada.

A cruz estava novinha
erguida a poucos dias
nossa gente visitava
nas manhãs e tardes frias
levando fitas e flores
sem nada de romarias.

A vinte e seis de janeiro
quando esse homem chegou
no ano de vinte e quatro
e a promessa pagou
a fé da Cruz da menina
de repente se espalhou.

De vinte e quatro até hoje
todo dia chega gente
ali pra pagar promessa
sempre tem diariamente
romeiros e visitantes
naquele santo ambiente.

Agora mudo um pouquinho
para entrar na rotina
da parte mais principal
que a quem não sabe ensina
dizendo o que deu origem
à Santa Cruz da Menina.

Chegou pra morar em Patos
em vinte e três um casal
Domila e Absalão
naturais da Capital
ele bom electricista
tinha curso especial.

Por ser bom electricista
tomou conta da usina
que dava luz a cidade
nessa época pequenina
e em companhia deles
trouxeram uma menina.

Afilhada de Domila
era esta garotinha
quando Domila casou-se
pois a menina não tinha
na casa desse casal
chegou bem pequenininha.

Chamava ela de madrinha
Absalão de padrinho
porém nem dele e nem dela
nunca recebeu carinho
só recebia maltratos
constava ao povo vizinho.

Domila era carrasca
para essa pobre criança
dava nela e maltratava
constava a vizinhança
e dizia de matá-la
eu inda tenho esperança.

Dava de pau e corda
uma vez jogou no chão
se sentou em cima dela
foi tocar num violão
ficou um lado do rosto
preto da cor de carvão.

Dessa vez seu Arquimedes
quis ir dar parte ao juiz
dos castigos corporais
que sofria a infeliz
não foi porque a família
não deixou mas ele quis.

Absalão apoiava
o que Domila fazia
com a pobre da Francisca
castigando todo dia
ele também ajudava
quem morava perto ouvia.

toda tardinha ele ia
para a usina virar
o motor que dava a luz
e ficava a trabalhar
até as onze da noite
na hora de desligar.

E sempre a boca da noite
Domila ia também
deixava Francisca em casa
sem companhia de alguém
lhe dizia vá dormir
meia noite a gente vem.

Trancava a porta por fora
levava a chave na mão
ia lá para a usina
onde estava Absalão
só voltava meia noite
depois da obrigação.

Na noite dez de outubro
do ano de vinte e três
Domila trancou a porta
a recomendação fez
mandou Francisca dormir
foi à usina outra vez.

Quando Domila saiu
Francisca foi trabalhar
fazer as lutas da casa
para se agasalhar
quando alguém na janela
começou a lhe chamar.

Era uma coleguinha
e mais outras que chegaram
Francisca abriu a janela
elas por fora ficaram
mais ou menos dez minutos
com ela ali conversaram.

Quando as meninas saíram
Francisca logo encostou
a janela pra fechar
quando bateu que serrou
com certeza do ferrolho
se esqueceu não passou.

Findou de fazer as lutas
pra rede se dirigiu
sozinha pegou no sono
o vento a janela abriu
seu último sono com vida
umas três horas dormiu.

Às onze horas da noite
Absalão desligou
o motor que dava luz
a cidade se enlutou
na escuridão da noite
quando a luz se apagou.

Absalão e Domila
pra casa se dirigiram
já perto de zero hora
chegaram e a porta abriram
assim que acenderam a luz
a janela aberta viram.

Domila disse é capaz
da casa estar roubada
olharam quarto por quarto
não tinha faltado nada
Domila disse eu agora
vou acordar a safada.

Deu um pontapé na rede
a pobrezinha acordou
deu de mão quebrando a cara
e quando deu perguntou
aquela janela aberta
para que você deixou.

Francisca disse madrinha
me perdoe que eu errei
abri porque as meninas
me chamaram e conversei
elas por fora e eu por dentro
quando encostei não fechei.

Com certeza eu encostei
mas não passei o ferrolho
Domila de novamente
deu-lhe um tabefe num olho
e disse menina imunda
hoje eu tiro o seu piolho.

Correu tirou uma trave
doutra janela que tinha
como uma fera assanhada
partiu para a criancinha
Francisca disse chorando
não faça isso madrinha.

Absalão nessa hora
tinha para o muro entrado
porém dum lado e do outro
tinha vizinho acordado
com a zoada que Domila
tinha ali iniciado.

De lá ouviram as pancadas
já era ela matando
quando Absalão entrou
foi olhando e perguntando
você matou a menina
foi tudo silenciando.

Domila falou baixinho
já com a voz abafada
notando que nos vizinhos
já tinha gente acordada
de fato que tinha mesmo
mas não ouviram mais nada.

Apagaram a lamparina
tudo ali silenciou
os vizinhos na escuta
até que o sono chegou
todo mundo adormeceu
o Absalão notou.

Aí disse pra Domila
temos que agir agora
enrolar esta menina
num pano sem ter demora
fazer da mesma um pacote
depressa tirar pra fora.

Em uma coberta grande
enrolaram direitinho
amarraram de cordão
tudo isto ligeirinho
depois do pacote pronto
foram pensar um pouquinho.

Data onze de outubro
às duas da madrugada
do ano de vinte e três
foi esta cena passada
os dois olhando o pacote
da criança assassinada.

Tanto ele como ela
naquele momento incerto
nada temiam do crime
vendo o cadáver de perto
pensavam em ocultar
para não ser descoberto.

Pensando em plano e cilada
Absalão resolveu
ir chamar José Vicente
que era um amigo seu
e trabalhava num carro
foi o que aconteceu.

Zé Vicente trabalhava
num carro de motorista
mas, por Hindú na cidade
se conhecia o artista
o carro era dum senhor
chamado Joaquim Batista.

Absalão chegou lá
chamou Hindú bem baixinho
quando Hindú acordou
ele disse direitinho
Hindú é Absalão
não tenha medo amiguinho.

Hindú vim lhe acordar
para ir comigo agora
uma viagem depressa
Hindú perguntou é fora
ele disse é bem pertinho
pode gastar meia hora.

Entraram no automóvel
Absalão disse amigo
vamos passar por ali
que Domila vai comigo
não precisa ir lá em casa
chegar no ponto eu lhe digo.

Antes da rua da Pedra
mandou o carro parar
disse vou buscar Domila
e uns troços pra levar
aguarde aí três minutos
para a gente viajar.

Foi em casa e apanhou
o pacote de momento
Domila saiu com ele
sem nada de movimento
inda hoje a rua da Pedra
tem sinal de sentimento.

Naquela hora calada
toda cidade dormia
Absalão preso ao braço
o pacote conduzia
a busca do automóvel
em passo lento seguia.

Chegaram no automóvel
Domila entrou primeiro
Absalão com o pacote
se sentou por derradeiro
pra onde era a viagem
deu a Hindú o roteiro.

A cidade no escuro
muito silêncio reinava
o carro silencioso
pouca zoadá deixava
na linha Santa Gertrudes
deixando a rua rumava.

Absalão sustentava
o pacote assim de lado
Hindú como motorista
se conservava calado
e a consciência dizendo
este caso é complicado.

Quando deixaram a cidade
era três da madrugada
mais ou menos três quilômetros
andaram pela estrada
Absalão disse Hindú
pode dar uma parada.

Hindú procurou a mão
pisou no freio e parou
Absalão com o pacote
ligeiramente saltou
Domila saltou com ele
Hindú no carro ficou.

Absalão disse Hindú
eu vou com Domila ali
faça manobra no carro
e pode esperar aqui
para a gente voltar logo
assim que chegar dali.

Para o lado direito
da estrada procuraram
depois no mato fechado
um serrotinho encontraram
ali entre duas pedras
o corpo dela deixaram.

Ali entre duas pedras
deixaram morta a criança
voltaram para a estrada
naquela forte esperança
de nunca ser descoberto
nem aparecer vingança.

Dentro de poucos minutos chegaram de novamente no carro sem o pacote Hindú sentiu de repente que havia uma tragédia naquele casal de gente.

Absalão disse vamos a cidade depressinha Hindú olhou para os dois viu que o pacote não vinha notou que algum segredo naquele pacote tinha.

Com certeza Absalão na hora que foi pagar pediu a conveniência para Hindú não contar esta viagem a ninguém queria tudo ocultar.

Hindú assim que deitou-se Joaquim Batista o chamou pediu a chave do carro dizendo no sítio eu vou de deis para sete horas de volta aqui eu estou.

Na linha Santa Gertrudes foi para um sítio também resolver lá um negócio que no carro dava bem pra ir depressa e voltar tudo na história tem.

Bem cedinho Absalão assim que a porta abriu foi dizendo mais Domila nossa menina fugiu agora de madrugada sem a gente vê saiu.

Deixou a porta cerrada com um pano encostadinha com certeza ela saiu perto da madrugada vou ser se alcanço ela agora de manhãzinha.

Ali criaram o boato de Francisca ter fugido Absalão à procura saiu todo aborrecido e Domila ficou contando ao povo conhecido.

Absalão foi na mesma estrada aonde passou com ela de madrugada mais dum boato criou dizendo que uns romeiros perto da rua encontrou.

Romeiros do Padre Cícero que vinham de Juazeiro Absalão perguntando eles deram bom roteiro tinham passado por ela sozinha andando ligeiro.

Lá no Riacho do Frango disse que tinha encontrado uma mulher na estrada que também tinha informado que pela dita menina a pouco tinha passado.

Deu os sinais da menina direito sem faltar nada já perto do Trapiá ela ia na estrada só com a roupa do corpo andando muito apressada.

Na notícia da mulher Absalão se apressou assim que subiu o alto Joaquim Batista encontrou vindo de volta no carro vendo Absalão parou.

Perguntou pra onde vai tão vexado na estrada ele disse foi Francisca que fugiu de madrugada me diga se encontrou aquela desapontada.

Joaquim Batista lhe disse eu não encontrei ninguém Absalão disse a ele na minha frente ela vem você não passou por ela ela já vai mais além.

Absalão se firmava nos dois planos traiçoeiros primeiramente dizia ter encontrado os romeiros e segundo uma mulher ia nesses dois roteiros.

Disse pra Joaquim Batista diga se pode voltar comigo à procura dela até a gente encontrar o carro anda ligeiro não dá trabalho alcançar.

Joaquim lhe disse pois não fez a manobra e voltaram olhando um lado e o outro da estrada e procuraram dali pra Santa Gertrudes, nem um roteiro encontraram.

Fazendo a viagem no carro Absalão encontrou pessoas pela estrada e a todas perguntou só houve as duas notícias que ele mesmo inventou.

Andou pra lá e pra cá de oito horas chegaram falou nas duas notícias que a ele informaram que tinha pegado o carro andou muito e não acharam.

Ai se fez de zangado
como um artista sagaz
dizendo já andei muito
não dou mais um passo atrás
e se ela aparecer
eu também não quero mais.

Domila disse também
dela ninguém não precisa
que se ela aparecer
chega com a cara lisa
é sujeito Absalão
matá-la de uma pisa.

Perguntaram a Absalão
porque foi a fuga dela
foi porque ela esta noite
deixou aberta a janela
e Domila disse que hoje
dava uma pisa nela.

Data onze de outubro
às nove horas do dia
do ano de vinte e três
o Absalão dizia
porque Francisca fugiu
pela madrugada fria.

Assim ficou o boato
da menina ter fugido
nas horas da madrugada
e não ter aparecido
arrumadinho bem feito
por Domila e seu marido.

E assim tiraram o dia
no assunto da menina
à noite o Absalão
foi trabalhar na usina
como era acostumado
na sua velha rotina.

Domila ficou em casa
tomou banho e se aprontou
pegou no seu violão
tocou um pouco e cantou
depois saiu pra usina
bem alegre onde passou.

Foi chamar Absalão
pra ir com ela ao cinema
ele deixou um rapaz
resolvendo seu problema
da usina e foi com ela
olhar do filme o sistema.

Depois do filme voltaram
à usina novamente
às onze e tantas da noite
retomaram ao ambiente
da casa onde mataram
a pobre da inocente.

Com certeza nesta noite
alguma coisa eles viram
na casa que deu-se o crime
muito remorso sentiram
porque foi a última noite
que nesta casa dormiram.

De manhã Absalão
assim que se levantou
saiu direto ao hotel
um quarto grande arranjou
e antes do meio dia
para a pensão se mudou.

Disse para seus vizinhos
não quero mais moradia
porque Francisca fugiu
deixou nossa companhia
no Hotel de Biu Chapéu
arranjei hospedaria.

É somente eu e Domila
vamos morar na pensão
não quero mais empregada
para evitar questão
Francisca era de menor
e fez esta confusão.

Aqui deixo Absalão
com tudo que aconteceu
no Hotel de Biu Chapéu
na mudança que se deu
para falar na menina
como foi que apareceu.

Na manhã do dia treze
junto ao sítio Trapiá
morava Inácio Lasário
do outro lado de lá
e viu porção de urubus
baixando todos pra cá.

Inácio Lasário disse
foi alguma criação
que morreu no Trapiá
ali por aquele chão
vou olhar se foi das nossas
que é minha obrigação.

Tomou café e saiu
no rumo aonde baixavam
os urubus que voando
roncando as asas passavam
naquele chamado deles
mais urubus se juntavam.

Quando foi chegando perto
avistou um serrotinho
coberto de urubus
em cima e encostadinho
Inácio se arrepiou
tremeu pra chegar sozinho.

Espantando os urubus
chegou ao ambiente
entre duas pedras viu
um formato diferente
mesmo estragado mostrava
que era corpo de gente.

O corpo estava estragado
não se via mais feição
os urubus estragando
em grande putrefação
Inácio notou que era
restos mortais dum cristão.

Com o choque que sentiu
apenas só fez olhar
voltou para casa urgente
a família foi chamar
trouxe um genro e dois filhos
depressa àquele lugar.

Trouxe o genro Laurindo
e sua filha Maria
Também o filho João
todos três na companhia
de seu Inácio Lasário
naquele tristonho dia.

Assim que chegaram lá
Maria reconheceu
disse foi uma menina
que entre as pedras morreu
meu Deus que caso tão triste
foi este que aconteceu.

Maria era experiente
pegou olhar com cuidado
disse a menina foi morta
olhe o crânio fraturado
e deste lado direito
o antebraço quebrado.

Inácio Lasário disse
irei agora à cidade
deixo vocês vigiando
e eu vou com brevidade
dizer ao Major Miguel
e dar parte à autoridade.

Vicente Jansen de Castro
de Patos o delegado
porém naquela manhã
ele tinha viajado
tendo Antonio Fragôso
o seu lugar ocupado.

Quando Inácio Lasário
chegou na delegacia
procurou o delegado
um soldado lhe dizia
é hoje Antonio Fragôso
o delegado do dia.

Inácio Lasário disse
que precisava falar
com o delegado urgente
o soldado foi chamar
não demorou dez minutos
com seu Antonio chegar.

Seu Antonio perguntou
Inácio o que é que há
ele disse eu vim correndo
desde o sítio Trapiá
dar parte de um cadáver
que a pouco achei lá.

Contou a história toda
que viu a urubuzada
foi direito ao local
conheceu pela chegada
que era uma criança
estando muito estragada.

Disse que a filha Maria
olhando bem de pertinho
notou ser uma menina
porque era um vestidinho
que ali testemunhava
ser feminino o corpinho.

Antonio Fragôso disse
agora vá avisar
ali a Major Miguel
que eu vou me preparar
pra ir fazer a perícia
e o corpinho buscar.

Fale pra Major Miguel
que Vicente não está
e eu vou com os soldados
fazer a perícia lá
se ele der por bem feito
venha que iremos já.

Major Miguel disse vão
agir tudo direitinho
diga a Antonio Fragôso
que examine um pouquinho
se acha rastro de gente
da estrada ao serrotinho.

Leve também uma estopa
para o cadáver trazer
deixar na delegacia
para todo mundo ver
o povo vendo é melhor
de alguém reconhecer.

Com a ordem do Major
Fragôso com os soldados
e seu Inácio Lasário
partiram todos vexados
além de outros senhores
que foram acompanhados.

Como ensinou o Major
chegaram lá rastejaram
rastros de duas pessoas
ligeiramente encontraram
da estrada ao serrote
direitinho observaram.

O corpo por todo canto
estava muito estragado
em grande putrefação
apanharam com cuidado
trouxeram para a cidade
em uma estopa enrolado.

Ficou na Cadeia Pública
exposto pra toda gente
olhar pra reconhecer
quem era aquela inocente
em menos de meia hora
se encheu o ambiente.

Do pessoal que estava
surgiu uma opinião
esta menina é Francisca
da casa de Absalão
o boato cresceu logo
no meio da multidão.

Um dizia outro dizia
que ela tinha fugido
a dois dias mais ou menos
tinha desaparecido
e que era ela mesma
já estava esclarecido.

Uma mulher que morava
de Domila bem pertinho
disse o pé direito dela
era aleijado um pouquinho
e outra mais que conheço
ser dela este vestidinho.

Na parte aonde Francisca
tinha o pé aleijado
foi encontrado o defeito
aí ficou comprovado
ser de Francisca o cadáver
afirmou o delegado.

Chamaram Absalão
ele chegou e olhou
pelo pé e o vestido
muito frio confirmou
dizendo poucas palavras
depressa se retirou.

Domila não pisou cá
com isto alguém já dizia
esta menina foi morta
pelos tais da moradia
com isto de boca em boca
a cidade se enchia.

Já existia conversa
dos vizinhos que falavam
da surra da meia noite
de suas casas notavam
a zoadada de Domila
depois quando se calavam.

Teve alguém da cidade
que tinha visto a saída
de Absalão e Domila
quando fizeram partida
com o pacote no carro
na tal viagem escondida.

Este grande comentário
já havia na cidade
porém quem viu tinha medo
dizer a autoridade
sem poder provar direito
que fosse realidade.

Às duas horas da tarde
Fragôso foi perguntar
ao grande Major Miguel
se podia sepultar
o Major respondeu pode
mandar a cova cavar.

A esposa do Major
a dona Capitulina
disse a Antonio Fragôso
o enterro da menina
é todo por minha conta
você é quem determina.

Antonio Fragôso disse
pois assim vamos comprar
cinco metros de murim
para o cadáver enrolar
colocar em um caixão
para depois sepultar.

A dona Capitulina
mandou comparar o murim
arranjou porção de flores
de fora e de seu jardim
cobriram o caixão de flores
fizeram o enterro assim.

Foram mais de mil pessoas
ao cemitério local
e dona Capitulina
pagou pra tocar sinal
duas horas sem parar
comovendo o pessoal.

Às três e quinze da tarde
foi feito o sepultamento
quando o pessoal voltava
com sinal de sentimento
Vicente Jansen de Castro
chegou naquele momento.

Quando o delegado entrou
pelas ruas da cidade
olhava as calçadas cheias
via gente em quantidade
ficou pensando consigo
existe uma novidade.

Vinha num cavalo bom
aonde ia passando
via o povo na calçada
parado pra ele olhando
como pedindo justiça
o delegado notando.

Tirou direto à cadeia
chegou lá se apeou
saiu Antonio Fragôso
a sua mão apertou
o que há de novidade
Vicente lhe perguntou.

Antonio Fragôso disse
Vicente eu hoje peguei
um caso tão melindroso
que inda não almocei
sem você estar aqui
grande trabalho enfrentei.

Contou a história toda
da forma que foi passada
de manhã até agora
foi uma luta pesada
com a ordem do Major
a pouco foi sepultada.

Lhe entregou a perícia
com a história colhida
e o trabalho que fez
depois de reconhecida
Francisca que há dois dias
era desaparecida.

O exame cadavérico não pode ser atuado que o corpo dela estava completamente estragado pelo pé e o vestido ficou tudo comprovado.

Até o mesmo Absalão chegou aqui e olhou e disse que era ela porém nada adiantou a cara é de quem tem culpa muito mudado voltou.

Domila não pisou cá era a conversa que havia eles dois são os culpados um dizia outro dizia que tinha sido eles dois o delegado sentia.

Vicente Jansen de Castro na mesma tarde atuou pra começar o inquérito o seu escrivão chamou senhor José Calazans que com ele trabalhou.

No outro dia seguinte mandou a intimação chamando o dito casal Domila e Absalão depois as seis testemunhas pra dar continuação.

Absalão contou só que ela tinha fugido com medo de apanhar na madrugada saído ele teve dois roteiros porém foi tudo perdido.

Domila também contou a sua história incerta de Francisca ter deixado à noite a janela aberta e prometeu que cedinho lhe dava a pisa na certa.

O delegado intimou para os depoimentos seis vizinhos de Domila que tinham conhecimentos que Francisca era vítima de grandes espancamentos.

Os nomes das testemunhas senhor Pacífico a primeira segunda Noé Trajano seu Gumerindo a terceira a quarta seu Arquimedes quinta Maria Oliveira.

João Sisenando de Sousa também deu depoimento foi a sexta testemunha que tinha conhecimento vizinho que conhecia de Francisca o sofrimento.

Finalmente todas seis diretamente acusaram da noite do dia onze coisas que observaram zoadas, grito e pancada das suas casas notaram.

Uma testemunha disse que deu pra compreender quando Absalão disse agora o que vou fazer você matou a menina o jeito é se esconder.

Até aí os vizinhos alguma coisa entenderam aí silenciou tudo diversos adormeceram Domila e Absalão no cochicho se manteram.

Mas ainda teve quem visse ele o carro ir buscar saindo com o pacote chegar no mesmo e entrar Domila indo com ele sem nem um dos dois falar.

A história parecida a testemunha contava mas quem tinha visto mesmo ninguém ali afirmava sem testemunha de vista nada direito aprovava.

A cidade já sabia que Hindú tinha levado Domila e Absalão com um pacote enrolado e meia hora depois sem nada tinha chegado.

Conversa que alguém disse sem ter ninguém pra provar fulano viu parecido outro pôde observar sem ter quem tivesse visto tudo certo pra contar.

Hindú era de menor não pôde ser intimado que só tinha quinze anos mas o patrão foi chamado o dono do automóvel quem mais foi interrogado.

Em grande interrogatório Joaquim Batista caiu disse que de madrugada o seu carro não saiu se Hindú fez a viagem nem ele soube e nem viu.

Contou que de manhãzinha vindo da propriedade encontrou Absalão que contou-lhe a novidade fez a corrida com ele depois voltaram à cidade.

A oitava testemunha
foi seu Inácio Lasário
achou a menina morta
contou tudo ao comissário
do começo até o fim
sem dizer nada ao contrário.

Doutor José Genuíno
o atual promotor
precisou se afastar
chegou o outro doutor
promotor Cícero Mateus
também de muito valor.

Porém novas testemunhas
começaram aparecer
com novos depoimentos
procurando defender
contrariando as primeiras
deu para o povo entender.

Assim ficou o casal
diante a lei processado
sem testemunha de vista
nem um dos dois foi trancado
ou por lei ou proteção
o processo engavetado.

Gente para ser ouvida
foi até o fim do mês
o número das testemunhas
atingiu a trinta e três
a favor dos criminosos
melhorou tudo de vez.

Continuou o casal
com a mesma liberdade
o processo engavetado
porém na realidade
eles se envergonhavam
diante a sociedade.

As primeiras testemunhas
diretamente acusaram
porque eram verdadeiras
tudo direito contaram
as outras não sei porque
um pouco contrariaram.

Mais de oitenta por cento
da cidade revoltada
dizendo aquela mulher
era pra estar trancada
e Absalão também
sem ter mais direito a nada.

Depois de tudo bem feito
pelo nobre delegado
com juiz e promotor
foi o casal processado
Fenelon Ferreira Nóbrega
grande juiz inspirado.

Ele pra se distrair
para Malta viajou
foi assistir uma festa
à noite quando voltou
em frente à Cruz da menina
o automóvel virou.

Virou no mesmo local
que ele tinha saltado
levando Francisca morta
dentro do mato ocultado
e da virada ficou
com um dos braços quebrado.

A pensão de Biu Chapéu
sempre era visitada
gente naquele ambiente
toda hora era chegada
para conhecer a mulher
criminoso e processada.

Muito triste Absalão
com a virada ficou
lá na casa de saúde
quando o braço encanou
estava traumatizado
que todo mundo notou.

Resolveu Absalão
se mudar para Campina
porque pra morar em Patos
tinha perdido a rotina
desde a noite feia e triste
que deram fim à menina.

Disse pra Major Miguel
aqui eu não vou ficar
vou embora pra Campina
preciso me retirar
o major disse pois não
faça como desejar.

Absalão e Domila
em Campina se deram bem
lá apareceu família
e bons trabalhos também
porém quem deve uma conta
mais tarde o cobrador vem.

Absalão da virada
ficou muito envergonhado
porque aonde passava
depois do braço quebrado
sempre ouvia alguém dizer
começou ser castigado.

Depois que eles saíram
para morar em Campina
fizeram uma cruz bem feita
com inspiração divina
puseram em frente ao serrote
que foi achada a menina.

Domila quando saía
pelas ruas da cidade
se sentia envergonhada
diante da sociedade
o povo olhando pra ela
crescendo mais a maldade.

Levantaram um pilarzinho
em cima a cruz colocada
e desde aquela hora
que ela foi batizada
ali por Cruz da menina
é até hoje chamada.

Com flores, grinalda e terço
começaram a enfeitar
visita todos os dias
gente contrita a orar
revelações e promessas
como já passei a falar.

Ia gente todo dia
chegava lá e rezava
outro fazia promessa
também chegava e pagava
com as curas e milagres
a fé do povo aumentava.

No ano de vinte e nove
por uma graça alcançada
o senhor José Justino
fez a capela sagrada
em cima do serrotinho
que ela foi encontrada.

Em vinte e oito foi seco
faltou água em seu lugar
na Fazenda da Escura
fez a prece pra chegar
encontrou uma cacimba
que foi água pra sobrar.

Assim seu José Justino
com o seu santo ideal
dando abrigo as duas pedras
naquele santo local
fez a capela tão linda
que tem nome universal.

Quando estava aprontando
o canto pra construção
por trás de uma das pedras
viu um molhado no chão
limpou era um olho d'água
causou admiração.

Durante a construção
a água era sobrando
todo mundo que chegava
ficava admirando
aquela água tão limpa
cristalizada minando.

Quando seu José Justino
a capela terminou
vinte e cinco de abril
dia que inaugurou
com uma missa solene
grande multidão juntou.

Ali diversas pessoas
a água utilizaram
bebendo e banhando o rosto
e como milagre usaram
outros enchendo garrafas
pra suas casas levaram.

A vinte e cinco de abril
de vinte e nove o ano
inaugurada a capela
neste dia sem engano
com trabalhos do vigário
Manoel Otaviano.

Feita a capela no canto
que ali foi encontrada
ali pela fé do povo
tornou-se canonizada
ficou por Santa Francisca
por todo mundo chamada.

E assim continuaram
os seus milagres crescendo
gente de todas as partes
do Nordeste aparecendo
pagando suas promessas
e o povo de Patos vendo.

Com isto cada pessoa
sentia no coração
ser uma grande injustiça
Domila e Absalão
morando em Campina Grande
sem nunca haver punição.

Pertinho à Cruz da menina
junto à beira da estrada
existia um casarão
tornou-se a casa assombrada
por pessoas que às vezes
dela tomavam chegada.

De portas escancaradas
não morava mais ninguém
gente que chegava perto
e ouvia muito bem
uma criança apanhando
e gritando alto também.

Madrinha não faça isto
que a senhora me mata
também ouvia as pancadas
da mão da mulher ingrata
isso assombrou muita gente
não é lenda é coisa exata.

A Massilon Caetano
nessa época o promotor
pertencia o casarão
aquele nobre doutor
que era o dono da terra
ali naquele setor.

Com aqueles comentários
da casa-mal-assombrada
e a cidade de Patos
cada vez mais revoltada
de quem matou a menina
nunca ter sofrido nada.

Quando foi em trinta e dois
o momento foi chegado
o processo a muitos anos
tinha sido engavetado
e por doutor Massilon
da gaveta retirado.

Junto a Antonio Gabinio
grande juiz da cidade
os dois olhando o processo
viam a necessidade
agiram tudo direito
com responsabilidade.

Bem preparada a denúncia
levaram para Campina
a dezoito de novembro
pela lei que determina
denunciando os culpados
que tinham morto a menina.

Data dezoito do onze
em trinta e dois teve a vez
a denúncia para os dois
e presos em trinta e três
também no mês de novembro
na data do dia seis.

A cadeia de Campina
não tinha para o casal
um quarto suficiente
nem tendo outro local
no mesmo dia desceram
presos para a Capital.

No dia seis de novembro
entrou preso em João Pessoa
o senhor Absalão
junto com sua patroa
para moralizar Patos
foi isto uma coisa boa.

Sei que pra dona Domila
ao lado de Absalão
foi uma época ruim
ficando os dois na prisão
culpados do grande crime
que fizeram no sertão.

No dia quinze de junho
de trinta e quatro o ano
vieram responder juri
no sertão paraibano
de serem absolvidos
cada qual fazia plano.

Marcado o juri pra Patos
um dia antes chegaram
foram à Cruz da Menina
a capela visitaram
Domila e Absalão
ajoelhados rezaram.

Rezaram contritamente
se mostrando arrependidos
como pedindo perdão
todos dois entristecidos
orando a Santa Francisca
pra serem absolvidos.

Neste juri trabalharam
o juiz Luiz Beltrão
doutor Alfredo Lustosa
promotor de acusação
o doutor José Tavares
a favor de Absalão.

O doutor José Tavares
como grande advogado
em defesa dos dois réus
trabalhou com bem cuidado
o casal não saiu livre
isto já era esperado.

Com direito a outro juri
ficaram os dois animados
quando marcaram o segundo
foi com dois advogados
desta vez saíram livres
porém foram apelados.

O doutor José Tavares
trouxe outro companheiro
foi o doutor Plinio Lemos
ganhando muito dinheiro
pensando de libertar
o casal prisioneiro.

Juiz do segundo juri
posso também informar
foi o doutor Manoel Maia
faz Patos se recordar
promotor Antonio Dantas
quem mais sabia acusar.

Vinte e quatro de outubro
de trinta e quatro o ano
foi este juri pesado
no sertão paraibano
com os dois advogados
cada qual mais veterano.

Voltaram pra João Pessoa
com nove meses pra frente
no ano de trinta e cinco
voltaram de novamente
no dia cinco de junho
o juri que deu mais gente.

Com os dois advogados
que garantiam soltar
Domila e Absalão
que precisavam voltar
livres a Campina Grande
retomando ao doce lar.

O doutor José Tavares
de trabalhos conhecidos
e Plinio Lemos também
todos dois bem aplaudidos
na hora que os dois réus
saíram absolvidos.

O juiz do último juri
Edgar Homem Siqueira
promotor Antonio Dantas
nesta luta derradeira
que livrou-se Absalão
junto com sua caseira.

Foi isto a cinco de junho
de trinta e cinco em verdade
Domila e Absalão
se achando em liberdade
voltaram a Campina Grande
na maior felicidade.

O nome de Absalão
por sua mão assinado
sobrenome Emerenciano
foi em Patos processado
fora esta culpa não tinha
outra para ser acusado.

Dona Domila Araújo
também Emerenciano
esposa de Absalão
para não haver engano
voltaram livres de Patos
em trinta e cinco bom ano.

Se não fosse dona Domila
do grande crime acusada
Francisca hoje não era
pela fé canonizada
e nem a Cruz da Menina
era assim tão visitada.

Nunca parou de chegar
gente ali diariamente
promessa de todo jeito
de quem estava doente
recorre a Santa Francisca
fica bom ligeiramente.

O quartinho dos milagres
é todo cheio de curas
mostrando grandes doenças
de diversas criaturas
dos aleijões que sofriam
vão deixar lá as molduras.

Da santa Cruz da Menina
eis a história rimada
feita com todos os dados
não está faltando nada
e se houver cobertura
depois pode ser filmada.

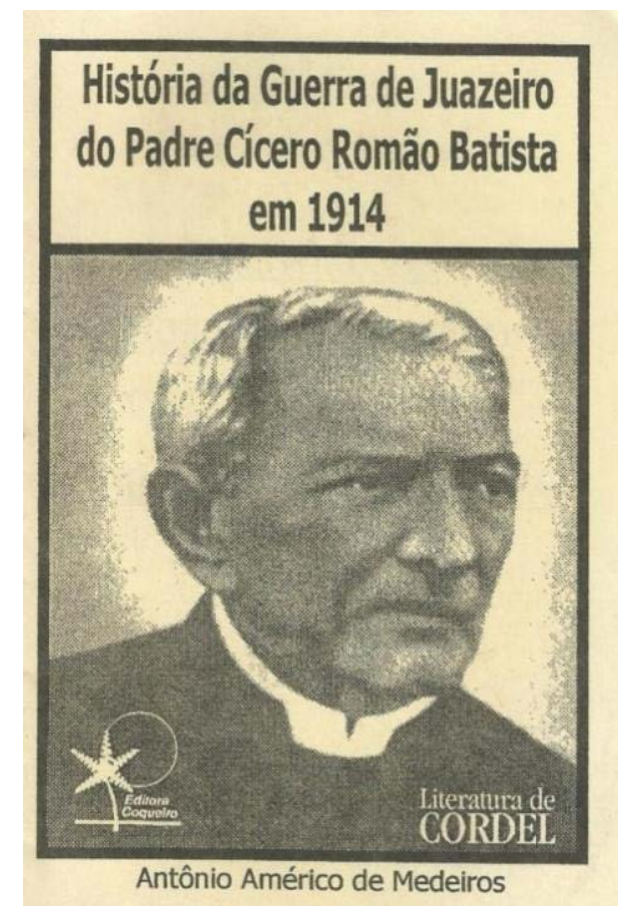
Escrevi este trabalho
não foi pensando em dinheiro
foi pra quem não conhecia
da grande história e roteiro
e aumentar mais um marco
no Folclore Brasileiro.

A história verdadeira
Não me canso de contar
Toda certa e pesquisada
O melhor pude arranjar
Nesta pesquisa que fiz
Isto me fez tão feliz
O poeta é pra lutar.

A Cruz da Menina agora
Me inspirou este tanto
Eu nunca pensei fazer
Rica história leio e canto
Inspiração nordestina
Contei da Cruz da Menina
O fato verídico e santo.

FIM

Figura – Capa do folheto



Fonte: Acervo da autora

O folheto é composto de trinta e duas estrofes de seis versos. As sextilhas são heptassílabas, com um esquema rímico ABCBDB. Observe-se, inicialmente, que, no interior do folheto, consta um título diferente daquele que é citado na capa. Assim como o cordel apresentado anteriormente, também traz como ilustração uma fotografia. A imagem do personagem principal da história contada em versos pelo poeta, por si só, já chama a atenção do leitor para o assunto do folheto.

O tema também está vinculado à vertente de conteúdo histórico / religioso / místico, uma vez que o folheto conta sobre uma revolta histórica que tem como motivação a oposição política do Padre Cícero à “política das salvaçãoes”, instaurada no governo de Hermes da Fonseca, que permitia a intervenção federal na política dos governos estaduais. Padre Cícero Romão foi o grande líder dessa revolta. Perseguido politicamente pelo Coronel Marcos Franco Rabelo, interventor do Governo Federal no Estado, foi destituído dos cargos que ocupava, Prefeito de Juazeiro do Norte e Vice-Governador do Estado do Ceará, e teve sua prisão ordenada. Em sua defesa, apresenta-se um batalhão formado por jagunços e romeiros, liderados por Floro Bartolomeu. Franco Rabelo ordena uma expedição que tinha como objetivo a prisão de Padre Cícero, mas, quando os soldados chegaram, esbarraram em uma verdadeira muralha, que cercava a cidade. A estratégia de defesa foi chamada de “Círculo da Mãe de Deus” e foi construída em apenas sete dias. As tropas do governo foram impedidas de realizar sua missão e, mesmo após vários reforços e combates, a vitória permaneceu com os “soldados” de Juazeiro do Norte. Após a revolta, o interventor foi destituído, e o presidente Hermes da Fonseca convocou novas eleições para o governo do Ceará. Foi eleito Benjamim Liberato Barroso para o cargo de Governador, e Padre Cícero volta ao posto de Vice-Governador do Estado.

Mesmo excomungado pela Igreja Católica, no final da década de 20, Padre Cícero se tornou uma das maiores lideranças políticas e religiosas da região, ao ponto de ser elevado pelo povo à condição de santo e realizador de milagres. Em sua homenagem, na cidade de Juazeiro, foi erguido um monumento que recebe uma das maiores romarias do país ainda hoje.

Assim como o folheto que versa sobre a Cruz da Menina, nesse cordel, o poeta também tem como ponto de partida para os seus versos o conteúdo histórico. Observe-se ainda que, no folheto em questão, é narrado apenas um dos muitos episódios que fizeram parte da his-

tória e do processo de “santificação” de Padre Cícero do Juazeiro. Sua vida, seus milagres e sua popularidade motivaram a produção de inúmeros folhetos sobre a figura do padre, uma vez que, de acordo com Diégues Júnior (2012, p. 183),

Se autores eruditos, jornalistas, historiadores, sociólogos têm procurado interpretar a vida do Padre Cícero e sua posição no momento histórico do Nordeste é sem dúvida nos folhetos que iremos encontrar o melhor documentário para expressar a maneira de ver do povo a respeito do padrinho Cícero.

[...]

Na realidade, as descrições dos folhetos, as narrativas de milagres, fatos em torno da vida do padre constituem a expressão popular sobre a figura do vigário de Juazeiro. Não resta dúvida que hoje em dia os folhetos representam como que o próprio retrato do Padre Cícero: sua movimentação, suas posições políticas, sua situação religiosa, sua maneira de pensar. Neles se encontra o que o povo crê a respeito do padre, como o caracteriza, numa manifestação expressiva do sentimento que se torna popular. Pois popular é o poeta; e no meio do povo, é que ele vive.

Dessa forma, é possível observar, no folheto de Antônio Américo, como ocorre a construção de uma personagem que alimenta o imaginário do povo e fortalece ainda mais a sua fé. Padre Cícero é cantado pelo poeta como um homem que, mesmo com a prisão decretada, estava preocupado com o seu povo, quando este chama o Doutor Floro para solicitar a “defesa da cidade”, para que seu povo “não morresse”; é ele quem batiza a trincheira onde ficavam os romeiros de “mãe das dores” e que reconhece um milagre de Nossa Senhora em uma de suas batalhas; é ele quem orienta “O seu povo não roubar /

Não beber durante a guerra / E a mulher respeitar / Para no grande perigo / Nossa Senhora ajudar.

Assim como no folheto sobre a Cruz da Menina, o poeta se volta para a fé e para o sentimento de religiosidade do sertanejo como matéria que move o leitor na direção da história, pois, mesmo partindo da matéria histórica, o poeta sabe que o que leva o leitor a comprar o seu folheto é a motivação religiosa, é a curiosidade acerca dos fatos que envolvem a história e a vida daquelas figuras consideradas santas, quer pelo muito que sofreram, quer pela forma como “cuidaram” de seu povo.

Sobre o esse sentimento de religiosidade do povo nordestino, Leonardo Mota, em seu livro *Violeiros do Norte* (2002, p 143), vai afirmar que, enquanto “Reflexo do pensar e do sentimentos coletivos, à poesia popular não poderiam escapar os temas ou ideais de religiosidade, tão arraigados na alma de nossa gente.”

Assim sendo, cabe-nos registrar a atenção dispensada pelo poeta em sua produção a esses dois “personagens” da religiosidade nordestina. Em Patos, a menina Francisca e, no Juazeiro, e por que não dizer, em todo Nordeste, o célebre “Padim Pade Ciço” são representações “vivas” da fé desse povo que insiste / “teima” em acreditar que alguém olha por ele.

História da Guerra de Juazeiro em 1914, de Juazeiro à Fortaleza.

AUTOR: ANTÔNIO AMÉRICO DE MEDEIROS

De treze para quatorze “1914”	Juazeiro desmembrou-se
O Padre Cícero Romão	De Crato pelo direito
Enfrentou Franco Rabelo	O Padre Cícero Romão
Forma de revolução	Foi nomeado a Prefeito
No fim terminou em guerra	E o partido contrário
Como conta a tradição	Não deu isto pôr bem feito.

Padre Cícero era do lado
Que fazia oposição
Ao governo do estado
Onde nasceu a questão
Coronel Franco Rabelo
Ficou igual um leão.

Preparou um batalhão
Em Fortaleza e mandou
Assim que chegou em Crato
O comandante falou
Vim pra tomar Juazeiro
Que o governo ordenou.

Governo naquele tempo
Chamavam de presidente
Franco Rabelo queria
Ser poderoso e valente
Disse prenda o Padre Cícero
E meta o pau naquela gente.

Padre Cícero quando soube
O que ia acontecer
Chamou Doutor Floro e disse
Chame o povão pra fazer
A defesa da cidade
Pra meu povo não morrer.

É pra cavar um valado
Cercando toda cidade
Uma valeta bem feita
Com a maior brevidade
Com seis metros de largura
E dois de profundidade.

Homem, mulher e menino
Todos de ferro cavando
Dia e noite sem parar
E o serviço aumentando
Findaram nos sete dias
E o Padre Cícero rezando.

O batalhão rabelista
Em Crato se preparava
A espera de um canhão
Que o Rabelo mandava
Nesta demora os romeiros
A valeta terminava.

Aí Padre Cícero disse
Sobre as terras do valado
Vão fazendo barricadas
Com o povo entrincheirado
Que o batalhão já vem perto
E é pra ser derrotado.

Assim que nosso romeiros
O valadão ocuparam
Os soldados de Rabelo
Tambor de guerra tocaram
De uma parte e da outra
As descargas começaram.

Romeiros entrincheirados
Em posição verdadeira
Derrubaram os inimigos
Que vinham na dianteira
Como vitória tomaram
Do comandante a bandeira.

Padre Cícero quando soube
Da vitória conquistada
Disse recebam a benção
Pôr mãe das dores mandada
Que foi quem nos defendeu
Nesta hora angustiada.

Pôr trincheira mãe das dores
Padre Cícero batizou
E para cada romeiro
Este recado mandou
Todos pôr um, um pôr todos
E cada qual aceitou.

Chamou Doutor Floro e disse
Divida o povo fiel
Leve um comando ao Crato
Chegue lá tome o quartel
Com todos os armamentos
Pra eles vai ser cruel.

Eles lá já vêm saindo
Para tomar Juazeiro
Como ficou pouca gente
Vocês daqui vão ligeiro
Todos pôr dentro do mato
Tudo é fácil pra romeiro.

As quatro da madrugada
O Crato estava cercado
Os soldados se renderam
E Doutor Floro animado
Armamento e munição
O que tinha foi tomado.

Nesta hora os rabelistas
Atacavam Juazeiro
E os romeiros voltavam
Pôr dentro do marmeleiro
Chegaram de retaguarda
E atacaram ligeiro.

Nas fronteiras dos macacos
Brigaram uma porção
E outros soldados armando
Um reforçado canhão
Para acabar Juazeiro
E o Padre Cícero Romão.

O canhão era apontado
Pra dentro de Juazeiro
Na hora que detonaram
A peça rodou ligeiro
Deu o tiro para trás
Livrando o povo romeiro. “Milagre”

Do comando dos soldados
Morreram muitos na hora
Atingidos do canhão
Padre Cícero disse agora
Quem defendeu nós do monstro
Aqui foi Nossa Senhora.

Aí Coronel Alípio
Outro reforço pediu
A busca de Juazeiro
Novo batalhão partiu
Mas travessar os valados
Soldado não conseguiu.

Padre Cícero orientava
O seu povo não roubar
Não beber durante a guerra
E a mulher respeitar
Para no grande perigo
Nossa Senhora ajudar.

Os soldados recuaram
Foi a luta aliviada
Porém chegou a notícia
Baixa Dantas foi tomada
Pôr nova tropa que vem
Pelo Rabelo mandada.

Partiu para Baixa Dantas
Trezentos bacamarteiros
Ao todos mais de quinhentos
Com beatos e romeiros
Todos de chapéus de couro
Em trajés de cangaceiros.

Os beatos valorosos.
Era o beato Vicente
Mané-Chiquinha, e Zé Tertó
Jota Borba, o mais valente
Pedro Silvino e Zé Pedro
Foram na linha de frente.

Já no terceiro combate
Retomaram Baixa Dantas
Os soldados se assombraram
Com as valentias tantas
Do povo do Padre Cícero
Parecia forças Santas.

Padre Cícero recebeu
Um recado que dizia
Do Capitão Zé da Penha
Vou a sua moradia
Lhe arrancar a cabeça
Já pode esperar o dia.

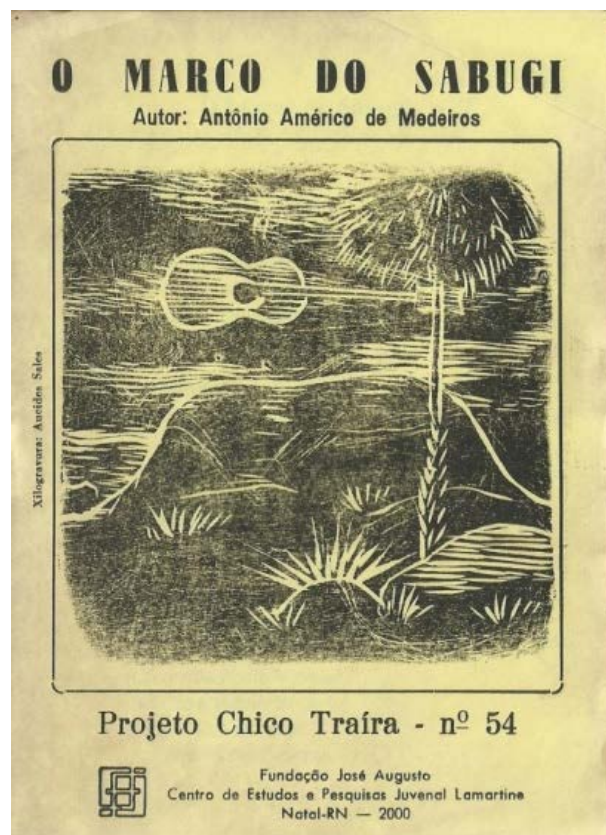
O Padre lhe respondeu
Já que você não é bom
Vai morrer esta semana
Para baixar o seu tom
Foi morto pelos romeiros
No lugar Miguel Galmon.

Morreu o J. da Penha
O resto reconheceu
Que o Padre estava ganho
Foi o que aconteceu
Franco Rabelo deposto
Novo governo nasceu.

O Coronel Setembrino
Entrou como interventor
E Liberato Barroso
Depois pra governador
Padre Cícero foi o vice
Com merecido valor.

Doutor Floro também foi
Deputado Estadual
Presidente da Assembléia
Em um acordo legal
Na festa do fim da guerra
Teve apoio federal.

Figura – Capa do folheto



Fonte: Acervo da autora

O marco, como parte da literatura de cordel, é herança das cantorias, pois nasce no embate do desafio entre cantadores. Segundo Santos (2010, p.35), “O marco é um tipo de forma poética utilizada na literatura de cordel para ressaltar os dons artísticos do poeta que o constrói. Estrutura utilizada na oralidade por cantadores nordestinos e firmada na escrita desde o começo do século XX, escrever um marco passou a significar uma marca de consagração para o poeta que o produz.” *O Marco do Sabugi*, escrito pelo poeta Antônio Américo, é composto por trinta e duas estrofes de sete versos, setilhas, com

versos de sete sílabas e esquema rímico ABCBDDDB. Enquanto herança das cantorias, podemos relacioná-lo, segundo a classificação de Diégues Júnior, como pertencente ao terceiro grupo, dedicado às cantorias e pejejas. A capa é ilustrada com uma xilogravura de Auclides Bezerra Sales, xilogravurista e escritor potiguar que, em seu desenho, ratifica a ideia da composição poética quando coloca em destaque a imagem de uma viola sobre serras que sugerem a Serra do Mulungu, local escolhido pelo poeta para deixar o seu Marco.

No poema, a primeira fortaleza foi construída em torno da história de vida do poeta. Ele conta como fez sua “carreira” até se tornar “um poeta completo / Verdadeiro menestrel”. Foi repentista, cordelista e também escritor. Observemos como o autor exalta a sua trajetória poética como forma de não ser superado e, somente após esclarecer como fez “nome de trovador”, resolveu fazer o seu Marco para defender seu “setor” e escolhe o seu lugar de origem, São João do Sabugi, a terra de sua saudade, para deixar, “Como uma autoridade”, o seu Marco, em cima da “Serra do Mulungu”. A seguir, ao descrever as maravilhas de seu Marco, o poeta relata que cercou sua cidade com uma muralha que era “orgulho do sertão”, construída por seis portões em aço blindado, e a propaganda de sua poesia, “Com versos de cada banda / nas mais lindas posições.”

Ao descrever cada portão colocado nos limites da cidade e a composição poética estampada nele como defesa de seu Marco, o poeta, ao mesmo tempo em que conta sobre sua habilidade poética, expressa nos diversos gêneros cultivados por ele nas composições estampadas, também relata sobre a reação de temor de outros poetas diante de cada um dos portões e de seus versos como forma de deixar claro para o leitor a impossibilidade de superação de sua habilidade por ‘Qualquer cantor orgulhoso.’. Finaliza o poema parabenizando outros poetas “Que tiveram o mesmo plano” e escreveram, assim como ele, outros grandes Marcos. Entre eles, estão nomes como Leandro Gomes de Barros e José Camêlo. De acordo com Santos (2010, p.35),”

A organização poética do marco exige de seu produtor uma referência a um outro marco escrito anteriormente, esta atitude submete os textos a uma ligação atemporal. Esse fio historiográfico que liga os marcos tece uma tradição que se reproduz a cada novo texto.” No encerramento, o poeta, inserindo-se na tradição e “ Com versos por toda banda”, assina o Marco de sua composição.

O Marco do Sabugi

AUTOR: ANTÔNIO AMÉRICO DE MEDEIROS

Nas terras do Sabugi	Com quem mais fiz cantoria
Eu fui nascido e criado	Foi com o tio Honorato
Com quinze anos de idade	Cantava com Chico Honório
Jesus me fez inspirado	Nobre poeta pacato
Comprei uma violinha	E com Neco Gavião
Comecei naquela linha	Fiz mais de uma diversão
Cantar verso improvisado	E nunca quebrei um trato.
De São João do Sabugi	Até que apareceu
Ouro Branco e Ipueira	Nosso Chico Gavião
Eu comecei a cantar	Com ele eu já comecei
Ali naquela ribeira	A cantar de profissão
Com poetas dali	Deixei de ser amador
Nascidos no Sabugi	Passei a ser cantador
Assim fiz minha carreira.	Das fazendas do sertão
Com poetas amadores	Daí pra frente eu duplava
Dei um passo e fui a frente	Com qualquer um repentista
Cantava em fim de semana	No ano cinqüenta e cinco “1955”
Com Adauto de Vicente	Juvenal Evangelista
Roldão e Inácio Bola	Comigo se encontrou
Pedro Nicó na viola	Ai a gente duplou
Era o mais competente.	Foi grande a nossa conquista

Três anos e vários meses
Com Juvenal eu cantei
No ano cinqüenta e oito “1958 “
Eu dele, me separei
Fiz Natal e João Pessoa
Recife, capital boa
Felizes dias passei

Em Recife eu cantei muito
Com José Alves Sobrinho
Um mestre dos cantadores
Quando dedilhava o pinho
Cantador se assombrava
Porque ninguém não pagava
O seu verso direitinho.

Depois eu voltei à Patos
Todo coberto de planos
Fundei na Rádio Espinharas
Um programa sem enganos
Cantado por violeiros
Com diversos companheiros
Cantei, vinte e oito anos.

Pra ser poeta completo
Verdadeiro menestrel
No ano sessenta e sete “1967”
Fiz o primeiro cordel
Além de ser repentista
Passei a ser cordelista
Para cumprir meu papel.

Publiquei muitos cordéis
Fiz nome de trovador

Ai publiquei um livro
Pra também ser escritor
O Marco do Sabugi
Resolvi e fiz ali
Pra defender meu setor

São João do Sabugi
Terra da minha saudade
E a Serra do Mulungu
Ao nascente da cidade
Em cima da serra está
Um marco que deixei lá
Como uma autoridade.

Cerquei todo município
Com um grande paredão
Para ficar garantida
A cidade de São João
Com a muralha que fiz
A maior deste país
Um orgulho do sertão.

Com uma muralha alta
Cerquei por todos os lados
Nem a China Comunista
Naqueles anos passados
Fez tão bonita muralha
De alvenaria sem falha
E os paredões desenhados.

Pra garantir a cidade
Foi deixados, seis portões
Todos em aço blindado
Vindo de outras nações

Com a minha propaganda
Com versos de cada banda
Nas mais lindas posições

Do lado de Caicó
Um portão bem reforçado
Escrito em letras de ouro
Um martelo agalopado
Basta um cantador olhar
Treme sem se sustentar
E corre pra outro estado.

Tem uma sextilha escrita
A um lado do portão
Sobre a vida de Poti
E Felipe Camarão
Qualquer poeta que ler
Começa logo a tremer
Sai pra outra região.

Do lado de Serra Negra
Tem um portão de primeira
Com uma linda sextilha
Em verso de Gemedeira
Seja qualquer cantador
Quando ler, sente um pavor
E sai logo de carreira.

Do lado de São José
Na fazenda Melancias
Eu escrevi um quadrão
Em altas filosofias
Poeta, indo ao portão
Se ler aquele oitavão
Passa correndo três dias.

No portão da Ipueira
Chama atenção quem chegar
Com quatro, versos que tem
Em Galope Beira Mar
Cantador observando
Vai logo se desviando
Cria medo de entrar

Avistando a Ipueira
A direita do portão
De todos os meus cordéis
Existe, uma exposição
Se chegar um cordelista
Olha e corre até a pista
Sai em outra direção.

Quem vem do lado de Várzea
No portão como um arquivo
Tem cinco versos, num tema
Um trabalho positivo
Só Severino Ferreira
Fazia desta maneira
No tempo que era vivo.

Do lado esquerdo escrevi
Uma queda de Mourão
Ali estão as três linhas
Para chamar atenção
Qualquer cantor orgulhoso
Quando ler, fica nervoso
Volta e não vai a São João.

Do lado de Ouro Branco
No portão do Quixeré
Tem um poema que fiz

Na vida de Maomé
Que até José Sobrinho
Se for lá, erra o caminho
Vai parar em Catolé.

A direita do portão
Tem um verso de rotina
Num Oitavão Rebatido
Em oitava nordestina
Este, já fez violeiro
Olhar e correr ligeiro
Ir esbarrar em Campina.

Do outro lado um poema
Da tragédia dos mamonas
Este já tem assombrado
Poetas, de várias zonas
Juvenal Evangelista
Olhou e tremeu a vista
Foi parar no Amazonas

Findei o último portão
Foi o sexto, sem engano
Parabéns, aos poetas
Que tiveram o mesmo plano
José Adão, escreveu
Onde muita gente leu
O Marco Paraibano.

Leandro é autor do marco
De nome “O Meio do Mundo”
E o Marco da Lagoa
Outro trabalho profundo
Escreveu Joaquim sem fim

A anos, antes de mim
Que foi poeta fecundo.

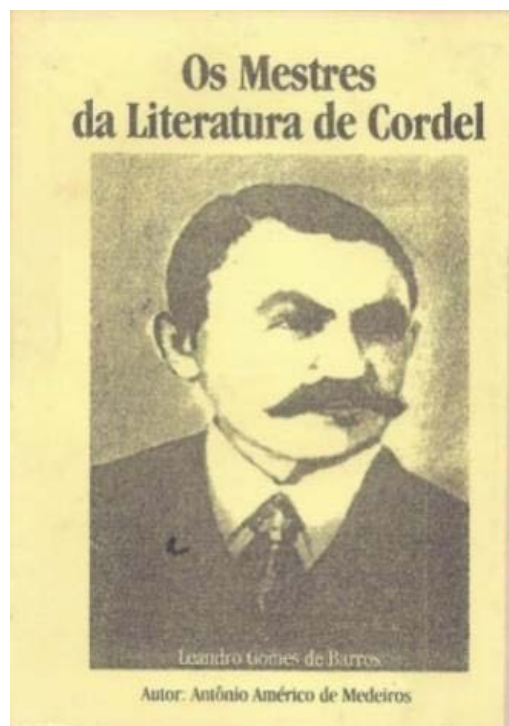
Neco Martins escreveu
O Marco do Ceará
E João Ferreira de Lima
Como na história está
Do Marco Pernambucano
É autor, sem engano
Ficou registrado lá.

O Marco do Scridó
Manoel Tomaz levantou
E o grande, Ascindino Alves
O do Cariri deixou
Este marco é respeitado
muito bem documentado
Ascindino registrou

O Forte de Guarabira
José Camelo escreveu
E O Marco da Paraíba
Para quem conhece e leu
Este é de Manoel Camilo
Poeta de grande estilo
Foi um grande amigo meu.

Agora encerro meu Marco
Vou me assinar aqui
Com versos por toda banda
Aqui, acolá, ali
Mostrando lindos letreiros
Antônio Américo Medeiros
E O Marco do Sabugi.

Figura – Capa do folheto



Fonte: Acervo da autora

Escrito em sessenta e cinco estrofes, sextilhas de sete sílabas e esquema rímico ABCBDB, e duas setilhas – acróstico – também heptassílabas, com esquema rímico ABCBDD, o poema apresenta uma abordagem metalinguística, uma vez que o cordel conta, numa espécie de síntese poética, a sua própria história, através da referência aos acontecimentos e aos grandes nomes que fizeram e fazem parte da história desse gênero da literatura popular. No que se refere à sua classificação temática, acreditamos ser possível afirmar que o folheto faz parte grupo destinado aos fatos circunstanciais ou acontecidos, na distribuição estabelecida por Diégues Júnior. Assim como em outros cordéis, este também traz como ilustração uma fotografia.

A fotografia do poeta Leandro Gomes de Barros, não somente representa o reconhecimento deste como o grande representante do cordel nordestino, como também confere caráter de importância e verdade ao conteúdo do folheto.

Como já dito, o poema narra sobre a história do cordel desde o seu início, com Silvino Pirauá e Leandro Gomes de Barros; as primeiras impressões e vendas dos folhetos; a evolução de Leandro como poeta que sobreviveu de sua arte, um dos poucos casos registrados na história do cordel nordestino; o surgimento de novos poetas, como José Duda, o autor daquele que, segundo Antônio Américo, é “o melhor cordel / que o mundo já pôde ler / “(Os Martírios de Genoveva)”; a morte de Leandro; a compra da produção de Leandro por Ataíde e o sucesso de seu empreendimento na época de ouro do cordel, pois era o tempo em que este “Ensinava o povo a ler”; a aquisição de toda a propriedade de Ataíde por José Bernardo; as dificuldades enfrentadas pelos cordelistas desde o final da década de sessenta e a luta destes para manter viva a tradição. No final do folheto, o poeta destaca ainda a persistência de editoras como a Luzeiro e a Coqueiro, que ainda permanecem com suas atividades, vendendo cordéis para o Nordeste e para o “o mundo inteiro”. Como em outros folhetos de sua autoria, o poeta altera a estrutura das estrofes finais do poema para setilhas, com a finalidade de inserir um acróstico. Neste, mais uma vez, o autor deixa claro o seu compromisso social com o leitor através da história e da informação precisa, como forma de deixar o povo “ciente” dos fatos, usando como instrumento a sua poesia. Na penúltima página, o poeta ratifica esse compromisso quando redige uma nota na qual afirma que há trinta e dois anos escreve, publica e vende “Folhetos de Literatura de Cordel, não porque ganhe bem, e sim por amor a esta cultura que ensinou o povo a ler até metade deste século.” Além da foto de Leandro, esse folheto traz, ainda, nas páginas finais, as fotos dos poetas José Bernardo da Silva e José Pacheco da Rocha e, na contracapa, a foto de João Martins de Ataíde.

Esse folheto também foi impresso pela Editora Queima – Bucha. Na edição, foi mantida a foto de Leandro na capa, mas as demais fotos das páginas finais da edição da Coqueiro são substituídas, a primeira, pela imagem da capa do folheto *O segundo debate de João Athayde com José Pacheco*, onde aparecem duas fotos dos referidos poetas, e a segunda traz uma foto de João Melchíades Ferreira da Silva. Na contracapa dessa edição, são apresentados dados biográficos do poeta Antônio Américo e informações comerciais sobre a Editora Queima – Bucha.

Os mestres da Literatura de Cordel

AUTOR: ANTÔNIO AMÉRICO DE MEDEIROS

Nosso cordel começou
com Silvino Pirauá
e Leandro Gomes de Barros.
Como na História está
de Vitória pro Recife
começou tudo por lá.

Fim do século dezenove
Em noventa e oito o ano, “1898”
faz mais de um centenário
que este paraibano
foi seguido por Leandro
e tocaram pra frente o plano.

Pirauá filho de Patos
e Leandro de Pombal,
Todos dois paraibanos
deixaram a terra natal.
Foram para o Pernambuco
pararam na capital.

Leandro já tinha em mãos
mais de vinte originais,
publicou cinco dos bons
e anunciou nos jornais.
Fez sucesso que chegou
as camadas sociais.

Porque Recife já tinha
algumas tipografias.
Lá Pirauá enfrentou,
com vontade e energias,
publicou quatro folhetos
e vendeu em poucos dias

Pirauá não cresceu muito
porque era cantador
fez dupla com José Duda,
repentista de valor
deixando como um esporte
a vida de trovador.

Leandro que não cantava
diariamente escrevia
publicando os seus folhetos
foi crescendo dia a dia.
Criou o revendedor
que de feira em feira vendia.

Aqueles revendedores,
vendendo de feira em feira,
os folhetos de Leandro
cobriram toda ribeira,
do litoral ao sertão,
foi de fronteira a fronteira.

E com dois anos já tinha
a sua tipografia
fazendo por conta própria
folhetos como queria.
Deu emprego a muita gente
vendendo na freguesia.

Primeiro ele residiu
em Vitória de Santo Antão,
se chegando a capital
morou em Jaboatão
e depois para o Recife
em boa situação.

Com tipografia própria
mais de cem revendedores
revendendo seus folhetos,
por diferente setores,
em novecentos e quatro “1904”
cresceu demais seus valores

Surgiram novos poetas
a quem Leandro ajudou
na sua tipografia
bons folhetos publicou.
Publicando os de Zé Duda,
o vate que mais brilhou.

O famoso José Duda
sentiu na alma um prazer,
autor do melhor cordel
que o mundo já pôde ler.
(Os Martírios de Genoveva).
Quem quiser leia pra ver.

Zé Duda não era próprio
Um poeta de bancada
Era cantador famoso
De repente e de toada.
“Os Martírios de Genoveva”
foi e é uma ficada.

Luiz da Costa Pinheiro
E Pacífico Cordeiro Manso
Estes também começaram
Logo no primeiro avanço
E João Mendes de Oliveira
Eu recordo e não me canso.

Joaquim Francisco Santana
E Manoel do Paraíso
Antônio Correia Bastos
Era bom no improviso
Também testou o cordel
Disse: “Eu faço o que preciso”.

Escrevia Zé Adão
E o bamba Antônio da Cruz
Romano Elias da Paz
Outro poeta de luz
E Antônio Batista Guedes
Entrou com fé em Jesus.

João Ataíde criou
Seus agentes de valores
Cada cidade uma agência
Agentes revendedores.
Prá vender cordel em grosso
Para os simples vendedores.

José Ferreira de Lima
E João Melquíades Ferreira
Manoel Fernandes Lopes
Seguia a mesma carreira.
Laurindo Maciel Gomes
e Manoel Galdino Bandeira.

De vinte e um a cinqüenta “1950”
João Ataíde reinou
Foram vinte e nove anos
Que ele se aproveitou
Pegou a época de ouro
Que o cordel travessou.

No dia quatro de Março
de dezoito faleceu, “1918”
Leandro Gomes de Barros
Lá em Recife morreu.
O Brasil ficou tristonho
Pelo génio que perdeu.

O cordel naquele tempo
Ensinava o povo a ler
Uma revista, um jornal
Era difícil se ver
O povo lendo os cordéis
Era o livro de aprender.

Ataíde bom poeta
Cordelista e editor
Da produção de Leandro
Ele foi o comprador.
Pagou seiscentos mil réis,
Na época, um alto valor.

Em cinqüenta, Ataíde
Talvez estando cansado
e tendo com que passar,
Já se achando enfadado
Vendeu tudo a Zé Bernardo
Por um dinheiro avultado.

João Martins de Ataíde
Comprou a tipografia
Com todos originais
que a viúva possuía.
E organizou a gráfica
da forma que pretendia.

José Bernardo morava
em Juazeiro do Norte
Dos agentes de João
Na época era o mais forte
Comprou tudo a Ataíde
Fez um negócio de sorte.

Comprou a gráfica completa
Com todos originais
De Leandro e João Martins
E outros poetas mais
Que Ataíde comprava
Os direitos autorais.

José Camelo de Melo
Campeão dos campeões
Na história de cordel
Galgou grandes posições
Seu nome de Cordelista
Entrou para as tradições.

José Bernardo cresceu
Até em sessenta e seis “1966”
Pelo desenvolvimento
O cordel por sua vez
Começou a decair
Por tudo que o tempo fez.

Basta dizer, é autor
do Pavão Misterioso
E de Pedrinho e Julinha
Outro cordel valoroso
Coco Verde e Melancia
Um clássico vitorioso.

Começava a inflação
e o direito trabalhista
Contra a pequena empresa
Como era a Cordelista
Crescia a televisão
Rádio, jornal e revista.

José Pacheco da Rocha
Fez um nome quase eterno
Basta se ler “A Chegada
De Lampião no Inferno”
E o cordel de Rosa Munda
Um clássico mais que moderno.

Na mesma época caía
Manoel Camilo em Campina
João José em Recife
Vendeu a sua oficina
Era a Luzeiro do Norte
Grande gráfica nordestina.

Joaquim Batista de Sena
Em Fortaleza crescia
Porém com a inflação
Ele vendo que caía
Vendeu a Manoel Caboclo
Tudo quanto possuía.

A gráfica que tinha o nome
A Estrela da Poesia
Era a de Manoel Camilo
Publicava e escrevia
De Guarabira a Campina
Era dele a freguesia.

Vendeu seus originais
e muitos que editava
Manoel em Juazeiro
pensou que se organizava
e a venda de cordel
em cada ano baixava.

Até o fim de setenta “1970”
O cordel era uma mina
Com agência em todo canto
De Natal a Teresina
Em cada cidade grande
Uma gráfica cordelina.

João Damasceno Nobre
e Guaipuan Vieira
Pedro Jacó de Medeiros
Mestre Azulão é primeira
Exedito F. da Silva
também Gonçalo Ferreira.

Exedito Sebastião
em Juazeiro do Norte
Zé Alves de Guarabira
Foi um cordelista forte
Dono de tipografia
Na época que dava sorte.

O Severino Gonçalves
Foi trovador altaneiro
Manoel Cândido da Silva
E Orlando Folheteiro
Gongon trabalha em Brasília
Em Patos Dedé Redeiro.

Francisco Firmino Paula
Foi um trovador de linha
Egídio Lima e Donzília
E Toinho da Mulatinha
Augusto Laurindo Alves
Canhotinho e Estrelinha.

O José de Souza Campos
Jota Barros é bonzão
Foi bom Severino Carlos
Manoel Basilio e Tião
Lembro Agostinho Lopes
e o Antônio Aragão.

José Soares da Silva
“Dila” de Caruaru
E da camada mais nova
Diniz e Manoel Chudu
Em São José do Egito
Cancão e Zezé Lulu.

Tinha Antônio Pauferro
e o José Mariano
Era Pedro Rouxinol
poeta paraibano
Nosso Antônio Teodoro
É trovador veterano.

Severino Milanez
de Vitória de Santo Antão
E José Francisco Borges
Vem mantendo a tradição
Tem uma tipografia “1999”
Em Bezerros seu torrão.

Manoel Dionísio Filho
O famoso Canelinha
E Odilon Nunes de Sá
o de Santa Teresinha
E João Severo de Lima
Pertenceu a mesma linha.

Tadeu de Serpa Martins
e Enoque José Maria
Pedro Armando dos Santos
É mestre na poesia
Teodoro Ferraz Câmara
Era bom quando escrevia.

Antônio Eugênio da Silva
Apolônio Alves dos Santos
Caetano Cosme também
Trabalhou por muitos cantos
Severino Borges da Silva
deixou cordéis de encantos.

Poeta Ascindino Alves
e o Daniel Ribeiro
Vem Minervino Francisco
Também Delarme Monteiro
O João de Cristo Rei
Zé Luiz e Zé Cordeiro.

Foi Belarmino de França
Bom poeta e repentista
Cuíca de Santo Amaro
No cordel era um artista
Josué Alves da Cruz
Cantador e cordelista.

Manoel Apolinário
Artur Alves de Oliveira
O grande José Soares
Cotinha foi de primeira
E Sebastião José
foi bom de toda maneira.

Moisés Matias de Moura
e Severino Cesário
Zé Faustino Vila Nova
De alto vocabulário
José Francisco Soares
Repórter extraordinário.

Pinto Velho do Monteiro
um poeta poderoso
Manoel Pereira Sobrinho
No cordel foi valoroso
E Manoel de Almeida Filho
Terminou muito famoso.

Alfredo Pessoa Lima
Poeta e advogado
Autor de livro e cordel
Foi escritor afamado
Luiz Rodrigues de Lira
Ficou imortalizado.

Francisco Sales de Arêda
Costa Leite de Condado
Nosso Rodolfo Coelho
Foi trovador respeitado
Francisco de Souza Campos
Era poeta inspirado.

Ismael Freire de Paula
José Pedro Pontual
Cipriano Barauna
Foi poeta especial
e Antônio Caetano
no folheto era legal.

Joaquim Luiz Sobrinho
e João Ferreira de Lima
Era bom. José Gustavo
Zé Saldanha a gente estima
Luiz Gomes de Albuquerque
Que não perdia uma rima.

Nosso Firmino Teixeira
e o grande Chagas Batista
Manoel de Assis Campina
Trovador e repentista
Manoel Tomaz de Assis
Folheteiro e folclorista.

Manoel Luiz dos Santos
é um poeta de dita
Dentro da astronomia
Tem uma força infinita
Escreve um grande almanaque
E nossa gente acredita.

Tem José Alves Sobrinho
E nosso Cícero Vieira
Estes são da velha guarda
Quando o cordel foi primeira
e Paulo Nunes Batista
Vem sustentando a bandeira.

Ainda estão atuando “1999”
Juvenal Evangelista
Antônio Américo Medeiros

e Otacílio Batista
Pedro Bandeira de Caldas
Cantador e Cordelista.

Cícero Pedro de Assis
e Machado Nordestino
Manoel Monteiro em Campina
Em Aracaju João Firmino
Luiz Gonzaga de Lima
e Vicente Vitorino.

Tem a Casa da Criança
Na cidade de Olinda
Também trabalha em cordel
E faz uma obra linda
Comandada por Bacaro
Que a nossa classe brinda.

Ainda estão na ativa
A Editora Luzeiro “1999”
Faz o cordel em São Paulo
Vende para o mundo inteiro
e no nordeste em Recife
a Editora Coqueiro.

Cordel quer dizer cordão
Ou um barbante esticado
Onde se expõe folhetos
A venda em qualquer estado
Em pregadores de roupa
O livrinho pendurado.

A História de Cordel
Narrada de antigamente
Trazendo tudo direito
O povo fica ciente
Nosso cordel brasileiro
Ideal do romanceiro
Outra prova no presente.

A cultura nordestina
Manda que toda nação
Entenda o que é cordel
Recordando a tradição
Isto é para provar
Como foi nosso lugar
O tempo muda a feição.

Figura – Capa do folheto



Fonte: Acervo da autora

Essa segunda peleja, supõe-se que foi precedida por uma outra que tem como título *Peleja de Costa Leite com Antônio Américo*, publicada pela Tupynanquim Editora, e que apresenta como autor o poeta José Costa Leite. A referida peleja, assim como o folheto da segunda, que tem como autor o poeta Antônio Américo, não apresenta data de publicação, fato que justifica a suposição anteriormente expressa. O texto de José Costa Leite é composto por cinquenta e oito estrofes, distribuídas nas seguintes estruturas poéticas: sextilhas, décimas com mote de dois pés e quadrão, em setissílabos, e um galope à beira-mar (Cf. Anexos). No final da peleja, fica registrado o empate entre os poetas, que tinham dado ao dono da casa a “prova” de serem bons violeiros. As duas pelejas trazem na capa, como ilustração, xilografias do poeta José Costa Leite. As suas primeiras xilografuras datam do final da década de quarenta e ilustravam as capas dos folhetos de sua autoria, uma vez que, além de ser um dos mais conceituados xilógrafos do Brasil, também foi um grande cordelista.

A peleja de autoria do poeta Antônio Américo, publicada pela Editora Coqueiro, é composta por cinquenta e seis estrofes, distribuídas em sextilhas de sete sílabas, que apresentam esquema rímico ABCBDB e que, após o início do desafio entre os poetas, apresentam o uso da deixa, e em décimas (martelo agalopado, decassílabo, com esquema rímico ABBAACDDC, e um galope na beira do mar, com versos hendecassílabos, que também seguem o esquema rímico ABBAACDDC). Nas sextilhas iniciais da peleja, acontece a descrição de como se deu o encontro entre os poetas e o início do desafio. Sobre esse aspecto da peleja, Marinho e Pinheiro (2012, p. 26) afirmam que “Quando escrita, a descrição da luta é antecedida por uma pequena introdução em que são apresentados os cantadores, o lugar da disputa, o público e os antecedentes”. Ao final do embate, os poetas “empataram novamente” e, desta vez, o encontro é presenciado por outros grandes poetas, que afirmam ter sido o resultado da disputa poética “um empate decente.” Destaquemos, ainda no texto, a referência, mesmo que indireta, a uma peleja anterior que também tinha terminado

em empate, ratificando a ideia de que o folheto de José Costa Leite antecede o de Antônio Américo de Almeida.

Quanto à classificação temática do folheto, recorreremos, mais uma vez, à ideia defendida por Diégues Júnior (2012, p. 211), quando coloca a peleja, juntamente com a cantoria, no grupo três, “por sua especialidade, nos folhetos de cordel.” Segundo o autor, “Nos folhetos de cordel, as pelejas representam uma de suas partes mais expressivas: traduzem o gênio criador do poeta, a imaginação revelada pelos contendores na disputa.”

Segunda Peleja do Poeta e Repentista Antônio Américo com o Poeta José Costa Leite

AUTOR: ANTÔNIO AMÉRICO DE MEDEIROS

João Severo e Américo	Hoje em cima da bitola
Um dia estavam cantando	Nossa segunda peleja
Na cidade de Ingá	Desta vez se desenrola
Quando viram, foi entrando	
O poeta Zé Costa Leite	Trago mais um gravador
A todos dois abraçando	Pra a cantoria gravar
	Da fita vai ao papel
Já se achava presente	Sem nada se alterar
O José Alves Sobrinho	Só não quero ver empate
Um ex cantador dos bons	Quero perder ou ganhar
Que não saiu do caminho	
Onde tinha cantoria	O povo entusiasmou-se
la ouvir de pertinho	Disse o rojão vai ser quente
	Zé Sobrinho e João Severo
Costa Leite disse Severo	Os dois ficaram de frente
– Eu quero a sua viola	O poeta Antonio Américo
Para cantar com Américo	Trouxe o primeiro repente

A.A. – Colega Zé Costa Leite
Você não quer empatar
Na sextilha eu lhe dou corda
No martelo é pra torar
No fim eu vou liquidá-lo
Num galope beira mar

C.L. – Você vai se apertar
Com as primeiras sextilhas
No martelo se acabam
Todas suas maravilhas
No galope beira mar
Eu vou tomar suas milhas

A.A. – Tu vais é perder as trilhas
No repente de seis linhas
E no martelo de dez
Garanto que tu definhas
No galope beira mar
Esquece as partes marinhas

C.L. – Lindas sextilhas são minhas
Cantando as coisas das matas
Meu martelo agalopado
Tem peso das cataratas
Em beira mar canto rios
E as quedas das cascatas

A.A. – Em sextilhas tu retratas
Fracassos nas cantorias
Em martelo eu tenho todas
Idéias e teorias
Em galope beira mar
Segredos das maresias

C.L. – Sextilha em sabedorias
José Costa tem demais
Em martelo eu sou igual
Batalha de Ferrabrás
Em galope beira mar
Descrevo portos e cais

A.A. – Em sextilha eu sou jornais
Nas colunas estrangeiras
Em martelo eu sou as feras
Por dentro das ribanceiras
Em beira mar a marinha
Na defesa das Fronteiras

C.L. – Na sextilha eu sou bandeiras
Dos maiores ditadores
Em martelo eu não respeito
A nenhum dos cantadores
Em galope beira mar
Ganhei troféus de valores

A.A. – Nas sextilhas com primores
Já venci cantores sábios
Em martelo eu sou Zé Duda
Descrevendo os alfarrábios
Em beira mar eu garanto
Tudo que passa em meus lábios

C.L. – Em sextilhas trago ressábios
Pra vates ignorantes
E em martelo eu tenho
Vencido grandes gigantes
Em galope beira mar
Eu sou um dos navegantes

A.A. – Em sextilhas triunfantes
Eu venço vates boêmios
Em martelo agalopado
Sou dono de Trinta Grêmios
Em galope beira mar
Já ganhei quarenta prêmios

C.L. – Sextilhas sem abstêmios.
Tenho de todos tamanhos
Em martelo agalopado
Eu surro até de rebanhos
Em galope beira mar
Mato afogado nos banhos

A.A. – Em sextilhas pego estranhos
Nem que seja das quimeras
Em martelo agalopado
Eu sei devorar as feras
Em galope beira mar
Canto o mar nas primaveras

C.L. – Em sextilhas canto as eras
Por dentro dos monométricos
Em martelo agalopado
Garanto os trabalhos métricos
Em galope beira mar
Canto os mares geométricos

A.A. – Meus repentes são elétricos
Nas tardes primaveris
Em martelo agalopado
Onde eu canto sou feliz
Em galope beira mar
Canto as ilhas do país

C.L. – Em repente eu sempre fiz
Assombro em todas as horas
Em martelo agalopado
Sei o segredo das floras
Em galope beira mar
Canto as marés nas auroras

Levantou-se Doutor Rui
Grande e forte advogado
Deu um cheque de duzentos
E disse entusiasmado
Desejo ouvir de vocês
Um martelo agalopado

A.A. – Em martelo eu acocho no arranco
Ainda sendo um Alexandre Herculano
Na cultura um Ramon Feliciano
Ou imitar a Camilo Castelo Branco
Ou um Sá de Menezes que foi franco
Escritor, científico, inteligente
Como foram Camões e Gil Vicente
Ter a mesma cultura, a mesma escola
Só não faz é pegar uma viola
Pra cantar um martelo em minha frente

C.L. – Pode vir repentista professor
Que cante verso em mais de um idioma
Descrevendo a história de Sodona
E a política atual do Equador
Ser até bom poeta e escritor
Ter consciência pra falar português
Traduzir o inglês e o francês
E conhecer todo sistema solar
Só não pode em martelo é arranjar
Com que pague o meu verso uma só vez

A.A. – Dos romanos ainda estou lembrado
Um Júlio, um Augusto e um Tibério
Calígula foi grande no Império
E Cláudio também foi estimado
Nero fez o nome de malvado
Galba e Otão achei escrito
Vitório, Vespasiano e Tito
Domiciano e Flávio sem acinte
Dos romanos até o século vinte
O que canto em martelo sai bonito

C.L. – Eu recordo quem foi Numa Pompílio
Quando Rômulo morreu no furacão
Também lembro a grandeza de Catão
E o governo do grande Tulo-Ostílio
Na época de Horácio e de Virgílio
Anco-Márzio falava ao pessoal
Roma ainda era quase um arraial
Se conhece o guerreiro pelas malhas
Em martelo também ganhei medalhas
Com diplomas internacional

A.A. – Carlos Magno confiava em Roldão
Nogueira de Borgonha e em Urgel
Guadeboia, Valdevino e Hoel
No Duque de Renier e Galalão
Ricarte um bom guerreiro cristão
O Duque de Nemé foi bom também
Tietri e Bosim valores tem
Como Oliveiras, Jofre e Lamberto
E no martelo também eu estou certo
Que canto sem respeitar ninguém

C.L. – Maomé, o profeta de Alá
Constantino cresceu no seu império
Carlos Magno venceu a Desidério
Teodósio também reinou por lá
Papa Urbano na história está
Na lembrança de quem é bom cristão
Faz lembrar Godofredo de Bulhão
Ao lado de Pedro, o Ermita
E em martelo um poeta não tem dita
De cortar esta minha inspiração.

A.A. – Na república um Marechal Deodoro
Floriano Peixoto e um Prudente
Campos Sales também foi presidente
Rodrigues Alves um nome que adoro
Afonso Pena um vulto que decoro
No seu mandato findou Nilo Peçanha
Marechal Hermes, um grande na campanha
E maior se tornou Venceslau Braz
Em martelo também ganhei cartaz
Que poeta peleja e nunca ganha

C.L. – Delfim Moreira também foi presidente
Epitácio Pessoa e Artur Bernardes
Washington Luiz topou covardes
Júlio Prestes confiou na corrente
Augusto Tasso e no fim desse ambiente
Chegou Getúlio cresceu cento por cento
José Linhares e Dutra eu apresento
Café Filho, Carlos Luz e Nereu Ramos
Até hoje no Brasil nunca encontramos
Um poeta que tenha meu talento

A.A. – Sempre, sempre eu visito o Criador
Pra este ano passei o Natal lá
Fui até o trono de Jeová
Levando comigo um cantador
Onde eu fiz cantiga superior
Dessa viagem eu quisera ter o bis
Namorei Santa Rita e fui feliz
Fiz cantoria em casa de São Mateus
Tive a honra cantar para o meu Deus
Na cantoria que fiz pra São Luiz

C.L. – A chamada de Santa Madalena
Fui cantar no aniversário dela
Das cantigas que fiz foi a mais bela
Se cantar para os santos vale a pena
Primeiramente rezou-se uma novena
E depois eu cantei parodiando
Quando eu fui a cantoria encerrando
A pedido de Santa Rita e São Homero
Cantei samba-canção, valsa e bolero
E Santa Helena num banjo acompanhando

A.A. – Quando foi em janeiro deste ano
Fui passar um dia em casa de Juno
E de lá vim por casa de Netuno
Conheci todo fim do oceano
Recebi um convite de Urano
Pra saber se no jogo eu era forte
Com Urano eu medi-me no esporte
Terminei campeão daquela aldeia
Lá joguei futebol com a lua cheia
E meti bem no meio do pólo norte

C.L. – Já botei um motor no telescópio
Este ano passado eu fui a lua
E levei pra São Jorge uma perua
Comprada na granja de Procópio
Tinha eu conduzido um microscópio
Examinei o país que a lua mora
No cavalo de São Jorge andei por fora
Passei dias na casa de Urano
Quando foi em janeiro deste ano
Me montei num satélite e vim embora

A.A. – Outro dia eu estava endinheirado
Resolvi ir ao céu pra farrear
Tomar pinga, dançar, jogar milhar
Tomei Brahma no bar de São Conrado
Lá topei Santo Inácio embriagado
Com Pitu e conhaque de alcatrão
Fiz charada pra o Velho Simião
Lá no céu eu fiquei sendo paredro
Joguei “pife” de testa com São Pedro
Pacarã com São Paulo e São João

C.L. – Outro dia eu peguei uma mutuca
Que posou pra sugar meu sangue humano
De cada asa eu fiz um grande abano
E das pernas seis tacos pra sinuca
De uma banda da cabeça uma arapuça
Que levei-a as terras do Egito
Lá peguei um leão novo e bonito
Retomando as terras brasileiras
Vou agora fazer todas as feiras
E depois percorrer o infinito

O fazendeiro Manoel
Da fazenda da Cutia
Disse o martelo foi bom
Está boa a cantoria
Quero ouvir um beira mar
Fazendo uma pescaria

A.A. – Sendo em pescaria cantador não bota
Peixe fora d'água igualmente a mim
Peixota e gereba, jula e manatim
Manatim e jula, gereba e Peixota
Marimbaú, parmito, juva e marmota
A tarapitinga também sei pegar
Tem piracanjuba ruim de se matar
Piracambucu pego sem orgulho
Carapau, tambíú, bonito e sambulho
São peixes que pego na beira do mar

C.L. – Peguei tanto peixe que eu mesmo admiro
Só agora trago tralhoto e tuvira
Timbiro, coelho, bicudo e piquira
Piquira e bicudo, coelho e timbiro
Tambaquim, fidalgo, piquirão, piquiro
Sernabicuara custei a pegar
Peixe roda e cioba eu pude arranjar
Juvira e badejo jejú e cambuba
Vermelho e pira, robalo e manjuba
São peixes que pego na beira do mar

A.A. – Quando eu vou pescar é grande o zumzum
Matando savelha, lobo e miroró
Atum, pirajica, pirantera e bodó
Bodó, pirantera, pirajica e atum
Parumbeba e corvo, matei mais de um
Pirapeba e pícaro mato se pular

Pirucaia, curvão, vou apresentar
Pesco pirambóia, lenha e pititinga
Pirauaca e folha e a piquitinga
São peixes que pego na beira do mar

C.L. – Acaracuima e piracui
Acarachibante, boro e guaricema
Jeraqui, mixorne, faneca e salema
Salema e faneca, mixorne e Jeraqui
Piraniampú, sargo, apirari
Piraboca e caranha, tudo eu sei pegar
Mangangá, piraroba, gosto de pescar
Piracirica, cherna e jaberetê
Caranho vermelho acaraberecê
São peixes que pego na beira do mar

A.A. – Passei esta noite depois da maré
Ainda peguei vinte peixes de escolha
Mandinbé, dentão, mariquita, solha
Solha e mariquita, dentão e mandinbé
Lavadinha, macaco, frito e amoré
Mororé, carago, borboleta a falar
Tajabucu, peixe elim, pego sem parar
Tambati, tainhoca, gato aribebéu
Pirajupeva e prego, piraba e pitéu
São peixes que pego na beira do mar

C.L. – Pato roucha, biluca, tuca e camuru
Salmonegro, ipocampo e piramutá
Dandú e caico, lula e cambotá
Cambotá e lula, caico e dandú
Peixe aranha e pampo, lixo e gurucú
Paracupeba e mugim tenho que pegar
Lavadinha e cambôto, peguei vou tratar
Peroá, balista, sioba e taguna

Agulha e bicuda, simbo e sapuruna
São peixes que pego na beira do mar

A.A. – Apresento peixe que peguei num dia
Que você não pega em uma semana
Piragia, pescada, pargo e piabana
Piabana e pargo, pescada e piragia
Jutubarana peguei com muita alegria
Torpedinho e jaguaque forcei pra pegar
Jurupiranga e truta dão bom paladar
Boca-lisa e bagre, dragão, tandujú
Guarambá, tainha e João-gurucú
São peixes que pego na beira do mar

C.L. – Peguei um coió, um mandim, azulão
Piraputanga, pinama e pirambucú
Litão, papa-boba, prego e pirambú
Pirambú e prego, papa-boba e litão
Papudinho, pampano, pirá, misilão
Piracajara, salves achei fácil matar
Caraguatatuba, gostei de pescar
Peixe-morcego, Donato, cana e tambicu
Roncador, bicançuda e tajabucu
São peixes que pego na beira do mar

A.A. – Alvacora, tromba, jundiá, viola
Carapeba e polvo e piabuçu
Tem mola, navalha, jula e baicú
Baicú e jula, navalha e mola
Tambatim, carauna, toninha e bola
Boca-mole e branco aprendi pescar
Jacundá, Juliana gosto de pegar
Lenha, pirajoba e Piracanjuba
Piraguaxiara, pena e pirajuba
São peixes que pego na beira do mar

C.L. – Você afracando eu aqui fico só
Pescando gereba, cavaco e dourado
Mocó, papa-terra, roliço e soldado
Soldado e roliço, papa-terra e mocó
Marimba, sombreiro, rato, ariacó
Abacora e pescada eu nasci pra pegar
Dentura e tainha peixe sapo a contar
Vou pegando mero, bolão, peixe-galo
Agulhão de vela, cavala e cavalo
São peixes que pego na beira do mar

A.A. – Tem o peixe prata qualidade bela
Acarandola, acarará, toró, roncador
Canela e cuíca, anjo e ralhador
Ralhador e anjo, caica e canela
Peixe-pau, martelo, escaro e moela
Peixe-cabra e congo, peguei vou tratar
Peixe-cobra e cachorro não deixa ficar
Salmonete e lalau e guarda-falua
Mantopaque, piolho, roda e peixe-lua
São peixes que pego na beira do mar

C.L. – Arraia de bico e arraia pintada
Arraia pintada e arraia de bico
Tem pirabandeira, biloba e canico
Xareu, espadarte, cigarra e rosada
Cavalo-marinho da água salgada
Baleia dá grande pego sem arpar
Nossa pescaria temos que mudar
Cantando por letra do nosso alfabeto
Do A ao Z vê quem é correto
Nesta pescaria da beira do mar

A.A. – Só na letra A, eu pego asevia
Aramaque e aranque e abacatina

Acaria, abadejo, atum, Argentina
 Argentina e atum, abadejo, acarria
 Abativa, abrotiva, aguama e amia
 Albacora, ajaroba, almodite, albafar
 Alepidote e ajol são no A, vou falar
 Adonte, apué, acipe, alfonsim
 Achogual, achiro, azel, afoquim
 São no A, mas eu pego na beira do mar

C.L. – Na letra B, eu conheço peixe uma porção
 Barbo, badejo, bagre e barriguinha
 Biquirão e boga, buama e boquinha
 Boquinha e buama, boga e biquirão
 Bicuda, bordado, belo e bodião
 Boope e brema, também sei pegar
 Biluca e besugo, você vai contar
 Bejopira e bica, baleia e barbôto
 Bacalhau, baicú, bêbedo e boto
 São no B, mas eu pego na beira do mar

A.A. – Só na letra C, pego caldeirão
 Cachorra, cachucho, cepola e centrina
 Capatão, carapeba, cabós e corvina
 Corvina e cabós, carapeba e capatão
 Cacharlotte, carneiro, cabra e cabrão
 Carapó-elétrico, curva e calamar
 Camboatá, cabricunha, preciso pegar
 Cascarra, canaja, cavala e cabrinha
 Caramuru e carpa, camurim, cordinha
 São no C, mas eu pego na beira do mar

C.L. – Donato, dourado, dauna e delfim
 Delfim e dauna, dourado e Donato
 Duim e dragão, devira e damato
 Damato e devira, dragão e duim

Dondom e dourado, Dudu, damaquim
 Damita e dariba, dar pra se pescar
 Damajum, domé, eu irei pegar
 Douradinha, descaro, duca e dagalão
 Duiba, dapuna, deró e dentão
 O D peguei tudo na beira do mar

A.A. – Enrolado Elemi, Espiguête e Esvão
 Esvão, Espiguête, Elemi, Enrolado
 Enrolão, esquimó, ermito, entoado
 Entoado e ermito, esquimó, enrolão
 Estampa e espeto, estojo, esporão
 Elodú, elamaco, eu encaro pegar
 Encolha e estampo, estouro, ensimar
 Espetado, ematú, entalho, entretido
 Elatina, elegante, entalo; esquecido
 São no E, mas eu pego na beira do mar

C.L. – No F tem folha, fantasma e ferreiro
 Fabó e faísca, fanico e faisão
 Foiceiro, fomento, fidalgo e fitão
 Fitão e fidalgo, fomento e foiceiro
 Frenteiro, fradaço, foli, flexeiro
 Fucinhudo e Freira e frango do mar
 Framingueta e fota, forço pra pegar
 Fidalguete e frito, forçoso e feitor
 Ferroso, feixado, frade e peixe-flor
 São no F e peguei-os na beira do mar

Aí João Severo disse:
 – Empataram novamente
 Zé Sobrinho também disse
 Foi um empate decente
 Todos dois cantaram bons
 Cada qual mais consciente.

Figura – Capa do folheto



Fonte: Acervo da autora

Estruturalmente, o folheto é composto de duzentas e trinta e seis estrofes de seis versos heptassílabos e esquema rímico ABCBDB e duas setilhas – acróstico – também heptassílabas, com esquema rímico ABCBDDDB. De acordo com o número de páginas, quarenta e oito, pode ser considerado um romance e, tematicamente, de acordo com a classificação de Diégues Júnior (2012), este pertence ao grupo dos temas tradicionais do qual fazem parte os “contos maravilhosos”.

A capa traz uma fotografia, ao que parece, de artistas de cinema. Essa prática, de acordo com Maranhão (1981, p. 61), era muito co-

mum, uma vez que, fruto da influência que o cinema teve na poesia popular, devido aos temas de amor, “os poetas se serviam, largamente, de fotos dos seus grandes astros; na clássica pose de mocinho e da mocinha, abraçados, rostinhos colados, rindo para o leitor”, como recurso ilustrativo nas capas de seus folhetos.

O título já remete o leitor ao que conhecemos popularmente como conto de fadas ou, como o próprio poeta já esclarece no primeiro verso da narrativa, a “uma história bonita”. Uma história de fada e de princesa. Mas a Fada habita um Bosque Negro...

O enredo da narrativa parte da morte de um “rei querido” da Turquia, que deixa o trono como herança para o seu filho Abadão. O poeta, ao apresentar esse personagem, aproxima-o por laços de sangue ao “Almirante Balão”, pai de Ferrabraz, que, por sua vez, pertence à tradição narrativa das histórias de Carlos Magno e os doze pares de França e também faz parte de narrativas de Leandro Gomes de Barros, como *A batalha de Oliveiros com Ferrabraz*. Aqui o autor já anuncia para o leitor traços da personalidade desse personagem, que recebe do pai o pedido para que zelasse pelo seu povo, pedido este que será totalmente ignorado pelo novo rei, que, para aumentar seu tesouro, praticamente escraviza o povo.

Mesmo dono de um império, este rei ainda não tinha um herdeiro, pois a rainha não podia ser mãe. Desesperado, o rei é aconselhado a procurar um “feiticeiro” que ajudaria o rei e a rainha a conceberem uma criança. A seguir, o poeta apresenta ao leitor “Caracol / o maior catimbozeiro / que houve naquele tempo / em todo solo estrangeiro”. Observemos como o poeta adapta a linguagem ao leitor (feiticeiro / catimbozeiro), um recurso que Ayala (1997, p. 162) vai chamar de “aclimatação”. A autora afirma ainda que a aclimatação pela linguagem é uma das principais estratégias realizadas pela literatura popular nas histórias tradicionais, pois “As expressões utilizadas tanto pelo

narrador, quanto pelos personagens, são brasileiras e nordestinas.” A caracterização de Caracol obedece a um dos requisitos mostrados por Abreu (2004, p. 206) para que seja composta uma “história desembaçada”, a identificação clara dos personagens como maus e como bons em grupos separados. Assassino da própria mãe, aos doze anos, em sua fuga, Caracol faz um pacto de sangue com Satanás, que o conduz a um bosque “perto do mar negro”, onde passa a morar em um castelo e com “força pra fazer mau a toda humanidade”. Após receber esses presentes de Satanás, o catimbozeiro firmou o seu tempo de vida em quarenta anos para pagar a sua parte do trato e entregar-lhe a alma. Entra em cena na narrativa o elemento mágico que vai mover os principais episódios da história.

Ao se aproximar dos quarenta anos, Caracol decide que precisa de uma companheira, procuraria a “mulher mais depravada” para fazer dela uma “fada”, que seria uma feiticeira respeitada e dona do bosque. Utilizando-se de um espelho mágico, encontra Dina, que também havia assassinado boa parte da família e estava presa por seus crimes. Caracol, transformado em uma andorinha, liberta Dina e a leva para o eu castelo onde promete fazer dela uma fada e profetiza que ela ficaria gestante de um filho dele, que seria, mais tarde, o rei da Turquia. Observemos aqui a presença do maravilhoso, a mudança / metamorfose dos seres como parte de um encantamento, comum aos folhetos que contam sobre fadas e bruxas, reis e princesas.

Com a profecia de Caracol, afigura-se o caminho que conduzirá o restante da história. O rei, através das informações de um índio de “cem anos”, vai procurar “a fada do bosque negro”, que lhe promete um filha e, como pagamento, exige que, aos dezessete anos, a princesa se case com seu filho Pompeu, conforme tinha lhe dito Caracol, antes de morrer. Nasce a menina, e o rei, inconformado com a exigência da fada, manda chamar novamente o índio, na tentativa de descobrir um meio de não cumprir a exigência da fada.

Raquel, “a fada cristã”, “filha do cristianismo”, é a representação, na narrativa, do sentimento de religiosidade comum na poesia popular. É através das palavras dessa fada que se observa, na narrativa, a ideia de *sina*. Segundo Xidieh (1993, p. 89), “na acepção cabocla”, “*sina* é o pagamento pelo filho dos erros e fraquezas dos pais”; é o dedo de Deus caindo sobre alguém para pô-lo à prova. Dessa forma, o rei estava sendo castigado por não cumprir o que prometeu ao pai quando este estava para morrer e, por isso, Jesus o tinha abandonado, e Satanás lhe dado a mão. Arrepentido, Abadão segue os conselhos da fada adotando como padrinho o mais pobre cristão dos filhos da Turquia, Cirino, para ser o futuro noivo de sua filha e aquele que derrotará Pompeu e a sua mãe, a síntese de toda maldade na narrativa, e, casando-se com Safira, foi coroado “rei de todo povo amado”. O final da narrativa corresponde ao comentário de Abreu (2004, p. 216) quando afirma que “As histórias veiculadas nos folhetos de cordel têm, em geral, caráter exemplar: apresentam um mundo organizado em que pessoas boas e más medem forças, para chegar a um desfecho em que, invariavelmente, prevalece a justiça: recompensam-se os esforços dos que agem corretamente; condenam-se os malfeitores ao sofrimento, à morte, ao abandono, à miséria.”. O acróstico final, além de ratificar essa ideia, acrescenta ainda um alerta para aqueles que têm nas mãos o poder, pois, com ele, vem também a aprendizagem e o cuidado para não cometer “o erro, o crime, o pecado”.

O folheto apresenta ao leitor uma síntese dos elementos encontrados comumente nas histórias contadas no sertão, o pacto de sangue com Satanás, a ideia de castigo divino, de seres mágicos vinculados às coisas sombrias, assim como aqueles vinculados ao bem, num entrecruzamento entre magia e religiosidade, a ideia de recompensa pelas boas ações e assim por diante.

A Fada do Bosque Negro e a Princesa Safira

AUTOR: ANTONIO AMÉRICO DE MEDEIROS

Mais uma história bonita
que quem a ler admira
de bruxa, rei e princesa
já começo dando a mira
da Fada do Bosque Negro
e da Princesa Safira.

Quando reinou na Turquia
um rei chamado Abadão
que era tio legítimo
do Almirante Balão
o sangue real mais fraco
que deu naquela nação.

Seu pai era um rei querido
porém quando adoeceu
conhecendo que morria
passou para o filho seu
coroa, poder e trono
e bons conselhos lhe deu.

Querido filho Abadão
te peço para zelar
este povo que é nosso
e a nenhum maltratar
governei quarenta anos
sem a ninguém desgostar.

Abadão disse papai
fique despreocupado
que a Turquia é feliz

agora no meu reinado
vou consertando a vagar
tudo que tiver errado.

Com quatro dias depois
o velho rei faleceu
e a rainha já velha
com o choque entristeceu
com trauma do sentimento
com quinze dias morreu.

Abadão novo monarca
fez os dois sepultamentos
reuniu seu ministério
pra novos planejamentos
contra o povo criou
diversos regulamentos.

Mandou subir os impostos
todo comércio arrasou
e rebaixou o salário
com lei forçada obrigou
o povo lhe trabalhar
toda Turquia chorou.

Não era uma escravidão
porque o povo ganhava
um salário tão pequeno
que pouca coisa sobrava
e trabalhar todo dia
a nova lei obrigava.

Cresceu a agricultura
na luta do dia a dia
com quatro anos estava
rica e potente a Turquia
e seu povo todo pobre
somente o rei possuía.

Os ricos comerciantes
pagaram tudo de imposto
ficaram todos sem nada
era tremendo o desgosto
e todo mundo forçado
a trabalhar contra-gosto.

O comércio da Turquia
de dia a dia aumentava
sendo todo do País
o rei vendia e comprava
com um pequeno salário
aos seus servos pagava.

Com isto Abadão dizia
papai era amalucado
fazia o gosto do povo
todo mundo era folgado
País pobre e povo rico
trabalhou a vida errado.

Quando papai faleceu
nosso tesouro era um tico
mas, eu que sei governar
satisfeito agora fico
porque eu quero é assim
povo pobre e País rico.

Meu reino é de monarquia
não preciso de ninguém
sou o dono do império
só faço o que me convém
não sou papai que queria
vê o povo passar bem.

Já fazia nove anos
que Abadão tinha casado
com a princesa Corina
a rainha do reinado
filha de um rei da Síria
por nome de Dão Conrado.

Nesse tempo toda Ásia
adotava a Dinastia
cada rei tinha um herdeiro
sempre um filho aparecia
o pai lhe dava a coroa
nunca o império caía.

Abadão disse a Corina
sua querida rainha
hoje a Turquia está rica
a maior de toda linha
e você tem que ser mãe
breve duma criancinha.

Nove anos sem ser mãe
nós não sabemos porque
todos dois temos saúde
a medicina há de vê
o que está existindo
ou em mim ou em você.

Assim, criou um decreto
para os médicos se juntarem
examinar ele e ela
depois de examinarem
o que existir em ambos
com verdade adiantarem.

Examinaram Abadão
o rei estava normal
e na rainha Corina
não encontraram um só mal
ser sadia e não ser mãe
a confusão foi geral.

Fizeram todos exames
em um trabalho importante
um médico velho parteiro
para o rei falou constante
não há remédio que faça
a rainha sair gestante.

O rei quis mandar matá-lo
mas, o médico não gelou
e disse pode matar-me
porém consciente estou
não vou mentir ao rei
no que mais me confiou.

O rei para não matá-lo
lhe disse desapareça
o médico disse monarca
eu quero é que reconheça
que lhe falei a verdade
nem que me custe a cabeça.

Se aparecer um médico
que faça dona Corina
ser mãe de uma criança
por meio de medicina
darei a minha cabeça
com gosto pra guilhotina.

Com isto o rei conheceu
do Dr. a competência
pra não dar demonstração
gritou pra toda assistência
medicina é uma pôrra
Dr. não tem consciência.

O rei deu uns quatro gritos
que tremeu o ambiente
mandou retirar os médicos
e reuniu de repente
alí o seu ministério
para um conselho urgente.

E disse que faço agora
nesta onda de agonia
tem que nascer um herdeiro
do reinado da Turquia
nem que gaste meu tesouro
eu não importa a quantia.

Planejaram o dia todo
seus melhores conselheiros
a noite um deles lembrou
diante seus companheiros
pode até haver um jeito
por meio dos feiticeiros.

Quando ele disse isto
todo conselho aprovou
o rei pulou de contente
a rainha lhe beijou
muito mais apaixonada
que no dia que casou.

Deixo aqui rei Abadão
procurando feiticeiro
pra falar em Caracol
o maior catimbozeiro
que houve naquele tempo
em todo solo estrangeiro.

Caracol nasceu na África
filho duma meritriz
com doze anos de idade
aquele monstro infeliz
assassinou sua mãe
dentro de uma matriz.

Ela foi se confessar
pedir das culpas perdão
Caracol naquela hora
foi tentado pelo cão
chegou e matou a mãe
na hora da confissão.

Ela estava ajoelhada
ele chegou por detraz
mesmo nos pés do vigário
tentado por satanás
matou a mãe de facão
com uma força voraz.

Quando ele começou
matar a mãe de facão
correu o povo que tinha
naquela ocasião
de gente ficou o padre
e o pobre do sacristão.

O padre ainda lhe disse
suspenda a arma seu moço
ele disse eu sou do cão
corto mato e quebro osso
desceu o facão no padre
que lhe cortou o pescoço.

O sacristão desarmado
a Caracol enfrentou
lhe jogando uma cadeira
mas, ele se desviou
meteu o facão no velho
com quatro golpes matou.

Sangrou a mãe na goela
bebeu o sangue e sorriu
sangrou os outros depressa
tirou o sangue e engoliu
nisto avistou a polícia
por outra porta saiu.

A polícia inda avistou
quando ele ia correndo
ainda deram alguns tiros
de muito longe perdendo
porque ele entrou na mata
e foi desaparecendo

Quando ele entrou na mata
a polícia penetrou
na cidade um batalhão
de pressa se preparou
para trazer vivo ou morto
um capitão ordenou.

Levaram um rastejador
para mais fácil o pegar
de pressa uma grande chuva
baixou naquele lugar
foi cinco horas de chuva
sem um minuto cessar.

Aí foi escurecendo
os soldados sem sentidos
de dez em dez separados
estavam todos perdidos
as águas nas cachoeiras
zoavam dando gemidos.

Mais tarde chegou de novo
outra chuva mais pesada
pegou de nove da noite
as quatro da madrugada
foi esta a maior enchente
lá na África registrada.

De cento e vinte soldados
somente trinta escaparam
nas águas com frio e fome
noventa se acabaram
por caso de Caracol
nesta onda se findaram.

Aqui deixo a mortandade
de tudo que se passou
de mãe, padre e sacristão
polícia que se acabou
saber como Caracol
da grande enchente escapou.

As duas horas da tarde
Caracol ia cansado
quando a chuva começou
bem no pé de um talhado
em uma furna que tinha
ele alí ficou deitado.

Assim choveu quatro horas
até quando escureceu
ficava perto dum rio
mais tarde a água cresceu
Caracol pelo enfado
lá na furna adormeceu.

A água vinha aumentando
quando na furna chegou
foi quando a segunda chuva
nove horas começou
ele acordou se afogando
somente água encontrou.

Saiu batendo nas águas
começou a se afogar
gritou pelo satanás
amigo vem me salvar
lhe dou sangue, alma e vou vivo
lá no inferno morar.

Sentiu um bicho caspento
lhe pegando em cada braço
cada unha como um gancho
lhe jogou no espinhaço
debaixo da chuva grossa
deu um vô-o para o espaço.

Com duas horas de vô-o
o bicho baixou no chão
lhe disse o trouxe da África
sou seu amigo e irmão
você já está na Ásia
debaixo de proteção.

São onze horas da noite
não posso mais demorar
que sou o príncipe das trevas
tenho que me retirar
amanhã de sete horas
venho contigo falar.

Não tenha medo de nada
pode dormir descansado
que quem se vale de mim
não fica desamparado
amanhã de sete horas
tudo será acertado.

Caracol disse consigo
o cão tem muita valia
se não fosse ele eu tinha
morrido na água fria
amanhã não via mais
o raiar do novo dia.

Deitou-se na relva fria
de repente adormeceu
acordou de cinco e meia
quando o dia amanheceu
e sete horas em ponto
satanás apareceu.

Chegou trajado de príncipe
lhe abraçou deu a mão
e disse vamos fazer
nossa documentação
o filho que mata a mãe
tem a minha proteção.

E ontem quando você
ia morrer afogado
me prometeu sangue e alma
lhe atendi apressado
porém negócio comigo
só faço documentado.

Já trouxe uma seringa
para o seu sangue tirar
e você no meu caderno
com ele, se assinar
pra quando morrer um dia
ter certinho o seu lugar.

Você quando me chamou
disse que ia até vivo
porém vivo eu não aceito
porque não é lucrativo
viva pra fazer miséria
que sou até seu cativo.

Mandou estirar o braço
com a seringa tirou
sangue e numa caneta
com cuidado colocou
e no caderno do príncipe
Caracol se assinou.

Aí o príncipe lhe disse
peça agora o que quiser
catimbó pra dominar
no mundo qualquer mulher
matar, roubar e ser mau
é isto que o reino quer.

Você só tem doze anos
porém pode me pedir
o que desejar na vida
que eu hei de conseguir
só pelo lado do mau
você terá que agir.

Você matou sua mãe
o padre e o sacristão
e mais noventa soldados
com isto agradou o cão
continue fazendo assim
que será um nosso irmão.

Isto aqui é um bosque
onde não anda ninguém
fica perto do mar negro
pra você dar muito bem
pra pintar suas misérias
fazer o que bem convém.

Caracol disse satã
quero ser um feiticeiro
fazer aqui um sobrado
com uma mágica ligeiro
e eu me tornar no mundo
o maior catimbozeiro.

Quando findou a palavra
o castelo estava feito
muito bonito e moderno
Caracol bem satisfeito
nem todo rei nesse tempo
tinha um daquele jeito.

Aí satanás lhe disse
lhe dou força pra fazer
mau a toda humanidade
faça o povo se perder
e diga com quantos anos
você deseja morrer.

Caracol pensou um pouco
e disse basta quarenta
porque o homem fracassa
quando vai para cinquenta
e para fazer o mau
só quem é novo aguenta.

Então satanás lhe disse
venha agora se assinar
pra no dia que você
os quarenta completar
morre aqui e seu espírito
vai no inferno morar.

Este deserto é um bosque
muito triste e isolado
no continente asiático
ele aqui é colocado
ficará por Bosque Negro
de hoje em diante chamado.

Assim ficou Caracol
fazendo o mau todo dia
criava azas e voava
através da bruxaria
se “invultava” e virava
em tudo quanto queria.

Neste bosque solitário
é onde as almas perdidas
se reúnem toda noite
chorando entristecidas
as culpas dos grandes roubos
dos vícios e homicidas.

Se transformava num príncipe
entrava em qualquer reinado
e carregava princesa
pra seu castelo dourado
ia entregar com dez dias
e nunca era pegado.

Aqui neste bosque negro
os espíritos vagabundos
baixam aqui toda noite
velhos fantasmas imundos
gemido e ranger de dentes
não cessam nem dois segundos

Assim passou toda vida
só praticando miséria
fez tudo quanto era mau
nesta vida da matéria
separou muitos casais
de família boa e séria.

Milhões de almas perdidas
de mulheres depravadas
baixam aqui neste bosque
onde são incendiadas
pela culpa dos pecados
até altas madrugada.

Quando ia completar
trinta e nove de idade
pensou assim falta um ano
pra minha finalidade
e o bosque negro precisa
quem der continuidade.

Você já está com tudo
para viver e gozar
eu irei atrás de outros
não posso mais demorar
quando morrer pode ir
que é certo o seu lugar.

Agora vou procurar
a mulher mais depravada
para ser a minha amante
e fazer dela uma fada
pra ser a dona do bosque
feiticeira respeitada.

Irei fazer uma mágica
sem perder um só instante
pra ver quem é a mulher
mais perversa e mais errante
se não tiver morto a mãe
não pode ser minha amante.

A velha gritava Dina
acuda aqui que seu pai
já está muito doente
vamos ver se a gente vai
para o Pronto-Socorro
nisso o outro filho cai.

No espelho da magia
viu logo uma meretriz
a mais perversa do mundo
vivia presa em Paris
por ter morto a própria mãe
na presença do Juiz.

O pobre homem tremendo
e um filho vomitando
outro caído no chão
a mãe por ela chamando
Dina dentro do banheiro
achando graça e cantando.

Já havia morto o pai
e dois irmãos que ela tinha
quando um dia envenenou
uma carne de galinha
a mãe escapou porque
só comeu uma coisinha.

Aí a mãe conheceu
que ela havia envenenado
o comer pra matar todos
e tinha se disfarçado
nesta história do banho
e o banheiro trancado.

Pondo a comida na mesa
começou se empalhar
assim que provou na carne
viu logo o velho tombar
e um dos filhos tremendo
começou a vomitar.

Tinha um ferrôlo por fora
aí a velha trancou
pediu um carro de praça
e os doentes levou
antes do Pronto-Socorro
o veneno lhe pegou.

A velha chamou por ela
que estava no banheiro
se demorando no banho
pra jantar por derradeiro
esperando a morte deles
que começaram primeiro.

A mulher menos doente
disse fui envenenada
com toda minha família
por uma filha malvada
mas, esta eu deixei em casa
em um banheiro trancada.

Quando Dina conheceu
que a mãe tinha saído
de casa com os doentes
vestiu depressa o vestido
quando foi abrir a porta
aí foi tempo perdido.

Era um banheiro seguro
a porta bem reforçada
o ferrêlho antigo e largo
ela deu tanta pesada
que quase fratura a perna
porém não conseguiu nada.

Quando ela conheceu
que a porta não quebrava
disse foi mãe que trancou-me
que de mim desconfiava
se ela escapar eu mato
como a dias planejava.

Voltando ao Pronto-Socorro
deixando Dina trancada
morreu o pai e os filhos
da comida envenenada
só escapou a mulher
porém muito resscada.

O médico telefonou
dalí pra delegacia
chegando os policiais
a mulher em agonia
porém não perdeu a fala
contou tudo que havia.

Disse foi a minha filha
que a nós envenenou
matou o pai e os manos
também não me acabou
porque eu só fiz provar
quando meu velho tombou.

Quando conheci que era
a família envenenada
ela estava no banheiro
cantando e dando risada
tranquei a porta por fora
vão ver que está trancada.

A polícia foi urgente
tirou ela do banheiro
levou presa e foi trancada
dia cinco de janeiro
a audiência marcada
para seis de fevereiro.

Levaram ela e a velha
que já estava curada
ela quando viu a mãe
gritou amaldiçoada
você ainda me paga
porque me deixou trancada.

Ela fitou ao Juiz
viu que ele estava armado
lhe arrancou um punhal
na cintura bem guardado
meteu no peito da mãe
que saiu do outro lado.

O Juiz gritou aos praças
desarmem esta bandida
lhe meteram uma cadeira
ela caiu estendida
por cima da pobre mãe
que já estava sem vida.

O Juiz disse bandida
você vai para a prisão
irá pegar trinta anos
escrito por minha mão
depois de trinta mais quinze
por lei da nossa nação.

Dina ficou na cadeia
em uma cela trancada
em quarenta e cinco anos
ela foi sentenciada
estava com dezesseis
no começo da jornada.

Com quatro anos depois
vinte anos completou
justamente foi no dia
que Caracol avistou
ela no espelho mágico
e da bandida gostou.

As onze horas da noite
voou da Ásia ligeiro
na cadeia de Paris
chegou viu o carcereiro
e seis soldados na guarda
de dentro até o terreiro.

Ele vinha transformado
numa pequena andorinha
hipnotizou os sete
que na sentinela tinha
com as chaves do carcereiro
fez tudo que lhe convinha.

Abrindo cela por cela
não deixou uma trancada
quando chegou na de Dina
disse a ela linda fada
vim aqui te libertar
vamos pra minha morada.

Já estava transformado
no mesmo monstro que era
ela que nada temia
com seu coração de fera
pegou ele e deu um beijo
e disse, ai quem me dera.

Quem me dera eu ir contigo
nem que seja o satanás
vivo aqui sentenciada
porque matei os meus pais
Caracol disse foi isto
que lhe deu grande cartaz.

Você vai ser uma fada
mais poderosa do mundo
todos dois criaram asas
com o seu poder profundo
para o castelo do bosque
voaram nesse segundo.

Depois que eles saíram
os guardas se acordaram
juntos com o carcereiro
a cadeia vaga acharam
dos cento e sessenta presos
nem se quer um encontraram.

Caracol chegou com Dina
no seu castelo bonito
fez ciente tudo a ela
como já estava escrito
entraram em lua de mel
pra ela um tempo bendito.

Caracol disse pra Dina
eu saí pra te buscar
fazer de ti uma fada
pra ficar no meu lugar
porque de hoje a um ano
eu tenho que me acabar.

Você hoje fica gestante
com nove “mês” e um dia
serás mãe de um menino
esta é minha profecia
este menino mais tarde
será o rei da Turquia.

Eu vou desaparecer
que tenho data marcada
fica você e meu filho
você a famosa fada
São Cipriano pra ti
morreu sem saber de nada.

No decorrer deste ano
eu irei lhe ensinar
o que há de catimbó
para você dominar
o mundo com seu feitiço
e fazer o que desejar.

Com nove “mês” e um dia
o garotinho nasceu
com sangue dum gato preto
misturado com o seu
Caracol lhe batizou
com o nome de Pompeu.

Caracol disse pra Dina
depois que eu me acabar
tua fama corre o mundo
vem um rei te procurar
cuidado com o trabalho
quando for executar.

Chega aqui rei Abadão
vem pra rainha Corina
ser a mãe de um menino
rode a bola cristalina
e quando a bola parar
só lhe mostra uma menina.

Quando o rei olhar a bola
acha o trabalho fiel
vai nascer a princesinha
aja tudo em seu papel
depois casa com Pompeu
caiu a sopa no mel.

No dia que Caracol
os quarenta completou
morreu desapareceu
o satanás lhe levou
e a fada do bosque negro
com seu filhinho ficou.

Aqui vou deixar a fada
com sua feitiçaria
voltar a rei Abadão
que estava na Turquia
procurando feiticeiro
em todo canto que havia.

Lhe apareceu um índio
com cem anos de idade
fez tudo quanto sabia
e lhe falou a verdade
a fada do bosque negro
é quem tem capacidade.

Porém ela é muito rica
não tem medo de ninguém
só atende em seu castelo
se mandar chamar não vem
se rei meu senhor for lá
vai se sair muito bem.

O rei lhe disse eu irei
onde fica este lugar
fica nos confins da Síria
bem perto da beira-mar
castelo do bosque negro
querendo eu vou ensinar.

Rei Abadão preparou-se
saiu numa carruagem
e três lhe acompanhando
com uma rica bagagem
chegaram no bosque negro
com quase um mês de viagem.

O rei pensava ser menos
do que o índio dizia
quando avistou o castelo
com muita emoção tremia
porque era mais bonito
do que o seu da Turquia.

Chegando foi recebido
por um criado que tinha
lhe perguntou se estava
a fada ou a rainha
o criado disse está
já preparando a festinha.

Ela olhou num espelho
viu quando o senhor saiu
benzeu o rei e os seus
nada de mau lhe surgiu
fez uma viagem boa
como o senhor já viu.

A fada saudou a todos
com a maior cortesia
e disse seja bevindo
querido rei da Turquia
viva a rainha Corina
que será mãe qualquer dia.

O rei emocionado
começou a tremer mais
e a rainha banhou-se
em lágrimas sentimentais
abraçou-se com a fada
aí sim, choraram iguais.

Disse o rei querida fada
eu pertença a Dinastia
de pai ficar para filho
nosso país da Turquia
se a rainha for mãe
lhe pago grande quantia.

Ela disse eu vou rodar
o meu globo de cristal
se for possível ele mostra
o que for certo e legal
para a rainha ser mãe
crescendo o prazer real.

A fada rodou o globo
linda bola cristalina
disse aqui sai a verdade
quando a rodada termina
quando parou viram a cara
de uma linda menina.

A rainha aproximou-se
do globo para beijar
a fada disse não pode
é somente pra mostrar
esta vai ser sua filha
mas, quando o tempo chegar.

O rei disse para a fada
seu trabalho é muito fino
se for possível outra vez
rode o globo cristalino
e transforme esta criança
para o sexo masculino

Lhe disse a fada não pode
que isto já vem traçado
a uns três anos atrás
tudo pronto e planejado
trabalho de Caracol
não pode ser revogado.

Caracol me disse antes
de morrer que acontecia
o que hoje estou fazendo
para o rei da Turquia
e meios para um menino
de forma alguma existia.

Saiba que a Dinastia
não é somente passar
poder de pai para filho
é na família ficar
quem casar com vossa filha
mantém o mesmo lugar.

Houve uma salva de palmas
quando a fada terminou
viva a rainha do bosque
dona Corina gritou
que a nossa Dinastia
assegurada ficou.

A fada disse em meu quarto
vou o casal hospedar
e amanhã bem cedinho
Corina pode jurar
com nove “mês” e um dia
nasce a herdeira do lar.

No outro dia cedinho
o casal se levantou
a rainha satisfeita
com a fada se abraçou
mais feliz do que na noite
do dia que se casou.

O rei disse para a fada
ó minha amiga fiel
em seu castelo passei
a segunda lua de mel
faltando poucos minutos
pra vir a taça de fel.

O rei perguntou a fada
por tudo quanto devia
podia pedir em ouro
a valorosa quantia
ela disse nada deve
a mim o rei da Turquia.

Porque eu também preciso
da ajuda de vocês
vou apresentar meu filho
que de anos já tem três
pra casar com vossa filha
vamos aguardar a vez.

Quando ele completar
vinte anos de idade
ela está com dezesseis
pra nossa felicidade
será ele o sucessor
lá de vossa magestade.

Mandou a ama ir buscar
o seu filhinho Pompeu
o rei lhe disse está bem
mas, o coração doeu
a rainha não chorou
mas, a alma entristeceu.

A fada do bosque negro
falou pra rei Abadão
tenha cuidado na vida
não me faça traição
porque eu querendo acabo
num minuto uma nação.

Vão embora que já fiz
todo gosto de vocês
no dia que vossa filha
completar os dezesseis
aí eu levo Pompeu
pra se casar desta vez.

Durante esta temporada
nós de cá não vamos lá
e da mesma qualidade
os de lá não venham cá
só irei no dia certo
como planejado está.

O rei abraçou a fada
e a rainha também
se fingindo de alegres
mas, ninguém sabia quem
dos dois estava mais triste
dentro deste vai e vem.

Com um mês de novamente
o rei chegou na Turquia
chorava todas as noites
fazia planos e perdia
da mesma forma a rainha
muito pouquinho dormia.

Com nove “mês” e um dia
como a fada marcou
da dormida em sua cama
a rainha descansou
como ela havia dito
a princesinha chorou.

Nasceu a linda menina
alva, bonita e corada
com o nome de Safira
com um mês foi batizada
o rei estudando um meio
prá se defender da fada.

Mandou chamar outra vez
o índio velho sabido
lhe apresentou o caso
o índio entristecido
disse contra aquela fada
quem for lutar é perdido.

Porém eu vou a floresta
falar com a minha irmã
ela disse que conhece
Raquel a fada cristã
e a fada do bosque negro
o que faz é por satã.

A fada do bosque negro
matou mãe, pai e irmãos
viveu com um feiticeiro
que ofendia aos cristãos
ai de vossa princesinha
se cair naquelas mãos.

Lhe disse o rei vá chamar
sua irmã na carreira
vê se conhece esta fada
cristã boa e verdadeira
pra Safira não casar
com filho de feiticeira.

O índio foi a floresta
aonde a índia vivia
chegou lhe contou o caso
ela neste mesmo dia
chegou e saudou o rei
com respeito e cortesia.

Deus te salve imperador
chegou a vossa criada
Abadão disse me diga
se conhece alguma fada
que faça a do bosque negro
ficar de força quebrada.

A índia disse tem uma
que é a fada Raquel
e mora até muito perto
no País de Israel
da família Israelita
daquele povo fiel.

É uma fada cristã
filha do cristianismo
trabalha com objetos
do santo catolicismo
e é a única que pode
tirar o rei deste abismo.

Ela possui três espinhos
da corôa de Jesus
um cravo dos que cravaram
Cristo com ele na cruz
e uma estrela de ouro
do cajado de Agabuz.

Tem um pouquinho da terra
do pé da cruz retirada
quando Jesus perdeu sangue
deixando a terra ensopada
e uma toalha branca
com seu sangue nodoada.

Possui um manto azulado
feito por Nossa Senhora
tecendo no seu tear
sem perder uma só hora
tecido de puro linho
como não há outro agora.

Tem uma pedra da trempe
da manjedora sagrada
onde São José fez janta
de aveia e carne assada
e ali jantou com Maria
sua espôsa estimada.

Possui um trapo de pano
que Jesus foi enrolado
no berço da manjedora
que São José com cuidado
fez ali um mini-berço
pra deitar seu filho amado.

Inda possui um formão
da tenda de São José
quando ele trabalhava
de carpina em Nazaré
e um tacho da mortalha
de Maria Salomé.

Raquel é dona dum sêlo
que São Pedro retirou
da porta dum santuário
que lá em Roma encontrou
quando a chave da Igreja
Jesus a ele entregou.

Tudo que faz é de graça
nunca quis juntar riqueza
quando alguém lhe gratifica
ela com delicadeza
agradece em nome de Deus
dá de esmola a pobreza.

Com isto o imperador
tremia emocionado
dizendo viva Raquel
e um Deus santificado
que o poder de satã
irá ser desbaratado.

Perguntou o rei a índia
diga se a fada Raquel
atende um chamado meu
ou eu vou a Israel
a índia disse ela atende
que é humilde e fiel.

Prepare uma carruagem
indo buscar ela vem
eu já fui lá duas vezes
se quiser eu vou também
o rei lhe disse irão hoje
com tudo quanto convém.

Preparou a carruagem
da família imperial
assinou um documento
pôs o carimbo real
partiram na mesma tarde
em viagem especial.

O rei entregou a índia
como representação
um documento selado
assinou com sua mão
dizendo esta índia vai
viagem do rei Abadão.

Em poucos dias chegaram
onde morava Raquel
a índia disse a que ia
a fada por ser fiel
preparou sua bagagem
e partiram de Israel.

Em poucos dias de novo
chegaram lá na Turquia
o rei abraçou a fada
contou tudo que havia
Raquel lhe disse é castigo
lembre o que seu pai dizia.

Quando estava pra morrer
o reino lhe entregou
e disse zele meu povo
vossa alteza escravizou
e subiu tanto os impostos
que o comércio acabou.

Tomou tudo que o povo
com suor tinha ganhado
e obrigou inda mais
lhe trabalhar alugado
por um salário de fome
pra lhe fazer potentado.

Depois que se viu por dono
de tudo que o País tinha
chamou seu pai de maluco
hoje o rei e rainha
vejam que situação
se acha vossa filhinha.

Quando o seu pai lhe disse
zele pelo povo meu
o rei castigou a todos
ao pai desobedeceu
e a Nosso Senhor do céu
diretamente ofendeu.

Jesus lhe abandonou
satanás lhe deu a mão
e hoje a fada do bosque
tem grande satisfação
para o seu filho Pompeu
ser o rei desta nação.

Abadão disse chorando
eu mesmo fui o culpado
bem que papai me pediu
zele meu povo estimado
e eu desobedecei
pra hoje está castigado.

Israelita de Deus
em sua missão sagrada
me diga se há um jeito
por Maria Imaculada
pra Safira não casar
com o filho daquela fada.

A fada disse há um jeito
se o monarca aceitar
a criancinha mais pobre
que na Turquia encontrar
batiso em nome de Deus
pra com Safira casar.

Batiso e volto no tempo
do seu sagrado himineu
que este vai decidir
na espada com Pompeu
e a fada do bosque negro
perde se nunca perdeu.

O rei lhe disse Raquel
eu entrego em suas mãos
vê se encontra o menino
mais pobre entre os cristãos
todos filhos da Turquia
agora são meus irmãos.

A fada disse eu já sei
daqui eu pude avistar
mora na favela baixa
vamos depressa buscar
a mãe dele a pouco tempo
terminou de expirar.

É filho de uma cega
e pai nunca conheceu
agora a poucos minutos
a ceguinha faleceu
e ele caiu de fome
porque nunca mais comeu.

Disse a fada vamos logo
pra trazer a falecida
o rei foi com ela e viu
a criancinha caída
ao lado da mamãe morta
correndo risco de vida.

O rei chorou quando entrou
no mucambo que foi vendo
a cega morta no chão
e a criança gemendo
caída de fome e sede
e as formigas mordendo.

O garotinho contava
quatro anos de idade
preto de formiga preta
lhe mordendo em quantidade
ia morrer neste dia
sem encontrar caridade.

Já tinha ido um caixão
a ceguinha colocaram
o rei mandou sepultar
e o menino levaram
no hospital dos fidalgos
chegando lá internaram.

Com quatro dias depois
a fada lhe batisou
com o nome de Cirino
o rei lhe apadrinhou
a rainha foi madrinha
uma dama apresentou.

O menino já estava
salvo do grande maltrato
a fada disse eu agora
só venho aqui no contrato
da data do casamento
que já tem seu dia trato.

Disse a fada seu padrinho
agora vai lhe criar
tudo de bom lhe ensina
precisa aprender brigar
porque uma luta grande
você tem que enfrentar.

Daqui a dezesseis anos
já tem o dia marcado
a fada do bosque negro
traz o filho preparado
pra se casar com Safira
chega e acha o seu noivado.

Abadão diz para ela
tem um filho da Turquia
pra se casar com Safira
Pompeu perde a valia
nesta hora eu apareço
aí começa a porfia.

O que Abadão disser
ela tem que aprovar
porque palavra de rei
não pode se revogar
Abadão cria uma luta
e os dois vão disputar.

Se combina com Safira
qual a sua opinião
ela diz eu casarei
com quem ganhar a questão
o que escapar com vida
ganhará meu coração.

A fada do bosque negro
quando me vê fica triste
em saber que seu poder
contra o meu não resiste
porém se faz otimista
vai a frente e não desiste.

O rei é quem marca a luta
no ferro frio alvejado
cada um com uma espada
precisa muito cuidado
o que ganhar, com Safira
no outro dia é casado.

Raquel ensinou ao rei
ali todo movimento
dizendo eu venho no tempo
com Jesus no pensamento
e chego dois dias antes
da festa do casamento.

Durante os dezesseis anos
dê esmola todo dia
e os direitos humanos
para todos da Turquia
faça um governo pacífico
como o seu pai fazia.

A fada se despediu
daquele povo fiel
chorou rei, rainha e damas
na saída de Raquel
o rei mandou novamente
deixar ela em Israel.

Até que chegou o dia
do ditoso casamento
a fada do bosque negro
partiu do seu aposento
e vamos ver na Turquia
como foi o movimento.

Era trato o casamento
para dois de fevereiro
a fada do bosque negro
chegou no dia primeiro
Raquel já tinha chegado
a trinta e um de janeiro.

A fada do bosque negro
no seu carro luxuoso
puxado por dois cavalos
cada qual gordo e forçoso
Pompeu trajado de príncipe
o bicho era até jeitoso.

A bruxa chegou na côrte
ninguém não lhe aplaudiu
ficou na sala de espera
com pouquinho o rei saiu
falou com ela e Pompeu
e neste assunto seguiu.

Senhora fada do bosque
sou um rei sem covardia
casamento com seu filho
aqui não se anuncia
Safira já está noiva
com um filho da Turquia

A fada do bosque negro
fitou o imperador
ficou de todas as cores
e disse rei traidor
já se esqueceu de tudo
que eu fiz com o senhor.?

O rei disse tenha calma
a senhora está errada
você me mostrou seu filho
um dia em sua morada
pra se casar com Safira
mas, eu não lhe disse nada.

A bruxa disse monarca
saiba e lembre que fui eu
que fiz Safira nascer
pra casar com o filho meu
nisto a fada cristã
no recinto apareceu.

A fada do bosque negro
sentiu a força quebrada
porque a fada cristã
por Deus era abençoada
e diante aquele poder
ela não fazia nada.

Porém se fez otimista
encarou o rei no sério
e disse eu acabo o reino
por meio de um mistério
se Pompeu não se casar
pra ser dono do império.

O rei disse não senhora
ela está comprometida
pra se casar com Cirino
gente minha e conhecida
agora eu chamo Safira
e ela aí que decida.

Se ela não decidir
com qual dos dois quer casar
aí se cria uma luta
quem na espada ganhar
casará com minha filha
para o reino governar.

Safira foi convidada
pra dar sua opinião
disse vão lutar os dois
pra decidir a questão
qualquer um que escapar
ganhará meu coração.

Assim todos combinaram
a luta ficou marcada
pra quatro horas da tarde
cada um com uma espada
em um campo de esporte
numa arena reservada.

A fada do bosque negro
disse eu quero um reservado
para concentrar meu filho
e a tarde está preparado
para ganhar logo a luta
e em seguida o reinado.

Chegando no quarto fez
um catimbó que deixou
Pompeu pronto para a luta
seu corpo todo ficou
transformado em ferro puro
ele muito se animou.

Você durante uma hora
seu corpo não há quem corte
que está virado em ferro
porém precisa ter sorte
pra vencer dentro do prazo
o seu inimigo forte.

Se chegar as cinco horas
você não tiver vencido
seu corpo volta ao normal
poderá ser atingido
desta hora por diante
se considere perdido.

A fada cristã também
foi Cirino preparar
o seu corpo em diamante
ela passou transformar
o material mais duro
que ela pôde encontrar.

A fada do bosque negro
tinha o filho transformado
numa hora em ferro puro
a cristã do outro lado
duas horas pra Cirino
fez o seu corpo mudado.

De quatro até as seis horas
seu corpo era um diamante
espada não lhe cortava
por mais que fosse possante
certo de vencer Pompeu
de cinco horas por diante.

Era só para espadas
aquela transformação
mas, cada qual para o povo
tinha a mesma feição
era o mesmo guerreiro
para toda multidão.

Assim tudo preparado
quatro horas começaram
mais de cinco mil pessoas
na arena se acharam
o camarote real
os cinco alí ocuparam.

Abadão e a rainha
Safira e as duas fadas
sentados no camarote
lindas cadeiras forradas
Safira em frente ao gramado
vendo o jogo das espadas.

A fada do bosque negro
olhou no seu talismã
viu numa pedra que tinha
já se mordendo satã
por ter perdido o que fez
pra aquela fada cristã.

O cão queria ganhar
rei, rainha e a princesa
que a mais de vinte anos
puxava pra sua mesa
perder três almas já ganhas
gritava o cão é moleza.

A fada ainda viu mais
no seu espelho importante
todo corpo de Cirino
transformado em diamante
duas horas sem ninguém
poder mudar um instante.

Pompeu transformado em ferro
espada não lhe cortava
o Cirino em diamante
seu corpo se conservava
ninguém não sabe dos dois
quem mais bonito brigava.

Até quando completou
o prazo de uma hora
Pompeu voltou ao normal
Cirino sem ter demora
desceu um golpe em Pompeu
que tirou a cabeça fora.

A fada soltou um urro
com a morte de Pompeu
se vendo toda perdida
com o desgosto morreu
lá no bosque, o seu castelo
também desapareceu.

O rei saltou no gramado
com Cirino se abraçou
Safira de emoção
pegou o noivo e beijou
com isto a fada cristã
de alegria chorou.

No outro dia as dez horas
houve o santo casamento
o rei coroou Cirino
com grande contentamento
Jesus os abençoou
naquele feliz momento.

Assim Cirino foi rei
Na paz de Deus se casou
Todos ali dando vivas
O sôgro alegre ficou
Na mão do genro entregando
Isto na paz se abraçando
O poder lhe entregou.

A fada cristã dizia
Meu filho tenha cuidado
Ês agora da Turquia
Rei de todo povo amado
Isto é para aprender
Com cuidado não fazer
O erro, o crime, o pecado.

(FIM)

– Patos, 23 – 02 – 1981.

Figura – Capas do folheto



Fonte: Acervo da autora

Quanto às versões desse folheto, cujas capas aqui estão apresentadas, na primeira delas não consta data de publicação e, estruturalmente, o folheto é composto de duzentas e trinta e sete estrofes de seis versos heptassílabos e esquema rímico ABCBDB e duas setilhas – acróstico – também heptassílabas, com esquema rímico ABCBDB. Este folheto é bem anterior ao segundo folheto publicado pela Editora Luzeiro, que data do ano de 2009 e que, estruturalmente, tem uma sextilha a menos, quando comparado ao texto da versão anterior, com um total de 236 sextilhas e 02 setilhas dedicadas ao acróstico, ambos seguindo o mesmo esquema rímico que a versão anterior. O folheto aqui transcrito é o texto editado pela Editora Luzeiro e apresenta pequenas alterações na redação de alguns versos, sem que isto signifique alteração do sentido ou da métrica apresentada por estes. A estrofe ausente está localizada, na edição anterior, entre as

de número 57 e 58, da página 09, do texto publicado pela Luzeiro, e tem a seguinte redação:

Nisto a barra clareava
as onças ligeiramente
voltaram e beberam água
a vontade na vertente
miraram para o angico
e foram lá novamente.

A capa da primeira versão, assim como o folheto *A fada do bosque negro e a princesa safira*, traz uma fotografia de artistas de cinema da época, enquanto a capa da Editora Luzeiro exibe algumas das inovações que essa editora trouxe para a edição do cordel nordestino. Estas estão expressas nas cores e desenhos que ilustram as capas dos folhetos da referida editora. No contexto das modificações sofridas pelo folheto de cordel, na apresentação de suas capas, a proposta da Luzeiro se apresenta ampliando o diálogo já existente nas muitas linguagens presentes em uma capa de cordel. Esta assume ares de artifício estético, que passa a contribuir ainda mais para a leitura dos versos que “guarda” através das múltiplas inferências suscitadas pela capa do folheto no leitor. Ainda sobre a ilustração da capa do folheto *A moça que mais sofreu na Paraíba do Norte*, o poeta e ilustrador Arievaldo Viana afirma, no *Blog Acorda Cordel* (2014): “Tive a honra de fazer a capa do único folheto que Américo publicou pela Editora LUZEIRO, sob a orientação do poeta Marco Haurélio.” Há aqui um equívoco do poeta, uma vez que a Luzeiro também publicou, da autoria de Antônio Américo, o folheto *Lampião e sua história contada toda em cordel*.

Também como parte das inovações apresentadas pela Luzeiro, no texto, o formato é fixado com 13,5 X 18.5 cm, e cada folheto passa a ter 32 páginas. Essa estrutura da “publicação permitia a alteração da forma tradicional, passando a contar com duas colunas por folha

de corpo e tipo menor” Benjamim (2004, p. 65), como ocorre com o texto do folheto de Antônio Américo de Medeiros.

Apresentando um número de quarenta e oito páginas, na primeira versão, pode ser considerado um romance. Tematicamente, de acordo com a classificação de Diégues Júnior (2012), este se aproxima do grupo dos fatos circunstanciais ou acontecidos, uma vez que a narrativa aborda também a temática da seca no Nordeste e as consequências desta na vida da maioria dos sertanejos.

A narrativa poética conta a história de Judite, a caçula de uma família de retirantes, expulsos de sua terra, o sertão paraibano, pela seca do ano de 1845, uma das maiores ocorridas no Nordeste, na qual muita gente morreu de fome e sede. Esse é o fato histórico escolhido pelo poeta como pano de fundo para os fatos contados através de seus versos. O poeta conta sobre a morte dos animais por falta de água e alimento e como era o único transporte na época entre o brejo e sertão para que chegasse o alimento e o sal. Muitas pessoas morriam de fome nas estradas a caminho do brejo, mesmo tendo recursos para comprar o escasso alimento. Esse é o cenário onde acontecem os fatos que determinam a “desditosa sina” de Judite. Entendemos aqui o significado de sina como a ideia de “uma vida de sofrimentos e de provações.” (XIDIEH, 1993, p.89).

O sofrimento de Judite tem início quando deixa a fazenda onde cresceu e sai com sua família, fugindo da seca pelas estradas do sertão, em busca de água e comida. Em um dos pousos para descanso e alimentação, enquanto dormiam, a família é devorada por onças, escapando apenas ela, por ter conseguido subir em um pé de angico. Sozinha, ferida e sem ninguém que a protegesse, a moça, depois de muito andar, vai parar na morada de Vicente Paulino, bandido “Ruim, malvado e valente”, que assombrava a região roubando e matando gente. Na chegada, conhece Rosalina, moça raptada por Vicente, que vive como prisioneira do bandido e que se torna sua

amiga. Ao encontrar Judite, Vicente a convida a ficar e depois tenta violentá-la. Judite foge e se recupera dos ferimentos da fuga abrigada em um pé de umbuzeiro, na serra, comendo apenas o que a natureza lhe oferecia. Ao findar o ano, com as primeiras chuvas do ano seguinte, decide deixar seu abrigo e, em sua andança, vai parar na casa de uma viúva, que vinha retornando a terra com seus três filhos, pois a chuva havia chegado. Ao ser questionada sobre a sua presença ali, Judite conta a sua história, e a viúva identifica Vicente como o assassino de seu marido. Os filhos decidem vingar a morte do pai e, guiados pela moça, que conhecia o local onde o bandido se escondia, matam Vicente e libertam Rosalina, que se casa com um dos filhos da viúva. Judite também se casa com um deles. Eis a recompensa de Judite por seu sofrimento, assim como castigo infringido a Vicente por seus crimes. Tem-se aqui a síntese de uma tradição narrativa que responde aos anseios do público em sua ideia de justiça, uma justiça que não é dos homens, mas do próprio existir humano e que, de alguma forma, o mundo se encarrega de executá-la.

O cenário da seca e os sofrimentos infringidos por esta aos habitantes do Nordeste; a descrição da região, assim como de vários de seus aspectos; a força da fé daqueles que têm na figura divina e nos santos o seu único socorro nas horas de aflição, síntese do sentimento de religiosidade do sertanejo, afinal, o próprio significado do nome Judite remete ao ato de louvação ao Senhor; a ideia de justiça, mesmo que, muitas vezes, executada com as próprias mãos; a ideia de honra; o instinto de sobrevivência do sertanejo e a ideia de fortaleza da mulher paraibana são alguns dos temas abordados pelo poeta nesse folheto em que, paralelamente à história de Judite, que tem um final feliz como assim exige o leitor, conta-se também sobre a miséria e a violência das secas no Nordeste, que não findaram ainda na história do povo sertanejo.

A moça que mais sofreu na Paraíba do Norte

AUTOR: ANTÔNIO AMÉRICO DE MEDEIROS

No ano mil oitocentos E quarenta e cinco o ano, Houve uma seca das grandes No sertão paraibano Na qual morreu muita gente Sem pão, sem água e sem plano.	Só nos espinhos ficaram; Cardeiro e xiquexique, Todos que tinha queimaram.
Nesse tempo havia pouco Açude pelo sertão, Quando tinha era um barreiro De pequena proporção, Que em dezembro mostrava Toda lama do porão.	Essa seca atacou mais Paraíba e Ceará, Os sertões que mais sofreram, Como na história está: Muitas famílias morreram De fome e sede por lá.
De dezembro pra janeiro Quem tinha açude secava E nas cacimbas dos rios Depressa a água baixava; Não chovendo em fevereiro, A seca já assolava.	O transporte que havia Era só dos animais, De burro, cavalo e besta, Que traziam os cereais Do Brejo para o Sertão – E a seca não deixou mais.
No ano quarenta e quatro Tinha chovido pouquinho: Um inverno curto e fino Apenas fez um pastinho. Nas terras boas e baixas Quem plantou teve um lucrinho.	Começam morrer os lotes: Cavalo e besta primeiro E aqueles burros de carga Morreram por derradeiro, E até o próprio cavalo Da sela do fazendeiro.
Quando entrou quarenta e cinco, Todas as águas secaram, Pastagem não tinha mais,	No fim do mês de abril Não tinha mais animal: O gado morria o resto. Em todo sertão geral O povo matava bode, Comia a carne sem sal.

O sal era carregado
Do Rio Grande do Norte
De Mossoró e Assu,
Mas naquela seca forte,
Não tendo mais animal,
Inventaram outro transporte.

Quem possuía escravos
Juntava tudo em geral,
Negro, negra, velho e velha,
Partia esse pessoal
No lugar dos animais
Para o transporte do sal.

Alguns morriam de fome
No caminho estropiado,
Sem alcançar Mossoró,
De fome e sede cansado.
O pior era na volta
Como um burro carregado.

Com um surrão na cabeça
Cada negro transportava
Quarenta quilos de sal
Que o chefe lhe mandava,
E a negra trinta quilos
Na cabeça carregava.

Pelos caminhos desertos,
Sem ter água pra beber,
De cinqüenta a mais léguas,
Ninguém calcula o sofrer —
Quanto este povo sofreu
Achava melhor morrer!

E na segunda viagem
Muitos negros desertaram,
Lá perto de Mossoró
No carnaubal entraram,
Se esconderam nas praias
E ao sertão não voltaram.

Alguns que obedeceram
Aquela triste jornada
Voltaram com o seu chefe,
Mas, no meio da estrada
O povo tomava o sal —
Chegaram quase sem nada.

Aonde tinha uma estrada,
De retirante era cheia.
O povo que do sertão
Partia de sua aldeia,
Procurando escapar fora,
Que fome tem cara feia.

Quem era de Cajazeiras
Para o brejo rumava,
Outro para Pernambuco
Já outra linha ocupava
E muita gente as praias
Do Ceará procurava.

Cajazeiras nesse tempo
Ficou quase sem ninguém,
Pois foi o canto pior
Que a seca judiou bem.
Quem não morreu foi embora
Pra outras terras além.

Governava a Paraíba
Naquele tempo um doutor,
O Frederico Carneiro
Campos, homem de valor,
Mas não podia ajudar
Ninguém no interior.

Do Cariri ao sertão
Ninguém podia passar,
Sem ter água e sem comer
Pra o animal viajar.
Assim o governador
Nada podia mandar.

Apenas mandou dizer:
— Quem puder venha pra cá
Do brejo pra capital;
Só não posso é levar lá.
Da mesma forma fazia
O governo do Ceará.

Pertinho de Cajazeiras
Morava um fazendeiro.
Na fazenda Boa Vista
Não tinha muito dinheiro,
Mas criava muito gado
E negros do cativoiro.

Se chamava João Vicente
E sua esposa Esmerina,
Três filhos e uma filha,
Que foi feliz em menina;
Depois de moça cumpriu
Sua desditosa sina.

Já os três filhos de João,
Um se chamava Martim,
O segundo Rafael,
E o terceiro Efraim,
E a caçula Judite,
Linda como um querubim.

No meio da grande seca,
Quando junho terminou,
Secaram todas as fontes,
Água perto não ficou
E o resto da criação
Com a sede se acabou.

Da fazenda Boa Vista
Onde o seu João morava,
Para o Rio do Peixe
Seis léguas distanciava.
O único canto que água
De cacimba não faltava.

Somente naquele rio
Tinha água de beber.
Gente ali era demais,
Porém não tinha comer
E quem não se retirasse
Tinha por certo morrer.

O seu João se preparou
Com a família que tinha
E doze negros cativos,
Partiram de manhãzinha
Para o Rio de Peixe
Chegaram lá à tardinha.

Chegou no Rio do Peixe
A grande sede mataram.
Somente raiz de pau
E batata brava acharam.
Aquele povo comendo
Com elas se alimentaram.

Dos baixios para as serras
O pessoal procurava
Algum bode pra matar.
O dono era quem achava.
Comia a carne sem sal,
Que sal ninguém encontrava.

Batata de maniçoba,
De pau-pedra e outras mais,
Era o comer deste povo,
Porque entre os vegetais
Tinha batata e raiz,
Fruto e rama, nem sinaís!

Miolo de xiquexique
O povo comia assado
E couro velho de cama
Onde tinha era torrado
No caco pra fazer fuba,
Fedendo chifre queimado.

Um surrão de couro cru
Não ficou na freguesia
Porque o povo torrava
Fazia fuba e comia
Com algum comer do mato —
Outra coisa não havia!

Dinheiro o povo inda tinha
Moedas de prata e ouro.
Só não tinha o que comprar
Lá naquele logradouro.
Assim morria de fome
Olhando para o tesouro.

O seu João Vicente mesmo
Tinha nota, ouro e prata
E, vendo se acabando
Os refrigerios da mata,
Pensou descer para o brejo
No meio da seca ingrata.

Partiu com toda a família,
Seguindo todos a pés
Até alcançar Pombal,
Sofrendo sedes cruéis
Lá vendeu os doze escravos
Por quatrocentos mil réis.

Procurou o que comprar
Sal, farinha e rapadura,
Porém não encontrou nada,
Porque a época era dura;
Aí comprou seis cabaças
Pra viagem ser segura.

De Pombal rumou pra Patos,
Uma pequenina vila.
Com as águas das cabaças,
A viagem foi tranquila.
Só o xiquexique assado
Comiam fazendo fila.

Passou um dia em Patos
Procurando o que comprar,
Queria sal e farinha,
Porém não pôde encontrar.
Se tinha, o povo escondia
Para ninguém não tomar.

Assim encheu as cabaças,
Rumou no mesmo ideal,
Em São Mamede achou quem
Vendesse um litro de sal.
Adiante matou um bode,
Deu comer ao pessoal.

Fazia mais de dois meses
Quem em sal ninguém tocava;
Isto foi como uma festa,
A família se animava.
Devido não comer sal,
Tudo amarelo e inchava.

Chegando em Santa Luzia,
A coisa já melhorou
Que três moedas de ouro
Dois litros de sal trocou
Numa cuia de farinha,
Mais três ele permutou.

Comprou uma cabra velha,
Comeu pirão da farinha.
No outro dia, partiu
Com todos de manhãzinha;
A tarde se arrancharam
Perto à Serra da Redinha.

Lá no pé daquela serra
Um olho d'água minava.
Enquanto maior a seca,
Mais sua água aumentava.
Ponto certo pra tropeiro,
Chegando ali se arranchava.

Seu João e sua família
Chegando lá se arrancharam,
Gostaram da água boa,
Fizeram janta e jantaram.
Da onça beber ali
Eles nunca imaginaram.

À noite foram dormir,
Nada de assombro viram.
Da serra as onças famintas
Saíram à noite e sentiram
Que tinha gente na fonte
E pra lá se dirigiram.

Chegaram três canguços
Famintos e perigosos
Agarraram três pessoas
Com seus braços poderosos;
Essas três mataram logo,
Além da fome, raivosos.

Judite e dois que ficaram
Saíram logo correndo.
As onças pegaram dois,
Porém Judite foi vendo
Um pau e subiu no mesmo,
Ficou em cima tremendo.

Era um pé de angico,
Roliço como um coqueiro.
Ela com medo subiu,
Se não subisse ligeiro,
A onça teria matado
Do primeiro ao derradeiro.

Quando ela se subiu
A onça subiu atrás,
Foi até pertinho dela,
Não podendo subir mais,
Que quando estirava a mão
Deslizava para traz.

Lá em cima do angico
Judite ficou sentada,
Aonde esgalhava os galhos,
Tremendo ali agarrada.
A onça chegava perto —
Oh! Que hora aperreada!

Ali a onça ouvindo
Das outras a quebradeira,
Quebrando os ossos do povo
Era a maior bagaceira,
Ela, faminta também,
Voltou lá de carreira.

Chegou lá agarrou um
Dos que estava estirado.
Faminta como ela estava
Era grande o mastigado:
Cinco mortos pra três onças,
Era o maior revirado!

Judite de lá de cima
Só ouvia a confusão:
As onças comendo os corpos,
Rugindo como leão,
Rosnava uma com outra,
Que chega tremia o chão.

Comeram até se fartar,
Para o fim acalmaram,
Beberam água na fonte
E todas as três deitaram
Encostadinhas as ossadas
Dos cinco que devoraram.

Quando foi de madrugada
As onças foram juntar
As cinco ossadas do povo,
Levaram para enterrar,
Ciscando as folhas pra cima,
Cobriram bem o lugar.

Judite em cima chorava,
Se lastimava e tremia,
À noite toda trepada,
Que se descesse morria.
Chorava os seus que perdeu,
Cortava o choro, gemia.

A onça mirava o pau,
Partia em toda carreira,
Subia até perto dela,
Escorregava ligeira,
Com raiva arranhava o pau,
Que descobria a madeira.

A outra se afastava,
Pulava do mesmo jeito,
Subia e escorregava
Pra se vingar do desfeito,
Danava as unhas no pau,
De casca tirava o eito.

A onça de bucho cheio
Não dava para alcançar
O canto que a moça estava
Para a mesma puxar.
Só a primeira de noite
Andou perto de chegar.

A moça se lastimava
Dizia: — Valha-me Deus!
Estas feras já comeram
Meus pais e os manos meus,
E breve eu serei rasgada
Também pelos dentes seus!

E as onças raivosamente
Olhavam ela e rosnavam;
Devido os buchos cheios
Subindo ao pau se cansavam,
O sol pegou esquentar —
Elas já se agoniavam.

A pobre moça dizia:
— Valha-me Nossa Senhora!
Fazei com que estas feras
Para a serra vão embora,
Pra ver se deste ambiente,
Deus querendo, eu caia fora!

Com a quentura do sol
As onças se retiraram,
Saíram à busca da serra —
Depois que se afastaram,
Judite foi se descer,
Porém as forças faltaram.

Quando foi para subir
Com o medo se subiu;
Quando procurou descer,
Faltou as forças, caiu
E nos picos do angico
Seu corpo muito feriu.

Seio, bucho, perna e pé
Ficaram todos feridos,
Os picos eram agudos,
Deram cortes desmedidos.
E ela caiu sem fala,
Depois pegou dar gemidos.

Quando recobrou a fala
Já era onze do dia,
Foi se levantar não pôde,
Sentindo grande agonia,
E se acaso ali ficasse,
A onça vinha e comia.

Já morta de fome e sede,
Vendo água bem pertinho,
Da farinha que traziam
Ainda tinha um pouquinho;
Da carne da cabra velha
Lhe restava um pedacinho.

Dizia ela: — Oh, meu Deus,
Dê o céu à mamãezinha,
A papai e meus irmãos!
Jesus, que sina é a minha:
Agora morrer de fome,
Abandonada e sozinha!

Meu Deus, que seca tirana
Neste sertão castigado!
Eu sei que são nossas culpas
Pela força do pecado.
Perdoe aos meus que morreram
E a mim, Jesus amado!

Perdoe as pisas que pai
Dava nos pobres escravos
E alguma vez que mamãe
Aos negros fazia agravos,
Que morreram devorados
Por estes canguçus bravos!

Perdoe meus três irmãozinhos,
Talvez com poucos pecados,
Bons filhos obedientes,
Dos escravos estimados,
E esta noite também
Foram todos devorados!

Eu aqui sentenciada,
Sem poder me levantar,
Queimada pelo sol quente —
A sede vai me matar,
Vendo a água tão pertinho
E não poder ir tomar.

Fez esforço quatro vezes
Até que se levantou,
Chegou até as cabaças,
Bebeu a água e matou
A sede, que lhe matava —
Porém, a fome ficou.

Tinha um isqueiro de pedra
Num chifre com algodão
Com um pedaço de lima,
Dava fogo uma porção
E do isqueiro passava
Para um pau de pinhão.

Da troçada que seu pai
Com a família trazia,
As onças nada buliram
Na hora da tirania.
Tinha um resto de comer
Comprado em Santa Luzia.

Restava um pouco de carne,
Que ela assou e comeu
Com um pouco de farinha
Espertou o corpo seu,
Mais um pouquinho d'água
Quando terminou bebeu.

Foi na fonte e tomou banho,
Que estava toda cortada.
Quando desceu do angico,
Ficou muito retalhada:
Da cara a chegar nos pés
Ficou ferida e pelada!

Pegou um facão que tinha
Numa jurema e rapou,
A casca e fez uma gorda
E com ela se banhou,
Curando os cortes que tinha,
Um pouquinho melhorou.

E disse: — Graças a Deus,
Matei a sede e a fome.
O jeito é sair daqui,
Senão a onça me come.
Seguiu tristonha e sozinha,
Sem ter por quem chame um nome.

Pegou a cabaça d'água,
Resto de sal e farinha
Com o dinheiro do pai
E as jóias da mamãezinha.
Toda banhada de lágrimas,
Saiu chorando, sozinha.

Só em moedas de ouro
Ainda achou cento e três,
Mais de duzentas de prata
Em patacão português
E em mil-réis de papel
Tinha um conto e dezesseis.

Pelas três horas da tarde
Partiu com sua troçada,
Um saco cheio de troços,
A cabaça pendurada,
Um facão e um punhal —
Era uma carga pesada.

E o resto da troçada,
Que não pôde carregar,
Fez uma ruma no rancho,
Deixou naquele lugar
Para a primeira pessoa
Que passasse ali levar.

Assim mesmo adoentada,
Quando foi escurecendo,
Tinha andado uma légua,
Chorando e se maldizendo,
Sem ter aonde dormir,
Toda dóida e tremendo.

Aí pegou a pensar
Nesta hora o que fazia;
Tinha que parar ali,
Subir em pau não podia,
E se ficasse no chão,
A onça vinha e comia!

Pedi conforto a Jesus,
Olhando para a savana,
Avistou assim de lado
Uma copada umburana;
Dirigiu-se para a mesma,
Naquela onda tirana.

Chegou debaixo e olhou,
Era como uma sombrinha
Com galhos pra todo lado
E no meio da árvore tinha
Um canto que pra dormir,
Não tendo outro, convinha.

Tinha uma trempe de galhos
A umburana copada;
Se desse pra chegar lá,
Dava pra ficar sentada.
O difícil era subir
Por estar adoentada.

Lutou até se subiu
Na umburana frondosa,
Deitando o saco na trempe,
Achou posição jeitosa.
Quando deitou-se imitou
Estar numa “preguiçosa.”

Os galhos fazendo encosto,
Deu pra ficar derreada,
Galho dum lado e do outro,
Ficando bem apoiada,
Rezou até meia noite,
Foi dormir de madrugada.

Aqui eu deixo Judite,
Sozinha, fraca e doente,
Dormindo na umburana,
Naquele triste ambiente,
Para falar num bandido
Ruim, malvado e valente.

Este bandido era filho
Da Paraíba também,
Nascido lá em Ingá...
Seu pai, um homem de bem,
Ele, ruim e perverso
De não valer um vintém.

Seu pai era João Paulino
Oliveira de Azevedo;
Ele Vicente Paulino,
Mas começou muito cedo
Matar gente pra roubar —
Fazia e não tinha medo.

Ele atacava os matutos
Comboieiros do sertão
Que iam comprar no Brejo
Farinha, açúcar e feijão;
Ele assaltava sozinho
De bacamarte na mão.

Rendia o pobre e tomava
Ali todo seu dinheiro.
Não se rendendo de tiro
Matava o pobre tropeiro.
Assim, tirou muitas vidas
No Nordeste brasileiro.

No governo Pedro Sá
Ele se viu perseguido,
Volantes e mais volantes —
Fugiu do brejo o bandido,
Quando alcançou o sertão,
Ficou ali escondido.

Quando ele fugiu do Brejo,
Passou em Juazeirinho,
Antes de Santa Luzia,
Foi procurar um cantinho;
Na serra de São José
Achou e fez um ranchinho.

A serra de São José
Fica perto da Redinha
Aonde Judite ia
Sofrendo naquela linha,
E ficou na umburana,
Naquela noite, sozinha.

Ali na frente morava
O tal bandido valente
Escondido na tal serra
Em um oculto ambiente,
Bem no pé de um talhado
Onde tinha uma vertente.

Fazia ali quatro anos
Que ele havia chegado;
Depois roubou um escravo,
E fez o pobre, forçado,
Fazer um rancho bem feito,
Todo em arame farpado.

Primeiro e segundo andar
Todo em madeira lavrada
E do lado da subida
Uma grandiosa escada.
Dela matava onça preta
Suçuarana e pintada.

O negro era carpinteiro
E Vicente lhe obrigou
Fazer o rancho seguro —
No dia que terminou,
Para não ser descoberto,
Pegou o negro e matou.

— Roubei o negro e matei!
E agora eu vou roubar
É uma negra bonita
Para comigo morar,
Nova, sadia e gordinha...
Saiu e foi procurar.

Fingiu-se de boiadeiro,
Desceu para o Seridó,
Na fazenda Santa Ana
Do coronel Zé Jiló
Viu a escrava mais linda,
Que já pisou neste pó.

Chegou como quem podia
Falando em comprar boiada
Dizendo ser de Campina
Filho de gente ilustrada.
Queria comprar cem bois
Para tanger na estrada.

Foi quando viu Rosalina,
Uma moreninha bela,
Mocinha de quinze anos,
Lindo porte de donzela.
As filhas do coronel
Todas perdiam pra ela.

Vicente viu quando ela
Passou junto da calçada
Com um pote na cabeça,
Porque vinha da aguada
Ele disse: — É esta escrava
Que por mim vai ser roubada.

Vicente tinha um cavalo
Cardão, escuro, rodado;
Disse para o coronel:
—O seu gado está comprado...
Irei buscar o dinheiro —
Em Campina está guardado.

Vicente com cinco dias
Fez uma carta e mandou
Dizendo ao coronel:
—Saí e papai comprou
Uma grande propriedade
E com meu dinheiro inteirou.

O coronel disse assim:
—Veja que rapaz direito,
O pai gastou o dinheiro —
Ele, pra guardar respeito,
Fez uma carta e mandou
Para aumentar o conceito.

Quando passou quinze dias,
Lá foi ele novamente
Pra fazenda Santa Ana,
Rondando no ambiente,
Escondido até roubar
A linda escrava inocente.

À noitinha Rosalina
Para a casa da senzala
Saiu para ir dormir.
O bandido em alta escala
Meteu-lhe um pano na boca,
Que ela perdeu a fala.

A pobre moça tentou
Gritar, porém não gritava.
Além da boca tampada
Com o medo desmaiava;
Chegou sem dar cor de si
Aonde o cavalo estava.

Quando ela melhorou
Ele lhe disse: — Mocinha,
Eu vim aqui lhe roubar
Pra ser companheira minha.
Saiba que sou o bandido
Pior que tem nesta linha!

Moro dentro de uma serra,
Tenho um rancho preparado
Primeiro e segundo andar,
Seguro e bem reforçado,
Quando a onça vem, eu mato
De cima dele trepado.

Vim aqui só lhe roubar
Pra você morar comigo
E eu gozar seus carinhos
Lá dentro do meu abrigo.
Ela lhe disse: — Senhor,
Não me faça esse castigo!

Ele lhe disse: — Nem peça,
Quero é gozar seu carinho.
Selou depressa o cavalo
E deu rédea no caminho;
Quando foi de manhãzinha
Saltaram no seu ranchinho.

Aí foram tomar banho
E começaram a se amar.
Ela não tendo outro jeito,
O jeito foi aceitar,
Mas amar sem ter amor
É ruim de tolerar!

Tinha um banco de areia
Bem encostado a vertente,
Um olho d'água potável,
Muito lindo o ambiente.
O que tinha ela de triste,
Tinha ele de contente.

E assim continuaram
Sem ela mostrar carinho;
Vicente gostava dela,
Sentia o prazer sozinho.
Ela por este motivo
Não teve dele um filhinho.

Vicente quando roubou
O negro pra trabalhar,
Aquele que fez o rancho
Com medo dele fugar,
Usava uma corrente
Pra de noite o amarrar.

E também com Rosalina
A mesma coisa ele usava:
Quando saía do rancho
No primeiro andar deixava
Água e comer junto dela
E na corrente ficava.

Quando chegava soltava
Ela para trabalhar,
Fazer comer, lavar roupa...
Depois de tudo aprontar,
Vinha às tarefas de amor,
E o jeito era aceitar.

No seu cavalo rodado
Ele a noite viajava
E nas fazendas mais fora
De mão armada assaltava
E na outra noite seguinte
Com o furto ele chegava.

Só não atacava mais
O almocreve que vinha
Tangendo tropas de burros —
Fazer isto não convinha
Para não deixar a pista
Que estava nesta linha.

Roubando só nas fazendas
Vicente continuou;
Assim fazia três anos
Quando a seca chegou,
Todo o povo para o Brejo
Pra não morrer se mudou.

Vicente ficou na serra
E muito bem se saía:
Farinha e sal ele tinha,
Comprava em Santa Luzia,
Vinha à feira e voltava —
Ninguém não o conhecia.

Que ele havia morrido,
Muita gente até pensava.
Que de Ingá para Campina,
Lugar que ele atacava,
Já fazia quatro anos
Que ninguém o encontrava.

Farinha e sal ele tinha
No seu barraco guardado,
Rapadura e feijão gordo,
Estava bem preparado,
Dava pra comer dois anos
Com Rosalina folgado.

Espingardas de soquete
Ele tinha em quantidade,
Bacamartes tinha cinco
De primeira qualidade
E munição para os mesmos
Tinha comprado à vontade.

Quando a seca declarou-se,
Ele de tudo comprou.
A água do olho d'água
Na grande seca aumentou
E, sem sofrer com a crise,
Somente ele ficou.

Comer para o seu cavalo
Na vertente não faltava;
Aonde a água descia,
Capim de planta plantava
E quando findava um corte,
O outro bom já estava.

Assim Vicente vivia
Naquele grande apogeu;
Talvez a única pessoa
Que na seca não sofreu.
Vamos ver como Judite
No seu rancho apareceu.

O leitor lembra que ela
Na umburana ficou
Dormindo em cima da mesma.
De manhã quando acordou
Rezou, desceu, bebeu água
E a andar continuou.

Com a troçada que tinha,
Já muito apetrechada,
Quando andou meia légua,
Fraca, doente e cansada,
Parou vendo uma vereda
Completamente trilhada.

Porque há dias não via
Um rastro de animal:
Só via muito era ossada,
Casa sem gente e curral;
A seca tinha arrasado
Com o sertão em geral.

Ela prestou atenção
Vendo a vereda trilhada,
Que a casco de cavalo
Era muito bem cortada.
Ela disse: — Ali na serra
Tem na certa uma morada.

De comer que lhe restava
Era um pires de farinha
E um restinho de sal,
Que outra coisa não tinha...
Além de tudo, doente,
Abandonada e sozinha.

Ela comeu a farinha,
Bebeu água e espertou
Mais ou menos oito horas
E disse: — Eu agora vou
Ver se na serra tem gente,
Como a vereda indicou.

Penetrou pela vereda,
Prestando bem atenção,
Viu galhos de pau cortados
Há poucos dias no chão
E vendo rastro de gente
Cresceu-lhe a animação.

Andando pegou pensar:
“Meu Deus! Será um bandido?
Ou algum negro cativo
Destes que anda fugido
E mora aqui nesta serra,
Igual um índio escondido.”

Voltar não podia mais
Porque comer não levava
E a água da cabaça
À tarde se acabava.
Ali estava por tudo —
Tudo que desse aceitava.

Penetrou de serra adentro
Em um grande sucavão;
No pé dum liso talhado
OuvIU fala de cristão.
Começou tremer de medo
Como se fosse sezão.

Pelas dez horas do dia
Ela se aproximou
Do barraco de Vicente,
A Rosalina avistou
Na frente lavando uns panos —
Isto muito a animou.

Porque ela imaginava
Que se desse uma parada
Onde só morasse homem,
Estaria desgraçada,
Mas quando viu a mulher,
Ficou bastante animada.

Rosalina quando viu
Aquela moça de frente
Chegar e lhe dar bom dia,
Teve um susto de repente,
Que há três anos não via
Ninguém a não ser Vicente.

Judite lhe deu *bom dia*
Num som de quem trata bem.
Rosalina perguntou:
— De onde a senhora vem?
Disse ela: — Ando vagando
Por esse sertão além.

Aí lhe contou a vida
E tudo que se passou
Que ali muito pertinho
Seu povo se acabou,
Perdeu os pais e três manos —
Somente ela escapou.

E Rosalina também
A ela foi positiva,
Que estava até roubada
Porque era uma cativa,
Se considerava morta,
Muito embora fosse viva.

— Sou mulher de um bandido
Que à força me roubou;
Porém, nunca gostei dele,
Forçada me obrigou
Eu viver com ele aqui —
Muitas vezes me amarrou.

Cada dia que se passa
Mais eu odeio esse ente.
Nunca tive amor a ele.
Pra mim é uma serpente
Quando se encosta em mim,
Eu passo o dia doente.

Mas, ainda tenho fé,
Se ele não me matar,
De arranjar outro homem
De quem eu possa gostar.
Se Deus me der proteção,
Inda posso até casar.

O nome dele é Vicente
Paulino de Aragão,
É natural de Ingá,
Fugiu pra este sertão.
Com medo de ser pegado,
Se mudou da região.

Antes da seca ele ia
Toda semana roubar:
Roubou muitos fazendeiros
Por perto deste lugar.
Neste rancho tem de tudo
Que a gente precisar.

Tem ouro, dinheiro e prata
O que comer tem também.
Ele foi matar mocó,
Porém meio-dia vem.
Talvez traga quinze ou vinte,
Que na serra é o que tem.

Judite disse pra ela:
— O que mais admirei
É você ser uma escrava,
Porque eu nunca encontrei
Outra mulher tão bonita
Nos cantos que já passei.

Naquela conversa delas,
Uma e outra a falar,
Vicente vinha chegando,
Ouvindo gente conversar,
Preparou a espingarda
Para quem fosse matar.

Viu aquela jovem magra,
Triste, sentada no chão,
Com semblante de doente,
Só não teve compaixão,
Porque bandido não tem
Nem amor, nem coração.

Perguntou: — Quem é você
E como chegou aqui?
Judite lhe contou toda
Sua história de per si
E por proteção de Deus
Inda estava viva ali.

Vicente lhe disse: — Aqui
Tem ouro, prata e dinheiro,
Muita carne de mocó,
Tatu-bola e verdadeiro,
Farinha, sal e rapadura,
Que vai a outro janeiro.

Um resto de feijão gordo,
Água boa e munição,
Caça do mato a vontade
Para nossa proteção.
Houve seca para os outros,
Porém pra Vicente não...

Só sofreu até aqui,
Agora não sofre mais,
Se trate para ficar boa,
Que boa união se faz
Eu, você e Rosalina —
E vamos viver em paz.

Rosalina um bom almoço
Nesse dia preparava,
Tinha torrado um jacu
Que a galinha imitava
Aí Judite almoçou
Que há meses não almoçava.

E com gorda de ameixa
Se banhava todo dia,
Fazia pó e usava
Onde um fermento havia.
Com quinze dias estava
Completamente sadia.

Voltou à cor ao normal
E começou a engordar;
Recobrou a formosura,
Vicente pegou a olhar,
E disse a ela: — Hoje à noite
Com você eu vou casar.

O padre é este telhado
A igreja aquela areia.
Lá casei com Rosalina
E, antes que fique feia,
Hoje eu caso com você —
Aqui ninguém se aperreia.

Judite aí se prostrou
Nos pés dele ajoelhada,
Dizendo assim: — Seu Vicente,
Por Maria Imaculada,
Deixe eu ficar sendo moça,
Que serei sua criada!

Rosalina é mais bonita
Novinha, da mesma idade;
Eu sou uma pobre moça
Sofrendo a orfandade;
Por Jesus Cristo do céu,
Poupe a minha virgindade!

Ele disse: — Eu sou bandido,
Não adianta zoada,
Não tem santo, não tem Cristo,
Nem Maria Imaculada
Que faça você não ser
Hoje minha namorada!

Judite lhe disse: — Não!
O senhor está errado:
Jesus querendo, faz tudo
Em um minuto mudado;
Judas também foi assim —
Depois morreu enforcado!

Rosalina disse a ele:
— Dispense esta pobrezinha,
Que já considero irmã,
Ou então amiga minha.
Vicente disse: — Se cale!
Vá roer lá na cozinha.

Judite disse: — Em meu saco
Tem prata, ouro. Eu lhe dou
E uma soma em papel
Lhe oferecendo estou
Para o senhor me deixar
Pura e virgem como sou.

Vicente recebeu tudo,
A prata, o dinheiro, o ouro,
Guardou num baú que tinha
Disse em tom de desdouro:
— Às sete horas da noite
Eu quero o outro tesouro.

Com isto a pobre Judite
Ficou desorientada,
Tentou descer pra correr
Por Vicente foi pegada,
Numa corrente de ferro,
Por uma perna amarrada.

Deixou ela na corrente
Naquele primeiro andar
Aonde amarrava a outra,
Quando ia viajar
E disse: — Às sete da noite
Vamos na fonte *brincar*.

Judite dizia: — Deus,
Tenha compaixão de mim!
Que mal cometi a Vós
Para hoje estar assim?
Presa por este bandido
Numa sentença sem fim!

Às sete horas Vicente
Subiu cheio de paixão
Soltou a mocinha e disse:
— Vamos descer, coração.
Da porta Judite deu-lhe
Com talento um empurrão.

Com trinta palmos de altura
Ficava o primeiro andar.
Vicente não esperava
A moça lhe empurrar,
Desajustou-se na queda,
Caiu sem poder falar.

Judite ligeiramente
Desceu correndo a escada.
Vicente estava no chão,
Inda sem dar fé de nada;
Judite em toda carreira
Entrou no mato assombrada.

Penetrou de serra adentro
Na tremenda escuridão.
Além da pedreira os matos
E os espinhos no chão,
Xiquexique e macambira,
Facheiro que só o cão.

Unha de gato e urtiga,
Daquela bem queimadeira.
E a coroa de frade,
Por ser mais espinhadeira
Aleijou logo Judite
Dessa primeira carreira.

Correu até que caiu
Toda espinhada no chão,
Cortada da macambira,
Na pior situação,
Que a coroa de frade
Fura como um suvelão.

Aqui eu deixo Judite
Caída e toda espinhada,
Sem condição de dar mais
Nem sequer uma passada,
Para falar em Vicente
Quando caiu da escada.

Do empurrão que Judite
Deu no bandido malvado
Lá de cima da escada,
Que caiu desmantelado,
Uns dez minutos sem fala
Ficou no chão estirado.

Quando ele melhorou,
Que recobrou o sentido,
Procurou se levantar,
Tinha um pé desmentido
Pegou chamar por Judite,
Mas esta tinha corrido.

Quem chegou foi Rosalina,
Muito chorosa e sentida,
Só não era por Vicente,
Aquela fera homicida;
Já chorava por Judite,
A sua amiga querida.

Vicente dizia assim:
— Oh, que moça condenada!
Quando eu ia ganhar tudo,
Me empurrou da escada;
Saiu, correu, foi embora
E eu perdi a caçada.

Ficou com um pé trilhado,
Porém, depois melhorou.
Ao lado de Rosalina,
Ficando bom, se alegrou.
Vamos voltar a Judite,
Saber se ela escapou.

O leitor lembra que ela
Correu até arriar,
Cravejada de espinhos,
Sem poder um pé mudar,
Caiu de papo pra cima,
Chorando pegou falar:

— A seca ingrata obrigou
Papai deixar o sertão;
Depois nas unhas das feras
Perdi, pai, mãe e irmão!
Aqui vou morrer sozinha
Nesta triste solidão!

Andar eu não posso mais,
Que estou toda cravada
De espinhos pelos pés,
Sem dar mais uma passada.
Vou morrer de fome e sede
Na terra quente queimada!

Quando o dia amanheceu,
Lutou até se sentar,
Tirando espinhos de unhas,
Ainda pode contar
Trezentos e três espinhos,
Os que deram pra puxar.

Meia légua se achava
Da cabana de Vicente.
Ela bem devagarzinho
Saiu andando doente
Até que chegou num campo
De umbuzeiros somente.

Numa chapada arenosa,
Ao pé dum grande umbuzeiro,
Às nove horas do dia
Ela fez um paradeiro,
Com as batatas de fora
Se fazendo hospitaleiro.

A batata de umbu
E boa pra se chupar,
Serve de água e comer,
Ela disse: — Eu vou ficar...
Ao menos de fome e sede
Vou custar mais me acabar.

Chupou batata à vontade,
Matou a sede malvada.
Tentou ir andar de novo,
Não deu mais uma passada.
Depois que os pés esfriaram,
Foi andar, não andou nada.

Chegou-lhe uma grande febre
Com quentura e comichões,
Os pés com pontas de espinhos,
As pernas com arranhões
Cortadas da macambira —
Eram tristes condições.

Passou o dia caída,
À tarde se levantou.
Um umbuzeiro copado
Assim na frente avistou;
Os galhos se entrançaram,
Que um no outro emendou.

Lutou até se subir
Chegou em cima e deitou-se
Sobre os galhos ramalhudos;
Lá muito bem apoiou-se.
Não dormiu pelo maltrato,
Porém, contudo, acalmou-se.

Quando amanheceu o dia
Um pouquinho melhorou,
Cortando cipó-imbé
Uma cama preparou
Na copa do umbuzeiro —
Dormindo nela ficou.

Ela pensou: “Sem ter água,
Eu não posso viajar.
Aqui tem muito umbuzeiro,
Batata não vai faltar;
Só saio quando chover,
Tiver água pra tomar.”

Quando o inverno chegar,
Encher riacho e barreiro,
Tem fruta de xiquexique,
Aparece a de cardeiro.
Outra que é muito boa
É a fruta do facheiro.

Pois, aonde tinha espinhos
Sobre os seus pés inflamaram,
Com pus em cada local,
Depois que apostemaram,
Ela aí ia espremendo
E todos fora saltaram.

Ali a pobre tirou
O resto daquele ano
Com batata de umbu,
O seu pão cotidiano,
Dois meses de sofrimentos,
No mais triste desengano.

Terminou quarenta e cinco,
Começou quarenta e seis;
Caiu a primeira chuva,
Véspera do dia de Reis;
Todo riacho encheu d'água
Todo rio teve vez.

Desta vez sofreu demais
Levando chuva na cama,
Passava a noite molhada,
Da chuva e pingo de rama,
Em cima, rama com água,
Em baixo água com lama.

Até que viu os cardeiros
E os facheiros também
Todos cobertos de frutas,
Disse: — Agora vai dar bem
Para eu deixar a serra
E ver se vou mais além.

Do seu vestido restava
Só uma tanga rasgada.
Depois que desceu a serra,
Chegou a uma morada,
Porém, faltando seus donos,
Devido à seca malvada.

Eram três horas da tarde
Quando se aproximou
Da calçada do alpendre;
Na hora que se sentou,
Gado, animal e gente
No fim do pátio avistou.

Era o povo da casa
Que tinha se retirado
Com a seca para o Brejo,
Levando animal e gado.
Vinha chegando porque
O inverno tinha pegado.

A casa d'uma viúva,
Chamada dona Zefinha.
Vinha chegando do Brejo
Com quatro filhos que tinha,
Cinco burros carregados
De feijão, fava e farinha.

Quando chegaram que viram
Aquele moça sentada
De pé no chão e tristonha,
Magra, suja e descorada...
Ali por dona Zefinha
Ela foi interrogada.

Judite aí contou logo
A ela todo ocorrido
Quando falou em Vicente,
Zefinha deu um gemido.
Gritava alto chorando:
— Foi quem matou meu marido!

Meu esposo trabalhava
Nesta vida de tropeiro.
Este bandido o matou
Para roubar o dinheiro,
E há anos que ninguém sabe
Onde é seu paradeiro.

Os dois filhos de Zefinha —
Um se chamava João
E o outro, era Justino —
Fizeram interrogação:
— Mocinha, diga se sabe
Onde mora esse ladrão?

— Mora dentro duma Serra
Pra cá de Santa Luzia.
Só não me deflorou lá,
Porque Jesus é meu guia,
Dono da mulher mais linda,
Que eu já vi hoje em dia.

Carregou esta mocinha,
Mora com ele forçada,
Mas, ela não gosta dele,
Vive muito aperreada;
Tem o coração de santa,
É minha amiga estimada.

Justino disse: — Mamãe,
Vamos plantar o roçado.
Se preparar quinze dias,
Depois de bem planejado,
Vamos matar o bandido,
Aonde estiver guardado.

Judite disse: — Justino,
Se quiser, eu vou mostrar
A entrada do barraco.
Se tem coragem em vingar;
E Rosalina do monstro
Também quero libertar.

A dona Zefinha disse:
— Pois assim leve Maria,
Porque Judite só pode
Ir com uma companhia,
Que assim fico rezando
Ao lado de Luzia.

De dois bacamartes bons
Justino e João se armaram,
Partiram os quatro montados,
De madrugada chegaram.
Cinco horas da manhã
O tal Vicente mataram.

Cinco horas da manhã
Ele a escada desceu,
Deram dois tiros de ponto,
Não viu nem de que morreu.
Rosalina com o choque
Em cima empalideceu.

Ai Judite gritou:
— Morreu a grande serpente!
Rosalina conheceu,
Deu um grito de contente,
Desceu correndo a escada,
Lhe abraçou loucamente.

João olhou pra Rosalina,
Ficou sem poder falar:
— Meu Deus, que mulher bonita!
Já fez me apaixonar.
Ela lá reconheceu,
Correu para o abraçar.

E neste primeiro abraço,
Terminaram se beijando
E uma paixão ardente
Em todos dois começando,
E Judite com Justino
Já vinha se enamorando.

Aí abriram o baú
Que Vicente possuía:
Em ouro, prata e dinheiro
Tinha uma grande quantia
E troços para três cargas
Dentro do barraco havia.

João disse: — Eu vou agora
Ao coronel Zé Jiló
Para comprar Rosalina,
Nem que me custe ouro em pó.
Tudo só presta direito,
Como dizia vovó.

Chegou lá; o coronel
Disse: — Não custa um tostão.
E filha de uma escrava,
Mas o pai é meu irmão.
Toda vida eu tive a ela
Grande consideração.

Quando ela foi roubada
Foi enorme o sentimento.
Porém, como apareceu,
É grande o contentamento.
Se quiserem casar mesmo,
Eu farei o casamento.

João respondeu: — Eu quero.
Para isto estou lutando.
Ela respondeu o mesmo
Pra todo povo falando:
— Eu nunca amei a ninguém,
Só a ele estou amando.

Para a semana da frente
Zé Jiló marcou o dia
Pra fazer os casamentos,
Mesmo em sua moradia
Na Fazenda Santa Ana,
Com festa e com alegria.

De lá voltaram ao Junco
Onde chegaram à noitinha.
Foi um prazer sem tamanho
Que teve dona Zefinha

Quando soube da vingança
Da forma que lhe convinha.

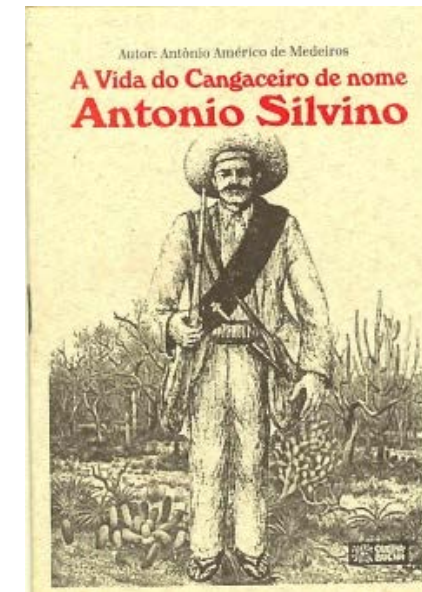
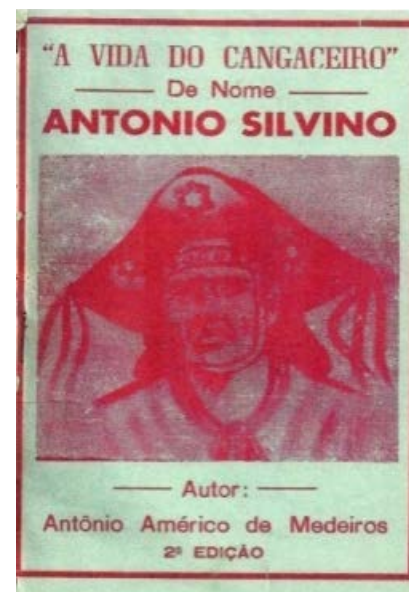
Gostou bem de Rosalina
Quando soube dos noivados.
De Judite já gostava,
Chegando os dias contados
Pra fazenda Santa Ana
Foram todos convidados.

Zé Jiló mandou buscar
Padre Luiz em Campina
Casou Justino e Judite
E o João com Rosalina.
Dançaram ao som de rabeça,
Por não haver concertina.

A festa foi muito grande
Na fazenda Santa Ana;
Todos comeram e beberam
O vinho, aluá e cana.
Ninguém saiu sem beber,
Isto cresceu o prazer —
O coronel foi bacana.

A moça que mais sofreu,
Mesmo sofrendo, foi forte.
Eis a história completa,
Rimada com muita sorte.
Isso em tempo atrasado:
Com seca em qualquer **estado**
O povo chegava à morte.

Figura – Capas do folheto



Fonte: acervo da autora

O folheto é composto por duzentas e trinta e seis sextilhas de esquema rímico ABCBDB e duas setilhas – acróstico – também heptassílabas, com esquema rímico ABCBDDDB. Assim como em outros cordéis, este também traz como ilustração uma fotografia. Um romance de 48 páginas, de abordagem biográfica, que conta a vida, as façanhas e a prisão do cangaceiro Antônio Silvino, vinculando-se, segundo a classificação de Diégues Júnior (2012), ao grupo dos fatos circunstanciais ou acontecidos. Esse folheto também foi impresso pela Editora Queima – Bucha. Na edição, houve alteração na apresentação da capa e no número de páginas, pois as estrofes são impressas em duas colunas, dessa forma, o folheto tem apenas 24 páginas. O texto foi mantido com pequenas alterações.

O cordel conta sobre a vida do conhecido cangaceiro Antônio Silvino, que nasceu Manoel Batista, filho de fazendeiro no Pernambuco, e

que, após vingar a morte de seu pai, cometendo as suas primeiras mortes e estabelecendo guerra com a família Ramos, entra para o cangaço sob a chefia de seu tio Silvino Aires. Após a prisão do tio, assume a chefia do bando e passa a se chamar Antônio Silvino. Em suas andanças pelo sertão, fez muitos inimigos, mas também fez amigos que lhe davam apoio quando necessário. Constantemente estava na mira da polícia e, por isso mesmo, muitos são os embates narrados ao longo do folheto que descrevem a valentia e a habilidade do cangaceiro em escapar com seu grupo do cerco de seus perseguidores. Em sua jornada pelos estados do Nordeste, Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte, deixou muitas mortes, mais de 100, não matado no Ceará, somente por respeito à terra do Padre Cícero. Também não entrava em Patos, por respeito ao seu “amigo fiel” e chefe da cidade “o grande major Miguel”. Era um homem desconfiado e de profunda religiosidade. Em uma passagem do poema, o cangaceiro desconfia da invencibilidade de um negro com quem lutava, ao lembrar que tinha dito, certa vez, que brigaria até com Satanás e, desconfiando de que o negro era o próprio, cai de joelhos no chão “se valendo de Jesus” e rezando o credo até o desaparecimento de seu oponente. Passagens como esta, assim como o respeito ao Padre Cícero, ilustram essa característica da personalidade do cangaceiro e o aproximam do povo.

Após as façanhas do cangaceiro, o poeta conta sobre as suas virtudes, pois, “Como cangaceiro tinha / virtude que admirava”. Ele será descrito como uma espécie de justiceiro e benfeitor dos pobres e tinha seu próprio código de moralidade. Fazia filhos de fazendeiros ricos se casarem com moças pobres a quem “deviam”, devolvia a posse de terras invadidas por grandes fazendeiros aos menos favorecidos, ajudava aqueles que de fato precisavam. Finalmente, foi preso em 1914 e condenado por seus crimes, mesmo tendo “o melhor advogado”, pois tinha posses para pagar. Quando “tirou a sentença”, foi libertado “Com alvará de licença”.

Outros poetas populares, como Francisco da Chagas Batista e Leandro Gomes e Barros, também cantaram em seus versos os feitos do cangaceiro Antônio Silvino, pois o cangaço foi um dos grandes temas da literatura de cordel nordestina. Não por acaso, o poeta Antônio Américo compõe grande parte de sua produção em folhetos de cordel dedicados a essa temática, pois, dos doze folhetos escritos, quatro têm como tema o cangaço, especificamente sobre a vida de Antônio Silvino e de Lampião.

“A vida do cangaceiro” de nome Antonio Silvino

AUTOR: ANTÔNIO AMÉRICO DE MEDEIROS

Foi em mil e oitocentos
de setenta e cinco o ano
na data dois de novembro
no sertão pernambucano
nasceu Antonio Silvino
cangaceiro veterano.

Dona Balbina Moraes
era mãe deste menino
o seu pai Pedro Batista
deste casal nordestino
nasceu, criou-se e cresceu
o grande Antonio Silvino.

Natural do Pajeú
das terras de Ingazeira
junto a Serra da Colônia
ali naquela ribeira
nasceu um dos grandes nomes
desta terra Brasileira.

Trago o seu primeiro nome
para não sair da pista
foi batisado e criou-se
ali por Manoel Batista
nome de Antonio Silvino
ganhou depois como artista.

O seu pai Pedro Batista
era um senhor abastado
vivia ali muito bem
com dinheiro, terra e gado
em quanto não matou gente
viveu muito sossegado.

Criou seu filho Manoel
só não mandou educar
por caso do grande atrazo
que havia no lugar
somente as primeiras letras
mandava o pai ensinar.

Lendo um pouquinho e contando
escrevendo uma cartinha
era somente o estudo
usado naquela linha
das terras da Ingazeira
e toda zona vizinha.

O Senhor Pedro Batista
um professor contratou
um ano na sua casa
a sua gente ensinou
no outro ano seguinte
ao mesmo dispensou.

Escola naquela época
quem queria procurava
professor particular
tantos meses contratava
nesse tempo o poder público
nem uma escola mandava.

Assim o Manoel Batista
naquela escola aprendeu
ler, escrever e contar
presente que o pai lhe deu
foi o estudo da época
que pra ele apareceu.

Aprendeu a trabalhar
e a campear também
foi bom vaqueiro na época
até aí vinha bem
o seu pai fez umas mortes
de onde a desgraça vem.

O senhor Pedro Batista
fez as mortes na ribeira
arranjou grandes intrigas
com os Ramos de Ingazeira
ficou desassossegado
o resto da vida inteira.

No ano noventa e seis
foi seu Pedro assassinado
pela família dos Ramos
com quem ele era intrigado
tendo em frente José Ramos
por ser sub-delegado.

Depois que Manoel Batista
pôde se enganar
que havia cobertura
para os Ramos do lugar
jurou que a morte do pai
ele mesmo ia vingar.

Matou da primeira vez
Manoel Ramos Cabeceira
e João Rosa de Ares
foi a vingança primeira
depois matou Chico Braz
delegado de Ingazeira.

Matando o Francisco Braz
disse agora eu vou pegar
todos da família Ramos
para matar e queimar
não vou deixar um dos Ramos
com vida neste lugar.

Correram todos os Ramos
foi uma onda apertada
desta carreira que deram
pararam em Imaculada
pediram a Delmiro Dantas
proteção improvisada.

Delmiro Dantas que era
o maior no seu lugar
deu cobertura aos Ramos
também mandou avisar
pra nunca Manoel Batista
na sua terra pisar.

Manoel disse eu respeito
sua ordem verdadeira
porém se algum dos Ramos
pisar na minha Ingazeira
tanto venha como eu mato
sozinho ou com cabroeira.

Ficaram se respeitando
como na história está
Delmiro nunca deixou
os Ramos pisarem lá
da mesma forma Manoel
nunca penetrou pra cá.

Seu tio Silvino Aires
já uns cabras chefiava
devido muitas intrigas
quase um grupo começava
disse pra Manoel Batista
que dele ali precisava.

Silvino Alves falou
pra Manoel dizendo assim
vamos começar um grupo
pra castigar cabra ruim
dá surra e intimidar
sendo intrigado dar fim.

Foi isto em noventa e sete
Manoel Batista aceitou
sua vida de cangaço
nesse dia começou
tendo por chefe seu tio
que o grupo iniciou.

O Silvino Aires disse
vamos até a Teixeira
dar uma surra em Dantinha
agir de toda maneira
para desmoralizá-lo
ali naquela ribeira.

Porque ele já entrou
na minha propriedade
invadiu a minha casa
sem haver necessidade
quebrou-me todos os móveis
pra fazer perversidade.

Ele ainda é delegado
porém eu vou me vingar
dar-lhe uma surra das grandes
e ele tem que pagar
meus móveis com alto juro
para aprender a respeitar

No ano noventa e sete
eles cercaram Teixeira
no dia 13 de junho
deram a descarga primeira
o delegado Dantinha
fugiu em toda carreira.

Não encontrando Dantinha
Silvino Aires falou:
Dantinha é frouxo demais
correu logo e não brigou
ele hoje ia pagar
os móveis que me quebrou.

Silvino Aires chamou
a sua rapaziada
pra irem pegar os Ramos
dentro de Imaculada
Manoel Batista lhe disse
não vamos esta parada.

Eu prometi a Delmiro
sua terra respeitar
não vou bancar covardia
minha palavra quebrar
tendo notícia dos Ramos
noutro canto eu vou matar.

Silvino Aires lhe disse
apoiado meu sobrinho
sua palavra é de homem
você vai num bom caminho
voltaram ao Pajeú
tudo alegre e direitinho.

Foram a Campina Grande
sem aparecer novela
de volta para o Ingá
assassinaram Marcela
um intrigado de Prisco
valente em toda tabela.

Voltaram ao Pajeú
lá a polícia pegou
o velho Silvino Aires
para a cadeia o levou
e como chefe do grupo
Manoel Batista ficou.

Manoel Batista disse:
como chefe aqui combino
para mudar o meu nome
tomei um forte destino
de hoje em diante meu nome
vai ser Antonio Silvino.

E por Antonio Silvino
ficou alí batisado
onde passava dizia
o meu nome foi mudado
em homenagem ao meu tio
que está encarcerado.

Voltando para o Ingá
chegou lá incendiou
o paço municipal
e seu processo queimou
que na morte de Marcela
processado ele ficou.

Chegando em Canhotinho
começou a negociar
era marchante de boi
depois passou a arranjar
sentar praça na polícia
e ficar no mesmo lugar.

A cabroeira escondida
em uma propriedade
na terra de um coiteiro
no aceiro da cidade
e ele comerciante
e também autoridade.

O armamento guardado
e os cabras trabalhando
plantando uma grande roça
tudo ali se disfarçando
e Antonio como soldado
comprando gado e matando.

O capitão Zé Augusto
veio alí passear
e viu Antonio Silvino
sendo praça no lugar
conservando o mesmo grupo
pôde tudo observar.

Foi direto a Capital
denunciou direitinho
voltou com quarenta praças
para cercar Canhotinho
prender Antonio Silvino
e desmanchar todo ninho.

Antes de José Augusto
em canhotinho chegar
já existia política
então mandaram avisar
o que ia acontecer
ao chefe do lugar.

O chefe chamou Antonio
e deu a opinião
pra ele se retirar
Antonio lhe disse não
só vou depois de matar
aquele vil capitão.

Preparou a cabroeira
e esperou a chegada
o povo se retirou
a rua ficou trancada
só com Antonio Silvino
e sua rapaziada.

Antonio Silvino estava
na entrada preparado
pra matar o capitão
assim que fôsse chegado
porém o José Augusto
chegou pelo outro lado.

Antonio tinha deixado
oito capangas no centro
quando viu foi a polícia
atacar os cabras dentro
ficou desorientado
mas, disse consigo eu entro.

Tinha pensado em matar
o capitão na chegada
Zé Augusto experiente
se livrou da emboscada
assim Antonio Silvino
começou a luta errada.

Com duas horas gritou
capitão eu vou correr
hoje comecei errado
não vou lutar pra perder
deixamos pra outra vez
pra nela você morrer.

O capitão Zé Augusto
jurou também lhe matar
Antonio jurou também
de um dia lhe sangrar
assim ficou a intriga
dele com o militar.

José Augusto dizia
eu pego aquele bandido
encontrou ele em Matinhas
foi um fogo desmedido
inda lhe prendeu um cabra
e foi um praça ferido.

Antonio Silvino vendo
que perdia na questão
antes de mais prejuízo
fugiu com seu batalhão
e disse esse Zé Augusto
só tendo parte com o cão.

Pertinho de Gravatá
noutro dia foi cercado
pelo senhor João Gonçalves
sendo sub-delegado
ali Antonio Silvino
foi num braço baleado.

Já pela terceira vez
José Augusto o cercou
com trinta soldados bons
dessa vez não o matou
porque Antonio Silvino
mais do que fera brigou.

Foi este fogo em Cabaças
no dia nove de abril
se viu Antonio Silvino
apertado no fusil
foi este um fogo dos grandes
que já se viu no Brasil.

Porque o José Augusto
queria lhe acabar
Antonio também queria
a todo custo o matar
foi cinco horas de fogo
sem um minuto cessar.

Antonio Silvino vendo
a munição se acabando
o capitão com a gota
cada vez mais avançando
disse consigo este peste
vai terminar me matando.

Desta carreira que deu
foi procurar um patrão
para descansar um pouco
e arranjar munição
que estava aperriado
com aquele capitão.

O Argemiro seu primo
pôde arranjar um lugar
na terra de um amigo
para o grupo descansar
passar um mês repousando
e Antonio se reforçar.

Naquele esconderijo
apareceu um doutor
disse a Antonio Silvino
meu amigo de valor
lhe dou seis contos de réis
pra ir buscar meu amor.

Meu amor é minha espôsa
que o pai dela levou-a
chegando lá proibiu
voltar a minha patrôa
o senhor indo e trazendo
não se dar coisa mais boa.

Antonio Silvino disse
se o doutor me pagar
seis contos de réis eu vou
a sua espôsa buscar
quero somente saber
aonde fica o lugar.

É em Santa Filonila
o pai dela é usineiro
da Usina Santos Dias
é major arruaceiro
o senhor trazendo ela
chega e recebe o dinheiro.

Antonio Silvino foi
a dita usina cercou
nem o major nem a filha
mexeu tudo e não achou
e na casa do major
muita gente ameaçou.

Uma mocinha imprudente
começou a lhe maltratar
Antonio foi dar um tiro
para lhe amedrontar
do pulo que a moça deu
matou sem querer matar.

Antonio Silvino disse
fiz a morte inconsciente
para o canto que mirei
pegou muito diferente
ou foi ela que na hora
deu grande pulo pra frente.

Lamentou dizendo assim
oh! que viagem perdida
nem mulher e nem dinheiro
não levo nada de ida
além de tudo esta moça
de mole perdeu a vida.

Quando chegou contou tudo da forma que se passou nem o major nem a filha nem um dos dois encontrou fazendo investigações a pobre moça matou.

O major com a família estavam na capital tomando banho de praia com todo seu pessoal sabendo do que fiz lá vai tomar outro ideal.

Vai arranjar no Recife um batalhão e mandar eu vou para a Paraíba nesta hora viajar passar uns dias no brejo até a boca esfriar.

O doutor lhe deu um conto e Antonio viajou entrando na Paraíba lá em Fagundes chegou o capitão Zé Augusto mais uma vez o cercou.

Quando por José Augusto Antonio se viu cercado gritou para seus capangas cuidado muito cuidado que o satanás me cercou e vem muito reforçado.

A ira o medo a intriga que tinha com Zé Augusto Antonio entrou na luta pra matá-lo a todo custo era o único militar que a ele fazia susto.

Bala vai e bala vem era duro o ambiente Antonio virado em fera José Augusto em serpente inda hoje não há quem julgue qual seria o mais valente.

José Augusto pegou um cangaceiro e prendeu matou dois dos afamados contra ele aconteceu Antonio matou um praça baleou três e correu.

Correu porque conheceu que não podia matar o grande José Augusto alí naquele lugar foi esta a quarta carreira que levou do militar.

O capitão Angelim da força Pernambucana aliou-se a um Alferes da terra Paraibana chamado Paulino Pinto deu uma dupla bacana.

Com cento e vinte soldados fizeram os dois união Cercaram Antonio Silvino que se achava em Surrão dessa vez fizeram ruma de gente morta no chão.

Antonio tinha juntado cinquenta cangaceiros de encontrar Zé Augusto tinha planos verdadeiros foi cercado sem saber por cento e vinte guerreiros.

Na casa de José Gato Antonio estava arranchado mandou Zé matar um boi porém antes do guisado às oito horas do dia viu que estava cercado.

Cercaram todos os lados sem ter pra onde correr Antonio gritou negrada vamos botar pra valer temos que brigar seguro ninguém a morte temer.

Inda mandou perguntar se José Augusto vinha Angelim disse que não ele disse uma gracinha não sendo com Zé Augusto brigou até com a Marinha.

Durou mais de meio dia esse fogo do Surrão Antonio viu do seu povo seis cabras mortos no chão ele com a cabroeira ficando sem munição.

Nove cabras de Antonio brigavam intrincheirados numa pequena barreira sem munição os coitados a polícia prendeu todos foram ali algemados.

Antonio avisou ao resto o jeito é se debandar correr pra todos os lados vou minha turma espalhar fugir tudo debandado para a polícia endoidar.

Norte, Sul, Leste e Oeste de uma vez ocuparam trinta e cinco cangaceiros que desse fogo escaparam em ponto determinado com dois dias se juntaram

Fugindo assim debandados a polícia se vexou porque pra todos os lados do Surrão se espalhou o resto dos cangaceiros como Antonio ensinou.

Antonio correu sozinho
quando na mata se viu
parou um pouco e pensou
um novo plano surgiu
pertinho tinha um serrote
chegando lá se subiu.

Avistou os nove cabras
da polícia rodeado
só lhe restava uma bala
dentro do rifle afamado
pra um dos dois comandantes
ele fazer alvejado.

Procurou por todo canto
outra bala e não achou
a falta de um cartucho
o Angelim escapou
no Alferes Paulino Pinto
deu o tiro e derrubou.

O tiro foi de tão longe
que o Alferes caiu
de onde chegou o tiro
ninguém atinou nem viu
e a polícia espantada
ao redor se reuniu.

Ninguém pensou que o tiro
viesses do tal serrote
se Antonio tivesse bala
tinha alvejado um magote
o segundo era Angelim
pra começar o pacote.

Paulino pinto caiu
com uma perna quebrada
o tiro pegou na côxa
ficou toda facheada
a bala vindo de longe
provou quem vem mais pesada.

O sargento José Lopes
vendo o Alferes no chão
convidou a Angelim
Paulino e sargento João
para matarem os presos
naquela ocasião.

Assim combinaram todos
um soldado se atreveu
a sangrar de um a um
foi o que aconteceu
somente Antonio Francisco
sem mudar nada morreu.

Antonio lá do serrote
lamentava a covardia
em sangrarem nove presos
a quem deram garantia
ele era cangaceiro
e tal coisa não fazia.

Dizia se eu tivesse
munição tinha matado
aquele soldado imundo
não tinha nem começado
sangrar o primeiro homem
além de preso algemado.

Depois que juntou o grupo
foi matar um em Ingá
quando matou disse a turma
vamos matar outro já
que mora ali em Filgueiras
é delegado de lá.

Francisco Antonio Cabral
ele chegou e matou
e a Marcos dos Pinhões
nesse mês assassinou
Severino em Arueiras
ele pegou e sangrou.

O sargento Manoel Paz
ele matou em Mogeiro
e Sebastião Correira
de Bala matou ligeiro
passou para o Rio grande
o temível cangaceiro.

Na Fazenda da Pedreira
bem perto de Caicó
o tenente Tolentino
para honrar o Seridó
lhe matou uns cangaceiros
e fez ele correr só.

No começo ele matou
dois sargentos do tentente
o tentente Tolentino
atacou com sua gente
matou uns correu o resto
não deu mais ninguém valente.

Antonio correu sozinho
os cabras se espalharam
perto de Santa Luzia
dois cangaceiros pegaram
naquela mesma cidade
com poucos dias mataram.

Foi a Pilar novamente
um seu amigo soltar
que estava na cadeia
ele soube e foi tirar
soltando todos os presos
que encontrou no lugar.

Andou pelo Ceará
se escondeu demorou
lá era bem recebido
gente ali nunca matou
a terra de Padre Cícero
sempre ele respeitou.

Em Bonito de Santa Fé
ele um dia foi cercado
por meia dúzia de homens
e um sub-delegado
que deu-lhe um tiro no rifle
que o deixou desarmado.

A bala pegou no rifle
faltou pouquinho pra mão
ele se viu desarmado
correu na ocasião
nunca mais foi a Bonito
abusou daquele chão.

Em novecentos e cinco
ele se viu apertado
na feira de Trapiá
quase pega o bonde errado
com o Antonio Nicácio
inspetor desassombrado.

Ele foi ao Trapiá
deixou a turma pertinho
ele disfarçadamente
entrou na feira sozinho
com uma roupa comum
andando bem direitinho.

Só conduzia o punhal
e um saco seco na mão
e nas casas de negócios
pegou comprar munição
Antonio Nicácio soube
foi matar o valentão.

Somente ele e um negro
a grande luta enfrentaram
sem usarem covardia
o seu nome perguntaram
quando ele disse quem era
de uma vez atiraram.

Antonio caiu no chão
rolando pra todo lado
erraram todos os tiros
tendo o último disparado
se travaram nos punhais
foi um trabalho pesado.

Até que Antonio Silvino
acertou a punhalada
Nicácio gritou: matou-me
o negro tomou chegada
por trás de Antonio Silvino
deu-lhe uma grande pancada.

A pancada foi tão grande
que Antonio saiu pendendo
com a cabeça rachada
quando foi aparecendo
a turma dos cangaceiros
o negro escapou correndo

Dalí Antonio Silvino
foi procurar um lugar
se esconder numa serra
para a cabeça sarar
temendo ao capitão
Zé Goveia lhe pegar.

Um sobrinho do Goveia
ele havia desfeitado
Zé Goveia se valeu
do governo do Estado
vinha com um batalhão
atrás dele bem armado.

Com uns vinte e quatro dias
à Paraíba voltou
perto de Campina Grande
Manoel Rodrigues matou
chegando lá nos Tutus
José Goveia o cercou.

Mais ou menos hora e meia
aquele fogo rendeu
Antonio matou um praça
baleou outro e correu
o capitão Zé Goveia
sem matá-lo entristeceu.

Em novecentos e seis
ele entrou em questão
com a Companhia Inglesa
que estava em construção
da linha ferroviária
a bem de toda Nação.

Quando a Companhia Inglesa
na terra dele entrou
com a estrada de ferro,
ele foi e empatou
a companhia com medo
o serviço abandonou.

Vindo o capitão Narciso
do quatorze batalhão
aliado ao vinte e sete
na época dessa questão
em Bocondó lhe cercaram
brigaram que só o cão.

Ele pediu trinta contos
para o serviço passar
Chico Sá o empreiteiro
começou lhe agradar
no fim deram quinze contos
para a questão se acabar.

Era perto de Mogeiro
aquela propriedade
recebeu os quinze contos
valor de mais da metade
em novecentos e seis
era dinheiro a vontade.

Recebeu os quinze contos
a questão se acabou
e a força Federal
para o Recife voltou
ele como cangaceiro
a luta continuou.

Perto de Caruarú
matou dois em Cachoeira
darei os nomes das vítimas
Pedro e Antonio Ferreira
não matou o major Lucas
porque correu da ribeira.

Também Zacarias Neves
cercou esse cangaceiro
nas terras do Cariri
esse fogo foi ligeiro
Antônio perdeu um cabra
que foi Sebastião Bicheiro.

Matou um filho de Marcos
que morava nos Pinhões
em São José dos Cordeiros
ele fez perseguições
do velho Vicente magro
lhe tomando uns patações

Inda matou um rapaz
parente de seu Vicente
em São José dos Cordeiros
ele chegou mansamente
começou pedindo calmo
no fim terminou valente.

Ele estava em Malhadinha
casa dum amigo seu
o velho João Martins
sem brigar quase correu
quando a tropa de Maurício
grande descarga lhe deu.

Com o Alfredo Chianca
um fazendeiro valente
ele brigou meia hora
depois no mesmo ambiente
fizeram paz e ficaram
amigos ligeiramente.

Ele voltou a Fagundes
para duas surras dar
em um negro e uma negra
deu nos dois até matar
fez dois crimes no cacete
sem precisar atirar.

Brigou com Joaquim Henrique
perto de Pedra Lavrada
ele emboscou o Alferes
foi uma luta pesada
não deu pra morrer ninguém
saiu gente baleada.

E com três dias depois
bem perto de Equador
lá o Alferes Maurício
lhe fez um grande pavor
que ele escapou correndo
por ser muito corredor.

Já sabia que Maurício
uma bomba conduzia
não sendo num lugar próprio
para enfrentá-lo temia
e com o medo que teve
correu demais nesse dia

Maurício teve notícia
dele pelo Carirí
trouxe um rastejador
pensando dentro de si
mandou chamar Zé de Couto
que sabia tudo ali.

Pegaram a pista bem cedo
rastejaram dia inteiro
somente a boca da noite
Maurício fez paradeiro
Antonio parou na frente
com raiva e com desespero.

Pensou de andar a noite
porém não aguentava
já tinha corrido o dia
e com muita fome estava
passou a noite acordado
pensando como escapava.

De madrugada ele veio
e a tropa observou
temeu atacar Maurício
e com os seus viajou
até a uma lagoa
e lá se entrincheirou.

Tinha uma cerca de pedra
fizeram trincheira boa
ele disse ou vida ou morte
agora nesta lagoa
ou mato ele na chegada
ou ele a bomba me vôa.

Ficaram todos ocultos
alí naquele ambiente
quando a tropa apareceu
o rastejador na frente
com Maurício e um soldado
andando apressadamente

Antonio atirou de ponto
matou o rastejador
o soldado ainda disse
atire a bomba o senhor
nisto Maurício caiu
com um tiro matador.

Com o assunto da bomba
o Antonio se vexou
a cabeça do Alferes
no mesmo instante alvejou
o tiro de decidir
onde marcou acertou.

Maurício caiu por terra
naquela hora morrendo
sua tropa recuou
sem o chefe esmorecendo
Maurício inda se bolia
porém mais nada dizendo.

Antonio com uma pedra
sua cabeça esmagou
com a raiva que estava
a cabroeira ordenou
furar de faca o cadáver
de quem mais lhe assombrou.

Olhando a Maurício disse
com você eu completei
hoje cento e uma morte
de vidas que já tirei
ou lhe matava ou morria
fiz tudo que planejei.

Foi ao fio do telegráfico
no mesmo dia e cortou
que tinha morto Maurício
para Campina avisou
e a busca do sertão
ocultamente voltou.

Visitou Cazuza Sátiro
corajoso capitão
velho matador de onça
Antonio apertou-lhe a mão
e conheceu que Cazuza
sabia forte oração.

Visitou nessa viagem
a Cândido da Laranjeira
seu Juca filho de Cândido
deu-lhe uma nota altaneira
ele saiu satisfeito
respeitou toda ribeira.

Também não entrava em Patos
por ser amigo fiel
do chefe dessa cidade
o grande major Miguel
que sempre foi seu amigo
para manter seu papel.

Antonio chegava perto
ficava pela ribeira
na fazenda dos Pilões
de seu Manoel Oliveira
ou então lá na Quixaba
de Herculano Pereira.

Assim que major Miguel
da vinda dele sabia
entre os comerciantes
sempre uma cota fazia
ia deixar a Antonio
que com gosto recebia.

Ele só dormia fora
do seu grupo separado
não confiava em ninguém
só no seu rifle afamado
fora do rifle o punhal
que conduzia de lado.

Lá na Serra das Preacas
ele uma noite deixou
o grupo no pé da serra
e na mesma penetrou
adiante achou uma furna
e nela se agasalhou.

Dormindo pegou sonhar
que ia ser atacado
pelo Alferes Mauricio
que ele havia matado
quando foi abrindo os olhos
tinha uma onça chegado.

Pulou de rifle na mão
porém a onça tomou
arrastou uma pistola
ela também rebatou
derrubou ele no chão
e sangrá-lo procurou.

Era sempre procurando
a goela pra sangrar
em cima do peito esquerdo
Antonio pôde empurrar
seu punhal envenenado
até a mão encostar.

Do pulo que ela deu
ficou a arma enterrada
e na mão esquerda dele
deu-lhe uma grande dentada
e quatro cortes de unhas
lhe deu depois de furada.

Com o punhal enterrado
ela foi esmorecendo
saiu pra fora da furna
arriou no chão morrendo
assim Antonio escapou
daquele animal horrendo.

Em novecentos e onze
ele um dia foi cercado
pelo Alferes Ramalho
onde brigou um bucado
saindo de São Mamede
num serrote entrincheirado.

Também a João Facundo
no mesmo mês enfrentou
pertinho de viração
com este Alferes brigou
entrincheirado na serra
grande vantagem levou.

Foi um dia a Macapá
matar um seu intrigado
de nome Manoel Belo
como não foi encontrado
lhe carregou o que pôde
o resto acabou queimado.

Chegou em Riacho Sêco
pegou Antonio Carão
que era seu intrigado
deixou ferido no chão
fez uma coivara em cima
morreu virado carvão.

Entrou em Santa Luzia
procurando se vingar
do capitão Aristides
por ter mandado matar
dois cangaceiros dos dele
presos naquele lugar.

Não matou o capitão
porém grande surra deu
queimou a troçada dele
muita riqueza perdeu
devido isto Aristides
com pouco tempo morreu.

Perto de Santa Luzia
ele tentou em pegar
o senhor João Simplício
porém não pôde acertar
alí com sua fazenda
e ele pôde escapar.

Lá no engenho Filgueiras
brigou com João Florentino
o capitão foi ferido
correu com forte destino
de cada um morreu um
foi igual o desatino.

Ele ali tomou conta
do engenho e se apossou
encendiou o que pôde
e o resto carregou
se tratando em Limoeiro
o capitão escapou.

Topou o major Seabra
no Rio Grande do Norte
porém antes de lutarem
tiveram conversa forte
para o fim fizeram paz
foram beber por esporte.

O alferes Irineu
lhe cercou em Soledade
porém tinha um lado livre
ele com velocidade
correu com todos capangas
pra não brigar na cidade.

De outra vez em Ingá
a polícia lhe cercou
ele correu com o grupo
nem um tiro detonou
nesse dia no Ingá
correu logo e não brigou.

Perto de Brejo de Areia
se encontrou com o cão
chegou virado num negro
e disse eu sou valentão
você briga e mata gente
mas, a mim não mata não.

Antonio pegou o rifle
e no negrão atirou
deu vinte tiros seguidos
sem matar desconfiou
as balas de uma a uma
o negro de mão pegou.

Antonio tinha um punhal
que em nada se virava
a metade envenenado
a quem furasse matava
botou no negrão três vezes
quando batia envergava.

Antonio aí se lembrou
que muitas vezes atrás
quando brigava dizia
brigo até com satanás
conheceu que era o cão
este negrão tão audaz.

Caiu no chão de joelhos
se valendo de Jesus
fez logo pelo sinal
e rezou o credo em cruz
desapareceu o negro
como um reflexo de luz

Continuou suas preces
rezou mais de uma hora
para o anjo São Miguel
Jesus e Nossa Senhora
pedindo força a Jesus
se levantou foi embora.

Como cangaceiro tinha
virtude que admirava
quando um rico poderoso
terra dum pobre tomava
o pobre encontrando Antonio
pedia e ele ajeitava.

Ia a casa do rico
coronel ou fazendeiro
a demarcação certinha
mandava fazer ligeiro
e devolver a do do pobre
antes do mês de janeiro.

Dizia para o ricão
assim com a cara feia
você possui tanta terra
porque tomou a alheia
devolva a terra do pobre
se não quer entrar na peia.

Pra hoje não dar mais tempo
porém amanhã cedinho
vocês dois vão a cartório
agir tudo direitinho
e você paga as despesas
sua e do pobrezinho.

Fez isto diversas vezes
do brejo até o sertão
quando do lado do pobre
ele encontrava razão
e era tudo bem feito
pra nunca mais dar questão.

Fez filho de fazendeiro
casar com mocinha pobre
devia mas não casava
porque o pai era nobre
mas, na volta de Antonio
o ouro virava em cobre.

O pai dela se valia
de Antonio e lhe contava
que ele devia a filha
por ser rico não casava
além dele não querer
o pai também não deixava.

Antonio tirava a limpo
se era realidade
se fosse ele marcava
a data com brevidade
e vinha ser testemunha
daquela festividade.

Dizia mais ao pai
cuidado muito cuidado
se ele maltratar ela
não for viver bem casado
depois eu lhe apareço
e o couro vai ser pesado.

Fez um bodegueiro rico
casar com uma mocinha
porque não vendeu fiado
a ela uma feirinha
de tempêro e macarrão
café, arroz e farinha.

Na casa desta mocinha
Antonio chegou um dia
ela fazendo um almoço
mandou na mercearia
o rapaz mandou dizer
que fiado não vendia.

Antonio soube que ele
era noivo no lugar
fez ele no mesmo dia
o casamento acabar
noivar com esta mocinha
e com quinze dias casar.

De uma simples casinha
um dia se aproximou
que vinha com muita sede
chegou na porta e chamou
e uma voz arrastada
dentro de casa falou.

Ou de fora a quem me chama
porém eu estou sozinha
acabei de dar a luz
agora uma criancinha
e estou sofrendo muito
em situação mesquinha.

Antonio disse senhora
eu venho morto de sede
ela lhe disse: não posso
me levantar desta rede
entre que encontra um pote
aí no pé da parede.

Ele disse é muita gente
talvez que um pote não der
ela disse: temos água
só não há o que comer
tem outro pote aqui dentro
friinho que dar prazer.

Antonio abriu a porta
tirou a água e bebeu
carregou pra todo grupo
satisfez o povo seu
porém de ficar na sala
só ele permaneceu.

Perguntou se a senhora
quiser uma ajuda eu dou
ela disse pode vir
ele entrou e se ajeitou
sem ter curso de parteiro
todo trabalho acertou.

Viu que a mulher não tinha
o que comer nesse dia
assou carne e deu a ela
com um queijo que trazia
ajeitou a criancinha
fez tudo que carecia.

Ela disse meu espôso
saiu para trabalhar
vender um dia alugado
pra alguma coisa comprar
as sete horas da noite
eu espero ele chegar.

Antonio disse senhora
fique com o seu menino
que preciso viajar
e tomar novo destino
porém lhe digo quem sou
eu sou Antonio Silvino.

Porém para seu resguardo
vou deixar uma quantia
de cinquenta mil réis
ela chorou de alegria
em novecentos e oito
alguma coisa valia.

Se despediu da senhora
com o grupo viajou
ainda muito pertinho
um cabra se atrazou
fazendo que ia ao mato
a dita casa voltou.

Assim que chegou entrou
e disse eu quero o dinheiro
por favor não dê massada
preciso voltar ligeiro
ela com medo entregou
a nota ao cangaceiro.

Antonio era experiente
e vendo o cabra faltar
disse aquele cabra foi
aquela nota tomar
se ele tomou eu mato
não há quem possa empatar.

Antonio botou um corte
do cabra desencontrou
chegou lá a mulher disse
tudo quanto se passou
Antonio deu outra nota
de cinquenta e voltou.

Quando alcançou o grupo
disse assim cabra safado
bote pra fora o dinheiro
que com gosto eu tinha dado
lhe deu dois tiros no peito
disse desse estou vingado.

Na cidade de Pocinhos
entrou Antonio Silvino
em novembro de quatorze
desmantelou seu destino
quando pediu um jantar
ao padre Antonio Galdino.

O padre mandou fazer
um jantar de pressa e bom
de coração desumano
Antonio mostrou o dom
que obrigou ao padre
a trabalhar de garçon.

Ao padre Antonio Galdino
humilhou naquela hora
fez ele servir a mesa
porém quando foi embora
o padre disse bandido
eu vou te ajeitar agora.

Seguiu direto a Igreja
lançou-lhe a excomunhão
e celebrou uma missa
ali em sua intenção
como de corpo presente
estivesse o valentão.

Antonio chegou adiante
procurou se arrancar
à noite estava jogando
quando viu um homem entrar
e disse tome um presente
que pra você vim deixar.

Ele todo descuidado
o presente recebeu
o homem entrou ligeiro
e mais desapareceu
Antonio chorando as carta
esta parada perdeu.

Olhou procurando o homem
não viu mais no ambiente
quando abriu o pacote
teve um choque de repente
porque um par de algemas
lhe deram como presente.

Sentiu a força quebrada
quase sem poder falar
e disse foi padre Antonio
a quem passei humilhar
e ele desmantelou-me
pra nunca mais me aprumar.

Nunca dizia a ninguém
para onde viajava
aí disse a todo mundo
que caminho precisava
seguir pra Taquaritinga
lugar que ele gostava.

De manhã quando saiu
com um boi se encontrou
notou ser de Cristiano
no dito boi atirou
não pôde pegar o dono
no animal se vingou.

Lhe deu um tiro na testa
deixou no chão derrubado
seguiu a sua viagem
andando um pouco apressado
com oito léguas dali
a tarde estava arranchado.

Quando viu chegou o boi
urrando pra se acabar
todo esvaído em sangue
ameaçando lhe dar
botou com tudo em Antonio
procurando se vingar.

Antonio lhe meteu bala
porém o rifle falhou
mentiu fogo toda vez
a carga toda pinou
Antonio saiu com mêdo
tremeu e se arrepiou.

Perto de Taquaritinga
um amigo dele tinha
um juazeiro escondido
imitando uma casinha
dentro de uma pedreira
para quando Antonio vinha

A vinte e oito de onze
de quatorze ele chegou
neste dito juazeiro
o dia todo jogou
e cinco horas da tarde
a polícia lhe cercou.

Pelo alferes Teófanos
Antonio se viu cercado
se amparou da pedreira
atirou intrincheirado
no final do tiroteio
caiu no chão baleado.

Bem sete horas da noite
o alferes se afastou
e a turma de Antonio
de um a um desertou
somente Joaquim de Moura
caído no chão ficou.

Caído no chão também
ficou Antonio estirado
quando recobrou o senso
viu que estava roubado
brilhante, ouro e dinheiro
tudo tinham carregado.

Disse consigo a polícia
aqui não me atingiu
o tiro pegou nas costas
e sobre ao peito saiu
disse foi um cangaceiro
que a traição me feriu.

Tinha sido um cabra dele
que lhe atirou por detrás
Antonio caiu por morto
aquele cabra sagaz
roubou o que ele tinha
levou dinheiro demais.

Um pacote de dinheiro
ouro a vontade e brilhante
tudo quanto ele tinha
punhal e rifle importante
o cabra carregou tudo
saiu rico num instante.

Antonio se lastimando
Joaquim de Moura falou
minha perna está quebrada
e preso amanhã não vou
com um tiro no ouvido
ali se suicidou.

Antonio pensou também
ali se suicidar
porém temeu de morrer
antes de se confessar
ouvira a polícia perto
em uma casa falar.

Pra outra casa pertinho
foi se arrastando e chegou
mandou chamar o alferes
e a ele se entregou
tão doente que o alferes
nem se quer lhe interrogou.

Sem condição de andar
em uma rêde ajeitaram
e para Taquaritinga
na mesma manhã levaram
de lá pra Caruaru
no outro dia tiraram.

Chegando em Caruaru
de madrugada embarcou
em um trem especial
pra Recife viajou
no primeiro de dezembro
as sete horas chegou.

Da estação pra cadeia
ele foi acompanhado
por mais de três mil pessoas
autoridades de lado
por médicos especiais
começou ser bem tratado.

Pedi pra se confessar
um frade lhe confessou
médicos bons e enfermeiros
a ele nunca faltou
em dezembro de quatorze
quando na cadeia entrou.

Entrou janeiro de quinze
estava bem melhorado
em abril se achou bom
completamente curado
contratou naquela época
o melhor advogado.

Porque dinheiro pra ele
pegou chegar de montão
com certeza ele guardava
com amigos no sertão
além disso tinha bens
terra gado e criação.

Doutor Adolfo Simões
foi o seu advogado
trabalhou quase dois anos
para ele ser julgado
no ano de dezesseis
para o juri foi levado.

No dia três de setembro
entrou ele em julgamento
na cidade de Olinda
era grande o movimento
doutor Adolfo fez tudo
pra defender o detento.

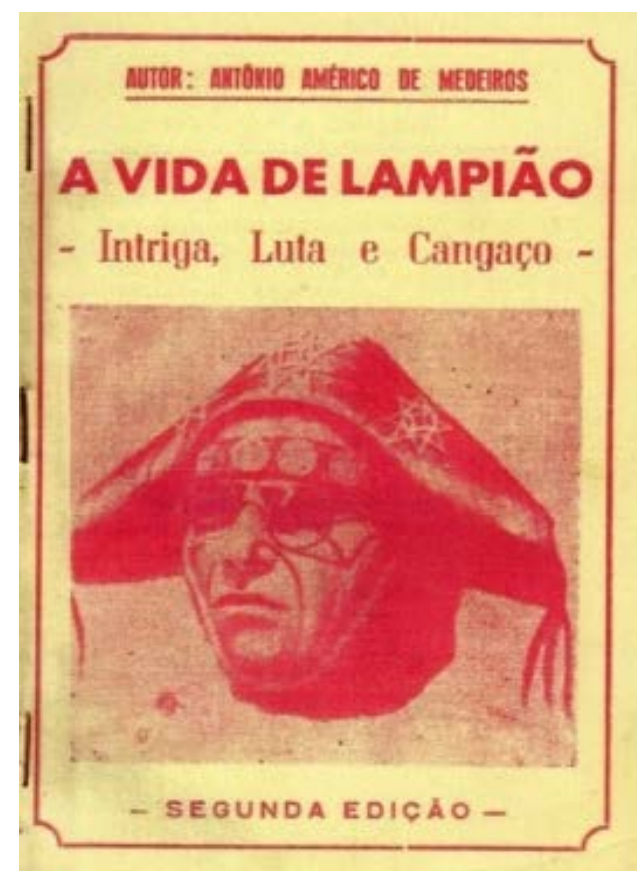
Doutor Adolfo Simões
em sua defesa agiu
Promotor Pedro Caú
lhe acusou que tiniu
o doutor Cêzar Gondim
o Juíz que presidiu.

O Juíz leu a sentença
trinta anos de prisão
e depois contando os crimes
aumentou uma porção
mas, com vinte e tantos anos
ele ganhou o perdão.

A sentença de Antonio
Nessa hora foi marcada
Trinta anos de prisão
O cangaceiro parada
Nunca pensou em pegar
Isto fez ele tomar
O prisídio por morada.

A cadeia novamente
Mais tristonho ele voltou
E conformado com tudo
Reanimado ficou
Inda tirou a sentença
Com o alvará de licença
O resto da vida andou. FIM

Figura – Capa do folheto



Fonte: acervo da autora

Assim como o folheto dedicado à história de Antônio Silvino, este é composto por duzentas e trinta e seis sextilhas, de esquema rímico ABCBDB, e duas setilhas – acróstico – também heptassílabas, com esquema rímico ABCBDDDB. Aqui, a capa também traz como ilustração uma fotografia, aspecto que se repete em quase todos os folhetos do poeta em que a história contada remete o leitor à retomada de fatos históricos. Um romance de 48 páginas, de abordagem biográfica, que conta a vida, as façanhas e a morte do cangaceiro Lampião, vinculando-se também, segundo a classificação de Diégues Júnior (2012), ao grupo dos fatos circunstanciais ou acontecidos.

Esse folheto, com várias edições, é o primeiro de uma série de três que se ocupa da vida do cangaceiro Lampião como tema. Nele, o poeta inicia a sua narrativa assumindo o compromisso de apresentar “pra quem não sabe” a “história completa” da vida de Lampião, “desde o seu nascimento”. O poeta conta sobre a origem do cangaceiro que era filho de pequeno fazendeiro e que teve como “padrinho de vela / o padre Cícero Romão”, recebendo o nome de Virgulino. Quando menino, “amava a religião.” Aqui, o poeta já começa a traçar o caminho de justificativas para as futuras ações do futuro cangaceiro. Postura comum nas narrativas de cordel sobre a vida desses personagens, uma vez que, segundo Abreu (1997b, p. 326), “Ao lado da apresentação de seus crimes, há uma preocupação constante em criar um enredo que confira lógica às suas ações. Os poetas preocupam-se, também, em apresentar justificativas para as atitudes dos cangaceiros, de forma a afastá-los do simples banditismo. A grande justificativa, recorrente na maior parte dos folhetos, é a morte do pai”. Ao dar sequência a essa tradição, o poeta Antônio Américo, em seu poema, conta sobre a religiosidade do menino Virgulino, de sua vida de bom vaqueiro pelas fazendas da região ainda muito jovem, de seu trabalho como mascate e como artesão de peças em couro, e afirma ainda que ele também era poeta e “fazia verso rimado”. Entretanto, tudo muda quando o pai foi assassinado por causa de uma questão antiga

com a família Saturnino. Após tentar proteger a família junto ao Coronel Delmiro, que morre logo após, Virgulino deixa suas irmãs com o Padre Cícero no Juazeiro e juntamente com os irmãos, Antônio, Livino e Ezequiel, entram para o bando do cangaceiro Senhô Pereira. Por sua rapidez em atirar, recebe o nome de Lampião e assim será conhecido por todo o sertão. Segundo relata um dos cangaceiros do bando, a vida de Lampião já havia sido “toda” profetizada por Antônio Conselheiro. De acordo com a profecia, uma vez erguido, o reino de Lampião traria morte e flagelo em seus ataques no sertão, e somente um território seria respeitado, o Ceará. Após o fim desse bando, Lampião e seus irmãos passam a fazer parte de um outro bando, que também se desfaz com o tempo. Dessa forma, o cangaceiro se torna o chefe e forma o seu próprio bando, que aterrorizará o sertão até o ano de trinta e oito, conforme profetizado.

A partir desse ponto, a narrativa se volta então para os ataques do bando em diversos estados da região, descrevendo os ataques; as lutas; as fugas; a valentia; a participação do cangaceiro em episódios como o ataque à cidade de Mossoró (narrado também em um outro folheto, conforme veremos a seguir); a ida de Lampião a Juazeiro, em 1926, para lutar, ao lado do Padre Cícero, contra a Coluna Prestes, fato que lhe rende a alcunha de Capitão. De acordo com Terra (1983), a devoção do cangaceiro ao Padre Cícero representa a ligação deste com o sagrado, tendo, na figura do Padre, o seu mediador.

Em suas andanças pelo sertão, Lampião encontra Maria Déia, “depois ‘Maria Bonita’ / como chama o mundo inteiro”. Com ela teve uma filha, Expedita, que foi criada por um tio, com direito a boa educação. As lutas seguem, Lampião perde os irmãos e pensa em abandonar o cangaço, mas é convencido por Maria Bonita a continuar. Decidido a acabar com a velha questão com Zé Saturnino, Lampião reencontra sua madrinha, a mãe de seu inimigo, que lhe pede pela vida do filho e abrandando o coração do cangaceiro. Como recompensa,

a velha o abençoa com uma “forte oração” e afirma que, enquanto ela vivesse, Lampião não seria derrotado. De fato, somente no ano de trinta e oito, após a morte da madrinha, o cangaceiro é cercado pelo tenente João Bezerra e assassinado ao lado de sua Maria Bonita e de membros de seu bando. Não há no folheto referência direta à figura de Lampião como um justiceiro lutando contra as injustiças sociais, como ocorre no folheto sobre Antônio Silvino. Aqui, possivelmente, tentando ser fiel a sua promessa inicial de contar a “história completa”, o poeta tenta, na medida do possível, ater-se ao conteúdo da “história verdadeira” sobre a vida do cangaceiro que, paradoxalmente, é descrito pelo poeta no acróstico do final do poema como alguém que “Merece todo heroísmo” e que, ao mesmo tempo, foi “O terror do banditismo”.

A referência aos feitos de cangaceiros é tema bastante comum às muitas “histórias” escritas pelos cordelistas sobre esses personagens da história do Nordeste brasileiro. Assim como acontece com a figura de Antônio Silvino, há diversas versões, escritas sobre as mais diferentes abordagens narrativas, sobre a vida e a figura de Lampião. Estes nomes representam uma espécie de síntese sobre a matéria do cangaço no sertão e, não por acaso, despertaram a curiosidade e a aceitação do público dos folhetos. Terra (1983, p. 81) afirma que, por coincidir com o início da publicação sistemática de folhetos, “O cangaço passa a ser tema preferencial e é possível supor que contribuiu em grande medida para firmar essa literatura.”

Assim sendo, cabe-nos destacar a importância que esse personagem assume na produção cordelística do poeta Antônio Américo, uma vez que a história da vida de Lampião, assim como a de suas façanhas, e sua morte, constituir-se-ão uma fonte constante de inspiração e retomadas poéticas sobre o tema. A partir deste, o cordelista elabora mais dois folhetos: *O fracassado ataque de Lampião à cidade de Mossoró* e *Lampião e sua história contada toda em cordel*.

A vida de Lampião – Intriga, Luta e Cangaço –

AUTOR: ANTÔNIO AMÉRICO DE MEDEIROS

Para ninguém esquecer
o famoso Lampião
o cangaceiro maior
que já pisou no sertão
no cangaço conquistou
o título de capitão.

Como poeta arranjei
completo conhecimento
da vida de Lampião
desde o seu nascimento
a sua história completa
pra quem não sabe apresento.

No sertão pernambucano
do nordeste Brasileiro
ano mil e novecentos
a dose de fevereiro
nasceu o rei do cangaço
filho de um fazendeiro.

Seu pai era Zé Ferreira
sua mãe dona Maria
lugar passagem de Pedras
onde o casal residia
nesta pequena fazenda
que seu José possuía

Perto de Serra Talhada
nasceu lá este menino
a antiga Vila Bela

pela sorte ou o destino
no batismo recebeu
o nome de Virgulino.

Foi seu padrinho de vela
o padre Cícero Romão
o chefe de Juazeiro
na lei na religião
com isto José Ferreira
cresceu a satisfação.

Agora vou dar os nomes
dos irmãos de Virgulino
tinha Antonio Ferreira
Ezequiel e Livino
e João que nunca teve
de cangaceiro o destino.

Também tinha quatro irmãs
cada qual era uma rosa
Maria, Anália e Angélica
a outra era Virtuosa
ninguém sabia das quatro
quem era a mais caprichosa.

Virgulino aos oito anos
fez primeira comunhão
gostava de ir a missa
amava a religião
e se tornou um devoto
do padre Cícero Romão.

Em uma escola primária
quando fez terceiro ano
aos doze anos de idade
mudou de repente o plano
pra trabalhar de vaqueiro
no sertão Pernambucano.

Além de ser bom vaqueiro
derrubar novilha e touro
aprendeu a fazer sela
arreio de sola e couro
depois saía vendendo
com isto arranjava o ouro.

Vendendo arreios nas feiras
no Pageú ele andava
também com tropas de burros
com os irmãos trabalhava
era tropeiro e mascate
tudo na vida enfrentava.

Lampião era poeta
fazia verso rimado
cantando muié-rendeira
improvisava animado
e tocava em consertina
samba, baião e xaxado.

Tudo de couro e de sola
aprendeu a fabricar
chapéu de couro e arreios
sem ninguém lhe ensinar
para fazer sela boa
tirou primeiro lugar

E como vaqueiro era
o campeão da ribeira
do riacho São Domingos
ali naquela fronteira
perto a passagem de Pedras
tinha a fazenda Pedreira.

Era a fazenda Pedreira
de Zé Ferreira pertinho
seu dono era Saturnino
para dizer direitinho
compadre de Zé Ferreira
bom amigo e bom vizinho.

A mulher de Saturnino
além de comadre, prima
da mulher de Zé Ferreira
naturais daquele clima
assim em ambas famílias
reinava paz e estima.

Saturnino tinha um filho
que se tornou bom vaqueiro
chamado Zé Saturnino
nasceu pra ser fazendeiro
dava valor a três coisas
cavalo, gado e dinheiro.

Um dia revendo o gado
uma vaca enchocalhou
em dias de dar bezerro
na outra tarde voltou
a fim de rever a vaca
anoiteceu não achou.

Cedinho Zé Saturnino
voltou a mesma ribeira
para procurar a vaca
e na fazenda Pedreira
as nove horas chegaram
os três filhos do Ferreira.

Foi uma grande alegria
para o senhor Saturnino
recebeu os três vaqueiros
Antonio e Virgulino
e o mais novo dos três
que se chamava Livino.

mandou fazer um café
naquela ocasião
tirou notícia da vaca
lhe respondeu cada irmão
eu ví muito gado seu
porém essa vaca não.

Depois do café Livino
disse: Vamos campear
Saturnino lhe pediu
se nossa vaca encontrar
faça favor de prender
e me mandar avisar.

A tarde Zé Saturnino
quando do campo chegou
sem localizar a vaca
Saturnino lhe falou
encomendei aos Ferreiras
José calado ficou.

Um caçador de mocó
em um serrote afastado
achou a vaca perdida
tangeu com todo cuidado
a vaca um pouco ralada
e o chocalho amassado.

Quando a vaca chegou
José foi examinar
viu o chocalho amassado
chamou o pai pra mostrar
e disse foi os Ferreiras
sou capa de apostar.

José e dois companheiros
no outro dia pegaram
seis vacas enchocalhadas
dos Ferreiras derrubaram
e os chocalhos com pedras
de todas seis amassaram.

Com a chegada das vacas
irou-se ali Virgulino
e disse ao pai vou agora
com Antonio e com Livino
para a fazenda Pedreira
matar José Saturnino

Ainda pegou nas armas
porém o pai não deixou
a mãe lhe pediu chorando
e Virgulino acalmou
seu Zé Ferreira sozinho
para a Pedreira rumou.

Contou para Saturnino
tudo que aconteceu
Saturnino disse: Zé
começou do povo seu
seus filhos que amassaram
primeiro um chocalho meu.

Mandou buscar o chocalho
mostrou e lhe disse então
é uma coisa por outra
fica razão por razão
e entre as duas famílias
surgiu a grande questão.

Assim nasceu a intriga
de Saturnino e Ferreira
no ano de dezesseis
deu-se a etapa primeira
Zé Saturnino era noivo
da filha de João Nogueira.

Zé Ferreira se valeu
de seu Cornélio Soares
o chefe de Vila Bela
pra entre os familiares
dele e de Saturnino
não haver sangue nos lares.

Assim coronel Cornélio
fez uma acomodação
prometeram ambas partes
de darem fim a questão
as bocas dizendo sim
e dentro dizendo não.

José Saturnino estava
fazendo casa e brocando
nas terras da maniçoba
uma fazenda ajeitando
porque para se casar
estava se preparando.

Porém com a sua turma
só andava bem armado
um dia na Maniçoba
cedinho foi atacado
pela turma dos Ferreiras
e houve um fogo pesado.

Era a turma dos Ferreiras
tendo a frente Virgulino
levando alguns companheiros
fora Antonio e Livino
a vontade era somente
matar José Saturnino.

Isto José Saturnino
esperava todo dia
rifle, bala e cabra bom
tinha em sua companhia
dele está tão preparado
Virgulino não sabia.

Virgulino foi chegando
junto com os companheiros
perguntou por Zé chocalho
quando avistou os pedreiros
José já tinha lhe visto
lhe deu os tiros primeiros.

Dois tiros Zé Saturnino
deu em Antonio Ferreira
um na mão, torou dois dedos
com sua arma certa
outro abaixo das costelas
que derrubou na poeira.

Virgulino sustentou
o fogo entrincheirado
e mandou tirar Antonio
para um riacho encostado
depois correu com os seus
por não achar resultado.

Antonio muito doente
levou para se tratar
com seu Antonio Martírio
que era espetacular
pra tratar de baleado
ali naquele lugar.

Deixou ele se tratando
e foi falar com o pai
Zé Ferreira aperriado
disse a ele, você vai
arranjar uma morada
que daqui a gente sai.

Bem perto de Nazaré
conseguiu uma morada
toda família Ferreira
pra Nazaré foi mudada
ficou Passagem de Pedras
dessa vez desocupada.

Quando Antonio Ferreira
ficou de tudo curado
Virgulino disse mano
agora o tempo é chegado
vou provar a Zé chocalho
que Virgulino é pesado.

Primeiro vamos queimar
nas terras de João Nogueira
tudo quanto pegar fogo
pasto, cerca e capoeira
eles lá, correm pra cá
e nós de cá pra Pedreira.

Se toca fogo no pasto
em roça de algodão
mata o que poder de gado
de porco e de criação
se bota fogo nas cercas
para arder-se a região.

Era no mês de agosto
o pasto sêco e ventando
nove horas os Nogueiras
eles foram encendiando
e doze horas do dia
toda Pedreira queimando

Assim que tocaram fogo
nas terras de João Nogueira
a turma dos Saturninos
foi acudir de carreira
e eles queimaram tudo
que quiseram na Pedreira.

Depois desse prejuízo
Zé Saturnino juntou
vinte homens bem armados
João Nogueira reforçou
e a casa dos Ferreiras
esta batalhão cercou.

Ninguém sabe quantos tinham
na casa com Virgulino
era impossível ser ele
o velho Antonio e Livino
que João e Ezequiel
cada qual era menino.

Os cabras de Saturnino
começaram a afracar
cinco foram baleados
desocupando o lugar
com isto Zé Saturnino
o jeito foi recuar.

Nogueiras e Saturninos
sairam na desvantagem
porém encontrando apoio
iam crescendo a bagagem
que a família Ferreira
com isto entrou de viagem.

Nogueiras e Saturninos
gozavam na região
prestígios com os políticos
pra melhorar a questão
Zé Saturnino foi ser
inspetor de quartelão.

Virgulino vendo isto
naquela mesma semana
partiu com toda família
da terra Pernambucana
e foi ficar bem distante
lá na terra Alagoana.

Pertinho de Mata Grande
arranjaram uma morada
dona Maria vivia
com isto traumatizada
morreu e em Mata Grande
a mesma foi sepultada.

Dizem que Zé Saturnino
tendo a pista e o roteiro
aonde José Ferreira
com os seus fez paradeiro
a polícia alagoana
foi denunciar ligeiro.

Dizendo que Zé Ferreira
tinha três filhos bandidos
queimaram nossas fazendas
prejuízos desmedidos
vieram para Alagoas
onde não são conhecidos.

O Alferes Zé Lucena
depois da parte partiu
a busca de Mata Grande
Virgulino pressentiu
na mão da grande volante
nem um dos três não caiu.

Virgulino disse ao pai
a polícia vai chegar
matar ou prender nós três
a casa vamos deixar
nunca pensou da polícia
seu querido pai matar.

Da casa saíram os três
no mato se ocultaram
no outro dia cedinho
os policiais chegaram
fizeram fogo na casa
seu Zé Ferreira mataram.

Ele debulhando milho
com uma espiga na mão
sentado lá no alpendre
caiu sem vida no chão
não achando os três irmãos
ainda prenderam João.

Não prenderam Ezequiel
porque este era menino
Lucena disse eu queria
pegar era Virgulino
o tal Antonio Ferreira
e o perigoso Livino.

Com o coronel Delmiro
o mais forte do Lugar
Virgulino conseguiu
uma morada arranjar
depois que lhe contou tudo
sem uma coisa faltar.

Assim levou a família
foi trabalhar novamente
com seu Delmiro Gouveia
contratou ligeiramente
sem haver perseguição
pra ele e pra sua gente.

Quando tudo estava bem
seu Delmiro adoeceu
sendo doença de morte
com pouco tempo morreu
Virgulino sem patrão
dividiu o povo seu.

Levou João e as irmãs
pra Juazeiro do Norte
entregou a Padre Cícero
voltou no mesmo transporte
ao lado dos três irmãos
procurou um bando forte.

Procurou Senhô Pereira
o mais forte cangaceiro
aliado a Luiz Padre
outro grande bandoleiro
os dois chefes num só bando
assombrando o mundo inteiro.

Na vida de cangaceiro
entrou assim Virgulino
junto a Antonio Ferreira
e o seu mano Livino
o caçula Ezequiel
ainda quase menino.

Combinado com seu Luiz
também com Senhô Pereira
entrou ele e os três manos
e na batalha primeira
foi da vez que o seu rifle
parecia uma fogueira.

Foram cercados de noite
no fogo com rapidez
enquanto um dava um tiro
ele dava dezesseis
o nome de Lampião
recebeu daquela vez.

Onde Virgulino estava
alí não faltou clarão
devido atirar ligeiro
chamou o grupo atenção
seu rifle naquela noite
parecia um Lampião.

Quando a volante viu
que não ia aguentar
balas por cima de balas
quase todas dum lugar
correu deixando a trincheira
sem poder mais atacar.

Senhô Pereira com todos
naquela ocasião
abraçavam Virgulino
apertando sua mão
dizendo onde você briga
não precisa Lampião.

E naquele comentário
o Luiz Padre falou
agora o nosso bando
um bom Lampião chegou
foi assim que Virgulino
o novo nome pegou.

A vinda de Lampião
completa sem faltar nada
nascimento, vida e morte
foi toda profetizada
por Antonio Conselheiro
e para o povo pregava.

Dizia de Pernambuco
um ser há de se erguer
da Bahia ao Rio Grande
muita gente há de sofrer
morte, resgate e flagelo
este reino irá trazer.

Atacará os sertões
respeitando o Ceará
do Rio Grande a Bahia
muita gente sofrerá
e somente em trinta e oito
este reino findará.

E voltando a Lampião
junto com Senhô Pereira
ao lado de Luiz Padre
Montaram uma cabroeira
assaltando os fazendeiros
era a maior bagaceira.

Senhô Pereira e Luiz
este bando chefiavam
Lampião e os três manos
com eles dois trabalhavam
vila e cidade pequena
toda semana atacavam.

Nessa época padre Cícero
aos dois chefes chamou
aconselhou todos dois
Senhô Pereira deixou
e Luiz Padre também
o grupo se acabou.

Parece que pra Goiás
os dois chefes viajaram
abandonando o cangaço
ao grupo despacharam
cada qual pegou seu rumo
assim todos debandaram.

Lampião e os três manos
gostando daquela vida
ingressaram noutra bando
de família conhecida
era o grupo dos Porcinos
turma valente e temida.

Manoel Porcino e dois manos
um grande grupo montaram
foi nele que Lampião
com os três manos entraram
depois os irmãos Porcinos
o cangaço abandonaram.

Quando dissolveram o grupo
Lampião se destinou
quem quiser ficar comigo
ser chefe eu agora vou
nove ficaram com ele
e o resto debandou.

Nove cabras dos Porcinos
e três irmãos que ele tinha
com ele formava treze
saíram naquela linha
e a primeira cidade
que atacou foi Matinha.

De Matinha a Água Branca
arrasou a região
tomando todo dinheiro
do povo daquele chão
assaltou da baronesa
valor de quase um milhão.

Fez o seu primeiro ataque
no Estado Alagoano
na data de dois de junho
de 22 foi o ano
que Lampião fez partida
com seu cangaço tirano.

Para a fazenda Ôlho d'água
Lampião se encaminhou
do coronel Zé Rodrigues
seis contos de réis tomou
pertinho achou um coiteiro
seis meses se ocultou.

Durante esses seis meses
era pra se preparar
e contratar cangaceiros
para o grupo reforçar
sair todo prevenido
para poder viajar.

Alpercata de rabicho
pra seu bando preparava
com o calcanhar pra frente
um outro par fabricava
para enganar as volantes
Lampião já planejava

Com o calcanhar pra frente
levava este par guardado
na hora que precisasse
era só fazer trocado
não tinha rastejador
pra não rastejar errado.

Preparou a todo gosto
um rico chapéu de couro
enfeitado de estrelas
e de moedas de ouro
tomadas da baronesa
de quem levou um tesouro.

Um cofre papo de Ema
amarrado na cintura
pra guardar dinheiro e jóias
que era a sua loucura
assaltar todo sertão
crescer e fazer figura.

Com seis meses de preparo
tudo pronto e planejado
saiu para viajar
não demorou ser cercado
por um sargento valente
o Clementino Furtado.

O sargento inda matou
Cícero Costa um valentão
e no calcanhar esquerdo
do valente Lampião
também acertou um tiro
estragando uma porção.

Lampião perdendo sangue
conseguiu se arrastar
com uns cinquenta metros
ficou a observar
Livino e a cabroeira
garantindo o seu lugar.

Meia-Noite tinha visto
pra onde Lampião ia
chegou lá e viu que ele
porção de sangue perdia
atou com uma toalha
que Lampião conduzia.

Meia-Noite era disposto
ainda o fogo serrado
passou Lampião nas costas
tirou para o outro lado
na casa de um amigo
deixou Lampião guardado.

Na serra de Baixa Verde
Lampião se ocultou
até melhorar do pé
ficando bom viajou
para atacar Belmonte
como de fato atacou.

Luiz Gonzaga de Souza
o prefeito do lugar
de cima da prefeitura
pulou do primeiro andar
morreu da queda e depois
Lampião mandou queimar.

Numa política em Triunfo
quando foi assassinado
o prefeito Deodato
por gente do outro lado
para ir vingar a morte
Lampião foi convidado.

Tinha duzentos soldados
esperando Lampião
mas, ele atacou Triunfo
com tanta disposição
que com seis horas de fogo
venceu todo batalhão.

Quando entrou na cidade
fez tudo quanto queria
quem era do outro lado
ele pegando morria
aí foi matar Quelé
lá em sua moradia.

Quando chegou na fazenda
fez fogo logo e matou
os dois irmãos de Quelé
e Quelé se preparou
somente com dois sobrinhos
ao combate enfrentou.

Quelé e os dois sobrinhos
se fizeram três guerreiros
sobiram em um sote velho
com os disparos primeiros
cada tiro era uma morte
acabando os cangaceiros.

Lampião se assombrou
tocou logo retirada
e disse: vamos correr
cuidado rapazeada
quem poder correr é hora
se não eu fico sem nada.

Desta carreira que deu
veio parar em Princesa
foi muito bem recebido
dalí partiu com certeza
para ir atacar Sousa
lugar que tinha riqueza.

Começou atacar Sousa
era três da madrugada
dominou toda cidade
deixou-a quase sem nada
voltou para Pernambuco
com uma soma avultada.

O resto de vinte e cinco em Pernambuco passou vila, fazenda e cidade no Pageú atacou Manoel Giló em Tapera e cinco praças matou.

O sertão de Pernambuco por ele foi atacado matava e saqueava era um estrago pesado já quase no fim do ano foi Livino assassinado.

Por uma forte volante da terra Paraíba que fez Lampião correr da terra Pernambucana aí foi passar uns dias lá na terra Alagoana.

No Estado Alagoano duas forças lhe cercaram era a noite ele correu as forças se enganaram atirando uma na outra setenta praças mataram.

Nessa época começava uma parte da nação aliada a Carlos Prestes querendo revolução criaram a coluna prestes deu a maior confusão.

Contra a Artur Bernardes o atual presidente no regime legalista este povo descontente se revoltou e saiu surrando e matando gente.

Chamados de revoltosos contra o regime legal Doutor Floro um cearense deputado Federal mandou chamar Lampião com todo seu pessoal.

Sabendo que a coluna ao Pernambuco arrasava e no começo de março no Ceará penetrava e Juazeiro era a terra que mais legalista dava.

Doutor Floro combinou com o padre Cícero Romão armaram todos romeiros mandou chamar Lampião pra garantir Juazeiro na hora da precisão.

Lampião disse não posso a Doutor Floro faltar pra defender meu padrinho eu vou até sem ganhar pedindo a Deus na viagem a tal coluna encontrar.

No dia quatro de março de vinte seis ele entrou em Juazeiro do Norte a cidade se abalou dando viva a Lampião a ele nada faltou.

Hospedou-se no sobrado de João Mendes de Oliveira mandado por padre Cícero ele e sua cabroeira visita, presente e festa vinha de toda maneira.

Pra defender os direitos do Governo da nação em Juazeiro do Norte foi aonde Lampião passou a ser promovido de bandido a capitão.

Padre Cícero autorizou a um Técnico Federal encorporar Lampião com todo seu pessoal no Exército Brasileiro pelo partido legal.

Preparou pra Lampião de capitão a patente e para Antonio Ferreira que foi primeiro tenente Sabino Gomes, segundo por ser temido e valente.

Luiz Pedro e Gato Bravo as patentes de sargentos e o resto de soldados receberam documentos do Exército patriótico surgiram novos rebentos.

No outro dia seguinte prepararam um batalhão de beatos e romeiros com todos de Lampião sendo Virgulino o chefe porque era capitão.

Cada um de Lampião um bom fusil recebeu e mais trezentos cartuchos que o Doutor Floro deu a busca dos revoltosos o batalhão se estendeu.

Os revoltosos sabendo arribaram do sertão com dois dias um amigo avisou a Lampião que nada tinha aprovado seu título de capitão.

Lampião disse: está certo fui atender meu padrinho não me querem no exército para andar direitinho vou voltar a ser bandido seguir no mesmo caminho.

Se despediu dos beatos
do batalhão dos romeiros
voltou para Pernambuco
com todos seus cangaceiros
onde atacou muitas vilas
e diversos fazendeiros.

As forças se levantaram
que o governo mandou
Lampião temendo a luta
numa serra se ocultou
o resto de vinte e seis
se escondeu não brigou.

Em vinte e sete juntou
um batalhão grande e forte
penetrou na Paraíba
tomando e fazendo morte
e desta vez foi que foi
ao Rio Grande do Norte.

Tomou tudo em Cajazeiras
Antenor e Poço Adão
invadiu duas fazendas
mais ricas da região
somente em Uirauna
levou bala uma porção.

Nos confins da Paraíba
contratou um cabra bom
na divisão do Estado
por nome de Massilon
conhecia o Rio Grande
e pra tudo tinha dom.

Perguntou a Massilon
você conhece um lugar
que tenha muita riqueza
e dê pra gente atacar
que quero passar oculto
dois anos sem viajar.

Massilon disse conheço
a cidade Mossoró
no Rio Grande do Norte
que em riqueza está só
se quiser a gente ataca
pega tudo e dá um nó.

Lampião passou dois dias
com Massilon planejando
perguntou quantas Igrejas
tem lá, vá me informando
Massilon disse tem três
Lampião ficou pensando.

Lampião pensou e disse
não dar certo companheiro
cidade com três Igrejas
não dar mais pra cangaceiro
Massilon disse é tolice
o que vale é ter dinheiro.

Daqui para Mossoró
nós temos seis povoados
três vilas duas cidades
que vão nos dar resultados
e dez fazendeiros ricos
para serem saqueados.

Massilon tomou a frente
o grande ataque se deu
toda zona do oeste
do Rio Grande sofreu
e um rico coronel
um cangaceiro prendeu.

O cangaceiro Coqueiro
prendeu Antonio Gurgel
pertinho de Apodí
na hora que o coronel
saía com a família
temendo o golpe cruel.

Entregou a Lampião
e Lampião projetou
um resgate por dinheiro
vinte e um contos marcou
se não desse ele matava
para o coronel falou.

O resgate que Lampião
naquela época fazia
prender gente de valor
soltar por alta quantia
está sendo o mesmo sequestro
da época de hoje em dia.

E também para resgate
prendeu o Joaquim Moreira
e dona Maria José
residente em Arueira
marcou o preço dos dois
para encher a algibeira.

Para Rodolfo Fernandes
fez uma carta e mandou
prefeito de Mossoró
que leu e não se assombrou
respondeu, não vai dinheiro
lhe esperando eu estou.

No ano de vinte e sete
no dia treze de junho
ele atacou Mossoró
cada qual de arma em punho
as quatro horas da tarde
assim eu li num vascunho.

A tarde chovia muito
ele pode observar
a beleza da cidade
do orgulho Português
aí disse a Massilon
é besteira se tentar.

Mas, como tinha avisado
ao prefeito que ia
atacou com toda tática
fez tudo quanto podia
aí tocou retirada
fazendo assim que corria.

No ponto determinado
quando os cabras chegaram
disseram que Jararaca
e Mormaço balearam
foram presos todos dois
e Colchêta já mataram

Lampião se preparou
pra dar a segunda entrada
a meia noite voltou
as duas da madrugada
vendo que não tinha jeito
tornou tocar retirada.

Aonde estava arranchado
se juntaram todos lá
e curando alguns feridos
deu a ordem vamos já
seguindo com os três presos
rumou para o Ceará.

Foi recebido com festa
na cidade Limoeiro
a pedido de um padre
soltou um prisioneiro
os outros dois mais adiante
quando mandaram o dinheiro.

Já fora de Limoeiro
uma volante o cercou
depois apareceu outra
mais adiante o atacou
e no terceiro combate
do Ceará desabou.

Dessa carreira que deu
foi em Sergipe “pará”
com raiva de Moureirinha
Governo do Ceará
e novas barbaridades
desta vez inventou lá.

Adotou a palmatória
de aroeira velada
para quebrar mão de gente
um ferro pra ser queimada
mulher do cabelo curto
se pegasse era ferrada.

Escolheu no bando todo
o cabra mais desumano
disse a ele faça um ferro
para ferrar corpo humano
com suas iniciais
J.B José Baiano.

Depois o Sabino Gomes
com Lampião desgostou
saiu e criou um bando
como chefe começou
Lampião peitou um cabra
pegou Sabino e matou.

Na Serra do Araripe
Lampião foi baleado
Antonio Ferreira morto
ele se viu apertado
escondido numa serra
doente e desamparado.

Numa época de inverno
os cabras desanimaram
dizendo ele vai morrer
quase todos desertaram
só ficou Ezequiel
com seis que não debandaram.

Até quando melhorou
que pôde sair um dia
só viajavam de noite
que muito doente ia
chegando no São Francisco
travessou para Bahia.

Do bando restava sete
já sem dinheiro e trapilho
pediu uma proteção
ao coronel Petronilho
que na Fazenda Gangorra
tratou dele como um filho.

Pertinho de Santa Brígida
Lampião se encontrou
alí com Maria Déia
e ela se declarou
apaixonada por ele
até que ele aceitou.

Ela deixou o marido
Zé de Nenê “sapateiro”
e passou a ser mulher
de Lampião cangaceiro
depois “Maria Bonita”
como chama o mundo inteiro.

Do reinado do cangaço
nasceu a filha Expedita
Lampião disse a Maria
a nossa filha é bonita
vamos dar a João Ferreira
deu e criou-se com dita.

Criou-se em casa do tio
foi muito bem educada
casou com Manoel Messias
em Sergipe fez morada
morando em Aracajú
de toda gente estimada.

Assim ficou Lampião
de Sergipe pra Bahia
fazendo as piores coisas
nos dois Estados vivia
mulher do cabelo curto
Zé ferrava, ele sorria.

Também diversas mulheres
o seu grupo acompanharam
companheiras do cangaço
ele aceitou e entraram
trazidas pelos capangas
que com eles se juntaram.

Devido a tantas mulheres
Lampião se atreveu
no Raso da Catarina
entrar com o povo seu
até achar um lugar
no centro se escondeu.

Dez léguas de mata virgem
de fera, espinho e deserto
onde não ia ninguém
Lampião ficava certo
se alí desse pra viver
seu grupo estava liberto.

Conseguiu arranjar água
ninguém não sabe os segredos
porque o deserto é seco
cobertos de arvoredos
onde armaram suas tendas
quase em forma de degredos.

Dalí guiou um caminho
sem fazer uma picada
dez léguas pelo deserto
até sair numa estrada
na passagem dum serrote
sem deixar rastro de nada.

Mandou arranjar coiteiro
que trazia o mantimento
até ao dito serrote
seu grupo com sofrimento
carregava na cabeça
até o acampamento.

Três vezes mandou Curisco
atacar lugares fora
Curisco ia e tomava
e voltava sem demora
com saudade de Dadá
que era a sua senhora.

Lampião bem escondido
nessa época já diziam
que ele tinha morrido
porque as volantes iam
penetravam pelo Raso
e nem um vestígio viam.

Nos ataques de Curisco
o Governo do Estado
o Jurací Magalhães
que vivia aperrado
mandou penetrar no Raso
até achar o reinado.

Quatro volantes vieram
prenderam logo o coiteiro
que foi mostrar o reinado
lá cercaram o cangaceiro
com duas metralhadoras
foi o maior desespero.

Todos da frente morreram
quando a rajada cortou
pelo fundo da caverna
Lampião inda pulou
junto a Maria Bonita
e Curisco acompanhou.

Só Curisco e Lampião
Dadá, Maria Bonita
correram pra esta banda
coberto de muita dita
escaparam na carreira
dentro da mata esquisita.

O que tinham de riqueza
naquela hora deixaram
Volta Sêca e uns colegas
pra outro lado escaparam
com fome e sede romperam
o deserto e travessaram.

Crescendo o bando de novo
em trinta e quatro estudou
um meio que a polícia
naquela época endoidou
dividiu o grupo em três
e mais dois chefes criou.

Entregou um a Curisco
e disse é para atacar
todos três num dia só
para a polícia endoidar
de trinta a quarenta léguas
cada qual em um lugar.

Moderno com o seu grupo
a uma vila atacava
dizendo ser Lampião
o povo se assombrava
Curisco atacava outra
Lampião outra assaltava.

Todos três num dia só
cada canto era atacado
em nome de Lampião
deixavam o povo assombrado
muita gente já dizia
ele está endiabrado.

A maior barbaridade
lá na Bahia ele fez
um serviço de rodagem
endiabrou-se uma vez
pegou matar os cassacos
inda matou trinta e três.

Curisco lhe reclamou
não mate o povo com fome
Lampião lhe respondeu
cale a boca se adome
eu tenho que fazer isto
para crescer o meu nome.

Continuou na Bahia
com o seu grupo cruel
atacou muitos lugares
pra completar o papel
lá perdeu o último mano
chamado de Ezequiel.

Já tinha perdido Antonio
e o seu mano Livio
e neste fogo perdeu
Ezequiel “Ponto Fino”
o último irmão do cangaço
do capitão Virgulino.

Com a morte do irmão
ele ficou abatido
igual a do padre Cícero
quando tinha falecido
que ele quase deixava
sua vida de bandido.

Ainda entrou em acordo
seu cargo renunciar
entregar tudo a Curisco
pra quem quisesse ficar
e ele na Argentina
procurar se ocultar.

Disse a Maria Bonita
estou na finalidade
já perdi o meu padrinho
e o resto da irmandade
vou me achando sozinho
pra tanta dificuldade.

Maria Bonita disse
Lampião não desanime
não queira renunciar
para acabar nosso time
que só morro satisfeita
se for na vida do crime.

Lampião pensou e disse
eu lhe atendo “santinha”
você quer morrer na luta
eu sou seu, você é minha
porém já sinto meu trem
chegando no fim da linha.

Em trinta e cinco um repórter
entrevistou Virgulino
no fim perguntou a ele
que diz de Antonio Silvino
ele disse é cabra frôxo
provou ser muito “mufino”.

Quando se viu baleado
em vez de se ocultar
saiu atrás da policia
ou melhor mandou chamar
e disse para o alferes
eu quero me entregar.

Quando o jornal saiu
Antonio Silvino leu
de pressinha na cadeia
um repórter apareceu
e com Antonio Silvino
uma entrevista deu.

Lá perguntou a Antonio
o que diz de Lampião
Antonio disse é um príncipe
no cangaço do sertão
pode ser mais do que fui
que tem melhor condição.

No tempo do meu cangaço
era um Brasil atrazado
só tive direito a rifle
e assim mesmo comprado
não é Lampião que hoje
vive todo apadrinhado.

Quando foi a Juazeiro
o seu grupo se armou
um bom fuzil do Exército
cada capanga ganhou
e ajuda de políticos
a ele nunca faltou.

Seu grupo é um batalhão
todo armado a fuzil
não lhe falta munição
neste Nordeste infantil
com a ajuda que tem
dos políticos do Brasil.

Só não creio numa coisa
do capitão Virgulino
dizer que é tão valente
e me chamar de “mufino”
e nunca ter conseguido
matar José Saturnino.

Com medo dos Saturninos
de Vila Bela correu
a mãe dele de desgosto
em Alagoas morreu
o pai foi assassinado
e mais coisa apareceu.

Quando o jornal circulou
Virgulino na Bahia
alguém levou ele leu
e na leitura sentia
ser de fato uma verdade
o que Antonio dizia.

O jornal fez Lampião
com poucos dias voltar
ao Pajeú novamente
Zé Saturnino cercar
jurando pegá-lo vivo
depois sangrar e queimar.

Quando José Saturnino
viu que era Lampião
com cinquenta capangas
cada qual fuzil na mão
entrou num quarto e trancou-se
sozinho nem fez ação.

Lampião bateu na porta
e gritou é Virgulino
pra tudo tem o seu dia
é hoje Zé Saturnino
que eu vou sangrá-lo vivo
cabra safado e cretino.

A mãe de Zé Saturnino
madrinha de Lampião
tomou o meio da porta
naquela ocasião
e disse: pode matar-me
que eu lhe dou o perdão.

Lampião disse madrinha
não vou matar a senhora
irei buscar Zé Chocalho
sangrar e queimar lá fora
tudo quanto ele me deve
tem que me pagar agora.

A velha olhou Lampião
e disse: meu afilhado
atire logo em meu peito
mate este corpo cansado
que não quero ver com vida
o meu filho ser sangrado.

Lampião naquela hora
o coração abrandou
o que foi de nome feio
em José descarregou
só não te sangro já-já
porque madrinha o livrou.

A velha naquela hora
abraçou o afilhado
e disse enquanto eu viver
você não é derrotado
como defendo meu filho
também lhe faço guardado.

Virgulino conheceu
da velha a forte oração
e disse para a madrinha
assim eu dou o perdão
para José Saturnino
se acaba toda questão.

Voltando para a Bahia
o que enfrentou venceu
foi cercado muitas vezes
nada lhe aconteceu
até entrar trinta e oito
quando a madrinha morreu.

Virgulino em trinta e seis
foi com o bando filmado
como “O Terror do Nordeste”
filme bom e procurado
fez sucesso em todo canto
onde era apresentado.

Toda vez que Virgulino
ia matar um cristão
se o mesmo se valer-se
do Padre Cícero Romão
seria considerado
e ele dava o perdão.

Todo dinheiro miúdo
que Virgulino pegava
era para dar esmolas
a pobreza onde chegava
o lado da caridade
ele nunca desprezava.

Com a morte da madrinha
o seu tempo foi chegado
como Antonio Conselheiro
havia profetizado
que em trinta e oito era
o final do seu reinado.

Perseguido na Bahia
se ausentou do torrão
travessou para Sergipe
se escondeu no Grotão
lugar entre duas serras
onde não ia um cristão.

Perto de Porto da Folha
Angicos é o lugar
local chamado Grotão
trabalhoso de chegar
Lampião disse é aqui
que agora eu vou morar.

Mandou armar sua tenda
e alí fez paradeiro
arranjou com Pedro Cândido
um seu amigo e coiteiro
que ficou encarregado
das compras do cangaceiro.

Assim passou muito tempo
ele comprava e levava
tudo quanto Lampião
com o bando precisava
notícia de Lampião
nem uma pessoa dava.

O tenente João Bezerra
da polícia Alagoana
saindo lá de Piranhas
para a terra Sergipana
teve notícia das compras
por Pedro toda semana.

O tenente que pensava
localizar Lampião
prende logo Pedro Cândido
fez ele ir ao Grotão
e mostrar aonde estava
o bando do capitão.

A vinte e oito de julho
de madrugada chegaram
e com seis metralhadoras
de perto localizaram
cinco e trinta da manhã
de uma vez metralharam.

Morreu Maria Bonita
Enedina e Lampião
e mais oito cangaceiros
tomaram mortos no chão
e os outros debandaram
pulando pelo Grotão.

Ainda deram alguns tiros
que mataram de repente
um soldado e balearam
em uma perna o tenente
João Bezerra nem ligou
por está de sangue quente.

Um soldado corajoso
até o local correu
quando viu Lampião morto
pegou e reconheceu
e gritou tenente João
o cego agora morreu.

O tenente João Bezerra
tremia emocionado
dizia pode ser outro
você está enganado
o soldado disse é ele
já estou documentado.

João Bezerra deu ordens
naquele mesmo local
cortar as onze cabeças
e dentro d'água de sal
pra Santana do Ipanema
levou com seu pessoal.

Mostrando lá em Santana
para Maceió tiraram
com processo especial
de todas onze trataram
de Maceió a Bahia
em todas praças mostraram.

Ainda tem as cabeças
do reino da tirania
no museu Nina Rodrigues
em Salvador da Bahia
a cabeça de Lampião
tem visita todo dia.

Quando correu a notícia
da morte de Lampião
Curisco com o seu bando
endoideceu no sertão
do Estado Alagoano
fez pior do que o cão.

Atacou cinco lugares
matando gente e roubando
cortou diversas cabeças
um presente preparando
e mandou pra João Bezerra
ao mesmo desafiando.

Incendiou várias ruas
lá na terra Alagoana
matou gente tirou couro
fez manta de carne humana
depois temendo a polícia
passou pra terra Baiana

Curisco entrou na Bahia
causando calamidade
esta forma de vingança
foi sua finalidade
com pouco tempo mataram
o rei da perversidade.

O resto dos cangaceiros
de ambas as partes mataram
alguns fugiram pra longe
e outros se entregaram
foi assim que o cangaço
naquela época acabaram.

Já ouvi opiniões
que Lampião não morreu
foi só um arrumadinho
e ele se escondeu
gente exibida detesta
o que certo aconteceu.

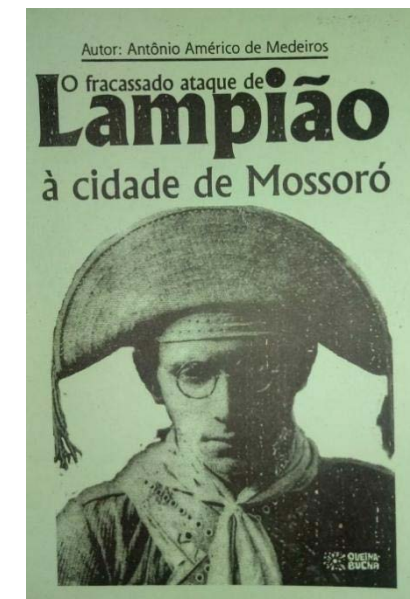
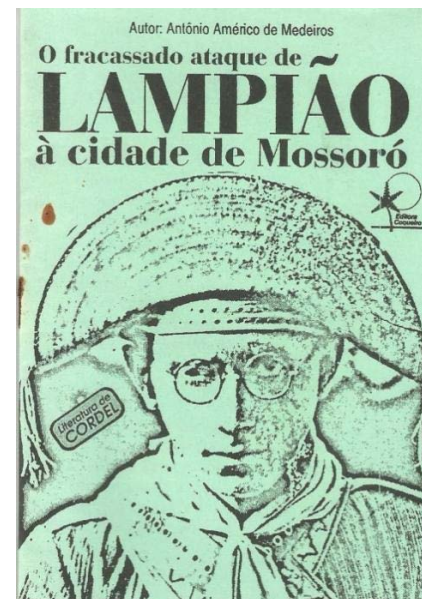
A história verdadeira
Na vida de Lampião
Trabalhei para fazer
O folheto com noção
Não podemos desprezar
Isto faz se recordar
O cangaço do sertão.

A Lampião cangaceiro
Merece todo heroísmo
Este trabalho mostrou
Razão, triunfo e abismo
Intriga, luta e cangaço
Capitão testa de aço
O terror do banditismo.

F I M

Patos, 25 de janeiro de 1980

Figura – Capas do folheto



Fonte: acervo da autora

O poema é composto de cinquenta e nove sextilhas de sete sílabas e esquema rímico ABCBDB. O folheto traz, em sua capa, uma ilustração elaborada a partir da edição de uma fotografia, um recurso da atualidade agregado à composição das capas de cordel – Editora Coqueiro e, na contracapa, uma fotografia do cangaceiro José Leite de Santana, o Jararaca, morto em Mossoró. Esse folheto também foi publicado pela Queima-Bucha. A editora manteve a ilustração da capa e contracapa, assim como o número de páginas e o texto, com pequenas alterações. Também de abordagem histórico / biográfica, conta sobre o ataque de Lampião à cidade de Mossoró – RN, em 1927, e vincula-se, segundo a classificação de Diégues Júnior (2012), ao grupo dos fatos circunstanciais ou acontecidos.

Esse folheto faz parte da série elaborada pelo poeta sobre a vida e os feitos do cangaceiro Lampião. O fato histórico e o episódio da vida

de Lampião que servem como temas para o poema já foram referenciados no folheto *A vida de Lampião: intriga, luta e cangaço*. Algumas das estrofes presentes no folheto, muitas delas com pequenas alterações, também fazem parte do texto anteriormente citado. Na introdução do poema, as cinco primeiras estrofes não fazem parte desse conjunto e apresentam, com maior riqueza de detalhes, o episódio que será contado. Fazem parte do folheto anterior, principalmente, as estrofes que contam sobre a incorporação de Massilon ao bando de Lampião e o planejamento do ataque a Mossoró. Os detalhes sobre o embate, o seu desfecho, com a derrota lendária, e a fuga de Lampião, assim como a prisão e morte do cangaceiro Jararaca e a fuga de Massilon, são apresentados nas demais estrofes que, assim como as iniciais, recontam o fato já narrado, a partir de uma apresentação descritiva mais rica em detalhes que aquela presente no cordel *A vida de Lampião: intriga, luta e cangaço*.

O Fracassado Ataque de Lampião à Cidade de Mossoró-RN em 1927

AUTOR: ANTÔNIO AMÉRICO DE MEDEIROS

No ano de vinte e sete
Lampião a viajar
travessou a Paraíba
para a terra Potiguar
do Rio Grande do Norte
viagem que deu azar

Quando ia contratou
um cangaceiro afamado
que tinha sido tropeiro.
Conhecia todo estado
de nome Massilon Leite,
criminoso respeitado

Viveu de carregar sal
de Mossoró ao sertão
e voltava carregado
com legume e algodão.
Antes de ser criminoso
era um nobre cidadão

Forçado pelo destino
foi obrigado a matar
civil e pra não ser preso
matou até militar
e no bando de Lampião
passou se incorporar

Lampião quando avistou
Massilon em sua frente
só em olhar conheceu
que era forte e valente
e disse de hoje em diante
você vai ser meu Tenente

Perguntou a Massilon
você conhece um lugar
que tenha muita riqueza
e dê pra gente atacar
que quero passar oculto
dois anos sem viajar

Massilon disse eu conheço
a cidade Mossoró
no Rio Grande do Norte
que em riqueza está só
planejando a gente ataca
pega tudo e dá um nó

Lampião passou dois dias
com Massilon planejando
perguntou quantas igrejas
tem lá, vá me informando,
Massilon disse tem três
Lampião ficou pensando

Lampião pensou e disse:
não dá certo companheiro
cidade com três igrejas
não dá mais pra cangaceiro
Massilon disse é tolice
o que vale é ter dinheiro

Daqui para Mossoró
nós temos seis povoados,
três vilas, duas cidades
que vão nos dar resultados
e dez fazendeiros ricos
para serem saqueados

Massilon tomou a frente
o grande ataque se deu
toda zona do oeste
do Rio Grande sofreu
cada fazendeiro rico
muito dinheiro perdeu

O cangaceiro Coqueiro
prendeu Antônio Gurgel
saindo de Apodi
na hora que o coronel
ia com toda família
temendo o golpe cruel

Foi levado para o chefe
e Lampião projetou
um resgate por dinheiro
vinte e um contos marcou
se não desse, ele matava
para o coronel falou

O resgate que Lampião
naquele tempo fazia
prender gente de valor
e soltar por alta quantia
está sendo o mesmo seqüestro
da época de hoje em dia

E também para resgate
prende o Joaquim Moreira
e dona Maria José
a mais rica fazendeira
cada resgate seu preço
foi marcado em Aroeira

Da fazenda Aroeira
foi para a de Oiticica
lá escutava a graúna
o xexéu e a peitica
Dizia: Ah! se eu dominasse
aquela cidade rica

Aí disse a Massilon
nosso plano está perdido
para atacar Mossoró
eu não estou prevenido
penso que vai ser assim
seis soldados pra um bandido

Para não ficar tão feio
vou criar uma quengada.
Fazer uma carta agora
para o prefeito enviada
pedir quatrocentos contos
para evitar minha entrada

Peço mais vinte e um contos
para soltar o Gurgel
ou manda tudo, ou eu entro
diz a carta em seu papel
se o prefeito afracar
caiu a sopa no mel

Porque o Rodolfo é genro
do nosso prisioneiro.
Obrigo Antônio Gurgel
fazer uma carta ligeiro
pedindo os vinte e um contos
do seu resgate em dinheiro

Para Rodolfo Fernandes
fez uma carta e mandou.
Prefeito de Mossoró
que leu e não se assombrou.
Respondeu, não vai dinheiro
lhe esperando eu estou

Assim que o Lampião
esta carta recebeu
disse para Massilon:
- Perdi o trabalho meu
o prefeito é homem forte
em nada me obedeceu

A tarde chovia muito
mas deu para observar
a beleza da cidade
do orgulho Potiguar
Ele disse a Massilon:
É besteira se tentar

Porém já tinha avisado
ao prefeito que ia.
Aí disse para todos
se não for é covardia
porém já estou sabendo
que volto de mão vazia

Dividiu seu grupo em três.
Lado esquerdo Massilon.
Jararaca com Sabino
no centro com todo dom.
E Lampião na direita
mas sem achar nada bom

E nesta hora o povão
em Mossoró esperava.
A cavagem dos esgotos
em trincheira aproveitava
e cada ruma de terra
uma barricada dava

Onde tinha casa rica
o esgoto era cavado.
Na de Alfredo Fernandes
e Major Bento de lado.
Coronel Tertuliano
outro chefe respeitado

O prefeito tinha tirado
as famílias da cidade.
Só deixou os defensores
civil e autoridade
Homens que pegassem em armas
e brigassem de verdade

Fortificou as trincheiras
do Correio pra o hotel.
Muita gente defendendo
a casa do coronel
da igreja de São Vicente
até chegar no quartel

Tomaram todas entradas.
Tinha gente em quantidade,
mais de trezentos guerreiros
empiquetando a cidade
entre polícia e civil.
Todos de boa vontade

A polícia de fuzil,
carabina e mosquetão.
Cada civil com um rifle
e bisaco de munição.
Mais de cem bacamarteiros
que vinheram do sertão

Mossoró em vinte e sete
já era grande cidade.
Linda capital do sal,
na maior prosperidade,
com o progresso do trem
trazendo felicidade

Lampião tinha avisado
que quatro horas da tarde
atacava Mossoró.
Disse ao bando se aguarde
que irei as quatro em ponto
para não bancar covarde

Eu sei que estou perdido
mas quero fazer bonito.
É para entrar animado
atirando e dando grito,
cantando “mulé-rendeira”
num alarido perito

Um grita e outro berra
sapateando no chão,
dançando mulé rendeira,
dando viva a Lampião.
Um esturra como onça.
Já outro como leão

Às quatro horas da tarde,
Lampião deu a entrada
debaixo de grande chuva,
numa forte trovoadas,
relâmpago de caracol
com faísca avermelhada

Lampião e Massilon,
cada qual pelo seu lado,
ficaram só nas entradas
temendo o fogo cerrado.
Jararaca foi ao centro
brigando entusiasmado

Ele, Sabino e Colchete
já assombrando o povão.
Com um tiro entre os olhos
cai Colchete sobre o chão.
Jararaca baleado
nesta mesma ocasião

Alguém diz que ele foi
socorrer o companheiro.
Outros disseram que ele
foi tirar jóia e dinheiro.
Caiu no chão baleado
e depois prisioneiro

Sabino sem eles dois
com o resto recuou.
Massilon sabia tudo,
temeu e não penetrou.
E Lampião assombrado
a retirada tocou

No ponto determinado
quando os cabras chegaram
Sabino disse que dois
bem baleados ficaram.
Mormaço e Jararaca
e Colchete já mataram

Lampião se preparou
pra dar a segunda entrada,
às onze e trinta da noite,
nova descarga foi dada.
Com toda fuzilaria
só para fazer zoadas

Massilon que conhecia
Mossoró rua por rua,
sabia beco por beco
até no claro da lua,
só penetrou poucos metros
porque a volta era crua

A segunda retirada
Lampião tocou de novo.
Foram todos para o rancho
depois que juntou o povo
disse: Eu vou pensar um pouco
para ver o que promovo

Tratou de todos feridos.
Deu um grito: Vamos já
deixar este inferno negro
partir para o Ceará,
enquanto eu viver no mundo
nunca mais eu venho cá

Foi recebido com festa
na cidade Limoeiro.
A pedido de um padre
soltou um prisioneiro
e os outros dois depois
quando mandaram o dinheiro

Para os últimos reféns
o arrocho foi cruel.
Vinte e um contos de réis
só pra Antônio Gurgel.
Joaquim Moreira dez contos
só em notas de papel

No fogo de Alto Santo
Massilon se escapuliu
Do bando de Lampião
neste dia ele fugiu.
E aqui pelo Nordeste
nunca mais ninguém o viu

Alguém diz que Massilon
foi esbarrar em Goiás.
Temendo que Lampião
tentado por satanás
pela derrota sofrida
com ele quebrasse a paz

No ano de vinte e sete,
no dia 13 de junho,
houve este grande ataque
segundo eu li num rascunho
em jornal do dia 14
que ficou por testemunho

Massilon não tinha medo
do valente Lampião
mas como o plano foi dele
e perderam na questão.
Temia que Virgulino
o pegasse à traição

Jararaca sendo preso
foi pra sela especial.
Bem tratado e melhorando
depois foi para Natal
para ser interrogado
pelo comando geral

Queriam saber da vida
completa de Lampião
e todas as estratégias
do temido capitão.
Jararaca pouco disse
naquela interrogação

Há uma versão que diz
que Mormaço baleado
foi preso e depois de dias
pra um cemitério levado
obrigado a cavar a cova
que nela foi sepultado

Jararaca a Mossoró
tornou de novo a voltar,
o levaram para o mato
pra sua cova cavar.
Não houve quem obrigasse
ele num ferro pegar

Depois de bem judiado
disse me dê um punhal
e venha de um a um
armado com outro igual
que eu mato do primeiro
até chegar no final

Com esta dura proposta,
Os soldados se assombraram.
Foram todos para um lado.

Suas armas detonaram
Foi assim na covardia
que Jararaca mataram

Um sargento olhou e disse:
- Ah! Jararaca valente
provou ao chegar no centro,
brigando danadamente.
Lampião ficou de longe
com medo de vir a frente

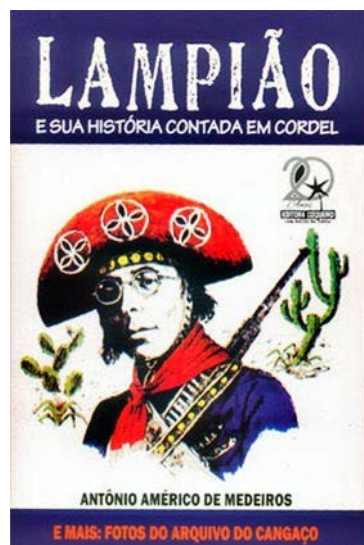
Aqui termino o combate
que em Mossoró se deu.
Jararaca como herói
considero que morreu.
Massilon fugiu pra longe
Nunca mais apareceu.

As edições desse folheto, cujas capas aqui estão apresentadas, apresentam como datas de publicação, a primeira, 1996, impressa pela Promarketing Consultoria e Popaganda, de Recife, e a segunda, 2011, da Editora Luzeiro. A edição de 1996, estruturalmente, é composta de duzentas e trinta e sete estrofes de seis versos heptassílabos e esquema rímico ABCBDB e duas setilhas – acróstico – também heptassílabas, com esquema rímico ABCBDDDB. Este folheto é anterior ao segundo folheto publicado pela Editora Luzeiro, que data do ano de 2011, que apresenta uma sextilha a menos, quando comparado ao texto da versão anterior, com um total de 236 sextilhas e 02 setilhas dedicadas ao acróstico, ambos seguindo o mesmo esquema rímico que a versão anterior. O folheto aqui transcrito é o texto da edição de 1996. Ao compararmos os textos das duas edições, constatamos que existem pequenas alterações na redação de alguns versos, sem que isto signifique alteração do sentido ou da métrica apresentada por estes. A estrofe que não consta no texto publicado pela Luzeiro localiza-se na página 40 e tem a seguinte redação:

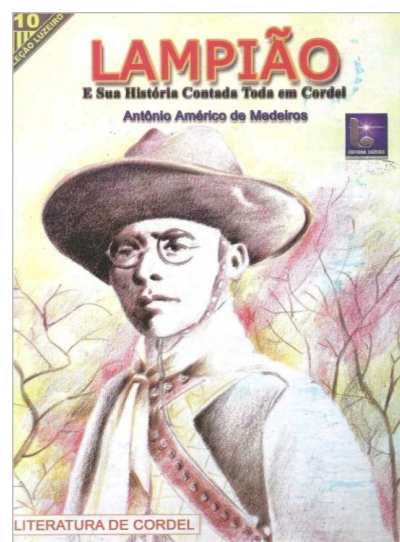
– Só não creio em valentia
daquele cabra cretino,
dizer que é mais valente
do que Antônio Silvino,
e até hoje não vingou-se do nobre Zé Saturnino.

A capa da primeira edição traz como ilustração a edição de uma fotografia do cangaceiro, colorida artificialmente, e tem como ilustrador Edilson Cavalcante. Mais uma vez, aqui se repete o uso de um recurso da atualidade agregado à composição da capa do cordel, a exemplo do folheto *O fracassado ataque de Lampião à cidade de Mossoró*. Cabe-nos destacar ainda que essa edição é também ilustrada com fotos de Lampião, de pessoas que fizeram parte da história dele, de um cartaz da época, que oferecia uma recompensa pela captura do cangaceiro, e das cabeças e despojos do bando por ocasião da morte de Lampião. Ainda como parte da ilustração do poema, acrescenta-se que quase todas as páginas, exceção feita à primeira e à última pá-

Figuras – Capas do folheto



Fonte: acervo da autora



gina, que trazem o desenho que consta na capa, são ilustradas com xilogravuras do Mestre Dila.

A capa da segunda edição, da Editora Luzeiro, está ilustrada com uma imagem do Cangaceiro Lampião, muito próxima de uma foto de Lampião que consta na primeira página da edição de 1996, dando sequência a uma tradição presente nos folhetos do autor que partem de uma referência histórica e que correlacionam a ilustração da capa e o texto como partes que se apoiam e se confirmam na mesma história, uma vez que, também nessa vertente de sua poesia, o poeta estabelece o vínculo com o elemento histórico, uma constante que permeia quase toda a sua poesia, como forma de atribuir completude e verdade ao texto por ele composto.

Esse romance de 48 páginas pode ser considerado uma espécie de “paráfrase poética” daquele que foi o primeiro da série sobre o rei do cangaço no sertão, *A vida de Lampião: intriga, luta e cangaço*. Já nas primeiras estrofes dos textos, é possível perceber a aproximação entre as estrofes, em ambas as edições. Algumas vezes variando a ordem das estrofes e a sequência do texto, o poema chega à sua conclusão com o mesmo procedimento narrativo inicial. Entre as alterações apresentadas no texto de 1996, também encontraremos a inserção de elementos narrativos como os diálogos em discurso direto, nos quais essas figuras históricas falam diretamente ao leitor. Essa forma “híbrida” de narrar a vida de Antônio Silvino e Lampião também pode ser observada em folhetos de Chagas Batista e Leandro Gomes de Barros (ABREU, 1997b). A principal diferença entre os textos está na elaboração dos acrósticos nas setilhas finais, embora, em ambos os textos, o poeta ratifique duas ideias: a afirmação de que a história é “verdadeira” e que, portanto, foi bem contada, e o enaltecimento do cangaceiro como alguém que merece “todo heroísmo”, que é “bravo e forte”, mas que foi também um “cangaceiro”, “O terror do sertão”, “O capitão Virgulino.” Lembremos que, de acordo com Abreu (1997b, p. 325), “Um ‘escritor do povo’ sabe interpretar o universo de valores,

expectativas e crenças de seu público; sabe dizer quais as possibilidades de desenvolvimento de um enredo que o tornem *verossímil* para aquele público.”

O procedimento utilizado pelo poeta, ao reescrever o seu próprio texto, revestindo-o com os recursos de uma “nova” redação para os mesmos fatos, revela, não somente o amadurecimento dos versos e da escrita poética, mas também a preocupação em presentear o público com uma história que não é nova, mas que se reveste de novos recursos para melhor ser lida e compreendida pelo leitor de seus folhetos. A postura assumida pelo poeta revela ainda que ele tem consciência dos papéis que exerce junto ao público / povo, e um deles é o de informar com seus versos, de maneira que a informação dos jornais, envolta em rimas, seja recebida e compreendida pelo leitor em qualquer tempo. Dessa forma, mais uma vez, o poeta honra o seu compromisso com o seu público.

Lampião e sua história contada toda em cordel

AUTOR: ANTÔNIO AMÉRICO DE MEDEIROS

Quem desejar conhecer
de Lampião a História.
Foi cangaceiro famoso,
no Cangaço teve glória,
o título de Capitão
ainda está em memória

A doze de fevereiro
no Sertão pernambucano
ano mil e novecentos
tudo certo sem engano
nasceu lá este menino
dum casal bom e humano.

Pesquisei todos os livros
da vida de Lampião.
Juntei o que achei certo
para versar com noção,
a vida do cangaceiro
que foi terror do Sertão.

Sua mãe, dona Maria
e seu pai, José Ferreira
lá em Passagem de Pedras,
fazendola de primeira,
pertencente a seu José
e sua nobre caseira.

Na antiga Vila Bela,
que hoje é Serra Talhada,
lá nasceu este menino
em uma hora agitada,
com o nome de Virgulino
a criança batizada.

O padre Cícero Romão
foi seu padrinho de vela
porque seu José Ferreira
levou a criança bela,
batizou-se em Juazeiro,
data feliz foi aquela.

Virgulino e quatro manos,
um era Antônio Ferreira.
Ezequiel e Livino,
João, homem de primeira
que para ser cangaceiro,
nunca quis esta bandeira.

Falarei nas quatro manas
do famoso Virgulino.
Maria, Anália e Angélica
informo com todo tino,
a outra era Virtuosa,
a quem não sabe, eu ensino.

Ensinado pela mãe,
pra padre Cícero rezava,
chamando de meu padrinho,
o povo se admirava.
Fez primeira comunhão,
tudo com fé praticava.

Em uma escola primária
ficou no ano terceiro.
Com doze anos de idade
pra trabalhar de vaqueiro,
no Sertão pernambucano,
foi seu trabalho primeiro.

Começou como vaqueiro
aprendeu a fazer sela,
chapéu de couro e arreios
feitos de sola amarela,
courona, gibão, perneira,
pra vender em Vila Bela.

E assim de feira em feira
o que fazia vendia,
nas zonas do Pajeú,
vendendo mercadoria,
depois com tropas de burros
trabalhou na freguesia.

Comprou uma concertina,
aprendeu tocar rancheira,
samba, baião e xaxado,
tocava em toda ribeira,
e como era poeta,
cantava mulé-redeira

De sela a chapéu de couro
era quem melhor fazia.
Mascate e vaqueiro bom,
tropeiro de simpatia,
assim Virgulino era
um grande na freguesia.

Junto a Passagem de Pedras,
fazenda de Zé Ferreira,
às margens do São Domingos,
tinha a Fazenda Pedreira,
pertencente a Saturnino,
fazendeiro da ribeira.

Compadre de Zé Ferreira,
era o senhor Saturnino,
as duas mulheres primas,
pela sorte ou o destino.
A mulher de seu Saturno,
madrinha de Virgulino.

Saturnino muito rico
em dinheiro, terra e gado.
José Ferreira, mais fraco,
mas era considerado,
como vizinho e compadre,
pelo outro respeitado.

Saturnino tinha um filho,
bom vaqueiro, inteligente,
por nome Zé Saturnino,
com o gabo de valente,
querendo ser o maior
ali naquele ambiente.

Jose Ferreira também
tinha três filhos vaqueiros,
o grande Antônio Ferreira,
campeão nos marmeleiros,
o Virgulino e Livino,
também de corpos maneiros.

Zé Saturnino deixou
uma vaca enchocalhada.
Foi buscar no outro dia.
Procurou não achou nada.
Voltou zangado por não
a vaca ser encontrada.

À noite chegou em casa,
um pouco desconfiado,
do mesmo jeito com raiva,
não ter a vaca encontrado.
E disse a seu Saturnino:
–Eu estou encabojado.

– A vaca nunca saía
do pé daquele serrote
deixei lá enchocalhada.
Hoje eu vi touro e garrote
só não encontrei a vaca,
o resto eu vi de magote.

Saturnino disse: –Zé,
os três filhos do Ferreira
hoje estiveram aqui
e eu de boa maneira
pedi que, se encontrassem,
me trouxessem a Lavandeira.

Com isto, Zé Saturnino
se sentiu enciumado.
Ele vaqueiro famoso
não ter a vaca encontrado.
Se os Ferreira trouxessem
não era do seu agrado.

No outro dia bem cedo,
um caçador de mocó
achou a vaca perdida,
ralada de fazer dó,
com o chocalho amassado
e um corte no mocotó.

Quando a vaca chegou
ralada desta maneira,
com o chocalho amassado,
vinha a vaca Lavandeira.
Zé Saturnino gritou:
– Foi os filhos do Ferreira.

Jose chamou dois capangas,
lá no campo derrubaram
sete vacas dos Ferreiras,
os chocalhos amassaram
e com esta violência
acharam que se vingaram.

À tarde, as vacas chegaram
com os chocalhos fechados,
todos batidos com pedras
e muito bem amassados.
Virgulino e seus irmãos
se sentiram desfeitos.

Quiseram ir se vingar,
porém seu Zé não deixou.
Disse: – Eu irei sozinho.
Para Pedreira rumou.
Ao compadre Saturnino,
a novidade contou.

Saturnino respondeu:
– Os seus filhos começaram,
me derrubaram uma vaca
e o chocalho amassaram.
José foi com dois vaqueiros
ao campo e se vingaram.

Mostrou a vaca ralada
e o chocalho amassado:
– Além de perder a cria,
eu também fui desfeito.
Fica uma coisa por outra.
Seu José ficou calado.

A família Saturnino
e a família Ferreira,
desta vez, se intrigaram.
Depois conto a bagaceira.
Ze Saturnino noivou
com a filha de João Nogueira.

O chefe de Vila Bela
era Cornélio Soares.
Chamou as duas famílias,
com diálogos populares,
fez uma acomodação,
levando prazer aos lares.

Na vista do Coronel
todos prometeram paz,
porém durou poucos dias,
tentados por satanás,
houve a primeira contenda,
onde brigaram demais.

José Saturnino noivo,
sua fazenda ajeitando
nas terras da Maniçoba,
fazendo a casa e brocando,
pra casar no fim do ano,
estava se preparando.

No ano de dezesseis,
o casamento marcado,
Zé Saturnino vivia
previdido e bem armado.
Um dia na Maniçoba,
cedinho, foi atacado.

O chefe era Virgulino,
e Livino, seu irmão,
o mano Antônio Ferreira,
rapaz forte e valentão,
que inda tentou pegar
Zé Saturnino de mão.

Ze Saturnino atirando,
feriu Antônio Ferreira,
com um tiro nas costelas,
ele embolou na poeira,
outro nos dedos da mão.
Cortou dois. Arma certa.

Virgulino sustentando
o fogo sem fracassar,
para José Saturnino
não acabar de matar
seu mano Antônio Ferreira,
no chão gemendo a rolar.

Gritava: – José Chocalho,
você está enganado,
saiba que sou Virgulino,
um vaqueiro respeitado,
no amolegar do dedo
também sou peso-pesado.

Ele, Livino e três cabras
no tiroteio cerrado.
Mandou retirar Antônio
para um riacho de lado,
caído e perdendo sangue
por se achar baleado.

Tinha Antônio Martírio,
curandeiro do lugar,
tratador de baleado,
que garantia escapar
quem chegasse a casa dele
precisando se curar.

Foi Virgulino pra casa.
A seu José avisou
tudo que aconteceu,
o velho se aperriou
e disse: – A intriga agora,
com esta, se duplicou.

– Eu irei a Nazaré
arranjar uma morada,
nas terras de um amigo,
antes doutra barulhada,
depois se vende esta terra,
fica a questão terminada.

Quando Antônio Ferreira
chegou em casa curado,
já nessa nova morada,
Virgulino preparado,
para vingar os balaços
que o mano tinha levado.

Virgulino e seus irmãos,
e mais uma cabroeira,
tocaram fogo no pasto
das terras de João Nogueira.
As chamas queimando tudo.
Cerca, curral, capoeira.

Maniçoba se ardendo.
Pastagem, cerca e curral.
Saturnino, da Pedreira,
correu com seu pessoal
para acudir João Nogueira
daquele fogo infernal.

Era no mês de agosto,
às nove horas do dia,
o vento soprava forte,
Maniçoba se ardia.
Virgulino pelo mato
para a Pedreira corria.

Às onze horas chegaram
sem ter homens na Pedreira.
Todo mundo em Maniçoba
acudindo a João Nogueira,
nas terras de Saturnino
foi tirana a bagaceira.

Cerca, curral, armazém.
Queimaram tudo ligeiro.
E Virgulino gritava
do aceiro do terreiro:
–São os filhos do Ferreira
diga a José Chocalheiro.

Assim, nas duas fazendas
foi enorme o prejuízo.
José Saturnino disse:
–Papai agora é preciso
eu ir fazer a vingança.
Dizia com ar de riso.

Saturnino combinou
concordar com João Nogueira.
Contrataram vinte homens
perigosos da ribeira
e foram pra Nazaré,
pra casa de Zé Ferreira.

Zé Saturnino dizia:
–Ao chegar, vamos cercar.
Casa, curral, capoeira.
Irei tudo incendiar.
Quem pertencer a Ferreira
é só pegando e matar.

Quando José Saturnino,
da casa tomou chegada,
Virgulino previnido,
com sua rapaziada,
recebeu eles na bala,
parecia uma alvorada.

Do batalhão Saturnino,
cinco foram baleados,
que os Ferreira de casa
brigavam entrincheirados.
Zé Saturnino correu
por não achar resultados.

Nogueiras e Saturninos
voltaram sem solução,
mas com apoio político
cresceram na região.
Zé Saturnino foi ser
inspetor de quartirão.

José Ferreira sabendo
da política desumana,
mandou Virgulino ir
para a terra alagoana.
Arranjar outra morada
antes do fim de semana.

Nas terras alagoanas,
foram pra nova morada,
lá morreu dona Maria
por viver traumatizada.
Na cidade Mata Grande
a mesma foi sepultada.

Zé Saturnino sabendo
saiu pra denunciar
à polícia alagoana,
para prender ou matar,
esta família bandida
que fugiu do seu lugar.

O alferes Zé Lucena
lhe disse: – Deixe comigo
que eu vou e prendo tudo,
ou mato se houver perigo.
Os presos mando pra lá,
você que marque o castigo.

Avisaram a Virgulino,
ele foi se ocultar
na mata com os irmãos.
Seu Zé ficou a esperar
pra receber a polícia
e toda história contar.

Dizer que os três rapazes
pra Pernambuco voltaram.
As filhas e dois meninos
comigo agora ficaram.
Os outros são almocreves
com seus burros viajaram.

Mas, o alferes Lucena
violência praticou.
Chegou fez fogo na casa,
seu Zé Ferreira matou.
Prendeu João, de menor,
e o resto ameaçou.

Disse: – Eu queria pegar
era o tal de Virgulino,
o brabo Antônio Ferreira,
o perigoso Livino.
Eu trago a ficha de todos
dada por Zé Saturnino.

Em Mata Grande também
seu José foi sepultado.
E Virgulino com isto
ficou muito aperrado.
Foi procurar um patrão
que lhe fizesse guardado.

Foi a Delmiro Gouveia,
o mais forte do lugar,
este lhe deu proteção
e disse: – Vão trabalhar,
nem mosquito, nem polícia,
entra aqui pra abusar.

Quando menos esperava,
seu Delmiro faleceu.
Virgulino sem patrão,
desta vez entristeceu,
combinou com os irmãos,
dividir o povo seu.

Levou para Juazeiro,
as irmãs e João Ferreira,
entregou ao padre Cícero,
voltou quase de carreira,
e foi procurar o bando,
do grande Senhô Pereira.

O bando tinha dois chefes
que tinham se aliado.
Luiz Padre com Senhô,
cada qual mais afamado.
Virgulino e seus irmãos
foi cada um contratado.

Quatro novos cangaceiros.
O primeiro Virgulino,
o outro Antônio Ferreira
e o perigoso Livino.
Ezequiel, o mais novo,
que parecia um menino.

Logo no primeiro fogo,
na noite da terça-feira,
o rifle de Virgulino
parecia uma fogueira,
de atirar tão ligeiro,
assombrou Senhô Pereira.

Enquanto um dava um tiro,
ele dava dezesseis.
Luiz Padre admirado,
em ver tanta rapidez,
e a volante depressa
correu por não ter mais vez.

Vendo os tiros que saíam,
quase todos de um lugar,
a volante correu logo
depois do fogo cessar,
abraçaram Virgulino
com elogios sem par.

Luiz Padre lhe dizia:
– Atirar desta maneira,
eu ainda não tinha visto.
E também Senhô Pereira
dizia: – O rifle do moço
parecia uma fogueira.

– Ele atira tão ligeiro
que não faltava clarão.
A boca do rifle dele
parecia um lampião.
Foi o dedo mais ligeiro
que vi na face do chão.

E naquele bate-papo,
Luiz Padre combinou
o nome de Virgulino
naquela noite mudou
lhe chamou de Lampião.
Foi só chamar e pegou.

Há muitos anos atrás,
lá em Canudos, pregado
por Antônio Conselheiro,
que um Rei forte e malvado
nascia no Pernambuco,
mandava em mais de um Estado.

E somente em trinta e oito
este reino findará.
Da Bahia ao Rio Grande
nosso povo sofrerá.
Termina tudo em Sergipe.
O fim do reinado é lá.

Voltando pra Lampião,
no meio da cabroeira
com os chefes Luiz Padre,
o outro Senhô Pereira,
assaltando nas fazendas,
vila, cidade e ribeira.

Luiz e Senhô Pereira
com este bando atacavam.
Aonde tinha dinheiro
eles chegando tomavam.
Lampião e os três manos
ao grupo reforçavam.

Com os assaltos demais,
Padre Cícero convidou
Luiz e Senhô Pereira
pediu e aconselhou.
Todos dois o atenderam.
O grupo se acabou.

Pra Goiás e Mato Grosso
dizem que os dois rumaram,
dispensando seus bandidos,
assim o bando acabaram.
Virgulino e seus irmãos
tristonhamente ficaram.

Virgulino procurou
Manoel Porcino e seus manos,
outro grande cangaceiro,
temido em todos os planos,
que com gosto recebeu
os irmãos pernambucanos.

Assim os irmãos Porcinos
o seu grupo reforçaram.
Com a vinda dos Ferreira,
naquela época brilharam.
Por motivo ignorado,
o grande grupo acabaram.

Quando Manoel Porcino
o seu grupo terminou,
com medo de serem presos,
Lampião se destinou
dizendo agora eu sou chefe
e a mandar começou.

Ele e doze cangaceiros
saíram naquela linha.
Como chefe, Lampião,
que muita moral já tinha,
e neste dia atacaram
a cidade de Matinha.

Foi até a Água Branca,
arrasando a redondeza,
tomando dos fazendeiros,
assaltou a Baronesa
mais rica da região.
Foi pra ele uma beleza.

No Estado alagoano,
foi seu ataque primeiro.
Atacou a Baronesa,
levando jóia e dinheiro.
Foi assim que começou
o Lampião cangaceiro.

Na data de dois de junho
do ano de vinte e dois,
Lampião com seu reinado
iniciou e compôs
um bando pra ser temido
como irei dizer depois.

Do Coronel Zé Rodrigues
seis contos de réis tornou.
Na Fazenda Olho D'Água,
ao Coronel humilhou,
depois achou um coiteiro.
Seis meses não viajou.

Durante esses seis meses,
Lampião se prevenia.
Alpercatas de rabichos
para seu grupo fazia.
Com o calcanhar pra frente
rastejar ninguém podia.

Cada cangaceiro seu
levava um par guardado.
No dia que precisasse,
trocaria com cuidado
e quem fosse rastejar
tinha que seguir errado.

Preparou para seu uso
Chapéu de couro estrelado,
com seis moedas de ouro,
que ele havia assaltado
da Baronesa mais rica
que houve naquele Estado.

Fez pra usar na cintura
um cofre papo de ema
pra guardar jóias e dinheiro
ele inventou o sistema.
Entre bolsa e cartucheira
tinha quase o mesmo lema.

Depois do grande preparo,
com seis meses viajou,
contratou outros capangas,
quando menos esperou
um sargento valentão
com sua tropa o cercou.

O Clementino Furtado,
um sargento experiente,
inda matou Cícero Costa,
um cangaceiro valente,
e baleou Lampião
que ficou muito doente.

Foi no calcanhar esquerdo
o Lampião baleado,
perdendo porção de sangue,
rolava pra outro lado.
Meia-Noite o carregou,
deixou no mato guardado.

Atou com uma toalha,
aonde o sangue saía,
e disse: – Fique escondido
que eu vou dar garantia
a Antônio e a Livino
pra vê se a tropa esfria.

Quando o fogo terminou
foram buscar Lampião,
na Serra da Baixa Verde,
ele arranhou um patrão,
até ficar bom do pé
e poder entrar em ação.

Saindo da Baixa Verde
no outro dia atacou
a cidade de Belmonte,
lá o Prefeito pulou
de cima da Prefeitura
e da queda se acabou.

Luiz Gonzaga de Souza
pulou do primeiro andar
só para não dar o gosto
de Lampião o matar.
Lampião como vingança,
pegou e mandou queimar.

Naquele dia em Belmonte,
Lampião foi convidado
para ir vingar a morte
de um prefeito assassinado,
na cidade de Triunfo,
por gente do outro lado.

.O prefeito Deodato
mataram sem precisão,
seus parentes em Belmonte
contrataram Lampião
para ir vingar a morte,
o sangue ensopou o chão.

Lampião fez a vingança
com a maior tirania,
gente do outro partido
ele pegando morria.
No fim, foi matar Quelé
na fazenda onde vivia.

Na chegada da fazenda,
ele avistando matou
os dois manos de Quelé.
Aí Quelé se espantou.
Somente ele e dois sobrinhos
a Lampião enfrentou.

De cima de um sótão velho
preparado pra guerreiros,
Quelé e os dois sobrinhos
atingiram aos cangaceiros,
derrubaram mais de dez
só nos disparos primeiros.

Lampião deu um apito
indicando retirada:
– Quem tiver perna ligeira
corra pra mata fechada,
senão Quelé desta vez
acaba minha cambada.

Desta carreira parou
na cidade de Princesa
esteve com Zé Pereira,
tudo foi uma beleza.
De Princesa foi a Souza
atrás de tomar riqueza.

Em Souza, juntou Prefeito,
o Delegado, o Juiz.
Fez um quartel-general
assaltou como bem quis.
Voltou para Pernambuco
com grande soma e feliz.

De volta no Pernambuco
lá em Tapera matou
Manoel Giló e seus praças,
ao Pajeú arrasou
vila, cidade e fazenda
onde passava assaltou.

O resto de vinte e cinco
ele ficou no Estado,
de Pernambuco, somente,
com seu flagelo pesado.
Np fim do ano, num fogo,
foi Livino assassinado.

Neste dia ele correu
da terra pernambucana .
temendo esta volante
da terra paraibana
foi procurar se esconder
lá na terra alagoana.

No outro dia de noite,
duas forças lhe cercaram,
ele atirou e correu.
As tropas se enganaram,
atirando uma na outra,
setenta praças mataram.

Em vinte e seis começou
uma parte da Nação
acusando o Presidente,
querendo revolução.
Criaram a Coluna Prestes
forma de rebelião.

Sem querer, Artur Bernardes,
neste tempo, o Presidente,
no partido legalista
uma parte descontente,
chamada de revoltosos,
com Carlos Prestes na frente.

A Coluna massacrava
nosso partido legal.
Doutor Floro, um legalista,
Deputado Federal,
convidou a Lampião,
com todo seu pessoal.

Pra Juazeiro do Norte,
que a Coluna esperava,
e Juazeiro era a terra,
que mais legalista dava,
no mês de março a Coluna
no Ceará penetrava.

Doutor Floro planejou,
mandou chamar Lampião
e tudo foi acertado
com Padre Cícero Romão,
pra defender Juazeiro,
caso houvesse precisão.

Lampião disse: –Eu irei
com Carlos Prestes brigar,
um General do Exército
comigo vai se topar,
pra defender meu padrinho
eu brigo até me acabar.

Em Juazeiro do Norte,
quando Lampião entrou,
no dia quatro de março,
a cidade se abalou,
no ano de vinte e seis
essa cena se passou.

Foi recebido com vivas,
se hospedou no sobrado
de João Mendes de Oliveira,
por padre Cícero mandado,
ele e seus cangaceiros
neste hotel alinhado.

Apoio, presente e festa
cresciam pra Lampião,
em defesa do partido
do governo da Nação,
passou a ser promovido
de bandido a Capitão.

No exército brasileiro,
pelo partido legal,
Lampião incorporou-se
com todo seu pessoal.
A corporação foi feita
pelo técnico federal.

De Capitão Virgulino
foi recebida a patente.
Seu mano Antônio Ferreira
para Primeiro Tenente.
Sabino Gomes, Segundo,
um legalista valente.

No exército patriótico
surgiram novos rebentos
Luiz Pedro e Gato Bravo,
com patentes de sargentos.
E o restante, soldados
legalistas de talentos.

Cinquenta e três soldados
deste novo batalhão
e os beatos de guerra
do padre Cícero Romão.
Fora trezentos romeiros
armados de prontidão.

Lampião chamou aos seus,
um bom fuzil entregou
e mais trezentos cartuchos
que Doutor Floro mandou
para cada cangaceiro.
Lampião se animou.

Os revoltosos sabendo
que padre Cícero Romão
estava bem preparado.
O chefe era Lampião
promovido a este fim
de bandido a Capitão.

Os revoltosos temendo,
Juazeiro desviaram,
à busca do Piauí
quase correndo rumaram,
aí contra Lampião
grandes boatos criaram.

O exército brasileiro
tal título não aprovou.
Lampião sabendo disto
pra Pernambuco voltou.
A vida de cangaceiro
de novo continuou.

Atacando aos fazendeiros.
O Governador mandou
uma volante guerreira.
Lampião se assombrou.
O resto de vinte e seis,
nem matou nem assaltou.

Aumentou em vinte e sete
seu bando malvado e forte,
passou pela Paraíba
tomando e fazendo morte.
Desta vez quebrou a cara
no Rio Grande do Norte.

Assaltou em Cajazeiras,
arrasou a região,
além de ricas fazendas,
Antenor e Poço Adão,
entrando no Uiraúna
levou bala de rojão.

Saindo do Uiraúna,
apareceu Massilon
devido intrigas e mortes
tinha aquele mesmo dom.
Lampião só em olhá-lo
conheceu que ele era bom.

Gostou de Massilon Leite
e disse: – Diga um lugar
de comerciantes ricos
para nós dois assaltar.
Aí eu passo dois anos
oculto sem viajar.

Massilon era tropeiro,
carregava muito sal,
lhe disse: – Tem Mossoró,
em dinheiro é sem igual,
a cidade tem riqueza
muito mais “duquê” Natal.

Lampião ficou contente.
Os dois foram planejar
como seria o ataque
para o esquema montar,
perguntou quantas igrejas
existe neste lugar.

Massilon disse tem três.
Lampião falou ligeiro:
– Se lá já tem igrejas
não dar mais pra cangaceiro.
Massilon disse sorrindo:
–O que vale é ser guerreiro.

–Daqui até Mossoró,
tem vilas e povoados,
cidades e fazendeiros,
todos vão ser saqueados,
os lucros na Zona Oeste
vão dar muitos resultados.

Entraram na Zona Oeste
do Rio Grande do Norte,
assaltando em todo canto,
tomando e fazendo morte,
na chegada de Apodi
pegaram um Coronel forte.

Senhor Antônio Gurgel,
um Coronel respeitado,
o cangaceiro Coqueiro
o pegou e foi levado
para o chefe Lampião
que vinha mais atrasado.

Lampião recebeu bem
O Coronel escoltado.
Disse: – O que quero é dinheiro
que você é potentado,
vinte e um contos de réis
é o resgate marcado.

Lampião criou resgate
sem achar ser covardia
prender gente da riqueza
e marcar uma quantia,
como os seqüestros de hoje,
que agora é todo dia.

Predeu Maria José,
a mais rica de Aroeira,
e outro ricão também
chamado Joaquim Moreira.
Marcou pra cada um resgate
em moeda brasileira.

Já perto de Mossoró,
fez uma carta e mandou
para Rodolfo Fernandes,
o Prefeito nem ligou,
respondeu a Lampião:
–Lhe esperando, eu estou.

No ano de vinte e sete,
segundo eu li num jornal,
no dia treze de junho
deu-se o ataque fatal,
às quatro horas da tarde,
debaixo de um temporal.

Ele disse a Massilon:
–É tolice se tentar,
cidade com três igrejas,
eu não posso dominar,
como o esquema está feito
o jeito é se arriscar.

Na carta tinha mandado
pedir a cara quantia
pra não entrar na cidade.
A de Rodolfo, dizia:
–Eu quero é que você venha.
Hoje, amanhã, qualquer dia.

Cantando Mulé-Rendeira
em Mossoró penetraram.
O Jararaca e Mormaço
os soldados balearam,
O cangaceiro Colchete
este depressa mataram.

Lampião se viu perdido,
tocou logo retirada.
Zero hora, novamente,
deu outra segunda entrada,
só para não ficar feio,
porém não valeu mais nada.

Quando chegaram no rancho
tratou dos feridos lá,
rangindo os dentes de raiva
deu um grito: – Vamos já!
Conduzindo os três reféns
partiu para o Ceará.

Pra libertar dois reféns,
foi pago a ele o dinheiro
no dia em que saiu
da cidade Limoeiro,
onde fizeram uma festa
dando viva ao cangaceiro.

Pertinho de Alto Santo,
uma volante o cercou,
depois outra, novamente,
a Lampião apertou.
Já no terceiro combate
do Ceará desabou.

Zangado com Moreirinha,
governo do Ceará,
ele correu pra Sergipe
como na História está.
As maiores violências
ele praticou por lá.

Com palmatória pesada,
rebeitava mão de gente.
Mulher do cabelo curto,
ferrava, diariamente,
J. B., José Baiano,
as letras do ferro quente.

Se intrigou com Sabino,
a quem tinha como irmão.
Sabino não lhe temia
porque era valentão.
Saiu do bando e levou
seis cabras de Lampião.

Lampião enraivecido
a um capanga peitou
para ir matar Sabino
e este se deslocou.
Foi trabalhar com Sabino,
covardamente o matou.

Numa época de inverno
Lampião foi baleado,
na Serra do Araripe,
se achou contrariado,
Antônio Ferreira, morto,
tombou ali, ao seu lado.

Ficou Lampião doente.
Os cabras desanimaram,
vendo o seu chefe acamado,
quase todos desabaram.
Só ficou Ezequiel
com seis que não desertaram.

Quando melhorou saiu
no destino da Bahia
travessou o São Francisco,
já quase no fim do dia,
só viajava de noite
porque de dia temia.

Foi a Fazenda Gangorra
do Coronel Petronilho
e lhe pediu proteção,
foi tratado como filho,
que ainda ia doente,
já sem dinheiro e trapilho.

Ficando bom encontrou-se
com a tal Maria Déia,
apaixonada por ele,
disse na primeira estréia.
Lampião para aceitá-la
não tinha essa tal idéia.

Quando ela fez amor
com Lampião, cangaceiro,
esqueceu-se do seu marido
Zé de Nenê, sapateiro,
pra ser Maria Bonita
do reinado bandoleiro.

Do reinado do cangaço,
nasceu a filha bonita,
a mesma foi batizada
com o nome de Expedita.
Ele deu a João Peneira,
seu irmão de plano e dita.

Expedita, por seu tio,
foi muito bem educada,
mora em Aracaju,
nobre senhora, casada.
Casou com Manoel Messias,
pessoa civilizada.

Aí outros cangaceiros
com mulheres se juntaram,
companheiras do cangaço
para o bando levaram.
E Lampião e Maria
caladinhos aceitaram.

Lampião tomou um plano
ao lado do povo seu.
No Raso da Catarina
entrou e se escondeu,
levando muitas mulheres
no Raso permaneceu.

Romperam de mata a dentro
dez léguas neste deserto,
de fera, espinho e sem água,
deixando o grupo liberto.
De ali passar muito tempo,
Lampião estava certo.

Acharam uma fonte d'água,
lá no meio do degrado,
ali armou sua tenda.
Disse: – Agora, estou sem medo
do Raso da Catarina
eu não sairei tão cedo.

Da estrada a este canto,
deu dez léguas mais ou menos,
eles guiaram um caminho,
reconhecendo os terrenos.
De dia, o guia era o sol.
De noite, a lua e Vênus.

Para chegar a comida
lá no seu acampamento,
um coiteiro fornecia
o grupo com sofrimento.
Carregava na cabeça
a feira do mantimento.

Aí Lampião mandava
Corisco atacar por fora.
Pensando ser Lampião,
o povo dava na hora.
Corisco pegava a grana
e voltava sem demora.

Ele parou os ataques.
Aí o povo dizia
que ele estava no Raso
a polícia quando ia,
só procurava por perto,
nada de vestígio via.

Volta Corisco atacar.
O Governo aperriado.
O Juraci Magalhães,
Governador do Estado,
disse: – Se estão no Raso,
o bando agora é pegado.

Mandou ir quatro volantes
ao Raso da Catarina.
Foi preso logo o coiteiro,
debaixo da disciplina,
teve que mostrar a tenda
do rei da carnificina

Com duas metralhadoras,
quando a rajada cortou,
Lampião correu com uns,
o resto se acabou.
Sorte, Maria Bonita
correu com ele, escapou.

Levou sorte Volta Seca
rolando pra outro lado,
também escapou com outros,
o resto foi metralhado.
A polícia desta vez
foi herdeira do reinado.

Jóias caras e dinheiro,
armas boa e munição,
objetos de valores,
carregados do Sertão,
as volantes foram donas.
Perdeu tudo Lampião.

No ano de trinta e três,
foi se fazer novamente,
recobrar o que perdeu,
contratar cabra valente.
Os assaltos na Bahia
fazia diariamente.

Chegou a sessenta homens.
Uma estratégia criou,
no ano de trinta e quatro,
com esta ele endoidou
a polícia e o Governo,
todo mundo se assombrou.

Dividiu o grupo em três
para fazer confusão,
entregou um a Corisco,
o outro era Lampião,
e o terceiro a Moderno,
cangaceiro valentão.

Todos três num só horário,
em uma noite atacavam,
três lugares diferentes,
aí todos se assombavam,
em nome de Lampião,
os três ataques ficavam.

No outro dia o jornal
deixava tudo informado,
Lampião num só horário,
três cantos tinha atacado,
e o mesmo jornal dizia
ele está endiabrado.

Ele endiabrou-se um dia
num serviço de rodagem
matou trinta e três cassacos,
como fazendo vantagem,
os baianos foram mortos
naquele ato selvagem.

Corisco lhe deu um grito:
– Não mate os pobres com fome.
Lampião disse: – Se cale,
vou matando e você some,
amanhã pelo jornal
vai crescer muito meu nome.

Com esta, a polícia foi
atrás do grupo cruel,
o cercou, ele perdeu
o seu mano Ezequiel,
chamado de “Ponto Fino”,
valente em todo papel.

Era ele o último irmão
do Capitão Virgulino.
Já tinha perdido Antônio
e o seu mano Livino.
Ele desorientou-se
como quem perde o destino.

Depois morreu padre Cícero,
ele ficou abatido.
Pensou em renunciar
sua vida de bandido
e ir para Argentina
morar por lá, escondido.

E só não renunciou
porque Maria Bonita
lhe disse: – Não desanime
atrás da morte, ou da dita,
vamos morrer no cangaço,
brigando e fazendo fita.

Ele lhe disse: – “Santinha”,
eu irei lhe atender,
estou me achando só,
muito perto de morrer,
a morte de meu padrinho
me fez muito esmorecer.

Em trinta e cinco, um repórter
entrevistou Lampião.
Que diz de Antônio Silvino?
Ele disse: – É um cagão,
tão frôxo que entregou-se
sem haver nem precisão.

–Num fogo foi baleado,
saiu e mandou chamar
o alferes numa casa
disse “quero me entregar”
Ainda hoje está preso,
só digo para provar.

–Coisa que nunca farei.
Nem de manhã, nem de tarde,
não sou Antônio Silvino,
cangaceirinho covarde,
brigarei até morrer,
quem me topar se aguarde.

No outro dia, em Recife,
um repórter apareceu,
com um jornal na cadeia,
Antônio Silvino leu,
teve uma raiva tão grande
que chega o corpo tremeu.

O repórter disse: – Antônio
fale sobre Lampião.
Ele disse:– É um bandido,
cretino, vil e ladrão,
matou trinta e três cassacos
dando ao mau gênio expansão.

–No tempo que comecei
o Nordeste era atrasado,
agia por minha conta
sem ter político ao meu lado.
Virgulino é diferente,
vive todo apadrinhado.

–De vinte e sete até hoje,
o seu grupo se armou,
cada um com um fuzil,
munição nunca faltou,
toda dada por políticos,
a mim, um nunca ajudou.

–Só não creio em valentia
daquele cabra cretino,
dizer que é mais valente
do que Antônio Silvino,
e até hoje não vingou-se
do nobre Zé Saturnino.

–Zé Saturnino fez ele
de Vila Bela correr.
Foi ficar em Alagoas,
a mãe dele de sofrer
morreu lá traumatizada
e mais coisa eu vou dizer.

–Zé Saturnino mandou
prender aquele safado,
a polícia alagoana
por não ter ele encontrado
matou seu José Ferreira,
ele no mato ocultado.

O repórter anotou tudo
quanto Antônio dizia,
publicou e foi vendido,
era a manchete do dia,
levaram um e entregaram
a Lampião na Bahia.

Lendo o jornal, endoidou,
aí resolveu voltar
às terras do Pajeú,
Zé Saturnino pegar,
judiar um dia todo,
no fim, sangrar e queimar.

Zé Saturnino uma tarde
avistou o batalhão.
Correu e disse pra mãe:
–Vem chegando Lampião.
Aí trancou-se num quarto,
a velha entrou em ação.

Lampião cercou a casa,
gritando entusiasmado:
–Zé Chocalho, hoje é o dia
que você vai ser pegado,
por Virgulino Ferreira,
depois de morto, queimado.

A velha tomou a porta
e gritou: – Meu afilhado,
se é homem atire em mim,
alveja um peito cansado,
só não quero vê meu filho
nunca ser assassinado.

–Você só mata José
se matar a mim primeiro,
atire em sua madrinha,
se puder, mate ligeiro.
Aí quebrou toda força
do terrível cangaceiro.

–Tenho que pegá-lo vivo,
pra primeiro judiar,
depois sangro no terreiro,
aí eu mando queimar,
que a morte dos meus pais,
hoje eu vim para vingar.

A velha lhe falou sério
pegada na sua mão.
Lampião reconheceu
da velha a forte oração,
aí perdoou José,
terminou toda questão.

A velha disse pra ele:
–Você é meu afilhado,
como perdoou meu filho,
que por mim vive guardado,
enquanto eu viver, você
nunca será derrotado.

Voltando de Pernambuco
nada lhe aconteceu.
Foi cercado na Bahia,
várias vezes e venceu.
Até chegar trinta e oito
quando a madrinha morreu.

Virgulino em trinta e seis,
na casa de um deputado,
no Estado de Sergipe,
foi com o grupo filmado,
como “O Terror do Sertão”
foi o filme intitulado.

Ele quando se zangava
tinha o gênio de leão,
se a pessoa se valesse
do padre Cícero Romão,
ele baixava o rancor
e no fim dava o perdão.

O lado da caridade
ele sempre praticava,
gostava de dar esmola .
à pobreza onde passava.
Era o tipo da gilete
pelos dois lados cortava.

Tinha Antônio Conselheiro
há anos profetizado,
que seria em trinta e oito,
o final do seu reinado.
Morreu a sua madrinha,
o seu tempo foi chegado.

Perseguido na Bahia,
pra Sergipe se mudou,
lugar chamado Grotão,
um coiteiro lhe levou.
Ficava entre duas serras,
onde Lampião ficou.

Ali armou sua tenda
dizendo: – Vamos ficar,
além de ser escondido,
água potável a jorrar,
perto de Porto da Folha,
Angicos é o lugar.

Acertou com Pedro Cândido,
um seu amigo e coiteiro,
para fazer suas compras,
a quem deu muito dinheiro,
e ir deixar no Grotão,
na tenda do cangaceiro.

Na época silenciou,
notícia de Lampião,
ele com sua cambada
morando lá no Grotão,
mandou espalhar notícias,
ter ido pro Maranhão.

Das compras feitas por Pedro,
todo final de semana,
foi chamado João Bezerra,
da polícia alagoana,
para pegar estas compras,
lá na terra sergipana.

Chegou, prendeu Pedro Cândido,
coiteiro de Lampião,
debaixo de muito arrocho,
ele levou ao Grotão,
João Bezerra e seus soldados
a tenda do Capitão.

E com seis metralhadoras
para a tenda apontaram,
cinco e trinta da manhã,
a rajada detonaram,
a vinte e oito de julho
de trinta e oito, o mataram.

Os cabras de Lampião
inda mataram um soldado.
O Tenente João Bezerra
numa perna baleado,
como o balaço foi leve,
ele ficou apumado.

Nas rajadas foram mortos
Enedina e Lampião,
junto a Maria Bonita,
tombaram mortos no chão
e mais oito cangaceiros
morreram ali no Grotão.

Um soldado valentão,
chegou lá reconheceu,
Lampião morto no chão
deu um grito que tremeu:
– Tenente João Bezerra,
o cego agora morreu!

O Tenente disse: – É outro,
você está enganado.
Dizendo isto e tremendo,
chorava emocionado.
E o soldado dizendo:
– Morrestes, cabra safado!

Quando o Tenente viu
Lampião morto no chão
nunca houve para um homem
outra maior emoção,
saber que matou o rei
do cangaço do Sertão.

João Bezerra mandou
preparar água com sal,
cortar as onze cabeças,
ali naquele local,
pra Santana do Ipanema
levou com seu pessoal.

Mostrando aonde passava
lá em Maceió trataram
de todas onze cabeças
direitinho embalsamaram.
Tiraram pra Salvador,
em todo canto mostraram.

Mostraram em todas as praças
de Salvador, da Bahia,
no Museu Ana Rodrigues,
com visita todo dia,
ficaram as 11 cabeças,
do reino da tirania.

Há poucos meses Corisco
havia se desgostado
com seu chefe Lampião,
tinha outro bando criado,
quando soube da notícia,
ficou quase endiabrado.

Entrou lá em Alagoas
matando gente e cortando
as cabeças de parentes
de João Bezerra e mandando
a ele como um presente
e ao mesmo desafiando.

Em Piranhas matou gente,
tirou couro, esquitejou,
fez manta de carne humana,
o comércio incendiou.
Seguiu para Mata Grande,
o mesmo lá praticou.

Sabendo que João Bezerra
com reforço ia chegar,
travessou para a Bahia,
inda querendo vingar
a morte de Lampião.
Matava pra se mostrar.

Polícia de todo canto,
a pista dele pegaram.
Cerca aqui. Cerca acolá.
Com poucos dias mataram
e assim em trinta oito,
com todos dois acabaram.

Os dois chefes poderosos.
Lampião morreu primeiro.
Corisco tentou vingança.
Foi morto por derradeiro.
Houve pra esta polícia,
promoção, festa e dinheiro.

Os cangaceiros dos bandos,
sem os chefes, se entregaram,
outros foram pra Goiás,
aquela vida deixaram.
O que foi de cangaceiro,
desta vez, desbarataram.

Aí criaram boatos.
Lampião não ter morrido.
Foi só um arrumadinho
e ele estava escondido.
Porém foi realidade,
vida e morte do bandido.

A história bem contada
Nos dias de Lampião
Trabalho bem pesquisado
O folheto é campeão.
Não podemos ocultar
Isto eu fiz pra propagar
O livro em toda Nação.

A história num cordel
Merece um análise fino
Este trabalho que mostra
Rei do Sertão nordestino
Intriga o levou a morte
Cangaceiro, bravo e forte
O Capitão Virgulino

Referências

ABREU, Márcia. *Entre a oralidade e a escrita: um estudo dos folhetos de cordel nordestinos*. *E.L.O. Faro*, v.1, n. 3, 1997a. Disponível em: <https://sapiencia.ualg.pt/bitstream/10400.1/1416/1/Abreu.pdf> Acesso em: 08/06/2020.

ABREU, Márcia. Cangaceiros: história ou ficção?. In: *Gêneros de fronteira: cruzamentos entre o histórico e o literário*. São Paulo: Xamã, 1997b.

ABREU, Márcia. “Então se forma a história bonita” – relações entre folhetos de cordel e literatura erudita. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 10, n. 22, p. 199-218, 2004. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832004000200008 . Acesso em: 07/05/2020.

ABREU, Márcia. *Histórias de cordéis e folhetos*. 2. ed. São Paulo: Mercado das Letras, 2006.

ATHAYDE, João Martins de. *Pelêja de Romano e Inacio da Catingueira*. Recife, PE: [s.n.], 1939.

AYALA, Maria Ignez Novais. *No arranco do grito: aspectos da cantaria nordestina*. São Paulo: Ática, 1988.

AYALA, Maria Ignez Novais. Riqueza de pobre. In: *Literatura e sociedade.V.2*, nº 2, p.160-169, 1997.

BARROS, Leandro Gomes de. *Segunda peleja de Romano do Teixeira com Inácio da Catingueira*. [19—]..

BARROS, Leandro Gomes de. Romano e Ignácio da Catingueira. In: *O cometa*. Recife, PE : [s.n.], 1910. 18 p.

BATISTA, Francisco da Chagas. *Cantadores e poetas populares*. Paraíba: F.C.Baptista Irmão, 1929.

BENJAMIM, Roberto. *Folkcomunicação na sociedade contemporânea*. Porto Alegre: Comissão Gaúcha de Folclore, 2004.

BORGES, Francisca Neuma Fachine. Literatura de cordel viva no Brasil. A resistência heroica dos poetas In: *Anthropos – Revista de documentacion científica de la cultura*. Nº 166-167, mayo – agosto, 1995. 148 -152.

CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. *Origem da literatura de cordel e a sua expressão de cultura nas letras de nosso país*. 1984.

COUTINHO FILHO, Francisco. *Violas e repentis*. 2. ed. Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1972.

CURRAN; Mark. A 'página editorial' do poeta. In: *Revista Brasileira de Folclore*. Rio de Janeiro: 12 (32), Jan./abr. 1972.

CURRAN, Mark. *Retrato do Brasil em cordel*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2011.

DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. *Ciclos temáticos na literatura de cordel*. Maceió: Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2012.

HAURÉLIO, Marco. O adeus de Antônio Américo. In: *Cordel atemporal*. 2014. Disponível em <https://marcohaurelio.blogspot.com/2014/02/o-adeus-de-antonio-americo.html>. Acesso em : 27 jun. 2020.

LEITE, José Costa. Peleja de Costa Leite com Antônio Américo. Fortaleza: Tupynanquim Editora, [19—].

LIMA, Silvino Pirauá de. *Primeira peleja de Romano do Teixeira com Inácio da Catingueira*: quando Patos ainda era uma pequenina vila. [19—].

LUCENA, Damião. *Patos de todos os tempos*: a capital do sertão da Paraíba. João Pessoa: A União, 2015.

MARANHÃO, Liêdo. *O folheto popular*: sua capa e seus ilustradores. Recife: Fundação Joaquim Nabuco – Editora Massangana, 1981.

MARINHO, Ana Cristina; PINHEIRO, Hélder. *O cordel no cotidiano escolar*. São Paulo: Cortez, 2012.

MELO, Edvaldo Muniz de. *Um século e meio de repentis*: cultura popular nordestina. Recife: Bagaço, 1998.

MOTA, Leonardo. *Violeiros do norte*: poesia e linguagem do sertão nordestino. 7. ed. Fortaleza: ABC Editora, 2002.

NUNES, Luiz. *Inácio da catingueira*: o gênio escravo. João Pessoa: Secretaria de Educação e Cultura, 1979.

RIBEIRO, Lêda Tâmega. *Mito e poesia popular*. Rio de Janeiro: FUNARTE / Instituto Nacional do Folclore, 1986.

SANTOS, Luciany Aparecida Alves. o marco: uma tradição que se refaz. In: *Revista Boitatá*. Londrina, n. 10, p. 34-53, jul.-dez. 2010. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/boitata/article/view/31171>. Acesso em: 10/07/2020.

SLATER, Candace. *Cordel and Canção in today's Brazil*. Latin American Research Review vol. 17 n° 3, p. 29-53. 1982.

SOBRINHO, José Alves. A viola é o templo onde eu adquiri o conhecimento. *Revue Plural Pluriel*, Paris, n.10, printemps-été. 2012. Disponível em: http://www.pluralpluriel.org/index.php?option=com_content&view=article&id=413:numero10-textes-et-documents&catid=36:contes-croniques-poesie&Itemid=57. Acesso em: 25 jun. 2020.

TERRA, Ruth Brito Lemos. *Memórias de lutas: literatura de folhetos do*

Nordeste (1893-1930). São Paulo: Global, 1983.

VIANA, Arievaldo. Mais um poeta que parte... *In: Acorda cordel*. 2014. Disponível em: <http://acordacordel.blogspot.com/2014/01/mais-um-poeta-que-parte.html#comment-form>. Acesso em: 27 jun. 2020.

VIANA, Arievaldo. Antônio Américo de Medeiros. *In: HAURÉLIO, Marco. Cordel atemporal: dicionário básico de autores de cordel*. Disponível em: <http://marcohaurelio.blogspot.com.br/2011/06/dicionario-basico-de-autores-de-cordel.html>. Acesso em: 27 jun. 2020.

XIDIEH, Oswaldo Elias. *Narrativas populares: estórias de Nosso Senhor Jesus Cristo e mais São Pedro andando pelo mundo*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1993.

Livros e folhetos de Antônio Américo de Medeiros

MEDEIROS, Antônio Américo. *Patos de Major Miguel*. [19—].

MEDEIROS, Antônio Américo. *A moça que mais sofreu na Paraíba do Norte*. Guarabira, PB: Tip. Pontes, [19—]. 48p.

MEDEIROS, Antônio Américo. *Segunda peleja do poeta e repentista Antônio Américo com o poeta José Costa Leite*. Campo Grande, PE: Coqueiro, [19—]. 16p.

MEDEIROS, Antônio Américo. *A vida do cangaceiro de nome Antônio Silvino*. ed. Guarabira, PB: Tip. Pontes, [19—].

MEDEIROS, Antônio Américo. *A vida do cangaceiro de nome Antônio Silvino*. Editora Queima-Bucha, [19—]

MEDEIROS, Antônio Américo. *História da Guerra de Juazeiro do Padre Cícero Romão Batista em 1914*. Recife: Editora Coqueiro, [19—].

MEDEIROS, Antônio Américo. *O fracassado ataque de Lampião à cidade de Mossoró*. Recife: Editora Coqueiro, [19—].

MEDEIROS, Antônio Américo. *O fracassado ataque de Lampião à cidade de Mossoró*. Editora Queima-Bucha, [19—].

MEDEIROS, Antônio Américo. *Poesias violas e repentos*. [199-]

MEDEIROS, Antônio Américo. *História completa da Cruz da Menina*. Editora Guarabira, Tipografia Fontes, 1978.

MEDEIROS, Antônio Américo. *A vida de Lampião: intriga, luta e cangaço*. 2. ed. Guarabira, PB: Tip. Pontes, 1980, 48p.

MEDEIROS, Antônio Américo. *A fada do bosque negro e a princesa Safira*. Guarabira, PB: Tip. Pontes, 1981. 48p.

MEDEIROS, Antônio Américo. *Lampião e sua história contada toda em cordel*. Recife: Promarketing Consultoria e propaganda, 1996.

MEDEIROS, Antônio Américo. *Os mestres da literatura de cordel*. Recife: Editora Coqueiro, 1999.

MEDEIROS, Antônio Américo. *Os mestres da literatura de cordel*. Mossoró: Editora Queima-Bucha, 1999.

MEDEIROS, Antônio Américo. *O marco do Sabugi*. Fundação José Augusto, 2000.

MEDEIROS, Antônio Américo. *Lampião e sua história contada toda em cordel*. São Paulo: Editora Luzeiro, 2005.

MEDEIROS, Antônio Américo. *Vida, verso e viola: andanças poéticas*. Patos: Fundação Ernani Sátiro, 2009.

MEDEIROS, Antônio Américo. *A moça que mais sofreu na Paraíba do Norte*. São Paulo: Editora Luzeiro, 2009. 32p.

ANEXOS

Anexo A

Poema manuscrito, endereçado ao jornalista Cláudio Gadelha, para divulgação.

O cantador. Inocência gato. 1
natural de Pau dos Ferros. R.N.
Cantando com Antonio Américo. num
assunto do sertão antigo. deixou a
deixa

O sertão do meu passado,
está muito diferente.

Antonio Américo. respondeu de improviso.

O sertão antigamente,
Tinha peba e verdadeiro.
Hoje está tudo acabado.
até o Tejo. é marqueiro.
Camaleão. peça a Deus.
Deu curso, não dar dinheiro.

T. 6119/04
C 4378

O cantador, Sérgio ⁽²⁾
Alexandre, natural de Pau
dos Ferros, R.N. Cantando com
Antônio Américo. deixou a deixa.

Geová. O pai dos pais,
& autor da criação.

Antônio Américo. respondeu de improviso.

Geová. Formou Adão.
de um barquinho amassado.
de uma costela dele.
Fez Eva. o seu anjo amado.
dessa união, dele & dela.
Homem. o primeiro pecado.

O cantador, Manoel Galisto. ⁽³⁾
natural de Augusto Severo, R.N.
radicado em Mossoró. Cantando
com Antônio Américo. deixou a deixa.

Para quem entende bem,
poeta, sombra acordado.

Antônio Américo. respondeu de improviso.

O repentista inspirado. ³

Sombra com a poesia.
na vida de um bobezinho,
doente na enfermaria.

por mãe, conhecendo a noite,
por pai, conhecendo o dia

O cantador, Manoel Balisto. ⁴
Cantando com Antonio Américo. em
1958. na Rádio Topazio de Mossoró
deixou a deixa.

O cantador que não cria,
Ninze do mundo isolado.

Américo. se inspirou e respondeu.

Em meio em verso criado,
o globo terrestre inteiro,
a partir do Vello mundo,
ao meu país. Brasileiro.
Sempre a justiça da Terra.
Toda vida Foi dinheiro.

O cantador, Severino Feitosa. ⁵
natural de Santa Teresinha, P.E.
tradicado em Campina Grande.
cantando com Antonio Américo. no
programa Violas e Repentes. da
Rádio Espinheiras de Patos, deixou
a deixa.

Fale sobre João Dargue.
Se já leu e tem lembrança

Américo. respondeu na Hora.

João Dargue Foi da França,
a defensora enviada,
depois pela mesma França.
Foi vendida e comendada,
e nas mãos dos inimigos,
terminou, sendo queimada.

Deposito Feitosa. cantando (6)
outro vez com Antonio Américo,
na Rádio Espinheiras, deixou
a deixa

Quem nunca andou no sertão,
não conhece a natureza.

Antonio Américo, respondeu.

Tudo que é de beleza,
a gente vê no sertão.
uma oiticica pasteira,
imitando um cararião.
O vento empurrando o ramo,
e o ramo, varrendo o chão.

O cantador, Deposito Feitosa. (7)
Cantando com Antonio Américo,
no programa Violas e presentes,
da Rádio Espinheiras de Patos,
no dia do Feriado de Tiradentes,
deixou a deixa

A ideia de Tiradentes,
depois foi viltoniosa.

Américo, respondeu dentro da História.

No largo da Lampadosa,
Tendo Jesus não quis,
enfocaram Tiradentes,
que se julgava. Feliz
morrer pela liberdade,
que precisava o país.

O grande cantador. (8)
Manoel Diomísio Filho, nome de
guerra, Banelinha, natural de
Patos, radicado em Minas Gerais.
Cantando com Antônio Américo.
deixou a deixa.

Amor palavra inspirada.
na canção do trovador.

Américo. se inspirou, e compôs.

Quatro letras tem amor.
O A. indica amizade.
O M. moral ardente.
O Ó. oprime vaidade.
O R. ramos da vida.
da ignora da Humanidade.

O cantador, Manoel Francisco. (9)
natural de Sãoramento Pb.
Cantando no programa. Violas e
repentes. da Rádio Espíndaras
de Patos. com Antônio Américo.
deixou a deixa. ..

A natureza também.
castiga a Humanidade.

Américo. completou o castigo. Veja.

Da Força da tempestade.
perigosos Furacões.
revolta dos oceanos.
terremotos e vulcões.
se encontra a natureza.
sepultando as multidões. ..

O Cantador, Manoel Francisco. (10)
Cantando com Antonio Américo, na
Cidade de Santo Lourenço, Pto. quando
Chegaran dois gradistas, na cantoria,
Nêgo Agnigio, e Quintino, Antonio
Américo, começou a Falar nas grandes
convidos, nos bons, cavalos, nos
gradistas, Manoel, deixou a deixa

Parece que meu colega,
já foi filho de grado.

Américo, falou em outra grande
convida do passado, e respondeu.

O Daio Velho, afamado,
de guncos do serido,
foi conper com Arrião,
Fracassou de fazer dō,
dessa vez perdeu a fama,
que tinha no mocotō.

ai os 2 gradistas pagaram bem.

O Cantador, Manoel Francisco. (11)
Cantando com Antonio Américo,
deixou a deixa.

Quando há seca no sertão
deixa a pobreza arrazada

Américo, sentiu no peito e respondeu.

¹¹
nasci na seca malhada,
do triste ano de trinta.

Trinta e um e trinta e dois.

Foram secos, não desmintu.

Trinta e três, escasso e fraco.

no livro, das secas pinta.

12
O cantador. Manoel Francisco.
natural de Girnamento. P.B.
radicado em Patos. Cantando com
Antonio Americo, no programa. Violas
& repentes. da Rádio Espiridões
de Patos. deixou a deixo.

Sextilha vale dinheiro.
de Fôr. de um bom cantador.

Americo, respondeu de improviso,
Sextilha copiado do gravador da
Rádio.

12
Cada pessoa, é uma flor.
Cada flor, é um estado.
Cada estado, um terreno.
Cada terreno, um tratado.
Cada tratado, um artigo.
Cada artigo, um atestado.

O cantador. Agostinho Lopes. 13
dos Santos. natural de São José
do Egito. P.E. radicado em
Baruaria. Cantando com Antonio
Americo. em João Pessoa. deixou
a deixo

Americo, respondeu Valendo.

a deixo de Agostinho. Foi esta

Viola tem cinco letras.
& cada qual me consola.

13
Cinco letras. Tem viola.
O V. é da vibração.
O I. indica instrumento
O, origem do baio.
O L. louros triunfos.
O A. autorizações.

O cantador. Agostinho Lopes ¹⁴
dos Santos. cantando com Antonio
Americo. em Recife deixou a
deixa.

O cantador é um passarinho.
que todos os dias canta.

Americo. respondeu.

¹⁴ Quem me deu a vida santa.
que possui a Anaxonga.
além de cantar bonito.
Tem mais uma vida longa.
Come e vive na Floresta.
sem precisar pagar comga.

O cantador. Femelem Dantas. ¹⁵
natural de São Mamede. P.R.
radicado em São Paulo.
Cantando com Antonio Americo.
deixou a deixa.

O cantador. inspirado.
descobre tudo cantando.

Americo. respondeu. inspirado.

¹⁵ Como quem está somnando.
vejo com meu ideal.
um potô. tão pequenino.
com o mijo. Fazer mal.
levar um Homem tão grande.
a cama do Hospital.

O cantador. Femelem ¹⁶
Dantos. cantando com Antonio
Américo. no programa Violas
& Repentes. da Rádio Espiritual
de Patos. deixou a deixa

a maturação é tão grande,
que a quem não sabe ensina.

Américo. respondeu comito.

A maturação ¹⁶ é divina.
desde o tempo de Deus pai.
que nos animais Felídeos.
uma coisa que não cai.
o Gato. Sai de três cores.
porém o Gato. não sai.

O cantador. que eu considerava ¹⁷
um gênio. que foi. Manoel Leudic.
natural de Pilar. PE. radicado
em Cappina. P.E. Cantando com
Antonio Américo. em João Pessoa.
deixou a deixa

Se sabe a vida dos santos.
diga agora em cantoria.

Américo. fez comito. dizendo
assim na resposta

Jesus Filho de Maria. ¹⁷
Maria. Filha de Ana.
Ana. Filha de Amarias.
O avô. da soberana.
& bisavô. de Jesus.
Salvador. da raça Humana.

O cantador, banríotimero, ¹⁸
natural de Taperoó, Pb.
radicado em Campina Grande.
cantando com Antonio Américo,
em João Pessoa, deixou a deixa.

O beijo Flôr, para mim,
tem um mistério de amor.

Américo, se inspirou com o Beijo
Flôr, e respondeu na hora.

¹⁸
Sabemos que o beijo Flôr,
é muito capacitoso.
vôo contra o gravidade,
& colhe um mel saboroso.
Como que seja um dos domos,
do jardim do poderoso.

O cantador, banríotimero, ¹⁹
cantando com Antonio Américo,
em João Pessoa, quando chegou
na cantoria, o repentista Louival
Batista, ai banríoto, deixou a
deixa

Louival além de amigo,
é meu grande repentista.

Antonio Américo, respondeu

¹⁹
Quando Louival Batista,
com trinta e seis de idade,
cantava o mundo dos versos,
com aquela facilidade,
em todo canto que ia,
cantar era novidade.

O nobre cantadôr, João ²⁰
da Silveira, natural de
Guarabira. Pl. radicado em
Campina grande. Cantando com
Antonio Américo, na Rádio
Tabajara de João Pessoa. deixou
a deixa.

Maio é o mês de Maria
que inspira aos trovadôres.

Américo, respondeu inspirado.

É ²⁰ Maio o mês das Flôres,
em meu querido sertão,
a Campina se parece,
o jardim da criação,
as abelhas, tem ciúme
das Flôres, que caem chão.

O cantadôr, José Barbosa, ²¹
natural de Santa Genésia do Sabugi,
Pl. radicado em Recife, nome de
guerra, Penha Preta. Cantando com
Antonio Américo, em Santa Genésia,
elogiando um marchante de boi.
Conhecido por João Henrique,
deixou a deixa.

Confiança em João Henrique,
sem cêdo eu comprei Fiado.

Américo, completou o elogio. Assim.

João Henrique, matou gado,
vendeu carne, osso & couro,
mocotó, Filé, miúdo,
com isto, arranjou o ouro,
não faz questão, repartir,
com nós dois, o seu tesouro.

o cantador, Bira Tomato, natural
de Queimadas, P.R., radicado em
Patos - P.R., cantando com Antonio
Américo, na semana da morte
do presidente Tancredo Neves, no
programa Víctas e presentes, da
Rádio Espíndras de Patos,
deixou a deixa.

Com a morte de Tancredo,
nosso país, entulou-se.

Américo, mexeu com 3 presidentes,
para dar, a resposta bonita

12 Getúlio, suicidou-se.
ninguém não sabe as razões.
Bastelo Branco, morreu,
de acidente. Há versões,
dura, é dizer que Tancredo,
morreu, das operações.

o cantador, Bira Tomato, 23
cantando com Antonio Américo, na
Rádio Itatiunga, de Patos, P.R.,
deixou a deixa.

Antonio Américo, respondeu: Bonito.

recordar só tem vantagem,
se for coisa de valia

veja a resposta do Américo

Ainda recordo o dia,
Feliz que eu me casei,
aquela lua de mel,
que tantas noites gozei,
Foi bom, que só a poupança,
no tempo de José Sarney.

O cantador, e cordelista. (24)
Benedito Borges da Silva,
natural de Timbaúba. P.E.
Cantando com Antonio Américo,
em Itambé P.E. deixou a deixo.

Cinco garrafas de vinho.
Seis litros de aguardente.

Américo, respondeu contando de um
a seis, sextilha copiada do Fito
de um gravador, que gravava a
cantoria.

²⁴ um poeta inteligente,
dois, anúncios de jornal,
três, locutores falando,
quatro, intelectuais,
cinco, quadras de lirismo,
seis, versos sentimentais.

O cantador, Benedito Alves. (25)
nome de guerra, Benedito Benedito,
natural de Patos. PB. Cantando em
bozemas, um dezassis em sextilhas,
deixou a deixo, para Antonio Américo.

Américo tirou Codeço,
no estado do Ceará

Américo, respondeu no duro.

²⁵ Ao povo eu digo jó,
qual a sua profissão,
vixe de vender maconha,
o Tarado e a ladrião,
aprendeu quando fez parte,
duma gangue em Maranhão.

o cantador, Vicente Grangeiro. (96)
natural de Mato Grande, A.L.
radicado em Fortaleza. Ceará,
cantando com Antonio Américo,
no bairro da Torre em João Pessoa,
elogiando um senhor, conhecido
por Alcântara, deixou a deixa.

Para pagar a nós dois,
Alcântara já vem chegando.

Américo, completou o elogio.

Alcântara está nos pagando,
por não gostar de massada,
peço que não tire Trôco,
que Trôco não vale nada.
Cantador é como padre,
Nipe de pomba doada.

o cantador, Francisco Exaristo. (97)
natural de Uiraúma, P.B., radicado
em João Pessoa. Cantando com Antonio
Américo, na Praia de Tambauí,
deixou a deixa.

A praia atrai o Turista,
e o povo interiorano.

Américo, respondeu bonito.

Quem chega no oceano,
e Fico de atalaia,

olhando o gigante verde,

Com seu nonjão de bambraia:
e a água batendo a Chopa,
do pol. na beira da praia,

O cantador, e cordelista. (98)
Sebastião José do Nascimento,
natural de Pilar. P.B., radicado
em goa Pessoa, cantando com
Antonio Américo. deixou a deixa,

se comee a nossa vida.
Vamos cantar em repente.

Américo, respondeu na Hora.

A vida da nossa gente. ²²
Começo desde a partida.
Todo dia nasce e morre,
já é coisa conhecida
a dinamite, do monte,
quebrando, as pedras da vida,

O cantador, Estrelimbro. (99)
natural de Queimadas. P.B.
radicado em Campina Grande,
cantando com Antonio Américo,
deixou a deixa. . . .

Vamos decantar o mundo,
do passado, ao Futuro.

Américo, se inspirou e respondeu.

Deus fez o mundo seguro. ²⁹
já vi, que Trabalho Caro,
água, terra, e Firmamento,
muito escuro, e dia claro,
e nem uma, destas peças,
nunca, precisam reparo.

o renomado cantador. (30)
Pedro Bandeira, natural de
São José de Piranhas. Pb.
radicado em Juazeiro do Norte. br.
cantando com Antonio Américo, em
Juazeiro do Norte. na Rádio
Progresso. deixou a deixa.

quem canta sertão comigo,
tem que ir abrindo estrada.

Vejo a grande resposta, do Américo

Sertão. Terra acidentada. ³⁰
onde tem mandacari,
gandaira & tataira.
mosquito, enxui, enxui,
gati, Tubirã, & Rajada.
Sanharrão, & Capuxi.

o cantador. Expedito Sobrinho. (31)
natural do Ceará, radicado em
Juazeiras. Cantando com Antonio
Américo, em baruaris. deixou
a deixa.

Quem não tem Fé em Jesus,
é Fraco que só Turmê.

Américo, respondeu inspirado.

Coisa difícil é a Fé. ³¹
pra quem sabe analisar.
Jesus andou sobre as águas,
sem o seu pé afundar.
eu, nunca andei & nem ando,
porque minha Fé não dar.

O respeitado Cantador. (32)
Geraldo Amâncio. natural de
bedro. br. radicado em
Fontalês. Cantando com
Antônio Américo. deixou a deixa.

Ésto Todo é do Tempo.
de Romano do Teixeira.

Américo. se sentindo criticado.
respondeu dando a resposta

A Todo é de primeira, ³²
de Romano. gostou dela.
Pirauá. Jô Duda. e Pinto.
Todos três. cantaram nela.
só você. sem me dizer.
que a Todo. não é bela.

O Cantador. Justo Amorim. (33)
natural de Serra Talhada.
P.E. cantando com Antônio
Américo. no Vale do Jogaquibre.
beirão. deixou a deixa.

O Vale do Jogaquibre
se parece o Pantanal.

Américo. respondeu. na Hora.

É belo o carnaval. ³³
do Terro. Jogaquibano.
Com os lindos. Cataventos.
sete dias do semana.
aguardo os laranjeiros.
Caxim-elefante. e casa.

O cantador, Justo Amorim. (34)
cantando com Antonio Américo.
na Rádio Tapuis de Moossoró.
deixou a deixo.

A salvação Humana.
tem muito coisa guardada.
veja a resposta do Américo.

³⁴ morre uma abelha afogada,
quando boiando aparece.
de tira e cobre de cinza
igual a força de prece
bate as asas. e sai voando
quem nunca viu. descombee.

O cantador, Juremal (35)
Evangelista. natural de Picui. Pb.
radicado no Pará. cantando com
Antonio Américo. em 1955. em São
Bento. Pb. deixou a deixo.

Você tem que respeitar-me.
porque sou um campeão.
Américo. respondeu bonito.

³⁵ Dos Filhos da profissão,
deu Dimas, um personagem.
Pinto Velho, nosso mestre,
e Zomê, na coragem,
bancão, para escrever bem,
e você, na sabedoria.

O Cantador, Juvenal Evangelista. ³⁶
Cantando com Antonio Américo,
também em São Bento, para
uma turma de pedreiros, no
mesmo ano de 1955 deixou
a deixa

Saudade tem tanta coisa,
que ninguém canta a metade.

Américo manifestou-se, e respondeu,
na vista de outros repentistas, que
estavam no cantório, veja bem.

Esta palavra Saudade, ³⁶
só existe em português,
criada por São Duarte,
em Dei do ano, e do mês,
tudo isto, são lições,
que não servem pra você.

O Cantador, Juvenal Evangelista. ³⁷
Cantando com Antonio Américo, no
programa, Violas e Repentes, do
rádio Espinheiras de Patos, PB,
em um assunto de vaqueiro,
deixou a deixa.

O Vaqueiro é um Herói,
quando morre é esquecido.

Américo, deu a resposta bromita,

O Vaqueiro destimido, ³⁷
não vê, o que vai fazendo,
quem marca o canto é o boi,
também não vai escolhendo,
onde ninguém passa a pé,
um vaqueiro passa correndo.

O cantador, Severino Feitosa, (38)
natural de Santa Teresinha, P.E.
radicado em Patos, PB, cantando com
Antônio Américo, deixou a deixo, em
uma cantoria de pé de parede em Patos.

Chegou outro repentista,
jardineiro destas plantas.

Américo, completou com esta sextilha.

Chegou o Fênelon Dantas, ³⁸
um repentista de país,
porem, pra carregar moço,
é ele, e carro de moço,
o carro, cobra dinheiro,
ele, carrega de graça.

Severino Feitosa, mudou-se para
Campina Grande, é radicado na
Rainha da Borborema,

O cantador, Anastácio Basílio, (39)
natural de Patos, PB, radicado em
Campina Grande, cantando em Patos.
Falando na boemia, com Antônio
Américo deixou a deixo.

São os prazeres banais,
do tempo da mocidade.

Américo, respondeu no lado do
sentimento, da vida banal, disse

Os boêmios da cidade, ³⁹
defloram as inocentes,
só Jesus conhece as dores,
destes pais, impacientes,
sabendo que as Filhas foram,
vítimas, de négras serpentes.

O grande e nobre cantador. (40)
José Soares do Nascimento.
natural de Baruaric P.E. cantando
com Antonio Américo. em Simoesiro P.E.
deixou a deixa.

Se eu mexer no que li.
você cai logo em fracasso.

Américo. ainda era um cantador
moço. porém não se intimidou
com o velho mestre. e respondeu.

toda repente que faço. 40
tem traço de um episódio.
daquêles dias passados.
de Valdivino e Loustódio.
época que o tempo da ira.
passou por cima do ódio.

O cantador. Alcides Tenório. (41)
natural de Afogados de Ingazeiras.
P.E. cantando com Antonio Américo.
Sempre querendo de papão. deixou
a deixa.

Cantador do Rio grande.
não pode ser folclorista.

Américo. deu a resposta se
referindo a Encílio Pimbreiro.
o maior cantador do Rio grande do
Norte. no seu tempo. respondeu.

Apenas. Sou repentista. 42
do solo riograndense.
lá da terra de Encílio.
que só o nome inda vence.
Cantador do Pajeú.
Sergipano e Clareense.

O Cantador, Antonio Mota. ⁴²
natural de Batole do Rocha.
Nadado em São Bento, P.B.
Cantando com Antonio Américo.
em uma festa de renovação
de Santo Antonio. o dono da casa
era um professor, que também
se chamava Antonio. ai
Mota deixou a deixo.

Aqui tem tudo de bom.
no nosso Festival Campônio.
Américo, respondeu, na Hora.

Aqui tem mais de um Antonio,
cada qual, com seu valor. ⁴²
Santo Antonio, padroeiro,
desta terra, e defensor.
dois, Antonio cantadores,
um Antonio professor.

O Cantador, José Alves Sobrinho. ⁴³
natural de Picui, P.B. nadado
em Campina Grande, P.B. Foi um
dos maiores cantadores, de todos
os tempos, até 1959 quando deixou
de cantar por motivo de ter
desafinado a voz. Cantando uma
vez em Recife, com Antonio Américo,
deixou a deixo.

quem batalha com José,
está com um Leão de Frente.
Américo, se inspirou e respondeu.

Nada vale ser valente. ⁴³
qualquer um ser, se líquido,
o Leão, é rei das selvas.
Fera valente e tímida.
Basta uma cobra, o morder
pra ele tombar sem vida.

José Alves Sobrinho. (44)
de outra vez cantando com
Antônio Américo, em João Pessoa,
deixou a deixa.

A você é sertanejo.
dê uma demonstração.

Américo, que era filho do sertão,
respondeu para o grande cantador.

Quando alguém fala em sertão,
me chega saudade um mês,
das montes de Farinhadão,
um dia, dois, até seis. 44
da brincadeira de anel,
e o casamento francês.

O cantador, José Alves Sobrinho. (45)
na última viagem
que fez no sertão, como cantador,
veio tirar 4 cantorias com Antônio
Américo, uma em Patos, outra em
Tomboal, outra em Malta e a última
em Bonfado, Pr. Sentindo o fracasso
do voz, deixou a deixa.

Não sei como me separe,
de Viola e Cantoria.

Américo, respondeu ao grande
José Alves Sobrinho, assim.

Quem cultiva a poesia, 45
tendo consciência adora,
porque é a luz da vida,
que pra mim trouxe melhora,
é meu lar de distração,
minha proça e minha flora.

José Alves Sobrinho, que (136)
era aquele famoso cantador,
& tinha um temperamento
sentimental, respondeu para
Antonio Américo, assim

Já contemplei uma aurora,
que você não contemplou.

Pequenos dias felizes. 46

O seu criado passou,
tudo quanto eu merecia,
com pouco tempo chegou.

Estas duas sextilhas, foram
copiadas do gravador de
Raimundo Bondeiro, que
estava gravando a cantoria.

O cantador, João Pereira
de Lima, natural de Patos, PB, (137)
cantando com Antonio Américo, em
uma festa em Patos, feita para
os ex-combatentes, Pereira,
deixou a deixa

em uma homenagem justa,
para os ex-combatentes.

Américo, inspirou-PB & respondeu,

Estes, que estão presentes, 137
são pessoas conhecidas,

Heróis, da segunda guerra,
com outras nações unidas,
derrotaram a Alemanha,
arriscando as suas vidas,

João Severo de Lima, (48)
cantando com Antônio Américo, na
noite Folclórica, da Festa
universitária de Patos, PB,
deixou a deixa.

Cantar é um dom divino,
que todo mundo não tem.

Américo, respondeu.

Cantador pra cantar bem,
três coisas tem que fazer,
primeiro tocar viola, 48
segundo gostar de ler,
terceiro cantar com estilo,
pra o povo compreender.

Esta sextilha foi copiada do
gravador da festa.

O cantador, João Severo de
Lima, cantando com Antônio
Américo, no programa Violas
& repentistas, da Rádio Espinheiras
de Patos, deixou a deixa. (49)

A maturação é tão bela,
que nela só há beleza.

Américo, respondeu na hora

A palavra maturação, 49
de oito letras, composta,
por ser bonita & poética,
sempre o repentista gosta,
cantador não falar nela,
eu faço até, uma aposta,

O Cantador, Jorge Viana, ⁵⁰
nome de guerra José Batista,
natural de Patos, P.B. Fundador
do programa. Violas e repentes.
do Rádio Espíndulas de Patos,
com Antônio Américo, em 1960.
em um dos programas do rádio
deixou a deixa.

O Cantador que não sombra,
nunca descobre roteiros.

Américo, respondeu bonito.

Antônio Américo Medeiros, ⁵⁰
tudo quanto vê, anota,
a Ticão, branco e preto,
vive do mata pra grotá,
leva sol, chuva, e sereno,
e a sua côr, não desbota.

O Cantador, Encílio Pinheiro, ⁵¹
natural de Alexandria, R.N,
radicado em Taboleiro do Norte,
Ceará. Foi o maior Cantador do
Rio Grande do Norte, no seu
tempo, até 9 de Abril de 1958
quando faleceu nesta data,
quando vivia cantando com,
Antônio Américo, deixou a deixa.

Diz a lenda que o macaco,
já foi gente no passado.

Américo, respondeu, a Encílio.

O Homem pra ser Formado, se
passa anos, no estudo,
um macaco, em cativeiro,
em um mês, aprende tudo,
não fala, mas, põe o cemo,
conversa em forma de mudo.

O cantador, Raimundo
Ananda Batista, nome de
Guerra. Anudinha Batista,
natural de Teixeira, Pb.
Cantando com Antonio Américo,
deixou a deixa.

Na caminhada do tempo,
quem não tem cuidado Niza.

Américo, respondeu com uma
das maiores sextilhas, que ele fez
de improviso, em toda sua vida

No tempo, dar e tirar.
jôr tudo, que já compôs.
Basta nê, quem foi Garrincha.
até em sessenta e dois.
O tempo, fez dêle um gêmio.
para liquidar depois.

O cantador, Josué Alves ⁵³
da brig. natural de poraria,
Pb, radicado em Campina Grande.
Cantando com Antonio Américo, em
1956, já velho, cansado, sem
quase nada de saldo da profissão
deixou a deixa.

Cantador termina pobre,
Chorando o seu desengano.

Américo, respondeu, para Josué,
Falando em outro Josué, veja

O Josué de Romano.
repentista e seu Xará,
Foi cantar no Amazonas,
no Acre, e no Pará.
Chegou, comprou terra e gado,
com o que ganhou jôr lá.

Josué Alves da Cruz. (54)
que foi um cantador renomado.
e um dos maiores do seu tempo.
deu a resposta sobre o outro
Josué de Romano. veja...

voê diz que meu Xará.
com cantigo enriqueceu.
fazenda de gado dele. 54
cantador, não conheceu.
sei que dá tuberculose.
muito cedo faleceu.

resposta de quem sabia.
josué da Cruz. Foi um
dos grandes. Em digo
porque cantei com ele.
assim: Antônio Américo.

O cantador, Júlio Veríssimo. (55)
nome de guerra. Patativo.
natural de Patos, Pb. Foi radicado
em Campina Grande quando cantava
na Rádio Borbonema. ai foi para
Natal cantar com Chico Traira.
na Rádio Rural. em um destes
programas da Rural. cantando
com Antônio Américo. deixou a deixa.

quer vêr o que é sofrer.
receber uma ingratidão.

Américo. dentro do assunto. disse.

A maior contradição. 55
é amar. sem ser amado.
é querer quem não lhe quer.
é prezar. sem ser prezado.
o fim de quem ama assim.
é morrer. abandonado.

O cantador, & bordelista, 56
Manoel Basilio de Lima,
natural de Patos, P.B., radicado
em Belo Jardim, P.E. Cantando com
Antonio Américo, deixou a deixa,
em uma cantoria de pé de parede.

Aqui tem moça noendo,
que só rato em batateira.

Américo, respondeu bonito.

A moça com nozeira, 56
Chora, teima, & se intriga,
Fica desorientada,
Come pouco & perde amiga,
Pilhereia & Fica Fina,
& por qualquer coisa briga

O cantador, Santino Luiz, 57
natural de Santa Luzia do Sul,
P.B., radicado em Campina Grande,
Cantando com Antonio Américo, em
assunto de amor, deixou a deixa.

Toda questão de amor,
tem uma finalidade.

Américo, respondeu,

por causa de amizade, 57
o crente, desobedece,
o pai despeza seus Filhos,
a esposa desaparece,
nosaz bra sem querer,
moça pensada endoidece.

O cantador, goné nota Primeiro. 58
natural de Boa Viagem, Ceará,
radicado em Fortaleza. Cantando
um desafio em sextilha, com
Antônio Américo, deixou a deixa.

Cantador, do Rio Grande,
é Cavalo da menor sela.

Américo, deu a volta por cima
& respondeu, arragando.

Você Hoje se desmaneta. 58
quando vimber me selar,
eu tomo a sela & lhe selo,
& depois que terminar,
você vai ficar de quatro,
para eu poder me montar.

O cantador, Blodomiro Paes. 59
natural de São José do Egito, P.E.
radicado em São João Pessoa, cantando
com Antônio Américo, no Rádio Apopua,
de São João Pessoa, por motivo de Antônio
Américo, ser natural de São João do
Salvador, alto sertão, deixou a deixa.

Minha Terra é São José,
& a sua é São João.

Américo, lembrou o sertão & respondeu.

Sertão, meu velho sertão. 59
que fui nascido & criado,
tomando bombo em aúde,
& comendo atrás de gado,
comendo queijo & Coalhada,
melancia & milho arado.

O Cantador, Francisco ⁽⁶⁰⁾
Fabrício de Oliveira, nome de
guerra. Chico Pedro, natural
de Jardim de Piranhas, R.N.,
radicado em Mossoró, R.N.
Cantando com Antônio Américo, no
assunto: da morte, deixou a
deixa.

Até Campião Tenere,
a morte de Foice armada.

Antônio Américo, respondeu.

A morte é tão descarada, ⁶⁰
que mata uma donzeta
alva, decente e risonda,
nobre, educa e bela,
e deixa uma negra falsa,
avoregueira, que só cadela.

O Cantador, Apolônio Belo, ⁽⁶¹⁾
natural de Vicosa, A.L., cantando
com Antônio Américo, em Recife, P.E.,
deixou a deixa.

Vamos cantar o sertão,
com tudo quanto ele cria.

Américo, lembrou o sertão, e respondeu.

O Têtu é um nigio, ⁶¹
ativamente cismado,
que qualquer hora da noite,
só se encontra ele acordado,
& numa arvore também,
ninguém nunca viu preso.

O Cantador, Sebastião Dias. (57)
natural de Ouro Branco, R.N.
radicado em Talina, P.E.
Cantando com Antônio Américo, na casa
de um senhor, conhecido por Pedro
Blico, deixou a deita.

Nós vamos fazer a festa,
melhor de todo sertão.

Américo, deu a resposta assim.

Em rim com Sebastião. (62)
Cantar para Pedro Blico,
que Pedro quer dizer Pedro,
& Blico, quer dizer Tico
em Troco o T. pelo R.
para deixar Pedro Rico.

O Cantador, Antônio Moreno. (58)
natural de Toperoá, P.B. Cantando
com Antônio Américo, deixou a deita.

É junho o mês dos balões,
dos Fogos & das fogueiras.

Américo, se inspirou das Fogueiras, & disse,
como mês.

É junho, o mês das Fogueiras. (63)
de São Pedro, & São João,
São João, precursor de Brito,
do Deserto ao Jordão,
São Pedro, é o pescador,
que se chamava Simão.

Antonio Américo. Glosando (54)
em Bojazeiras, P.R. numa bancada
de oito postos. um jornalista deu um
tema. só de um timbre. Veja o Tema
Governadores Gerais.

Quando glosaram cinco postos neste
tema. Antonio era o seis. ai disse.

Quando Dão João Terceiro,
a Dão Manoel sucedeu.
A Martin Afonso, deu. 64
Anos, poder e dinheiro.
Que no Pais Brasileiro.
Com todas ordens reais.
Chegou trabalhou demais.
Crisou as Capitãncias.
& logo com poucos dias.
Governadores Gerais.

ai todos repentistas, applaudiram
& disseram neste tema ninguém glosa
mais. Américo já disse tudo. ai foi
copiado o verso da fita de um gravador.

O Cantador. Manoel Ferreira. (65)
natural de Queimadas, P.R.
Cantando com Antonio Américo. na
irrigação do Açude de Bondado, P.R.
em 1955. deixou a deixa.

até os passaros doqui.
São Fãs. desta região.

Américo, respondeu.

O Pica-Pau do sertão. 65
de biliscar nixe pice.
Furando madeira dura.
Como Anoxira & angico.
monje de velho & munca.
precisa. calçar seu bico.

O Cantador, Sr. Primo (56)
Bopote, natural de Campina
Grande. Cantando com Antonio
Americo, no municipio de São João
do Sabugi, em 1952, deixou a
deixa.

Até um urubiu Rei,
Hoje a tarde eu vi aqui.

Americo, respondeu, para Bopote, que
era seu nome de guerra, e disse.

Urubiu, é um gari. 66
a limpeza é sua mira,
só come, se achar morto,
não ofende e nem conspira,
Fecha o futo quando é novo,
morre de velho e não tira.

O Cantador, Manoel Francisco, 67
natural de Livramento, P. B. radicado
em Patos, cantando com Antonio Americo,
em Santa Luzia do Sabugi, P. B.
quando chegaram 2 gradistas na
cantoria que eram, Nêgo Afrigio,
& Quintino, Antonio Americo, que
conhecia a História dos grados da
região, começou a falar nos
Grandes gradistas, nos bons cavalos,
& nos corridos, deste grande esporte.
ai Manoel Francisco, deixou a deixa.

Parece que meu colega,
já foi "piólho" de grado.

Americo, se referiu, a uma grande corrida.

O Saia Velha afamado,
de junco do Seridó,
Foi correr com avião. 67
Fracassou de fazer dó,
dessa vez perdeu a fama,
que tinha no mocotó.

ai os dois
gradistas,
pagaram
bem, e
aplaudiram
este corrido

Tinha acontecido
em 1937, a mais
de 30 anos atrás.

O Cantador, Manoel Fabricio, (68)
nome de guerra, Ada Branca,
natural de Fagundes, Pb.
Cantando com Antonio Americo,
deixou a deixa

Se quiser cantar nas Aves,
eu lhe dou conhecimento.

Americo. Se inspirou. e respondeu.

A garça todo momento,
é completa de beleza. 65
alvo, limpo e vaidoso
exibindo a boniteza.
pescando na beira dos lagos,
com seu porte de princesa

O Cantador, Severino Alves, (69)
nome de guerra, Severino
Severo, natural de Patos, Pb.
Cantando um desafio em sextilha,
com Antonio Americo, deixou a deixa.

Americo tirou cadeia,
no estado do Ceará.

Americo, respondeu no duro. Veja a resposta.

Ao povo eu digo já, 65
qual a sua profissão.
Vive de vender macomba,
o tarado e o ladrão,
aprendeu quando fez parte,
de uma gangue em Maranhão.

O cantador, Juvenal Evangelista. ⁷⁰
Cantando com Antonio Américo, na
Rádio Itacema, de Iguaçu, Br.
deixou a deixa.

quem canta com Juvenal,
precisa Fé e Coragem!

Américo, respondeu com esta linda
Sextilha, que depois foi copiada da
Fita de um gravador, de um rapaz
que gravava, o número, de Juvenal
& Américo, no programa da Itacema.

banta o rosto a paisagem. ⁷⁰
do vida dos passarêdos,
do sonho da ventania,
nas grimpas dos alvorêdos,
das matas, silenciosas,
de tembranos, segredos.

Patos 18-04-96. Nobre Luiz Blaidio, meu abnço,
Hoje recebi a sua carta. João Bezerra faleceu em
Começo de 1980, eu Antonio Américo de Medeiros,
natural de São João do Sabugi, R.N. nasceu a 07-
02-1930 começou a cantar ao som da viola
aos 15 anos, em 1945, desde 1960 que é
radicado em Patos, escreve cordel desde a
década de 70. Vou lhe mandar um docu-
mentário de versos só de improviso, ao som
da viola, com mais 50 repentistas isto é a
deixa de cada cabeça, e minha resposta,
juramento de improviso, como você diz
que divulga, este material é todo seu,
pode divulgar, distribuir, e até publicar
em livros, revistas, e jornais, apenas quero
só minha autoria, não alguns cordéis da
minha autoria, e outros de pseudos João Bez-
erra de Lima, tenho uma barraca no
Mercado de Patos, vendas de cordel atendo
muito por correio, não 2 filhos de Romano,
com Dniel, mas copas tem meu embrelo, atu-
al, estes versos de improviso divulgue o quanto
poder, Faça de conta que são da sua autoria,
meu telefone, 083.421.5320. só estão em
casa a partir das 6 da tarde, e no Domingo dia
todo, nas Horas de Trabalho é no barraca. Medeiros.

Anexo B

Peleja de Costa Leite com Antônio Américo

AUTOR: JOSÉ DA COSTA LEITE

Agora, caros leitores
Vamos ler uma peleja,
De dois poetas famosos
Fãs da lira sertaneja
Esta saiu do jeitinho
Que todo mundo deseja

Antônio Américo Medeiros
É campeão no repente,
No campo da poesia
Tem sido bem competente
Pra ser melhor do que ele
Já se perdeu a semente.

José Costa Leite é
Um poeta popular,
E no campo do improviso
Sabe o que é versejar,
O que tem dá para o gasto
Sem ser preciso comprar.

No ano 72
Costa Leite viajou,
Pelo Estado da Paraíba
Em várias cidades cantou
Chegando em Itabaiana
Com Antônio Américo encontrou.

Na rua 13 de maio
Em uma noite junina,
Costa Leite foi cantar
Numa casa de esquina,
Na mesma casa onde hoje
E o bar de Dona Gina

Chegando Antônio Américo
Cresceu a animação,
Costa Leite levantou-se
E apertou sua mão,
Convidou-o para ajudá-lo
Na sua improvisação.

Costa Leite estava só
E Antônio se sentou,
Ao lado de Costa Leite
E a viola afinou,
Então naquele momento
A peleja começou:

AA – Costa Leite, meu amigo
Vamos entrar em porfia,
Agradar a este povo
Que gosta de cantoria
Mas tenha muito cuidado
Que minha rima é sadia.

CL – No campo da poesia
Você pode se expressar,
No assunto que quiser Garanto
lhe acompanhar,
Você vai saber agora
Como a cobra vai fumar.

AA – Você hoje vai notar
Como é que o gato mia,
Como e que a jia canta,
E também o canção pia,
Porque eu vou despejar
Um rio de poesia!

CL – Você vai ver na porfia
Como se faz arroz doce,
Como é que cabra berra
E como se amola a foice,
Como e que o boi baba
E como um burro dá coice.

AA – Seu verso agora me trouxe
Mais vontade de cantar,
Você agora vai ver
Um poeta improvisar,
E como um moleque mama
Sem ele querer mamar.

CL – Amigo, pode cantar
Que a hora é conveniente,
E cante qualquer matéria
Venha de lado ou de frente,
Você pode cantar muito
Mas vai perder no repente.

AA – Quando se ver o sol quente
E um nevoeiro na serra,
O vento ficar parado
Muita quentura na terra
Pode dizer que Medeiros
Já está em pé de guerra.

CL – Quando ver perto da serra
Forte trovão ribombar,
O sol nascer bem vermelho
E a chuva desabar,
Pode dizer com certeza
Costa Leite vai brigar.

AA – Quando ver o mar secar
E escurecer o poente,
O vento ficar gelado
E o sol se por no nascente
Pode dizer que Medeiros
Já está de sangue quente.

CL – Quando surgir no nascente
Chuva relâmpago e trovão,
Rios correndo pra cima
E inverno virar verão,
Costa Leite já está
De clavinote na mão.

AA – Quando se ver no sertão
Um fumaceiro na serra,
E o sol esquentar dum jeito
Que o bode com medo berra,
Antônio Medeiros está
Armando um canhão de guerra.

CL – Medeiros, aqui se encera
Este trabalho forçado
E vamos seguir agora
Num estilo adiantado
Pra se saber de nós dois
Quem dá conta do recado.

Então naquele momento
Levantou-se um cidadão,
Pedindo um tema aos dois
Para animar o salão,
“Eu admiro a coragem
do vaqueiro do sertão “

AA – Eu conheci um vaqueiro
Respeitado na história,
Sua fama e sua glória
Percorreu o mundo inteiro
No Nordeste Brasileiro
Em qualquer ocasião,
Derrubava boi no chão
Sem querer camaradagem
Eu admiro a coragem
Do vaqueiro do sertão.

CL – O vaqueiro faz um teste
Num cavalo corredor,
Pensando no seu amor
Por ser um cabra da peste,
O vaqueiro do Nordeste
Montado em seu alazão,
Na corrida de mourão
Envia a sua mensagem
Eu admiro a coragem
Do vaqueiro do sertão.

AA – Se um vaqueiro vai embora
Chora toda bezerrama,
E até a vaqueirama
Sente saudade que chora,
Todo dia e toda hora
O gado na solidão
Comendo a sua ração
Achando boa a pastagem
Eu admiro a coragem
Do vaqueiro do sertão.

CL – Sua vida de vaqueiro
Faz ele viver feliz
Nunca se julga infeliz,
E aboia um dia inteiro
Até mesmo o fazendeiro,
Nota a sua animação
O aboio é sua canção
Até mesmo na viagem
Eu admiro a coragem
Do vaqueiro do sertão.

AA – Um gibão feito de sola
Lhe deixa alegre e contente,
Pensa em seu amor ausente
A lembrança lhe consola,
Quando pega na viola
Sempre fala em barbatão,
E corrida de mourão
Por ser um bom personagem,
Eu admiro a coragem
Do vaqueiro do sertão.

CL – Nas caatingas sertanejas
O vaqueiro corajoso,

No seu cavalo fogoso
Enfrenta duras pelejas,
Depois de algumas cervejas,
Para tomar posição
Vai pegar o barbatão,
Numa carreira selvagem,
Eu admiro a coragem
Do vaqueiro do sertão.

AA – Às vezes estando distante
Da mulher que mais adora,
Monta no cavalo e chora
Pensando na sua amante,
Não tem sossego um instante
Mas no campo é campeão,
O boi valente e fujão
Sempre cai em desvantagem
Eu admiro a coragem
Do vaqueiro do sertão.

CL – Vaqueiro que é vaqueiro
No amanhecer do dia,
Desleita a vacaria
E toma o café ligeiro
Depois bota no terreiro
A sela em seu alazão
Para pegar o “boião”
Que não quer camaradagem
Eu admiro a coragem
Do vaqueiro do sertão.

AA – Corre igualmente ao vento
O vaqueiro sertanejo,
Com carne, com leite e queijo

Ele tem um bom sustento
Pra correr qualquer momento
Montado em seu alazão,
Na pega do barbatão,
Com seu instinto selvagem,
Eu admiro a coragem
Do vaqueiro do sertão.

CL – O vaqueiro é corajoso
Por dentro dos caatingais
E saltando os carrascais
No seu cavalo forçoso,
Dá um aboio saudoso
No piso do barbatão,
Depois enrola na mão
O rabo do boi selvagem
Eu admiro a coragem
Do vaqueiro do sertão

AA– O vaqueiro nordestino
E homem valente e forte
Respeitado em todo Norte
E Nordeste, é genuíno,
Verso de gado é seu hino,
Na corrida de mourão
Entoa a sua canção
Corre sem ter pabulagem
Eu admiro a coragem
Do vaqueiro do Sertão.

AA – Costa, quero te avisar
Que chegou a ocasião,
De atender um amigo
Que se acha no salão

Pode cantar pra valer
E no fim do verso dizer
– **Martelo não é quadrão.**

CL – Ladeira não é chapada
Manteiga não é coalhada,
Forró não é vaquejada
Banana não é mamão,
Maleta não é caixão
Chá mate não é café,
Cobra não é jacaré
Martelo não e quadrão.

AA – Mesa não é tamborete
Picolé não é sorvete
Espada não é trinchete
Leite não é requeijão
Cariri não é sertão
Parola não é coragem
Vereda não é rodagem
Martelo não e quadrão.

CL – Tubarão não é atum
Condessa não é tucum
Siri não é guaiamum
Jaca não é fruta-pão
Soneto não é canção
Rádio não é radiola
Pandeiro não é viola
Martelo não é quadrão.

AA – Ciúme não é amor
Concriz não é beija-flor,

Gaivota não é condor
Ema não é gavião
Porteira não é mourão,
Galega não é mulata
Cinturão não é gravata
Martelo não é quadrão.

CL – Cavalo não é jumento
Rato não é papavento,
Areia não é cimento
Namoro não é paixão
Esteira não é colchão
Tatu não é punaré.
Cigano não é pajé
Martelo não é quadrão.

AA – Grito não é valentia
Uva não é melancia,
Bandeja não é bacia
Jerimum não é melão,
Vaca não é barbatão
Farmácia não é igreja
Cachaça não é cerveja
Martelo não é quadrão.

CL – Riacho não é lagoa
Jangada não é canoa
Sereno não é garoa
Laranja não é limão,
Tainha não é cação
Peixeira não é qjicé,
Açude não é maré
Martelo não é quadrão.

AA – Missa não é gafeira
Angélica não é roseira
Jaqueira não é manqueira
Frade não é sacristão,
Bonde não é caminhão
Avenca não é capim,
Roçado não é jardim
Martelo não é quadrão.

CL – Bife não é panelada
Machado não é enxada,
Guisado não é buchada
Fumaça não é carvão,
Biquini não é calção,
Vale não é serrania,
Loja não é padaria
Martelo não é quadrão.

AA – Tarrafa não é puçá
Rede não é samburá
Jambo não é trapiá
Espeto não é formão
Bofe não é coração
Cumeeira não é ripa
Bucho de boi não é tripa
Martelo não é quadrão.

CL – Abacaxi não é pinha
Marreco não é galinha
Farelo não é farinha
Grilo não é camarão,
Gigante não é anão
Maçã não é genipapo,
Lagartixa não é sapo
Martelo não é quadrão.

AA – Taboleiro não é gruta
Sanduíche não é fruta,
Brincadeira não é luta
Carnaval não é São João,
Mole não é campeão
Papagaio não é pato,
Pulga não é carrapato
Martelo não é quadrão.

CL – Bar não é mercearia
Briga não é harmonia,
Estreito não é baía
Zoadá não é trovão
Traque não é foguetão
Caju não é cambuçá
Castanha não é cajá
Martelo não é quadrão.

AA – O assunto está enfadonho
Já é preciso mudar,
E é bom tomar cuidado
Que a poeira vai voar
Eu agora vou matá-lo
Num galope à beira-mar.

CL – Eu no beira-mar sou bem aplaudido
De norte a sul de leste a oeste
Noroeste sudeste e até sudoeste
E em todo Nordeste eu sou conhecido
Garanto meu nome onde tenho ido
E faço galope de admirar
É na água, é na terra, é no fogo, é no ar
Descrevo estreito, restinga e baía,
É porto, é cabo, é maré, maresia.
Fazendo galope na beira do mar.

AA – Colina, vulcão, chapada e outeiro
Campos verdejantes, morro e cordilheira
Cascata, represa, serra e cachoeira,
Fralda de montanha e despenhadeiro
País, continente, campo e tabuleiro,
É no eixo do globo e na zona polar,
É no clima sadio, é na hora solar,
Terra, superfície, canal e nascente,
Barra, litoral, regato e torrente
Eu faço a salada na beira do mar.

CL – É bote, barcaça, navio e canoa
Rede, samburá, tarrafa e jangada,
É barco pesqueiro, estuário, enseada
Planície, Campina, riacho e lagoa,
E istmo, ilha, ribeiro e camboa
Cantando galope sei improvisar
Descrevo regato, rio, maré e mar,
Mangue, panorama, porto, maresia
Horizonte, dunas e Oceania
Misturando tudo no meu beira-mar.

AA – É tronco, é galho, é ramo, arvoredado
É ilha, é lago, é barra, é canal,
É golfo, é praia, costa ou litoral
É serra, é montanha, é monte, é rochedo
É pico, é ladeira, é sopé, é penedo
É maré enchente ou maré preamar,
É maré vazante ou maré baixamar
É no meridiano, é no eixo, é no polo,
É na crosta da terra, é no chão, é no solo,
Cantando galopes por fora do mar.

CL – Descrevendo os signos, falo em Sagitário
Virgem, Capricórnio e Escorpião,

Gêmeos, Carneiro, Peixes e Leão,
Touro, Caranguejo, Balança e Aquário,
Todos os planetas que tem no Lunário,
Júpiter e Urano vou mencionar
Mercúrio e Vênus também vou citar
Plutão é noturno e o Sol é diurno
Marte, Netuno, a Lua e Saturno
Eu traço em galopes sem ser beira-mar.

AA – No banho da praia vou falar agora
Onde a mocidade vai gozar a vida
Vê-se muita moça andar quase despida
Mostrando ao povo o seu corpo de fora
Com o maiô ligado, já tora não tora,
Tem sujeito que vai só pra reparar,
As moças bonitas que vão se banhar,
Na maior zoadá na hora do banho,
Tudo pinotando, mostrando o tamanho
Daquela folia na beira do mar.

CL – O banho da praia é uma coisa louca
Vê-se braço, barriga, coxa, bunda e peito,
Deitadas na praia não escolhem jeito
Tem cabra que fica com água na boca,
Sabemos que ali a vergonha é pouca,
Ninguém não tem cisma da roupa tirar,
Na beira da praia quem for reparar,
Vê cada morena, que chama atenção
Cintura bem fina, à moda pilão
Insultando os homens na beira do mar.

AA – Na beira da praia a vida é gozada
Na beira da praia tem morena boa,
Na beira da praia ninguém fica à toa,
Na beira da praia tem moça falada

Na beira da praia tem mulher casada
Que vai com o urso para se banhar,
O marido em casa fica a cozinhar
E ela na praia enfeitando o marido
Com um par de chifres bem grosso e comprido
Que é a lembrança da beira do mar

CL – Vê-se a mocidade na beira da praia
Dia de Domingo ou dia feriado,
Ninguém não reclama, é tudo misturado,
Quando a moça chega tira logo a saia
Mostrando o tamanho do rabo de arraia,
Que um pescador veio lhe mostrar
O banho da praia é muito popular,
Todo mundo ver as moças se banhando
Com o maiô bem justo chega fica entrando
Na espuma branca da onda do mar.

AA – Costa Leite, meu amigo
Vamos parar que é hora
Cantamos a noite inteira

O sol já está de fora,
A peleja fica empate
Quem puxa muito, se tora.

CL – Pois vamos beber agora
Sem se falar em cachaça
E depois tomar um banho
Para ver se o sono passa,
Você me provou agora
Ser um poeta de raça.

Luiz, o dono da casa,
Disse para um companheiro:
– Foi esta a maior peleja
Do Nordeste Brasileiro,
E cada um deu a prova
De ser um bom violeiro.

FIM

Formato 16x23 cm
Tipologia *Alegreya*
Nº de Pág. 540

Editora da Universidade Federal de Campina Grande- EDUF CG



